

MEDICINA NA BEIRA INTERIOR

DA PRÉ-HISTÓRIA AO SÉCULO XXI



CADERNOS DE CULTURA
PUBLICAÇÃO NÃO PERIÓDICA

Diretor:
António Lourenço Marques

Coordenadora:
Maria Adelaide Neto Salvado

Nº XXXIII Novembro de 2019

Secretariado:
Quinta Dr. Beirão, 27 - 2º E
6000-140 Castelo Branco - Portugal
Telef.: 272 342 042

Capa: *Amato Lusitano*, pintura de Miguel Elías, dedicada aos 30 anos das Jornadas de Estudo.

Concepção da capa: Hugo Landeiro Domingues.

Edição:
RVJ - Editores, Lda.
Av. do Brasil, nº4 R/C
6000-079 Castelo Branco
Tel.: 272 324 645 | Tlm.: 965 315 233
rvj@rvj.pt | www.rvj.pt



ISSN: 2183-3842

Depósito Legal N.º: 366 600/13

Os textos assinados são, na forma e no conteúdo, da inteira responsabilidade dos respetivos autores e não devem ultrapassar as 2.500 palavras, incluindo a bibliografia e os anexos. Este número inclui as atas das XXX Jornadas de Estudo "Medicina da Beira Interior - da pré-História ao séc. XXI", sendo distribuído no âmbito das mesmas Jornadas.

Patrocínio:



Câmara Municipal de Castelo Branco

Sumário

Lembrar o princípio de 30 anos de vida	3
XXX Jornadas de Estudo - Programa	6
Memória das XXX Jornadas de Estudo	8
<i>A vila de Castelo Branco ao tempo do Nascimento de João Rodrigues - Amato Lusitano</i> Maria da Graça Vicente	11
<i>Castilla Y Portugal, Fuchs, Amado, Laguna e Matthiolo</i> Alfredo Rasteiro	15
<i>Economia editorial e publicitária na revista Amatus Lusitanus</i> Victoria Bell, Ana Leonor Pereira e João Rui Pita	31
<i>Das víboras em Amato Lusitano ao imaginário popular da beira baixa</i> Maria Adelaide Neto Salvado	39
<i>O mel nas Curas Medicinais de Amato Lusitano</i> Albano Mendes de Matos	51
<i>"Cura paliativa" - para uma história mais completa: Amato Lusitano e Rodrigo de Castro</i> António Lourenço Marques	55
<i>O Conceito de "Médecin Sans Frontières" revistado em Amatus Lusitanos</i> Romero Bandeira, Rui Ponce Leão, Sara Gandra e Ana Mafalda Reis	59
<i>A passagem do Doutor Egas Moniz pelo Colégio de São Fiel</i> André Oliveira Moraes	71
<i>Ladislau Patrício, guardense, formado "Em Medicina e em Poesia" - "A doente do quarto 23"</i> Maria Antonieta Garcia	83
<i>Em 1818 Os Médicos prestam contas</i> Aires Antunes Diniz	93
<i>Médicos e saúde na região de Castelo Branco na Guerra Peninsular - Testemunhos de quem viu, viveu e sentiu</i> Júlio Vaz de Carvalho	109
<i>"Médicos e medicina na Beira Interior - concelho do Fundão"</i> Joaquim Candeias da Silva	113
<i>Paleografia: uma ferramenta útil no estudo da história da medicina?</i> Maria Cristina Piloto Moisão	117
<i>O homem de vidro, os génios de Tlön e a distorção da experiência</i> Manuel Silvério Marques e Maria de Jesus Cabral	121
<i>Cristóbal Pérez de Herrera (1556-1618?) (1558?-1620) - Médico Escolar de Salamanca</i> Maria José Leal	129
<i>Padrões e determinantes da mortalidade na comarca do Abadengo durante a construção do caminho-de-ferro do douro (1883-1887). Algumas notas durante epidemiológicas e globais para a reflexão</i> Román Hernández Rodriguez, Carlos d'Abreu e Emílio Rivas Calvo	135
<i>Haloterapia e breve história do sal/saúde</i> Maria de Lurdes Cardoso	141
<i>Amado Amato - Antologia de Poesia</i> Maria Antonieta Garcia	145

LEMBRAR O PRINCÍPIO DE 30 ANOS DE VIDA

Quando em 1988, numa conversa que tive com o Doutor António Salvado, então diretor do Museu Francisco Tavares Proença Júnior, e este excepcional homem da cultura e príncipe dos poetas avançou com a ideia da realização das Jornadas, não podia imaginar que tal intento viesse a durar todo este tempo, pois celebrámos o 30º encontro anual. O que se pretendeu então foi organizar uma reunião, de investigadores e estudiosos de diferentes ramos do saber, na qual apresentassem trabalhos inéditos, particularmente focados nas manifestações ligadas à medicina na Beira Interior, não no sentido restrito e técnico, mas no sentido amplo das ciências humanas, e numa perspetiva temporal também vasta, isto é, da pré-história aos tempos atuais. E queria-se também que esse acontecimento prestasse homenagem a Amato Lusitano, uma glória de Castelo Branco, a sua cidade natal, pois figura como um dos raros na história da medicina universal, sendo um dos vultos médicos mais salientes do seu tempo, com um rasto ainda hoje patente.

Essas primeiras Jornadas, organizadas sob a égide do citado Museu e da Sociedade Portuguesa de Escritores Médicos, constituíram então um êxito assinalável. Durante 3 dias – de 31 de março a 2 de abril de 1989 - reuniu-se, em Castelo Branco, um conjunto de personalidades ligadas à cultura e ao saber, tendo apresentado exclusivamente trabalhos da sua lavra. Este acontecimento acabou por servir também de fermento para o desenvolvimento de um percurso fecundo, que então começou. São de lembrar os que deram esses primeiros passos: Albano Mendes de Matos, Alfredo Rasteiro, Armando Moreno (Maria Guinot esteve também presente), Amélia Ricon-Ferraz, Fanny Xavier da Cunha, Iria Gonçalves, Josias Gyll, Maria da Assunção Vilhena Fernandes, Maria Adelaide Salvado, Fernando Dias de Carvalho, Manuel da Silva Castelo Branco, José Geraldes Freire, Romero Bandeira Gandra, Luís Raposo, Olinda Sardinha, Clara Vaz Pinto, Ernesto Pinto Lobo, António Lourenço Marques e António Salvado. As obras pictóricas de Fernando Namora constituíram os objetos da exposição do programa, que então foi aberta por Zita Namora, viúva do escritor, completando um modelo de acontecimento que se viria a manter até ao presente.

Publicaram-se depois várias dessas comunicações, que vieram a preencher os primeiros volumes dos

Cadernos de Cultura. A edição destes Cadernos foi um passo essencial, fazendo com que não se perdesse o trabalho produzido, garantindo ainda o acesso futuro e generalizado ao mesmo. Tais publicações estão agora disponíveis no sítio da Universidade da Beira Interior. Até ao 32º volume, já editado, contam-se 456 comunicações publicadas, das quais 155, ou seja, 34% sobre Amato Lusitano. Privilegiando a realidade da Beira Interior, os investigadores foram dedicando os seus interesses a áreas como a história da medicina, a biografia médica, a etnomedicina, a paleopatologia, a antropologia física, literatura e medicina, arte e medicina, ética, etc..

Todos os anos, desde então, nesta altura de novembro, acontecem as Jornadas. Num percurso já longo, realça-se como a Câmara Municipal de Castelo Branco, com o seu apoio persistente, nunca deixou que este acontecimento cultural, da sua cidade, ficasse em risco. E todos os anos, os seus adeptos, incansáveis, não desistem. Dos que começaram, muitos ainda se mantêm. E tantos mais vieram depois. Como o tempo faz jus do seu efeito implacável, com as três dezenas de anos assim percorridos, alguns dos companheiros já partiram fisicamente. Mas a sua memória, pelas obras que também aqui produziram e deixaram aos outros, certamente que se mantém ainda mais viva.

Outra vez, vão estar a trabalhar, na sessão deste ano, mais de duas dezenas de investigadores e estudiosos, oriundos de diversas instituições e Academias, com comunicações que abrangem um leque considerável de interesses científicos, sem esquecerem o próprio Amato Lusitano. E sendo um acontecimento da Beira Interior, vai desta vez começar na cidade vizinha do Fundão, com a apresentação de um livro, sobre a medicina e os médicos daquele concelho, obra que foi produzida por um historiador de renome, Joaquim Candeias da Silva, ao longo de várias destas Jornadas. Há, portanto, novas formas de os trabalhos prosseguirem.

Curiosamente, todos os anos, quando o encontro termina, levantam-se vozes impacientes pelo futuro, e questionam:

- E, então, para o ano?!

E uma resposta tem corrido sempre:

- Para o ano?! Para o ano, claro que haverá mais!

O diretor



Jornadas de prestígio

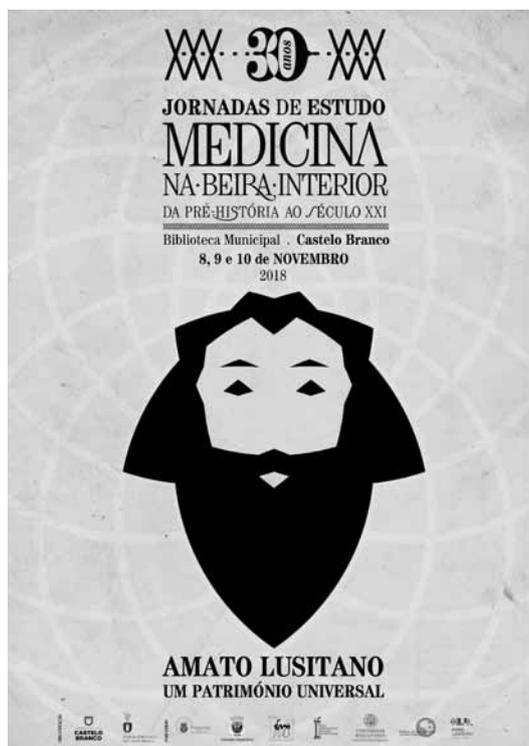
Esta edição dos Cadernos de Cultura Medicina na Beira Interior – da pré-história ao século XXI constitui um marco importante para a região, pois recorda os 30 anos das Jornadas de Estudo sobre a história da medicina na Beira Interior, numa clara homenagem à figura de Amato Lusitano. Nela valoriza-se aquilo que o médico albi-castrense fez em prol do desenvolvimento da ciência e da medicina.

A Câmara de Castelo Branco sempre se associou a esta iniciativa, valorizando deste modo a investigação, contribuindo para o enriquecimento científico e histórico da região. Amato Lusitano deixou-nos um legado que devemos valorizar. No nosso concelho e no país, a autarquia a que presido tem-no feito.

A publicação desta revista, onde estão presentes comunicações importantes, de diferentes investigadores, é mais um contributo nesse sentido. Em boa hora, há 31 anos, o Doutor Lourenço Marques e o Doutor António Salvado decidiram organizar as primeiras Jornadas. Ano após ano, têm prestado um servido importante à ciência e à divulgação do conhecimento.

A todos, o nosso bem-haja.

Dr. Luís Correia
Presidente da Câmara Municipal de Castelo Branco



- *Mal de Pott num esqueleto juvenil exumado da necrópole rupestre da Sé de Castelo Branco* - Vítor Matos; Célia Lopes; Carina Marques
- *La necesidad actual de volver a los conceptos y métodos de la Etnopsiquiatría* - Angel B. Espina Barrio

11:00H Intervalo

11:30H - 5.ª Mesa – Moderação: Maria Antonieta Garcia

- *F. Tavares de Proença - Quando a doença fica para depois...* – Júlio Vaz de Carvalho
- *Pequenos movimentos militares da Beira* – Diamantino Gonçalves
- *José Lopes Dias e a Espanha* – Pedro Miguel Salvado
- *O Lactário de Nossa Senhora da Covilhã* - Carlos Madaleno
- *Haloterapia e breve história do sal* – Maria de Lurdes Cardoso
- *O papel das Misericórdias nos Territórios de Baixa Densidade: uma reflexão* – Miguel Nascimento

13:00H Almoço

14:30H - 6ª Mesa. Moderação: Angel Espina Barrio

- *A Hipocondria em Amato Lusitano e em Filipe Montalto - estudo comparativo* – José Morgado Pereira
- *Economia editorial e publicitária na revista "Amatus Lusitanus"* - Victoria Bell; Ana Leonor Pereira; João Rui Pita
- *O Conceito de "Médecin Sans Frontières" revisitado em Amatus Lusitanus* - Romero

Bandeira, Rui Ponce Leão, Sara Gandra, Ana Mafalda Reis

- *Padrões e determinantes da mortalidade na comarca raiana de Abadengo durante a construção do Caminho-de-Ferro em finais do século XIX: algumas notas epidemiológicas para reflexão* - Román Hernández Rodríguez, Carlos d'Abreu, Emilio Rivas Calvo
- *As plantas medicinais e o Bem-Estar na Antiguidade Clássica* - Filomena Barata

16:30H Intervalo

17:00H – Sessão de encerramento

Luís Correia, Presidente da Câmara Municipal de Castelo Branco; Conferência: "800 anos da Fundação da Universidade de Salamanca", por Enrique Cabero Morán, Vice-reitor da mesma Universidade.

18:00 H

Inauguração da Exposição fotográfica de José Amador Sanchez "Salamanca- Amato Lusitano: Luz da Memória", com a presença do Vice-reitor da Universidade de Salamanca; e Palavras de Leopoldo Rodrigues, presidente da Junta de Freguesia de Castelo Branco.

20:00 H

Jantar de encerramento. Lançamento do livro "Caderno de Poesia", com leituras de poemas por Milola, Miguel Santolaya e Manuel Costa Alves.

MEMÓRIA DAS XXX JORNADAS DE ESTUDO

Auditório da Biblioteca Municipal Eugénio de Andrade, Fundão



Início das XXX Jornadas de Estudo “Medicina na Beira Interior – da Pré-história ao Século XXI”, com a apresentação do livro “Médicos e Medicina na Beira Interior (Concelho do Fundão)”, de Joaquim Candeias da Silva.

Da esquerda para a direita: António Lourenço Marques, da organização, Joaquim Candeias da Silva, autor do livro, Maria Antonieta Garcia, apresentadora do livro, António Salvado, da organização e Paulo Fernandes, presidente da Câmara Municipal do Fundão.

Auditório da Biblioteca Municipal de Castelo Branco



Sessão de abertura das XXX Jornadas de Estudo.

Da esquerda para a direita: António Lourenço Marques, da organização, Maria José Leal, da Sociedade Portuguesa de Escritores e Artistas Médicos, José Augusto Alves, vice-presidente da Câmara Municipal de Castelo Branco, Pinto de Andrade, vice-presidente do Instituto Politécnico de Castelo Branco e, finalmente, António Salvado, da organização.

Conferência Inaugural



*"A vila de Castelo Branco ao tempo do nascimento de João Rodrigues 'Amato Lusitano'",
pela investigadora Maria da Graça Vicente*

Inauguração da Exposição “Verso/Anverso”, comissariada por José Simão na Biblioteca Municipal de Castelo Branco



António Santinho Martins, promotor da mostra, apresenta a exposição.

Inauguração da Exposição “Salamanca - Amato Lusitano: Luz da Memória”, de José Amador Sanchez, na Galeria Clemente Mouro, Casa do Arco do Bispo.



Luís Correia, presidente da Câmara Municipal de Castelo Branco, José Amador Sanchez, o fotógrafo, Leopoldo Rodrigues, presidente da Junta de Freguesia de Castelo Branco, Enrique Cabero Morán, vice-reitor da Universidade de Salamanca e António Salvado.

Apresentação de obras dedicadas às XXX Jornadas de Estudo



Pedro Miguel Salvado apresenta a pintura de Amato Lusitano, da autoria de Miguel Elias.



Lançamento do livro “Jornadas(s)”, com leitura de poemas do livro por Maria de Lurdes Barata, Manuel Costa Alves e José Santolaya, e ainda outras vozes de poetas presentes.

Conferência de Encerramento



“800 anos da Fundação da Universidade de Salamanca”, Enrique Cabero Morán.
Da esquerda para a direita: Enrique Cabero Morán, vice-reitor da Univerdade de Salamanca, Luís Correia, presidente da Câmara Municipal de Castelo Branco, Leopoldo Rodrigues, presidente da Junta de Freguesia de Castelo Branco, Angel Espina Barrio, Universidade de Salamanca, António Salvado, da organização.

Trabalhos



Angel Espina Barrio.



Assistência aos trabalhos.

A VILA DE CASTELO BRANCO AO TEMPO DO NASCIMENTO DE JOÃO RODRIGUES - AMATO LUSITANO -

*Maria da Graça Vicente**

Introdução

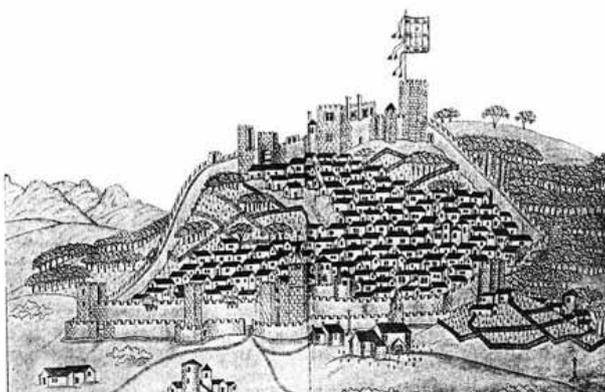
João Rodrigues, futuro Amato Lusitano, nasceu em Castelo Branco nos inícios do século XVI (em 1510 ou 1511) – um período marcante e até mesmo decisivo da nossa História. A vila era, ainda, tutelada pela Ordem de Cristo, já sob o governo perpétuo de el rei D. Manuel I. O pequeno João viu a luz do dia em tempos difíceis para a comunidade a que pertencia. O momento era de incerteza e angústia para aqueles que professavam a religião judaica.

Castelo Branco, povoação junto da fronteira, em ligação com as diversas judiarias das vilas da raia, teria acolhido, anos antes, algumas famílias judaicas vindas de Espanha¹, onde, como sabemos os judeus foram expulsos mais cedo, em 1492. Apesar da sua chegada massiva não se registaram, então, frequentes e graves incidentes entre as duas comunidades – cristã e judaica – que tinham harmoniosamente, ainda que separadas, convivido ao longo dos séculos.

Mas, agora neste final do século XV, a vila iria sofrer algumas convulsões. Muitos judeus abandonaram a urbe. Casas, oficinas, lojas e outras propriedades terão mudado de proprietários. No reino de Portugal apesar da expulsão, ou conversão forçada dos judeus e muçulmanos, ordenada por édito real de 1496, um número indeterminado de seguidores da fé judaica, portugueses ou recém-chegados de Castela, não se quiseram converter. Homens, mulheres e crianças, com diversos graus de riqueza, estatuto social e profissional partiram em direção a paragens mais acolhedoras, apesar das dificuldades postas no seu embarque. O Reino e a vila albicastrense ficaram, por certo, mais pobres. Como é sabido os que ficaram não tiveram a vida muito fácil, sucedendo-se os desacatos, tumultos e perseguições de que é exemplo o ataque à Judiaria Grande em Lisboa no ano de 1506.

A urbe albicastrense mantinha, no final do século XV, no seu essencial, a mesma configuração espacial de vila medieval amuralhada, com o seu castelo, o casario apinhado entre muros e os arrabaldes, tal como a podemos observar no desenho de Duarte D'Armas, executado nos inícios da centúria de Quinhentos. Elementos que são confirmados pelo Tombo da Ordem de Cristo, elaborado, no ano de 1505².

Será a partir destes dois importantes e fundamentais documentos para o conhecimento da vivência dos espaços e paisagens rurais e urbanas que, a traços largos, iremos visitar a vila quando João Rodrigues, futuro Amato Lusitano, aí vivia, certamente, uma infância feliz e despreocupada, apesar das nuvens negras que se adensavam no horizonte.



*Castelo Branco, vista tirada da banda de noroeste,
Livro das Fortalezas de Duarte D'Armas*

1 Como sabemos o vizinho reino de Castela apoderou-se o nome «Espanha», com a rainha Isabel a Católica, apesar dos protestos de D. João II.

2 Como nos é dito no texto o Tombo foi feito no dia 25 de novembro de 1505, dando seguimento ao determinado no Capítulo Geral da Ordem, realizado no Convento da Ordem em Tomar a 5 de dezembro de 1503. Cf., ANTT, O.C./C.T., liv^o 305, fls 305, Publ., *Tombo da Ordem de Cristo. Comendas da Beira Interior Sul* «Comenda de Castelo Branco», Publ. Centro de Estudos Históricos Universidade Nova de Lisboa, Organização Iria Gonçalves, Lisboa, 2009, pp. 241-269

A vila e seu termo

A pequena povoação que recebera nos inícios do século XIII, Carta de Foral e nos finais desse mesmo século os foros da cidade de Elvas, desenvolveu-se à sombra protetora do seu castelo, embora sob os constrangimentos impostos pelos senhores do lugar – a milícia do Templo. Viveram-se anos de relativa paz e algum desenvolvimento económico e demográfico, que as diversas igrejas e capelas fora de muros confirmam, apesar das sucessivas crises frumentárias e surtos de peste que se foram sucedendo no Reino ao longo de todo o período medieval. Por isso, e como sucedeu em grande parte de vilas e cidades não tardariam a surgir os arrabaldes com os seus lugares de culto, a judiaria e outros equipamentos necessários ao quotidiano das gentes – fornos, lagares, curtumes, eiras, pesqueiras, canais, coutadas e pastagens.

Chegados ao século XVI, era já uma vila com foros de urbanidade, mantendo-se, todavia, debaixo da alçada da poderosa Ordem de Cristo, que de alguma forma lhe cerceava os devaneios expansionistas. Beneficiava de um amplo termo, cuidadosamente percorrido e delimitado pelos Visitadores da Ordem. Confrontava com os concelhos de: Rosmaninhal; Idanha-a-Nova; Proença-a-Velha; Castelo Novo; S. Vicente da Beira e Rodão. todos territórios de forte implantação desta milícia armada, com exceção do concelho de S. Vicente da Beira com uma forte implantação da Ordem de Avis.

Novas portas romperam as muralhas ao ritmo do crescimento da vila, rasgaram-se novas vias, em direção ao seu imenso termo ou em ligação aos concelhos vizinhos e a todo o Reino. Porém, a vila guardava a mesma morfologia desde a outorga da sua primitiva Carta de Foral, com a sua fortaleza a dominar a paisagem e o burgo, o rossio multifuncional, os açougues por certo um local muito frequentado, a praça, a Casa da Audiência, datada de meados do século XIV, a igreja de Santa Maria do Castelo, a cisterna que recolhia e armazenava a água das chuvas, tão necessária em tempo de estio e, um elemento estratégico na defesa de vilas e castelos.

Nos inícios do século XVI, o primoroso desenho do escudeiro régio destaca o castelo, com os paços do comendador, e outros equipamentos vitais para a defesa da vila, como seria de esperar, já que o levantamento de todas as fortalezas fronteiriças, tinha como objetivo fazer o reconhecimento das capacidades defensivas do Reino, mormente da

fronteira com a Espanha. Agora sim, podemos falar de Espanha, designação adotada pelos reis católicos – Isabel e Fernando de Aragão – apesar dos protestos do monarca português D. João II.

Se observarmos o desenho do escudeiro de D. Manuel I, a vila de Castelo Branco apresenta-se toda muralhada, com o seu castelo/fortaleza no ponto mais alto – elemento defensivo, mas também, e sobretudo um símbolo do poder. Este é o primeiro elemento a destacar-se da paisagem pela sua volumetria e cuidado arquitetónico, tanto da fortaleza como da morada dos comendadores. Construção de prestígio onde são visíveis os elementos que dão autoridade e conforto a estes aposentos, com as suas escadarias de pedra, alpendres, colunas, várias janelas com assentos e chaminés, informando-nos o tombo que neles existiam cinco chaminés. As chaminés, não eram ainda um elemento muito comum no casario de aldeias e cidades. Surgem primeiro em Itália e chegam lentamente a Portugal, apenas a partir do século XIV. A presença de várias chaminés no casario da vila atesta a sua riqueza e opulência. Riqueza também visível nas janelas, que iluminam as casas da urbe.

Salientes, as várias portas da vila, bem como a torre com o seu relógio, elemento novo a atestar a sua Modernidade e marca de prestígio para a urbe e, por isso mesmo, assinalado por Duarte de Armas. Saliente, também, e com um tamanho desmesurado, o estandarte real – numa demonstração de força e poder que, aliás, é uma constante nos desenhos do Livro das Fortalezas, em franco contraste com o estandarte das praças espanholas, como se pode verificar, por exemplo na vila de Penafiel, desde a praça portuguesa de Salvaterra³.

Depois a vila espriava-se pela encosta, emoldurada pela muralha – anel de pedra – que a protegia e diferenciava dos arrabaldes. Emoldurada também, pelo denso arvoredo, especialmente olivais, propriedade da Ordem e outros possuidores, como nos informa o Tombo, havendo, porém, como era usual nas cidades medievais portuguesas de norte a sul do território espaços verdes entre o casario onde se cultivavam os legumes e hortaliças de consumo diário, bem como algumas frutícolas. Locais onde os vizinhos criavam galinhas, porcos e outros animais. Depois estendia-se o seu vasto termo com as suas aldeias, onde se repetia a mesma ordenação espacial da vila, as suas granjas, terras de searas de trigo ou centeio e os locais de

³ Cf., *Livro da Fortalezas*, fl. 47/48.

pastagem por entre pequenos bosques de sobreiros e azinheiras que davam alimento aos porcos. Florestas e incultos, locais privilegiados de recolção de matos e lenhas, madeira, barro, pedreiras...

Neste espaço o futuro médico, viajado e prestigiado, teria dado os primeiros passos, ensaiado as primeiras brincadeiras com as crianças das vizinhanças. Mas muito cedo terá sabido da expulsão ou conversão forçada de familiares e amigos de seus pais. Ao passear pelas ruas da antiga judiaria talvez o lembrassem que naquela casa antes vivia um parente, de fé judaica, que partiu, e a morada que vira nascer várias gerações fora confiscada e vendida ou dada por mercê a algum cristão velho que de há muito a cobiçava. Assim parece que terá acontecido, como deixam antever umas casas na judiaria dadas por mercê a um certo Martinhanes de Castelo Branco. Martinhanes andava em litígio com Aaram e Malzano, sua mulher, que as venderam enquanto decorria a demanda⁴. Ou ainda as casas que foram de Larandeira, mulher judia e de Salminam Coleiria(?), em 1502 chamado de Gonçalo Roiz, já finado, aforadas por Fernam Velho, a um certo Afonso Gomez, cristão novo e sua mulher Branca Neves, em três vidas, pelo pagamento anual de cinco reais de prata⁵.



1 - Castelo Branco – cruzamento de percursos

Apesar da sua rusticidade, ainda muito marcante no quotidiano das gentes, era também, um centro de comércio e um local de chegada e partida de diversas rotas de comércio, como mostra Duarte de Armas, ao desenhar um «almocreve» e suas duas mulas carregadas de mercadorias, a chegar á vila. Mas foi, igualmente, ao longo de séculos, lugar de passagem – almocreves, cristãos, judeus ou muçulmanos, gados e todo o tipo de viajantes,

⁴ Carta datada de Montemor-o-Novo, 12 de março de 1504. ANTT, Leitura Nova, Beira, Livro 1, fl. 200/202v.

⁵ Aforamento elaborado em Castelo Branco no dia 20 de abril de 1502 e confirmado em Lisboa a 22 de julho desse mesmo ano. Cf., ANTT, Leitura Nova, Beira, livro 1, fl. 73v-74.

não esquecendo os físicos, cirurgiões e boticários que percorriam o território, praticando a sua arte. Caminhos percorridos por cristãos e judeus nas suas peregrinações, ou tão só, para acorrer a alguma romaria ou outra qualquer festividade religiosa ou familiar.

Estradas, caminhos e veredas, que se abriam ao exterior e serpentavam por entre as parcelas de cultivo, percorridos pelos seus moradores nos seus destinos diários que as necessidades da urbe determinavam. Vias de comunicação que irradiavam a partir do burgo em direção ao seu termo – estrada para Santa Maria de Mercoles, aos campos de cultivo ou pastagem como o caminho da Lameira Ancha, às silhas da ordem, à silha da Rosa ou ainda à silha do judeu. Caminhos até às pesqueiras da ordem, e equipamentos vários de que são exemplo as eiras, da ordem ou dos gafos; às vilas vizinhas Sarzedas, Segura, Escalos de Cima, Vila Velha de Rodão, Montalvão, Lardosa, Póvoa, junto a S. Vicente da Beira, Rosmaninhal, ou na sua ligação a todo o Reino e além-fronteiras, como nos afirma o caminho de Ferreira de Alcântara.

2 - O espaço social – o quotidiano das gentes

A Ordem de Cristo, senhora da vila, detinha todos os direitos temporais e espirituais, por isso, tudo controlava – as produções, as vendas, a justiça e até interferia no domínio das consciências. Era a Ordem que apresentava os vigários nas igrejas da vila e termo e pagava-lhes os seus salários. Sacerdotes que apenas eram confirmados pelo Bispo da Guarda. Eram igualmente designados pela Ordem os tesoureiros das igrejas.

Recebia o dízimo do pão, do linho, cebolas, alhos e porros. Sendo isenta deste pagamento «outra algũa hortaliça», não especificando qual, na vila e termo. O dízimo incidia também sobre outras produções: do vinho pago no lagar, do azeite, feito à custa dos seus proprietários, dos animais domésticos – bezerros, burros, potros, porco designados no texto de «bacoros»⁶, cordeiros, cabritos, frangões, patos e, ainda, da lã e do queijo. O almoxarife com o escrivão, todos os sábados, iam pelos «fatos» saber, junto dos criadores e pastores, quantos queijos haviam feito durante a semana, ou quanta lã fora tosquiada. Informação prestada sob juramento.

Recebia, igualmente, a portagem, a brancagem,

⁶ «bacoros» designação muito usual nalgumas aldeias da Beira, ainda nos nossos dias.

os direitos de alcaidaria, a açougagem, a «ruagem» e a pensão dos tabeliães, que pertencia á Mesa Mestral.

Escolhia os juízes da vila. A eleição, destes oficiais concelhios, era feita, por pelouros, de três em três anos pelo ouvidor do mestrado. O juiz da vara, era escolhido pelo almoxarife da Ordem, entre três homens apresentados pelo concelho. O almoxarife e seu escrivão, eram também eles, «colocados» pela Ordem.

Mas os seus direitos atingiam, igualmente, o concelho.

Os lavradores e seareiros que lavravam as granjas da Ordem estavam, por privilégio do infante D. Henrique isentos do pagamento de vários tributos e serviços concelhios – não contribuía para a construção ou a manutenção de poços e fontes, nem para os serviços de carga. Medida que, naturalmente, sobrecarregava os restantes moradores da vila e termo que ao longo do ano desempenhavam variadíssimas tarefas para a Ordem, transportes, cuidar das vinhas e outros trabalhos agrícolas, reparar caminhos, sem qualquer pagamento.

Concluindo

A vila, sitiada num local estratégico de passagem, crescera em riqueza, visível no seu casario, número de moradores e diversidade das

suas atividades, mantendo, porém, a sua ruralidade de povoação agrícola e ganadeira. Ruralidade ainda muito marcante nas atividades quotidianas das suas gentes. Algumas das casas do seu termo eram cobertas de colmo ou cortiça. Vila produtora de azeite e cereais de pragana (trigo e centeio) cultivados no seu vasto termo, produtos que facilmente, podiam ser escoados pela estrada líquida do Tejo, em direção ao grande centro consumidor do Reino. Contudo e apesar da predominância agrícola e pastoril da sua produção, todos os arrendamentos de casas ou outras propriedades, são neste início de século, referidos em moeda. Mantinha, apesar do seu desenvolvimento demográfico e económico, a mesma configuração espacial de povoação amuralhada, com o seu castelo no topo da colina, que tudo dominava.

Do desenho de Duarte de Armas retira-se a imagem de uma vila ordenada, com a sua cintura verde de hortas e frutícolas e, alguns focos de riqueza e modernidade – de que são exemplo o casario com janelas e chaminés; a praça, o relógio ou o número de igrejas e capelas disseminadas pelo seu arrabalde

Mas era também pela sua localização um centro de chegada e partida de diversas rotas. Vias de ligação aos locais mais perto ou distantes que levariam Amato Lusitano a viajar pelo mundo.



*Academia Portuguesa da História
Centro de História da Faculdade de
Letras da Universidade de Lisboa

CASTILLA Y PORTUGAL, FUCHS, AMADO, LAGUNA E MATTHIOLO

Alfredo Rasteiro*

1 . Introdução

Depois de Tordesilhas (1494), «*Castilla y Portugal*» (es)partilharam o Mundo. Nessa «globalização», desenvolveu-se o Renascimento, Fuchs, Vesálio e Copérnico deram novos rostos à Ciência, o *Dominus Doctor* Pedro Nunes e o Senhor João de Castro estudaram as Navegações, o doutor Amado recolheu Histórias clínicas na Europa, De Laguna sonhou «*Castilla y Portugal*», Matthiolo destratou Amato. Na vida de «*Ioannes Rodericus Lusitanus (qui) est dictus Doctor Amatus*», em resultado de intolerâncias que se acumulavam, não valorizámos suficientemente as consequências da sua Circuncisão na idade adulta, a adopção do patronímico familiar Amado e a Confissão da Religião hebraica. Para a Circuncisão há indícios fortes na *Primeira Centuria*, 1551, *Cura* 29ª e *Segunda Centuria*, 1552, *Cura* 60ª. A adopção do patronímico foi claramente expressa na Poesia de Apresentação de Nicolai, na Segunda Centuria, 1552 impressa na «Tipografia Valgrisi», em Veneza. A Confissão religiosa ficou no «*In Dioscoridis*, 1553, *Lib. primvm, De Stacte*», En.66ª, pp. 65-66, no comentário ao «psalmo.44.gutta» que não segue a numeração seguida por São Jerónimo, destaca em caracteres hebraicos «*As tuas vestes exalam mirra, aloés e cássia...*» que vieram do *Tehilim* nº 45 da Bíblia Judaica, lida pelo infeliz Thomas Münzer (1491-1525) condenado por Martinho Lutero (1483-1546), que os *Calificadores* do Santo Ofício não aprovam, nem perdoam. No actual multilateralismo, amortecidas algumas velhas barreiras monetárias, religiosas e linguísticas, toda esta nobilíssima Gente ficou ao nosso alcance, podemos comparar e partilhar quase tudo quanto escreveram, acreditamos em dias propícios quando avançamos na www, voamos na Internet. São nuvem de galáxia quantos deveríamos poder citar; elegemos <https://arlindo-correia.com>

2 . Material & métodos

- 1536 . João Rodrigues, de Castelo Branco (c.1511-c.1568) publica o «*Index Dioscoridis*», *Antverpia, Apud Vidua Martini Cæsaris*, 1536. Aluno de António de Nebrija (1441-1522) na(s)

Universidade(s) de Salamanca (e Alcalá), João Rodrigues estuda «*Materia medica*» de Dioscoridis de uma forma prática em entrepostos comerciais e junto de mercadores, em Lisboa, Antuérpia e por onde passou, cotejando aquilo que vê com os textos de Jean Ruel (1474-1537), Marcello Virgilio (1464-1521), Hermolao Barbaro (1454-1493), Giovanni Manardi (1462-1536) e muitos outros. Cada capítulo do «*Index*», 1536 deveria ter três Entradas: *Philologia*, *Dioscoridis Historia* e *Juditivm nostrvm*, esquema que irá desenvolver nas *Enarrationes do «In Dioscoridis»*, edições sucessivas em 1553 (Gualtiero Scoto), 1554 (Rihelius), 1557 (Zilleti), quatro edições simultâneas, iguais e ilustradas, Colofão da mesma Tipografia, em 1558.

- 1542 . Leonahart Fuchs (1501-1566) publica *De Historia stirpium, Officina Isingriniana, Basileae*, 1542 seguida, no ano seguinte, da versão germânica *New Kreuterbuch, Richad Isingrin, Basell*, 1543. Obras inovadoras, em ordenação, organização e linguagem, escrita e iconografia, estes dois Herbários apresentam 346 capítulos, os mesmos nas duas Obras. Cada Capítulo é uma autêntica «*ficha*» composta por desenho(s) de specimen de uma planta que ocupa página inteira, acompanhado por texto explicativo de dimensão variável, com 6 Entradas: *Nomina* (Philologia), *Forma* (Aspecto), *Locvs* (Habitat), *Tempvs* (Variações no tempo), *Temperamentvm* (Actividade medicamentosa), e *Vires* (Referências bibliográficas). Estes Herbários abrem com o retrato do Autor (Fuchs) e, no fim, de forma inovadora e agradecida, mostram e identificam Colaboradores: Albrecht Mayer (1510-1561) Desenhador, Veit Rudolf Speckle (1505-1550) Gravador e Heinrich Fullmaurer (1520-1552), Agualelista.

A organização de tão «*magno artificio cõfecto herbario*», palavras de Amato (*In Dioscoridis*, L. I. Cap. II, *De Acoro*) encontra longínquo fundamento em histórias clínicas e nas «dez Categorias de Aristóteles» (384-322 a.C.): «*substância, quantidade, qualidade, relação, lugar, tempo, estado, hábito, acção e paixão*».

- 1543 . *Andrea à Lacuna* (c.1510-c.1560): «*EVROPA EAYTHNTYMΩPOYMHNH, hoc est miserè se diserusiens, suam'q; calamitatem deplorans*»,

todos de negro, à luz de tochas, *Europa castigando-se a si mesma*.

- 1543 . *Adreas Vesalius* (1514-1564): *De Humani corporis fabrica Libri septem*, Joannes Oporino, Basileae, 1543

- 1543 . Nikolaus Koppernik (1473-1543): *De revolutionibus orbium coelestium*, 1543

- 1544 . Pietro Andrea Gregorio Matthioli (1501-1577), Matthiolus com um «tau» (τ) e um «teta» (θ), um «t» e um «th»: *Di Pedacio Dioscoride anazarbeo libri cinque. Dell'istoria, et matèria medicinale tradotti in lingua volgare italiana da M. Pietro Andrea Mathiolo Sanese medico. Con amplissimi discorsi, et comenti, et doctissime annotationi, et censure del medesimo interprete...*, Veneza, 1544

- 1551 . Amato Lusitano: «*Primeira Centúria*», Apud Laurentius Torrentinus, Florentiae, MDLI (1551), seguindo-se edições sucessivas em Paris, 1552, três edições, ver João José Alves Dias: Amato Lusitano e a sua Obra, BNP, 2011. «*Centuria prima*» abre com «*Carta a Cosme de Medicis*» que recorda os 10 pontos da *História clínica*, da inquirição e observação de um Doente aperfeiçoada pelos Asclepiades, seguida pelo Herodoto Ηρόδοτος (485-425a.C.) da «*História das Guerras pérsicas*»: «*identificação, aspecto, peso, familiares, habitat, época do ano, estado civil, vestuário, actividade, estado de espírito*». Merecem especial estudo as «*Curas*» números: 1, 31, 52 e 90ª, da «*Primeira Centuria*». A 1ª *Memória* alude à atitude esclarecida e protectora de D. Diego de Mendoça, embaixador de Carlos V em Veneza e propõe *Bartholomeu Eustachi* (c.1510-1574) para superintender numa restituição, em curso, da Obra de Avicena (980-1037); a *Cura* 31ª recorda o encontro, e a «*cura*», de Dom Diego; a *Cura* 52ª relata a descoberta, em Ferrara, dos «*Operculos da veia Ázigos*» (1547), fala do médico de Carlos V André Vesálio, do colega na Cátedra de Anatomia Giovanni Battista Canano (1515-1579) e da sua «*família científica*» onde inclui Pierre Brissot (1478-1522), Mateus Curtio (1475-1542) e Leonhart Fuchs; a *Cura* 90ª refere chegada de *Raiz da china* a Lisboa (1535) e comenta a Epistola «*Radix chynae*», Basilea, 1546 de Vesálio.

- 1552 . Amato Lusitano: «*Segunda Centuria*», Venetiis, Ex Officina Erasmiana/ Vicentij Valgrisi. MDLII (1552). A Ode de apresentação, da autoria de «*Nicolai*» (?), recorda o patronímico do Autor do livro: «*Sic nomen teneat recéns Amati:/ Vno ut nomine, cum Parente natus/ Passim per Medicus ametur omnes*». Nos «*Commentarii*», 1554 Matthiolo incrimina a «*secunda centúria*», a propósito de «*Lycivm*».

- 1553 . «*In Dioscoridis Anazarbei, de medica materia, libros qvinque, Enarrationes eruditissimae*», Venetiis, Apud Gualterum Scotum, MDLIII (1553). Amato Lusitano, o Autor, na página 6 assume ser o Lusitano João Rodrigues, «*...sub nomine loannis Rodorici Lusitani, euulgauimus*» e, na margem, «*Author loannes Rodericus Lusitanus est dictus Doctor Amatus*». O tempo decorrido entre a «*Carta ao Senado de Ragusa*», datada de «*Romæ, decimoquinto die Maij.1551.*» e a Poesia de Apresentação de Arnaldo Arlenio (c.1500-c.1582) assinada em «*Patauij Non. Martijs, MDLIII*» (Pádua Nonæ, dia 7 por ser mês de Marte, 1553) indicia dificuldades: logísticas, burocráticas e outras, provàvelmente censura religiosa por parte da *Senhoria* da República de Veneza, que foi necessário contornar. Arlenio formula preces, «*reza*» para que tudo se resolva: «*Ergo meis ego te precibus confide moueri,/ Vt cito tam praestans accipiamus opus*». No pedido de patrocínio apresentado por Amato, destacam-se as marcas da mundialização avançada pelos portugueses: «*Sed quo Ciuium uestrorum gloria non penetrat? Nuper ingentes naues uestræ ad Vlyßiponem urbem, quæ est ad Oceanum occidentalem, admirandæ cuiusdam magnitudinis: Lusitanis, quibus ampliðimis mos est uti in Indiæ præsertim nauigatione, sunt uisæ: ut nullus sit iam terræ angulus, ubi præclari ciues Rhacusini non diuersentur; magna & ampla negotia tractantes, quórum egregiæ uirtutes aliquibus imitationi: mnibus certè sunt admirationi: Sed ne uestris laudibus longius me inuoluam, de quibus, ut ille, melius est tacere, quam pauca dicere, quum uix humana poßint facundia numerari.*» O Tipógrafo, Gualterium Scotum, é o mesmo que imprime o «*Actuarii loannis Filii Zachariae, Methodi medendi Libri sex*», Venetiis, 1554 por mandado de Nicolavs Stopivis com «*Motv proprio*» papal, protecção de Carlos V e privilegios do Senado de Veneza.

- 1553, Ancona, 13 de Fevereiro - Ambrosio Nicandro: «*Carta dedicatória a António Barberini*», apologia da *Raiz da China* depois de assistido pelo Dr. Amado desde Abril de 1552 e de ter lido o «*In Dioscoridis*», 1553 (*Quarta Centuria*, 1556, Apresentação).

- 1554 . Andres Laguna: «*In Dioscoridem*», Lvgdvni, Apud Gvlielmum Rouillium, 1554

- 1554 - P. A. Matthiolus: *Commentarii, in libros sex Pedacii Dioscoridis anazarbei, De medica matèria. Adjectis quam plurimis plantarum et animalium imaginibus, eodem authore;* Venetijs (Veneza), *Oficina Erasmiana, apud Vincentinum*

Valgrisium, M.D.LIII (1554). Matthiolo «reprova» a substituição do Guaiaco das Índias de Castella pelo «*Buxo europeu*» porque «*buxus in Italia nascens, & guaiacum ab Indis*» - «*ut in secunda centúria Amatus Lusitanus afferere uidetur*» (P. A. Matthioli: «*Commentarii*», «*Lycivm*», Cap. 114, L. I, pp. 113). Amato reconhece semelhanças e diferenças entre o Guaiaco e o Buxo e está entre aqueles que antecipam os «medicamentos similares» e os «medicamentos genéricos».

- 1555 . Andres Laguna: «*Pedacio Dioscoridis Anazarbeo, Acerca de la Materia Medicinal, y de los venenos mortiferos*», Anvers, *En casa de Iuan Latio, Anno M.D.LV.* Na impossibilidade de uma Europa que Carlos V não conseguiu arregimentar em 1543, Laguna aceitaria o «*Reino dual de Castilla y Portugal*» que irá ser herdado, comprado, tomado, explorado e transmitido por Felipe II/ Philippe I aos seus herdeiros, desde 1580 a 1640. Laguna cita «*El doctor Amado*», em «*Del vnguento Elatino*», Lib I, Cap. XL e em «*De la Antylide*», Lib. III, Cap. CXLVII). Posteriormente Matthiolo juntará «*el doctor Amado*» e Leonhart Fuchs em «*Anthyllii*» (P.A.Matthiolo: «*Commentarii*», 1558, L. III, *Anthyllii*, Cap. CXXXVI. p. 495).

- 1556 . Amato Lusitano: «*Centuriæ due tertia & quarta*», *Lvgdvni, Apud Ioannem Franciscum de Gabiano, 1556*

- 1556 . Amato Lusitano: «*Centuriæ quatuor*» (Primeira, Segunda, Terceira e Quarta Centurias), *Basileae, Hieronimus Froben, M.D.LVI (1556)*

- 1558 - Amato Lusitano: «*In Dioscoridis*», *Lugduni* (Lyon), quatro edições simultâneas *Apud Viduam Balthazaris Arnoleti, Apud Gulielmum Rouillium, Apud Theobaldum Paganum & Apud Matthiam Bonhomme*, diferentes folhas de rosto, o mesmo Colofão: «*Lugduni, Excudebat Vidua Balthazaris Arnolleti*». O «*Aviso*» do «*Typograpvs*» aos Leitores, a «*Carta de Amato ao Senado de Ragusa*» e as «*Poesias de apresentação*» de Arlenio e Nicolao Stopio da primeira edição foram substituídas por carta do novo Editor «*R. Constantinvs (a) Iacobo Dalechampion Cadomensis (de Caen), medico literatissimo & celeberrimo*». Estas edições, em «formato económico», possuem 360 gravuras, 15 de animais e 345 de plantas, gravadas por Clement Boussy (c.1520-c.1573) de Paris, que tinha sido contratado por Balthazar Arnoulet (1517-1556) para copiar, em tamanho reduzido - de 12 para 6,5 cm - as 515 gravuras do «*De Historia stirpium*», Bâle, 1542 de Leonhart Fuchs, para a sua edição lyonesa, de 1549. Trezentas e quarenta e três figuras

da edição lyonesa do «Herbário», 1549 de Fuchs serão reutilizadas no «*Dioscoridis*», 1552 de Jean Ruel e, exactamente pela mesma ordem, serviram de novo no «*In Dioscoridis*», 1558 de Amato, com iguais curiosidades. Por exemplo, Dedaleiras, que Dioscoridis não viu, surgem junto dos *Verbascos*, que passaram a ser 4, sendo *Verbascum 4* a única gravura copiada em espelho, provável crítica de Boussy aos Artistas de Fuchs que apresentam as suas duas Dedaleiras como se estivessem «*de espaldas*», uma para a outra. A gravura do *Triticum, Trigo*, está repetida em *Hordeum, Cevada*. Alfarrobeira recebeu um pimenteiro de frutos redondos, *Capsicum annum*, desconhecido do Dioscoridis. *Hyppocampvs, Astracvs marinvs, Lonchitis prior e Thymelaea* pertencem a um caderno adicional com trinta «*chalcographvs*» preparado por Jacques Dalechamps (1513-1588) para o «*Dioscoridis*» de Jean Ruel (1552); sobras deste Caderno foram disponibilizadas com o livro de Amato. Em Coimbra, este «adicional» falta no «*Arnoleti*» do Mosteiro de Santa Cruz e está patente no exemplar «*Paganum*» adquirido pela Biblioteca Geral da Universidade.

- 1558 . P. A. Matthiolo: *Commentarii, in libros sex Pedacii Dioscoridis anazarbei, De medica matéria, ...Venetiis, Oficina Erasmiana, apud Vincentinum Valgrisium, M.D.LVIII (1558)*, Matthiolo junta Amato e Fuchs num mesmo «*hallu*», em «*Anthyllii*», Lib. Tertium, Cap. CXXXVI. p. 495, «*hallucinatur Fuchsius vna cum Amato*». Matthiolo encontrou e reprovou um erro de Amato, emendado por Laguna em 1555, em «*Anthyllii*» e, em termos comparativos, discordou 76 vezes de Leonhart Fuchs («*Fuchsij errores, eiúsque sententiæ reprobatae*»).

- 1558 . P. A. Matthiolo: *Adversus Amatum, Venetiis, «Oficina Erasmiana, apud Vincentinij Valgrisij, M.D.LVIII. (1558)*, noventa páginas «*desperdiçadas*» como o «*immodestissimi*», «*nesci*», «*incredibilis*» doutor Amato (pág. 9), encostado ao Luterano Leonhart Fuchs, empurrado para o Judeísmo (pág. 11), as fogueiras da Inquisição e os Autos da Fé de Ancona, em Abril-Junho de 1556, nas quais Amato perdeu Familiares e Amigos, sofreu invasão do domicílio e confiscação de livros preciosos, de bens pessoais, teres e haveres, vestuário diverso, manuscritos e arcas com Livros (Renata Segre: «*Nuovi documenti sui Marrani d'Ancona (1555-1559)*»: *Michael 9* (1985) 130-233 (160-226); Antonio M. L. Andrade & H. M. Crespo: «*Os inventários dos bens de Amato Lusitano, Francisco Barbosa e Joseph Molcho, em Ancona, na fuga à Inquisição (1555)*», *Ágora. Estudos Clássicos em Debate*, 14.1 (2012) 45-90).

- 1560 . Amato Lusitano: *Centvriae dvae, Quinta videlicet ac Sexta (Quinta e Sexta Centúria), Venetiis, Ex Officina Valgrisiana*, 1560. (*Sexta Centúria*, Curas 48 e 80). A «Carta dedicatória» de Amato a Joseph Nassim foi substituída por «palavras» do médico *Joannes Marinellus* dirigidas a *Henrico Nunes*, personalidade do mundo judaico multinacional onde foi conhecido como Abraão Benveniste e Gomes Camelo (Maria José Ferro Tavares: «*Judeus de Castela em Portugal*», *Sefarad*, 74 (2014), 89-144). Amato, na «Carta» original que acompanha a edição lyonesa de 1564, na Tipografia de Guiliehmum Rouillium, elogia a coragem, a extraordinária habilidade e os esforços desesperados deste *Abraão Cathalano* residente em Pesaro, destemido antepassado do «007» inventado por Ian Fleming (1908-1964).

- 1566 . Amato Lusitano: *Centuria Septima, Venetiis, Apud Vicentium Valgrisium*, 1566. No mesmo ano, a Tipografia ex-Erasmiana publica as «*Sete Centurias*» em dois volumes: primeiras quarto, e três últimas, respectivamente. Na *Sétima Centúria*, Amato contorna a vigilância dos Censores venezianos e consegue dizer ao *Recolector de raízes de Siena* (Matthiolo) que não tem paciência para cães raivosos; *Oitava, Nona, e Décima Centúria* não seriam suficientes (*Centuria Septima*, 1566, *Cura XLI* (41), *Scholia*).

3 . Resultados

3 . 1 . 1535 - Amato em Lisboa

Ávido de novidades, no intervalo de tempo entre 13 de Julho de 1535, dia da conquista de Tunes, e Março de 1536, em Lisboa, Amato assiste à chegada das primeiras amostras de *Raiz da China* trazidas da Índia, de Diu, pelo experimentado comandante *Vicente Gil* a *Tristanis* (*Primeira Centuria*, 1551, *Cura 90ª*). *Bahadur*, Xá do Guzarate, entregou Diu aos portugueses em 25 de Outubro de 1535 e, em Diu, os portugueses encontraram mercadores chineses que negociavam *Raiz da China* (*Garcia d’Orta, «Coloquios»*, 1563). «*Relação e armadas da Índia*», 1985 de *Maria Hermínia Maldonado* - («Códice Add. 20902 da British Library») - regista saídas de *Vicente Gil*, de Lisboa para a Índia, em 10 de Abril de 1532 (*Nau Graça*), 13 de Março de 1536 (*Nau Santa Cruz*), 25 de Março de 1540 (*Nau Graça*) e 23 de Abril 1542 (*Nau Graça*). Entre o regresso da *Nau Graça*, e a partida da *Nau Santa Cruz* (13 de Março de 1536), o doutor *João Rodrigues* terá contactado *Vicente Gil* e, só depois, seguiu para Antuérpia, onde verificou que

a impressão do «*Index Dioscoridis*», 1536 não corria como desejava. Procedeu a emendas e acrescentos e não incluiu, por exemplo, nenhum «juízo pessoal» à cerca da *Radix China*, que já experimentara em Lisboa. Depois, no Livro I, a «*Philologia CXVI*» esqueceu o «Ebano» de *Dioscoridis* e saíu inteiramente ocupada com o «*Ebenus guaiacum*», que não existe na Ásia, que os hispânicos designam «*Ebenus Indica*». Mais tarde, em 1553 a *Enarratio 119* do Livro I do «*In Dioscoridis*» recorda o «Ebano» de *Discoridis* e junta-lhe uma «*Secunda species ebeni*» que actualiza o «*Lignum Guaiacum*» do «*Index*» e o acrescenta com uma «*Sarcam parrillam*» das «Américas» e a «*Radice chynarum*», da China.

A «*Raiz da China*» foi apresentada por *Ruy Diaz de Ysla* como «*un palo que agora traen dela china por la via de Portugal*» («*Tractado del Mal Serpentino*», Sevilha, 1539, página XLII). *Diaz de Ysla* dirigiu a «*Casa das Boubas*» (1504) do Hospital Real de Todos os Santos (1492) desde 1529 a 1539. A primeira referência às Boubas virá do Licenciado *Francisco López de Villalobos* (1473-1549): «*Sobre las contagiosas y malditas bubas estoria y medecina*» em «*El sumario de la medecina com un tratado sobre las pestíferas buvas*», precioso incunábulo, em verso, «*a expensas de Antonio de Barreda*», impresso em Salamanca, em 1498. Para o Professor *Villalobos*, «*Bubas*» eram «*...vna pestilencia no vista jamas/ en metro ni en prosa ni en sciencia ni estória/ muy mala y perversa y cruel sim cõpas(ión)/ muy contagiosa y muy suzia en demas/ muy brava y com quien no se alcança vitoria/ la qual haze al hombre indispuesto y gibado/ la qual en mancar y dolor tiene extremos/ la qual escuresce el color aclarado/ es muy gran vellaca y asi a començado/ por el mas vellaco lugar que tenemos*». Quanto a tratamentos, começa naquilo que se podia «Receber» de «*médicos dos animais e fazedores de albardas*», *Albardeiros* que «*curauam aquesta passion/ que sempre auiam sido de albardas maestros/ haziendo de azogue y de vnto vna vncion*», passa pelo uso de «*otros metales/ y de litargírio cerusa y calcanto/ de azogue, aloes, todo partes yguales/ y el vnto de puerco*», «brincando» assim com o facto de ter nascido *Judio*, de ser reconhecido como *marrano* e *Cristiano nuevo*, e logo acrescenta «*de ambos arsenicos sofre citrino/ de eleboro negro*». Insiste em «*el vnto y azogue*» aplicado «*sobre la pustolla*» e remata com «*vn emplastro para las junturas/ de estierco y manteca de vaca com miel*» destinado indistintamente a *Judeus*, *Cristãos* e *Maometanos*. Depois, caso seja «*menester muy mas fuertes las curas/ hazerle-às emplastro mas fuerte que aquel*» -

(«pegalá Receita», «Recipe», R), omitindo a invocação «In nomine Christi», obrigatória entre os Cristãos dessa época) - «recibe quatro onças dela trementina/ y quatro de nitro de Alexandria/ de eufórbio três dra(c) mas q s gran medecina/ y del fenugreco tornado harina/ sera media libra en su cõpañia». O fenugreco foi utilizado no embalsamamento de cadáveres e irá suceder ao «licor de múmia». Finalmente, - dietética e comportamento - : «se lleva el paciente muy salvo y seguro/ e deve guardar-se en el su regimento/ que huya manjares de mal nutrimento/ que huya mugeres y mal pensamiento/ que huya la yra furoz tristura».

«Metais, arsénicos, azogue (Mercúrio, Prata-viva), litargírio (Óxido de chumbo) e sulfre», e Guaiaco, Raiz da China, e Sarsaparilhas foram as medicações disponíveis contra a Sífilis, antes de sabermos que esta doença era provocada pelo *Treponema pallidum*, *Spirochaeta pallida* (1905) de Fritz Richard Schaudinn (1871-1906). Alexander Fleming (1881-1955), inventor da «Penicillin» (1928), foi um ferrenho adepto do *Salvarsan*, derivado «606» do Arsénico, «bala mágica» descoberta em 1910 por Paul Ehrlich (1854-1915); Sifiliticos de todo o Mundo podem ser tratados com Penicilina, desde 1943.

Em 1544 surgiu o «Libro de las Quatro Enfermedades Cortesanas» de Luys Lobera de Auila (1480-1551) que fala «Della quarta enfermedad que es el mal francés o bubas», sensível a unturas, fumigações e banhos; «con agua del palo sancto o del outro delas yndias»; e «Ainsi mesmo ay una yerva en las yndias q se dize la china ... y son unos pedacitos como dos o três dedos, ... Esta rays dizem en Castilla q se llama la çarça par rilla ... ay la en las tierras de Avila y de Luenga: y algunos quieren dizer q es la misma china por sus effectos». Em 1492 Cristóvão Colombo (1451-1506) «fez passar» que as «Índias de Castela» eram as «Índias» que D. João 2º pretendia, que Vasco da Gama (1469-1524) alcançará em 1498. O Guaiaco das «Americas» chegou à Europa depois de 1519; a *Smilax China* em 1536; Sarsaparilha, a *Smilax áspera* «americana», entra em grandes quantidades em Sevilha, depois de 1551 (M.Fernandez-Carrion e J.L.Valverde: «Research note on Spanish-American Drug trade», *Pharmacy in History*, 1988 vol. 30, nº 1, 27-32).

A «*Historia General de las Indias*», Anvers, 1554 de Francisco López de Gómara (1511-1566) regista: «Asi como vino el mal de las Índias, vino el remedio, que tambien es outra razón para creer que trajo de allá origen, el qual es el palo y arbol dicho guayacam, de cuyo género hay grandísimos montes. Tambien curan la misma dolência com palo de la China, que debe ser el mesmo guayacan ó palo santo, que tudo es uno...».



Fig. 1 . Luys Lobera de Auila & Francisco López de Gómara

3 . 2 . 1536 – Guaiaco, Raiz da China & Buxo europeu

O «Index Dioscoridis», 1536 de João Rodrigues, saiu em Antuérpia, na Tipografia «Viúva Martini Cæsaris». O texto colhe apoios no «Dioscoridis» greco-latino de Marcello Virgilio, em Jean Ruel, Hermolao Barbaro e outros, revela muito voluntarismo, poucos meios e deficiente acompanhamento por parte do Autor. Merecem destaque duas «Philologias»: «Ebano. Ph. CXVI» e «Lycio, Ph. CXIX». A «Ph. CXVI», página 23 v., esquece o «Ebano» de Dioscoridis e ocupa-se do «*Guaiacum*», que Dioscoridis nunca viu: - «GRæce Εβαιοç. Latine Ebenus guaiacum, lignum Indicum: Lignum sanctum: diuinum lignum, Theutonice hout vut Indien. Hispanice el Lenho de las Antilhas». Seguem-se sete linhas de «*Historia Dioscoridis*» e «*luditivm nostrvm*», pp. 24r., 24v., 25r., 25v. e 26r. com o resumo das medicações disponíveis contra uma doença «nova» que teria vindo das «Índias de Castilla» descobertas por Cristóvão Colombo em 1492, que receberá a designação Sífilis a partir do Poema «*Syphilis sive morbus gallicvs*», Verona, 1530 do médico Hieronymi Fracastorii (1478-1553). A «Ph. CXIX», pp. 26v. e 27r., «GRæce Λυχιον, Latine Lycium, Buxa spina, officinarum vulgo, Succus Lycium» aproxima o «*Lycium*», «*Buxo similia*», do Buxo europeu, *Buxus sempervirens*».

Matthiolo, ignora o «*Index Dioscoridis*», não o cita, e nos «*Commentarii*», 1554 parte do «*Lycivm*», L.I, Cap. 114, pp. 113 para criticar a «*secunda centúria*» que, de forma inovadora, descreveu a Raiz da China (*Segunda Centuria, Cura* 31ª, 1552).

Interessado em «*el Lenho de las Antilhas*» e seus sucedâneos, João Rodrigues antecipa «*De ligni sancti multiplici medicina*», Basileae (1538) do Alfonso Ferri (c.1510-1595) e o «*Tractado cõtra el Mal Serpentino dela Ysla Española*», Sevilha, 1539 do Ruy Diaz de Ysla (1462-1542).



Fig. 2 . Alfonso Ferri (1538) & Ruy Diaz de Ysla (1539)

Amato navega em mares de brumas que vão desde as regiões ignotas e desconhecidas onde se situam as «Índias de Castela», Américas depois de 1507 no mapa de Martin Waldseemüller (1475-1525) até às «Índias de Portugal» banhadas pelo *mare nostrum* onde Vasco da Gama (c.1469-1524) se perdeu, farto de andar às voltas com a ajuda de um Piloto árabe, quicá Amade ibne Majide (1432-c.1500), antes de atingir Calicut (Kozhikode), em 20 de Maio de 1498, em terras de que Dioscoridis (40-90) já houvera notícia. Mostrando avanços em relação à «*Philologia CXVI*» do Livro I do «*Index*», a «*Enarratio. 119*» do Livro I do «*In Dioscoridis*» descreve «*De Ebano*» em duas entradas, uma primeira para o «*Ebano*» de Dioscoridis, - «*Græce, Εβειος: Latine, ebenus: uulgo ebano legno*» - e uma «*Secunda species ebeni. Lignum Guaiacum, lignum Indicum, lignum sanctum, lignum morbid Gallici: Arabice, Karon: Hispanice, el legno santo, el legno dellas antilhas: Italice, il legno santo: Germanice, holtz uustz indien, frantzosen holtz: Gallice, lin saint.*» Assim, importa comparar o «*Index*» de João Rodrigues e o «*In Dioscoridis*» do Amato Lusitano com aquilo que o Matthiolo diz, sem omitir o «*Lycium*», ao encontro do desafio «*Sobre la identificación entre ébano y guayaco en una entrada del «Index Dioscoridis» de Amato Lusitano*», de Carlos de Miguel Mora (C.M.L. Andrade et al.: «*Humanismo e Ciência. Antiguidade e Renascimento*», Aveiro, 2015, pp. 317-351. «http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0941-6_13»

3. 3 . 1552 - Segunda Centuria

«*Secunda centúria*» é um Livro notável: foi aprovado pelo Senado de Veneza e recebeu patrocínio de Hippolyto Da Este (1509-1572), Cardeal de Ferrara. A 1ª Memória diz respeito à «*Illvstrissima Domina Iacoba de Monte Iulij tertij Súmi Pontificis Soror digníssima*» mãe do Governador

de Ancona Vicencio de Nobilius. Domina Iacoba, sessenta e dois anos de idade, sofre de calores e afogeuamentos e Amato propõe dietas e, nestas, introduz favas, com casca e sem casca. A *Cura 31ª*, oferecida a Júlio III (1487-1555), *ensina a preparar a Raiz da China*. Num Mundo em mudança Amato sabe que «*em tudo e por tudo a sorte muda; os conhecimentos literários e a erudição não nos defendem dos invejosos*», reconhecerá mais tarde (*Quinta Centuria, Memoria 100ª*, 1560). O Concílio de Trento, iniciado em 1545, terminará em 1563. Julio III (1487-1555) foi eleito Chefe da Igreja Católica em 7 de Fevereiro de 1550 e morreu em 23 de Março de 1555. Seguiram-se Marcelo II (1501-1555), eleito em 9 de Abril e falecido em 1 de Maio de 1555 e Paulo IV (1555-1559), que autorizou a Universidade de Évora (1559). Figura tenebrosa dos Autos de Fé de Ancona (1556), baptizado Giovanni Pietro Carafa (1476-1559), Paulo IV era neto de uma portuguesa, Maria de Noronha (c.1442- ?) filha de Rui Vaz Pereira (c. 1400-c.1449) e Beatriz de Noronha (c. 1418-1502).

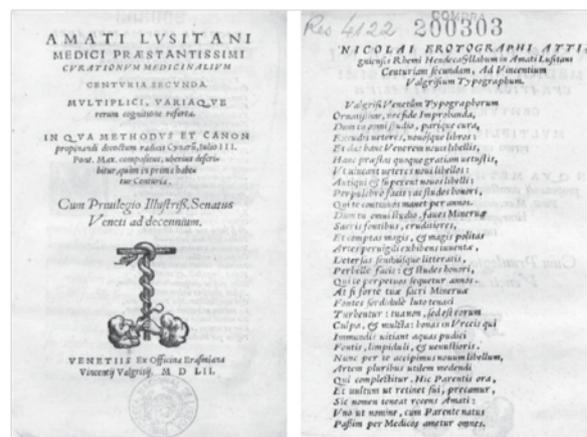


Fig. 3 . Segunda Centuria, 1552

3. 4 . 1554 - Matthiolo v/s Amato (Guaiaco, Lycium & Buxus)

«*Index Dioscoridis*», 1536, Liber I, «*Ebano*», *Philologia 116ª* recorda «*Ludouico Viueto*», «*inter græcos latinissimo, inter Latinos Græcissimo, inter vtrosque optimo*». Luis Vives (1492-1540), «*Ludouicus Viues Valentinus*», valenciano, admirador de Herasmus (1466-1536), sofria de «*Chiragra*», Gôta nas mãos, χειροç e «*Recebeu Guaiaco*» na medicação. Escreveu «*commentaria illa quæ super D. Augustini librum de Ciuitate Dei edidit*», cotados por Amato («*Commentaria in XXII libros De Ciuitate Dei D. Aurelii Augustini*», Basel, 1522). A aproximação entre Amato e Luis Vives explica a transcrição de um dístico em letras gregas, e respectiva tradução

latina, que o Tradutor Firmino Crespo não valoriza («Centuria Prima», Cura 99^a). A Podagra, ou Gôta nos pés, era considerada doença dos ricos, apanhados por Bacchus, abraçados por Vénus, da cabeça aos pés, ποδι. A «Ph. 116» junta opiniões de *Leonicenum* e *Mainardum* e sugere, na margem, «G(u)aiacu(m) Ebenus est». Recorda o «Ebenus vt Buxus» segundo Plínio e os comentários relativos a esta matéria em Marcellus Vergilius, Galeno, Aristoteles, Theophrasto, Galeno e Auerrois. No «In Dioscoridis», 1536, a «Narrativa» 119^a do 1º Livro, na segunda entrada, «Secunda species ebeni», elenca: «Importatur Guaiacum tam ex occidentalibus, quam orientalibus Indijs: nam & Hispani è suis regionibus nouiter repertis, & Lusitani ex Calicut, Taprobana & Iava insulis, & Mauritani, Aegyptij, Arabes, ac Persæ à mare rubro per camelorum carouanas (ut aiunt) Guaiacum ad nos conuehunt: quin & ex Aethiopia, ut quidam narrant» e, mesmo a terminar, no «calcanhar» apresenta a «Sarcam parrillam» e, no «pé», refere a «Radicem chynarum capite de calamis attigimus, de qua nos plura in lucem deduce mitemus.» («In Dioscoridis», En.p.108). Entre os Autores citados neste texto, estão «Alfonsus Ferrius, Huttenum, Manardum, Massam, Almenaram, Mathiolum, Leonicenum, Benedictum Victorum Faentinú, atque alios sexcentos, qui de hac re libros in lucem emisierunt». «Seiscentos» (diabos), em Amato, é expressão comum. Alphonsus Ferreus, médico Napolitano, é o Doutor em Artes e Medicina Alfonsi Ferri (c.1515-1595), Autor do livrinho de 201 páginas «De ligni sancti múltiplice medicina et vini exhibitione libri quatuor», Basileiae, Apud Joannes Bebelius, 1538. Não confundir com um cidadão «Francisci Ferreræ» que surge na parte final desta narrativa, «Ferreira» por ser de Ferrara, «Franciscvs Patricius Ferrariensis», lembrado apenas porque tolerava o vinho e que, como tal, fora assinalado na «Primeira Centuria», Cura XXVIII: «A uino porrò nunquam in hoc morbo is abstinuit, pro quo de uino sequentia audire ne pigeat». «Index Dioscoridis», «In Dioscoridis» e as duas primeiras «Centurias» aguardam estudo comparativo.

Em 1554, Matthiolo serviu-se de «Λυχιον Lycium», para «reprovar» Amato: «Quod est experientia concedi potest, illud buxi lignum præstare: attamen quod buxus in Italia nascens, & guaiacum ab Indis petium una, & cadem sint planta (ut in secunda centuria Amatus Lusitanus afferere uidetur) nunquam profectò crediderim» e, na margem: «Quorumdam opinio reprobata» (P.A.Matthiolo: «Commentarii, in libros sex Pedacii Dioscoridis anazarbei, De

medica materia. Adjectis quam plurimis plantarum et animalium imaginibus, eodem authore, Venetijs, Oficina Erasmiana, apud Vincentinum Valgrisium, M.D.LIIII (1554), L. I, Capítulo CIIII (104), pp. 112-113). Actualmente, «Lycium», Lício, Spino negro é o *Rhamnus lycioides* L., *Acacia catechu* (L. f.) Willd.. Em 1553, Amato revê o que escreveu em 1536 e conclui que, «em concreto», as Boticas (**officinas**) apenas disponibilizam «Lycium» num «succus» que não corresponde ao texto de Dioscoridis: «CONCRETVS succus in officinis habetur, quem lycium appellamus, quod an Dioscoridis lycio respondeat, collatione acta, iudicabitur». Assunto difícil que «seiscentos (diabos) não esgotam», «atque alios sexcentos, qui de hac re libros in lucem emisierunt» ou seja, quem quiser, que o encontre: «Est porro lycium Indicum ad omnia ualentius» (Amato Lusitano: «In Dioscoridis», 1553, Liber primvm, Enarratio 122, De Lycio», p. 122).

Guaiaco, Raiz da China, Sarsaparrilhas do Perú, «Smilaceas» europeias, Buxo europeu e raízes de Canas, polvilham as «Sete Centurias».

- «Segunda Centuria», 1552 é mencionada por Matthiolo em 1554 «ut in secunda centuria Amatus Lusitanus afferere uidetur» a propósito de «Lycium» (P. A. Matthioli: «Commentarii», «Lycium», Cap. 114, L. I, pp. 113). Nesta Centuria, a Cura 31^a descreve a utilização da «Raiz da China», «In qua agitur de Methodo, & regula propinandi decoctum radices cynarum, pro Iulio tercio Pontifice Maximo». «Segunda Centuria», 1552 de Amato e «Commentarii», 1554 de Matthiolo saíram da Tipografia Vicentium Valgrisium que poderia colocar Referênci(a)s para melhor vender e fidelizar leitores.

- «Terceira Centúria», Cura 37 - Comentário - «O buxo dos europeus é chamado pau guaiaco e o seu decocto pode beber-se»; na Cura 38 – Pau Guaiaco, indicado no título, é substituído por decocto de Buxo, no texto.

- «Sexta Centuria», Cura 48 – Uma esposa, «vítima inocente do marido», foi medicada com Raiz da China e «o seu marido bebeu o decocto de guaiaco e não o de Raiz da China, porque a Raiz da China não se encontrava à mão, nem à venda»; Cura 80 – dá conta do «Terceiro tomo das Navegações» (J.B.Ramusio: *Navigazione e Viaggi*, III Tomo, 1556), reafirma que «o Buxo europeu é o Guaiaco» e diz que em 1536 os marinheiros de Jacques Cartier (1491-1557) se socorreram do Guaiaco porque melhorou quantos estavam atacados com «sarna galica». As «Navigazione» referem «Le juz des feuilles d'un arbre». Mais a sul, na Costa Atlântica, especialmente no Brasil, de onde trariam «Pau brasil», existiam variedades de Agaves, ditos «Aloes Americano», cujo «suco» poderia

ser útil na prevenção e tratamento do Escorbuto que dizimou a tripulação de Cartier.

The Nobel Prize in Physiology or Medicine 2019 was awarded jointly to William G. Kaelin Jr, Sir Peter J. Ratcliffe and Gregg L. Semenza "for their discoveries of how cells sense and adapt to oxygen availability."

3.5. 1558 - Matthiolo v/s Amato (Anthyllii)

Matthiolo terá notado que a «*Materia medicinal*», 1555 do Laguna referia «*el doctor Amado*» em «*De la Antylide*», Lib. III, Cap. CXLVII e, logo que lhe foi possível, em 1558 a propósito de «*Anthyllii*», colocou, se é possível dizer-se, um «*hallu*» à volta de Amato e Fuchs: «*Sed, meo quidem iudicio, in hoc apertè hallucinatur Fuchsius vna cum Amato Lusitano, à quo illo hanc vanam opinionem accepisse facilè suspicor*» (Commentarii, in libros sex Pedacii Dioscoridis anazarbei, De medica matéria, Lib. Tertium, Cap. CXXXVI, p. 495, 1558). Fuchs e Amato estariam errados, mas não eram iluminados, não estavam alucinados. Criminoso é quem apoia «*Autos da Fé*», em 1556 em Ancona, e em todos os tempos.

3.6. 1511-1568 - João Rodrigues / Amato Lusitano

Baptizado em Santa Maria do Castelo Branco c.1511, João Rodrigues / Amato Lusitano terminou os seus dias por 21 de Janeiro de 1568, na Salonica otomana. «Bachiler» formado na Universidade de Salamanca em 19 de Março de 1532, está em Lisboa em 13 de Julho de 1535, e segue para o exílio. Percorre a Europa, presta a assistência a numerosos doentes e regista o que, viu em 701 «*Histórias clínicas*». Antes de 1551, em Ferrara, rondando os quarenta anos de idade, foi atingido por «*Tumor fimata*» sugestivo de Circuncisão ritual na idade adulta, infecção do prepúcio e reacção ganglionar (*Primeira Centuria, Cura 29ª; Segunda Centuria, Cura 60ª*). Por esta época guarda o nome do Baptismo (In Dioscoridis, L.I, En. II, 1553) e adopta o nome hebraico recebido na - ברית מילה - B'rit Milá. «Amato foi o nome escolhido, / Era o nome de seus Pais» («*Segunda Centuria*», 1552, Nicolai, Poesia de apresentação). Professor de Medicina, Amato valoriza a História Clínica e o Reflexo fotomotor (*Quinta Centuria, Cura 77ª*); torna-se referência na Cirurgia do Crânio (*Primeira Centuria, Cura 9ª, Segunda Centuria, Cura 83ª*); revela competências na Cirurgia da Uretra (*Quarta Centuria, Cura 19ª*); inventa uma «*Prótese do palato*» (*Quinta Centuria, Cura 14ª*). Em Anatomia, descreve Válvulas na Veia Ázigos (*Primeira Centuria, Cura 52ª, Quinta Centuria, Cura 70ª*) e, simultaneamente, estuda plantas, animais e

coisas, observa e acompanha doentes portadores de doenças novas contraídas em longínquos territórios, regressados à Europa em navios Portugueses e Castelhanos. No século XX, na época das Guerras coloniais (1960-74), Governos de Salazar e Caetano afugentaram estudantes e analfabetos. Amato Lusitano é um excelente exemplo do português altamente classificado que se sentiu obrigado a deixar as terras Lusas, antecipando quantos lhe seguiram o exemplo para vergonha nossa, nomeadamente a geração de Professores, Doutores e Engenheiros que abandonou o País em Dezembro de 2011.

3.7. Arnaldo Arlenio (1553)

«*In Dioscoridis*», 1553 abre com «*Poesias de Apresentação*» de Arnaldo Arlenio (c. 1510-1582) e de Nicolao Stopio e «*Segunda Centuria*», 1552 foi apresentada por «*Nicolai*», muito provavelmente o mesmo Nicolao Stopio. A história da publicação de «*In Dioscoridis*» e de «*Segunda Centuria*», que está por fazer, implica a importância do meio e a influência dos Amigos. Isolados, não vencemos os entraves que a Vida nos coloca, com Amigos verdadeiros iremos a qualquer lado, descreveremos cedros na Ilha da Madeira como fez Amato, encontraremos Blocos erráticos nos Açores, apreciaremos correctamente a plumagem dos Pássaros da Ilha da Madeira, e a perda das asas dos seus Besouros, mesmo sem por lá passarmos, como Charles Darwin (1809-1882). A «*Cantiguinha divertida de Arnaldo Arlenio S.D.*», S.D., sem data, sugere a existência de entraves à publicação do «*In Dioscoridis*» e indica o dia em que tais bloqueios foram removidos, «*noas de Março de 1553*», dia 7 por ser mês dedicado a Marte. Agradaria a Darwin, e aos Ecologistas da actualidade:

«*Quantas coisas me vêm ter à mão
Que nunca iria procurar
Se as não conhecesse!
É absurdo vê-las como Arte,
Destruir aquilo que Deus dá!
São óptimas, por si próprias.
Conhecidas, tornam-se melhores
E é difícil não gostarmos delas,
Tão esplêndidas, em si mesmas.
Comovem este Arnaldo, que as não entende.
A Natureza as fêz, Amado as encontra.
Da sua caneta brotam flores.
Encantou-me a primeira,
Todas me agradam;
Vi-as com os meus olhos.*

São minhas, conhecidas.
 Vieram de terras bem distantes,
 Quantas utilidades nos oferecem!
 Com Amado, vou até ao fim do Mundo!
 De tudo nos deu conhecimento:
 Dos hortos da Hespéria chegam os aromas
 Nas asas marinhas d'Eolo, através do mundo.
 E logo, a todos nos encantam
 Pela sua gentileza, os novos peregrinos.
 O livro traz-nos as lendas,
 O mérito e o louvor são de Amado!
 Lembro-o sempre nas minhas orações:
 Que publique rapidamente o seu trabalho!
 Eu, Arnaldo, agradeço, reconhecido.
 Sempre Amigo, trarei outros amigos!»

Pádua, 7 de Março de 1553

«**Hilarivs cantivncvla/ Arnaldo Arlenio S.D.**|| Sæpe mihi, rerum uluos atingere fonts,/ É quibus alta fluunt commoda, cura fuit:/ Et telluris opum plenas agnoscere vires,/ Mira Dei quarum munere facta patent./ Nec tamen abstrusæ feriem cognouimus artis,/ Discere naturæ nec mihi dona datum est./ Quæ mihi sunt olim grauioribus abdita causis,/ Ac ita cum studijs non bene nata meis./ Vix licuit teneros interdum fingere uersus,/ Splendida nosse grauis dum peto iura fori./ Nunc Arnolde tuus quoniam tamen edere pulchras/ Naturæ statuit, clarus **Amatus**, opes:/ Et calamo uarios herbarum pingere flores,/ Multaq(ue): præterea reddere uiua parat:/ Quid mihi cum primis tam gratum posset haberi,/ Hæc oculis quantum clara uidere meis?/ Ecquis enim penitus nostris incognita terris/ Vtilitate noua discere multa neget?/ Nam uelut extremum penetrarit **Amatus** in orbem,/ Omnia nota bona cognition facit./ Quicquid in Hesperijs memorabile nascitur hortis,/ Quæ uel ab Eoo littore nauta uehit,/ Quicquid in emerso nuper fuit utile mundo,/ Quæ'ue peregrina singula gentis erant,/ Hoc peritus libro passim descripta legentur,/ Quo meritæ palmam laudis **Amatus** habet./ **Ergo meis ego te precibus confide moueri,/ Vt cito tam præstans accipiamus opus.**/ Ipse tibi meritas Arnolde rependere grates/ Semper amicorum more paratus ero./ **Patauij**, Non. Martijs, MDLIII.»

3. 8 . Nicolai (1552) e Nicolavs Stopivs (1553)

Nikolaus de Stoop (c.1510-1568), estudioso da língua grega, e Nicolai, «*Tipografo amator*», podem coincidir, ou não, no Curador da Casa dos Bomberg admirado por Vesálio. «*Segunda Centuria*» abre

com uma Ode congratulatória apresentada por um apreciador de Artes gráficas identificado como *Erotographi Nicolai*, confessadamente *Attigniensis*, como quem diz estudioso da língua grega, trinta versos de «*divagação hendecassilábica*», *Rhemi Hendecasyllabum* oferecidos ao *Ornatissimi*, dotadíssimo, brilhantíssimo *Vicentium Valgrisium Typographum* em Veneza, figura «*Brilhante, fé Impoluta,/ Tudo lhe interessa, nada obscura,/ Heranças antigas, livros novos:/ Ainda que a Venus dedicados...*», assim: «*Valgrisi Venetum Typographorum/ Ornatissime, nec fide Improbanda,/ Dum tu omni studio, parique cura,/ Excudis ueteres, nouosque libros:/ Et das hanc Venerem nouis libellis,/ Hanc præstas quoque gratiam uetustis,/ Vt uincant ueteres noui libellos:/ Antiqui & superent noui libelli:/ Perpulehre facis: ac studes honori,/ Qui te continuos manet per annos./ Dum tu omni studio, faues Mineruæ/ Sacris fontibus, cruditiore,/ Et comptas magis, & magis politas/ Artes peruigili exhibens iuuentæ,/ detersas senibusque litteratis,/ Perbelle facis: & studes honori,/ Qui te perpetuos sequetur anos./ At si forte tuæ sacri mineruæ/ Fontes sordidulè luto tenaci/ Turbentur: tua non, sedest corum/ Culpa, & mulcta: bonas in Vrceis qui/ Immundis uitiant aquas pudici/ fontis, limpiduli, & uenustioris./ Nunc per te accipimus nouum libellum,/ Artem pluribus utilem medendi/ Qui complectitur. Hic Parentis ora,/ Et uultum ut retinet sui, precamur,/ Sic nomen teneat recens Amati: / Vno ut nomine, cum Parente natus/ Passim per Medicus ametur omnes.» O último terceto lembra um Haiku: «*Amato é nome recente, / Era o nome de seus Pais. / O Médico ama toda a gente.*»*

«*Centuriam secundam*», 1552 antecede o «*In Dioscoridis*», 1553 terminado em Roma e enviado ao Senado de Ragusa em 15 de Maio de 1551. A «*Apresentação*» oferecida por Nicolau Stopio, presente nas primeiras edições do «*In Dioscoridis*», é conhecida: «*Amado de nome, sempre foste Amado./ Amado, sem dúvida, amizade evocas./ Amável, amigo dos amigos,/ Prestável, apaziguador, oportuno/ Tornas alegres quantos amas/ Tantos, tantos/ Todos quantos te conhecem./ Felizes aqueles que te procuram/ Sem preconceitos, recto entendimento./ Estudos Dioscoridis com animo viril./ Amado, quanto mais procuras/ Mais te interrogas: que é o Amor?/ A procura da dádiva, não defrauda o esforço. / Devemos muito à Lusitânia de Amado/ E muito devemos ao Grego de Anazarbo./ Lusitano, honras a Lusitânia;/ De grande coração, tens o maior!*»

Nicolavs Stopivs, estudioso da língua grega e o «*Tipografo amator*», Nicolai, podem coincidir, ou

não, no Curador da Casa dos Bomberg admirado por Vesálio e Amigo de Amato, editor e poeta nas horas vagas. Recorde-se que o Autor da «Fabrica», 1543 agradeceu publicamente os cuidados que o *Nicolavs Stopivs Bombergorum* teve com as preciosas placas de madeira das gravuras que estariam a ser negligenciadas pelos Artistas que as realizaram, motivo suficiente para serem ignorados, definitivamente (Andre Vesalio: «*Joanni Oporino græcarvm literarvm, amico charissimo suo*», «Fabrica», 1543). Nicolao Stopio, admirado por Vesálio, amigo de Amato, apresentou o «*In Dioscoridis*», 1553: «*Hic tibi dat quod ames præclarus Amatus, & ipso/ Nomine Amatus ut est, sempre amatus erit,/...*» e surge como confidente na «*Centuria Septima*», 1566, Cura XLI, Scholia. Possuiu Imprensa própria e recebeu um «*Motv próprio*» do Papa Julio III pelo «*Methodi Medendin Libri Sex*», Venetijs, MDLIII, póstumo, do *Actuario Ioannis Filii Zachariæ*, obra saída da Oficina do Tipografo Gualterium Scotum, o mesmo que acabara de imprimir o «*In Dioscoridis*», 1553 de Amato. E a tudo isto se juntam as «*últimas vontades*» expressas na Carta do «*Typographvs*» aos Seus Leitores, no «*In Dioscoridis*», 1553: «*Vale, ac Amatam, qui has tibi commmoditates attuli, amore prosequendum putato*».

3 . 9 . Castilla y Portugal. Laguna iberista

«*Materia Medicinal e venenos mortíferos*», 1555 do Andres de Laguna abre com uma *Epistola nvnvpacktoria* que expõe a necessidade de um «*Dioscoridis*» em «*lengua Española*» porque «*há sido sempre la menos cultivada de todas*» e oferece o seu trabalho a «*Dom Philippo*» (futuro Rei dual) de «*Castilla y Portugal*» para que «*ansi en aquellos vuestros Reynos de España como en otras p(ar)tes*» resulte «*en beneficio imortal de toda la pátria*», numa antevisão profética do deprimido mundo hispânico que nos pôs cativos de consanguinidades e promiscuidades desde 1580 a 1640, irremediavelmente, depois de Alcácer Kibir (1578) e de quem lá caíu, e de quem daqui não saíu. Laguna tem uma escrita muito própria, com construções e sonoridades portuguesas, desde os «*molletes de Portugal*» ao patronímico «*Me(n)doça*», com um til sobre o «*e*» para valer «*en*» e um «*c de cedilha*» em vez do «*z*» com valor de «*cê*», que passaram a usar. Não sei se teve secretários oriundos de Portugal, mas contou com a confessada ajuda de «*El doctor Luis Nuñes... y*

Simon de Sousa, espejo de Boticarios, com muchos nombres Portugueles», que encontramos na «*Materia medica*» do «*doctor Amado*».

A «*Materia medicinal*» de Laguna refere Matthiolo com respeitosa simpatia na *Epistola nvnvpacktoria*, no texto, e na advertência final «*Al benigno Lector*». No início, confessa: «*Servieronme no poco ... los comentários de Andres Matthiolo Senes...*» e esclarece, no epílogo: «*...hezimos diligentemente esculpir todas aquellas figuras de nuestro amigo Andres Matthiolo...*» Desenhos originais e transposições correctas, gravação da imagem e tamanho da mancha, aumentam custos e dificultam a impressão, questões que se tornam evidentes quando comparamos as gravuras de Matthiolo nos «*Commentarii*» de 1554 impressos em Veneza, *Apud Vincentium Valgrisium*, transpostas correctamente em 1555, em Anvers (Antuérpia), En casa de Iuan Latio, na «*Materia medicinal*» do Laguna, ou com as reproduções dos mesmos desenhos, realizadas de forma incorrecta, em espelho, nos «*Dioscoridis*» lyoneses de Matthiolo impressos em 1554, *Apud Balthazarem Arnolletum* e *Apud Gulielmum Rouillium*, os mesmos que serão impressores de Amato, em 1558.

O dr. Laguna faleceu circa 1560. Em 1565, definitivamente afastado o *Secobiense*, Matthiolo escreve: «*Siquidem Andreas a Lacuna superioribus annis non solum in suos in Dioscoride Commentarios, Hispanico idiomate conscriptos, maiorem nostrorum laborum partem transtulit, sed imagines omnes antea a nobis editas, artificum negligentia, et illius parsimonia, adeo deformes reditas, ut nihil natiui splendoris, qui in nostris minoribus elucet, in iis conspici possit*» (Comentários, 3ª ed.). Três anos depois, em 1568, Matthiolo conclui: «*il Lacuna nel suo Dioscoride spagnuolo [...] non solamente s' ha servito de miei scritti a sua piacere, ma di tutte le figure delle piante, e degli animali, le quali ha fatte*» (Miguel Ángel González Manjarrés: *Entre la imitación y el plagio. Fuentes e influencias en el Dioscorides de Andrés Laguna*, Segovia, Col. Becas de Investigación, Caja Segovia, 2000; cotado em António Guimarães Pinto: «*Ciência e Preconceito: o ataque de Pietro Andrea Mattioli a Amato Lusitano*, Humanitas (Coimbra), 2013, Vol. LXV, pp. 161-186). Laguna iniciou a sua vida pública em Colónia, no Gimnásio de Artes de Köln, em 11 de Fevereiro de 1543, *Domingo XI. Cal. Fev.*, encarapuçado, enroupado em vestes negras, à luz de archotes como se estivessem a officiar defuntos. O Auditório

recebia o Arcebispo de Colónia, os Príncipes do Sacro Imperio e os professores universitarios que não aceitavam o «federalismo» proposto por Carlos V numa «Europa que a si mesma se punia», - EAYTHN TIMΩPOYMENH - na expressão de «De Laguna».



Fig. 4 . Andreas Laguna, 1543 e 1554

Entre nós, em tempos de Europa do Euro, temos consciência de que os temas Unidade, Diversidade, Liberdades, Direitos e Garantias sempre motivaram os Europeus. Quando, por razões estratégicas, a capital de Portugal se fixou na cidade do Rio de Janeiro, a imensa fragilidade de uns quantos surge na «Celebre Representação da Câmara de Ançã» ao Imperador dos Franceses, datada de 29 de Maio de 1808, implorando que lhes fosse concedido «um soberano de sua Imperial Família, e uma Constituição» («Guerra Peninsular. Notas, episódios e extractos curiosos coligidos por Francisco Augusto Martins de Carvalho (Este livro não se expõe á venda), Coimbra, Typographia Auxiliari d'Escriptorio, 1910»). Laguna dedicou a sua «Materia Medicinal», 1555 ao Senhor Rvy Gómez de Sylua, natural da Chamusca, Principe de Eboli na Itália e de Pastrana em Castilla, Embaixador na Inglaterra, defunto em Madrid. No Governo de Felipe II (1527-1598), Gomez de Sylua encabeçou os federalistas enquanto o jovem Duque de Alba Don Juan de Áustria (1547-1578), que teve Ana de Áustria (1567-1629) com uma Maria de Mendoza do Infantado, chefiava os centralistas. Muito antes disso, do lado de cá do Tejo, em Abrantes, Amato encontrou escombros do antigo ouro romano e provou melancias rubras, doces, cheirosas e saborosas - «alii auté intus sunt rubri, & illorú quidam muschatelli dictú, odore & sapore praestantissimi, ut apud Lusitanos, Abrantini dicti, ab oppido Abrãtes dicto ... quod Tagus aurifer...» (In Dioscoridis, L.II, De Sativo cucumere. Pepo. En. 129, 1553).



Fig. 5 . Epitafios e túmulos dos Eboli

O Señor Rvy Gómez de Sylua (1516-1573) era filho de Francisco Silva e Maria de Noronha, senhores de terras em Chamusca e Ulme. Em 1526 Gomes da Silva seguiu para Madrid com o senhor Rui Teles de Menezes e Silva seu avô, no séquito da Infanta Isabel (1503-1539), noiva de Carlos V (1500-1558). Em 1552 Felipe II/ Philippe I (1527-1598) «casó con Doña Ana Mendoza y Cerda» y de Silva Cifuentes (1540-1592), filha do Príncipe de Melito, e tiveram dez filhos. Sobreviveram cinco. O segundo filho, Diego de Silva y Mendoza (1564-1630) foi Vice-rei de Portugal em 1615-21. A filha Ana de Silva y Mendoza (1560-1610) casou com o Medina Sidónia da «Armada (dita invencível)» e tiveram um João Manuel Peres de Gusmão (1579-1636) que foi pai de Luisa María Francisca de Guzmán y Sandoval (1613-1666), Duquesa de Bragança, Rainha de Portugal. O mais conhecido livro de Laguna, «Materia Medicinal», 1555 abre com seis quintilhas «Al Illustrissimo Señor Rvi Gomez de Sylua», esperando protecção junto de Phelipe II, já que «Castilla Y Portugal/ Os haran gratias como à Promotòr,/ Del que les lleva vn muy grueso caudal,/ De quantas cosas criò el Celestial,/...» para que, de entre tão grosso grosso caudal de tantas cousas de natureza Celestial, Castilla Y Portugal, portugueses em geral e albicastrenses em particular, possam apreciar os seus interessantísimos Comentários ditados ao correr da pena, apaixonados, vivos, repletos de grandes Histórias e pequenas anedotas, adágios, expressões populares, usos e costumes.



Fig. 6 . Andreas Lacuna, 1555

3 . 10 . 1547 . Didacus Mendocius & Cardenal de Mendoza

O Embaixador *Diego Hurtado de Mendoza y Pacheco*, o *Cardenal Francisco de Mendoza y Bobadilha*, os doutores *Andres Laguna (de Segovia)*, *Luis Nunes (de Santarém)* e *João Rodrigues / Amato Lusitano (de Castelo Branco)* estudaram na Universidade de Salamanca, foram *pupilos* de *Élio António, de Nebrija (1441-1522)*.

Amato recorda o Embaixador *Diego Hurtado de Mendoza y Pacheco (1503-1575)* na «*Primeira Centuria*», 1551, na 1ª Cura - «*Diuus Didacus Mendocius Caroli Quinti Imperatoris apud Venetos vigilantissimus Orator*» - e na Cura 31ª - «*vbi diuum Didacum Mendocium Caroli Quinti imperatoris, apud Venetos vigilantissimum Oratorem ægrotantem, inueni, & curauit*». Este *Diego* serviu *Carlos V* em *Londres (1537)*, *Veneza (1539-47)*, *Concílio de Trento (1545-48)*, *Roma (1547)*, *Siena (1554)*, *Bruxelas (1559)* e ajudou a vencer a «*rebelión de las Alpujarras*» (1568-70). Foi Bibliófilo e escreveu «*La guerra de Granada*», 1627, muito póstuma. Em *Veneza*, onde o *Cardeal Basílio Bessarione (1403-1472)* deixara a sua valiosa Biblioteca, adquiriu e protegeu «*novos*» documentos e livros em língua grega. No final da vida feriu-se numa perna, foi amputado e resistiu três dias. Nesse tempo, «*Del estiercol*» era medicação elegível, «*Las boñigas frescas del buey que anda paciende por las dehesas, aplicadas en forma de emplastro*» e *Laguna* comenta, em «*Annotation*»: «*Ved quan miserable y abatida cosa es el hombre, que aun del estiercol de los vilißimos animales, para biuir y conservarse, tiene neceßidad*» (A. *Laguna*: «*Materia medicinal*», Liv. II, Cap. LXXII, *Del estiercol*, 1555). Morria-se de Tétano!

Entre os apaniguados do Embaixador *Diego* contam-se *Arnoldus Arlenius* dito *Peraxylus*, editor greco-latino da «*Flavii Josephi Opera*», *Apud Hieronymus Froben and Nicolaus Episcopus*, *Basileae*, 1544 onde Amato terá encontrado o «*Compromisso dos Essenios*» que inspirou o «*Jusiurandum*»; *Alfonso de Villoa* (c.1529-*Veneza*, 1570), de que falaremos; e *Gonzalo Perez (1500-1567)*, tradutor de «*La Vlyxea de Homero*», *Anvers*, 1540; *Salamanca*, 1550; *Veneza*, 1553 sugerida nos onze versos latinos das «*Nepentes nas mãos de Helena*», «*Homero Livro 4. Odyseeæ*» do «*In Dioscoridis*», 1553, Lib. I, En. 27, *Secunda Enula*. Dir-se-à que Amato está mais próximo do «*Helena remedium inuentum*» do «*Onomamikon seu Lexicon Medicina Simplicis*», *Argentorati* (*Strasbourg*), 1543 póstumo, do *Othonis Brvnfelsii (1488-1534)* e

que *Gonzalo Perez* se satisfizes com «*una conficcion de fuerza grande*». Recorde-se que as narrativas «*Odyseeæ*» vêm do Calcolítico, acompanharam a Civilização do Ferro imposta pelos Hititas e foram, finalmente, absorvidas pela Civilização romana. Daí as referências ao Ferro, a Jove e a Jupiter adoptadas no Renascimento, terem sido posteriormente reencaminhadas à Época do Bronze, e a Zeus, em *Frederico Lourenço*: «*Homero. Odisseia*», 2003. *Gonzalo Perez* é pai do *António Perez (1540-1611)* que conspira com a *Ana Mendoza*, viúva do Príncipe de *Éboli*. Leia-se *Don Gregorio Marañón (1887-1960)*: «*Antonio Perez*», 1947, 1998. Os meios que se frequentam justificam aquilo que se lê, as ideias que se discutem, a escrita de cada um como, no caso de Amato, a presença de *Juvenal* na «*Sexta Centúria*», cura 51ª ou a transcrição de composições poéticas em «*Narrativas*» do «*In Dioscoridis*»: *Serenus Samonicos* na *Introdução*, *Angelo Politianus* em *Cyphi e Hiberide*, *Servilius Damocrates* em *Cyphi*, *Homerus* em *Enula campana*, *Marcus Valerius Martialis* em *Albericoques*, *Publio Virgilio Marão* em *Cidras*, e outros. Nesta vivência cultural, caso muito curioso são as discretas oito linhas da *Enaratione* 99ª, «*Lib. Tertium*», «*De Glutmo*» (*Hispanice, colla, grudel; Italice, colla de carnicio; Gallice, colla*) seguidas por uma linha de «*De Glutine piscium*» (En. 100ª). No início do século XX, antes da microscopia electrónica (1939), *Colagénio*, «*Cola dos ossos*», e «*Cola de peixe*» preencheram parte de um capítulo da *Histologia*. No tempo de Amato não havia *Histologia*, estas «*Enarratio XC. & En. C.*» - «*C*» da numeração romana e «*C*» de «*Cola*», - serviram para grudar três linhas de uma memorável noite vivida em *Salamanca*, rindo de «*Celestina*», encantados com «*Mabília/ Melíbea*»: «*At nos Hispanum Salmaticense, apud pontem paratum nom proculà domo Celestinæ mulieris famosissimæ, & de qua legitu in comœdia Calisti & Melibeæ, cæteris anteponimus.*» Por outro lado, uma tal reminiscência conduz directamente a *Alfonso de Villoa*, admitido muito jovem na Biblioteca de *Don Diego (1539-47)*, autodidacta que foi secretario de *Juan Hurtado de Mendoza (1547-52)*, estudou, traduziu, escreveu, publicou e intrigou, até ser descoberto e sentenciado. Do seu labor imenso ficou a «*Tragicomedia de Calisto y Malibea*» publicada em *Veneza* em 1553, que influenciou Amato; «*La Diana de Jorge de Monte mayor*», 1568»; «*L'Asia del S. Giovanni di Barros*», *In Venetia, appresso Vincenzo Valgrisis*, 1562; a «*Historia dell Indie Orientali, scoperte, & conquistate da portughesi, composti dal sig. Fernando Lopes*

di Castagneda, Venice, Appresso Giordano Zilleti, 1577-78; a «Historia (supostamente) del Fernando Colombo... dell'ammiraglio D. Christoforo Colombo, suo padre...», 1571; etc.



Fig. 7. Partilha de conhecimentos

Diego Hurtado de Mendoza y Pacheco descende do Diego Hurtado de Mendoza y Suárez de Figueroa, filho primogenito do 1º Marquês de Santillana (1398 - 1458). Dos dez filhos do Marquês de Santillana o quinto, Pedro Gonzalez de Mendoza (1428-1495) viveu na Corte de D. João II em 1452 e foi feito *Cardenal de Toledo* (1473) depois de ter dois filhos com a portuguesa Mencía de Lemos, Rodrigo Díaz de Vivar y Mendoza, conde del Cid (1462) e Diego Hurtado de Mendoza y Melito (1468), pai de Diogo Hurtado de Mendoza y Lemos, avô de Diego Hurtado de Mendoza y de la Cerda, e bisavô da Dona Ana de Mendoza que era zarolha e que Felipe II casou com o português Ruy Gómez de Sylva, Príncipe de Eboli e mecenas do Laguna.

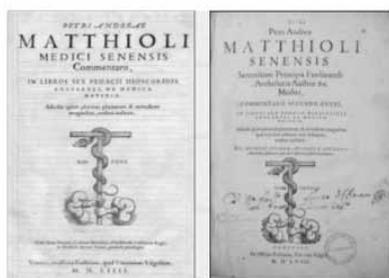


Fig. 8. Matthiolo, 1554 e 1558

O *Cardenal Francisco de Mendoza y Bobadilha* (1508-1566), segundo filho do 1º marquês de Cañete, Diego Hurtado de Mendoza y Silva (1490-1542), era irmão do 1º vice-rei do Perú, foi Camarlenço do Colégio Cardinalício em 1552-53 e governou Siena depois de 1554. Em 1547, em Roma, Laguna viveu a historieta seguinte: «...havindo se retraydo (acolhido) vn charlatã de aq(ue)stos, por miedo del Bariselo (Chefe da Polícia) al palácio del Illustríssimo y Reverendíss. Señor Cardenal de Mendoza ...»,

cansado de o ouvir falar de falsos antídotos contra as mordeduras de víboras, tentou «per suadir al tacaño, q se aplicasse outra biuora de refresco a su própria le(n)gua, y q despues se curasse» e obteve, como resposta: «dixome q no paria más su madre» (A. Laguna: *Materia Medicinal*, 1555, Lib. VI. Cap. LIIII.).

3. 11. Pedro Nunes & Tomaz de Orta, *Bachiller en Medicina*, 24 Junho 1536

Na parte final do Comentário em que alude ao *Señor Cardenal de Mendoza*, depois da «ponçoña» da víbora, Laguna recorda tempos de juventude, quando fora «pupilo» em Salamanca, «vn dia de Sant Iuan, quasi à boca da noche, quãdo todos ya desamparavã la fiesta, pe(n)sando fuesse acabada, soltarõ de improviso vn toro muy bravo, hallãdome yo à caso en medio de toda la plaça, junto a vn saludador pativerto: el qual vie(n)do su peligro & mi miedo, y sacando de flaqueza coraje, me dixo que no temiesse, porque a elle bastava el animo de encantar la fiera, y sacarme a paz & a salvo. Por donde yo assegurado de sus palabras, me puse toda via quatro passos tras el, tomãdole por escudo, hasta ver en que parava el mysterio: por quãto ya no havia orden de huyr. Mas el torillo mal encarado, q no se dava nada por palabras ni encantos, porq sin dubda devia ser Lutherano, enuistio luego cõ su merced, y le dio dos ò três bueltas biè dadas: y ansi el desue(n)turado q pe(n)sava socorrer a los otros, q(ue)do estirado y medio muerto en el corro, aun que à mi me cumplio la promessa: porque mientras el andava embuelto en los cuernos del toro, me acogi mas que de passo, y me puse en cobro: gratias a mis desembultos pies, que dexauam de correr, y bolauam. Ansi que de alli adelante ninguna fe di à semejantes chocarreiros y burladores: dado que en esto y en lo de mas, me remito al sano parecer de la Sancta yglesia que los consiente.» (*Materia Medicinal*, Lib. VI. Cap. LIIII.)



Fig. 9. Viva la Vida

Esta Anedota, relativa a uma tourada em «vn dia de Sant Iuan» pode estar relacionada com cerimónias finais de Cursos de Medicina, festejos de ostentação que incluíam o sacrifício de cinco touros na *Plaza Mayor*. Provas finais, e respectivas celebrações, eram raras em dias de São João. As listagens de Teresa Santander Rodriguez, «*Escolares Medicos en Salamanca, Siglo XVI*», 1984 indicam atribuição do grau de «*Bachiller en Medicina*» a Tomás de Orta (c.1505-1594) em 24 de Junho de 1536 (nº 2269) e registam, no mesmo dia, provas finais de um Pedro Nunes (nº2225), *quiçá* do médico e matemático que foi professor na Universidade portuguesa, em Lisboa depois de 1527 e em Coimbra, depois de 1537. Tomás de Orta será Cosmógrafo-mor em 30 de Maio de 1582, depois do Pedro Nunes *Salaciense* (1502-1578).

3 . 12 . *Morra Marta, & morra farta, adágio cristão*

Andres de Laguna, «*De los Higos, y de la leche de las higueras, y de la lexia de su ceniza*» descreve *Ficus carica* e recorda os figos «*los mas suzios y enharinados, q se pudierõ halar en el desafiadero de Salamanca*», nas disputas entre os Estudantes, havendo quem arriscasse substituir pão, que não podia pagar, por figos secos intragáveis, e indigestos. Fala ainda dos figos secos «*de Algarbe*» e apresenta, de mistura com os figos, a «*mui distinguida*» Opúncia Americana que veio do México, a «*higuera de la India, la qual en lugar de ramos, produz à manera de palas, unas hojas muy anchas, y gruesas, y encaramadas y enxeridas vnas sobre otras, y por toda a redondez armadas de subtiles espinas. El fructo de aquesta planta es à manera de breua: muy dulce, y muy dessabrido*» - e que hoje sabemos ser importantíssima fonte de Vitamina C.. Adensando confusões, na Índia dita dos portugueses, Garcia d'Orta (c.1501-c.1568) irá tentar, erradamente, atribuir o nome *Figueira da India* a uma *Musacea* que os portugueses designavam *Bananeira africana*. Para divertir o leitor, a meio do Comentário, Laguna insere uma anedota passada com um «*Portugues marintero, llamado Jorge Pirez de Almada (es digno semejante hombre, que por su singular gargueiro - bocarra - sea puesto en choronica) el qual, passando yo de Ruan à España en vn nauio de Portugueses, yhauiendo nos sucedido vna muy cruel tormenta, al tiempo que ya rotos los mastiles, y boladas las velas, todo el mundo alçaua las manos à Dios, pidiendo misericordia. Y preparandose para lo extremo, hizo me muy de priessa levantar de encima de vn cofre suyo,*

*sobre el qual yo estava tendido, philosophãdo comigo mesmo de la immortalidad del anima: y abierto el tal cofre, quando pense que sacaua algunas horas (Livro de Horas), ò cuentas (Rosário) para su deuotion, sacó vna talega de higos negros muy excellentes, y del Algarbe, que à mi parecer tenia mas de .XVJ. libras (sete a oito quilos): y sentado com vn grã descuydo y reposo à par della, no cessó de engullir, hasta que la despachó toda, dizendo, «Morra Marta, & morra farta»: y que juraua el à Dios, que pues le hauian costado muy buen dinero, no hauian los peces de gozar dellos, sino que se los tenia todos de llevar consigo en el buche. El qual hombre honrado, despues que se vio sin higos, y el peligro passado, estuuo para echarse en la mar, de puro enojo y despecho, viendo que en balde se hauia de vna vez tragado toda su hacienda» (De los Higos, Libro primero, Cap. CXLV, p. 120). Quanto ao adágio «*Morra Marta, & morra farta*», vem de uma esforçada Marta que tem uma irmã contemplativa e sonhadora chamada Maria, irmãs de Lázaro, parentes de Cristo (Lucas, «*Terceiro Evangelho*», 10, 38-42; João, «*Quarto Evangelho*», 11, 1-46).*

3 . 13 . *Mollete de Portugal, regionalismo judaico*

Os Alimentos, e as suas designações, reflectem imagens dos Povos. Em Portugal, a norte do Tejo, o termo «*molete*» acompanhou a cultura do trigo desde Covilhã, Belmonte, Guarda, Trancoso, Moncorvo e Bragança até à cidade do Porto. Não tem qualquer relação com o infeliz Jacques de Molay (1244-1314) nem com o General do exército napoleónico, que nunca existiu. Andres Laguna diz que «*Los molletes de Portugal, dado que agradan al gusto, toda via dan poco mantenimiento, hinchanse en el estomago como los hongos, ò esponjas, y enge(n)dran muchas ventosidades: por donde alla a do los hazen, les suelen justamente llamar paom de vento*» (*Del Trigo*, Lib. II, Cap. LXXVII, p. 181).

3 . 14 . *Luchas de gallos, de Londres a Japan e Timur*

De Londres, no reinado de Henrique VIII (1491-1547), Laguna diz: «*Conoci la gran virtud y valor de los Gallos, el año de.39. (1539) en Londres de Ingalaterra: adonde el Rey Henrique octavo de aqueste nõbre, tenia com grande artificio fabricado vn amphitheatro muy sumptuoso, à manera de coliseo, destinado solamente para las peleas y luchas de aquestos animaleos: en el torno y cerco del qual hauia innumeradas caponeras, pertenecientes à muchos Principes y Varones del Reyno. En medio del tal coliseo, si bien me ácuerto estava enhiesta vna como*

*colúna mocha, altaquasi palmo y medio de tierra, y tan gruesa que à penas la pudiera abraçar vn hombre. Hazianse pues estonces entre todos aquellos principes ordinariamente apuestas muy grandes, sobre la virtud y valentia de los Gallos: los qualles sacados de las caponeras ya dichas, adonde eran curados regalados com grandíssima diligencia, se poniam dos à la vez sobre aquella columna, delante de infinitos que los mirauan: y en medio dellos las joyas, y preseas, que se apostauan: las quales ganaua sempre aquel cuyo gallo vencia...» («De los Gallos y de las Gallinas». Lib. II, Cap. XLIII.p.147). Em Conimbriga, florescente desde 138 a.C. até 465, colos de senhoras romanas exibiram figurinhas de Galos e miniaturas de *phalus*, patronos da fertilidade. O Museu Nacional de Arte Antiga de Lisboa, possui um Biombo Nambam de Kano Naizen (1593-1610) com a chegada a Guifu (1571) de um «Namban jin» trotamundo que não larga o seu Galo. Em Timor do Sol nascente, galos de combate acompanharam a Guerrilha até à Independência, em 20 de Maio de 2002. E se há galos que nos deu alegrias, outros nos moem o juízo do nascer ao morrer, enxarcam-nos com vírus, nitrofuranos, hormonas e antibióticos. «Já os galos cantam/ Já os anjos se (a)levantam/ P'ra sempre, Amén Jesus». Sobram galos de Asklépio, faltam touros ao Endovélico! *Trebaronna* (nos) *prote(j)a!**



Fig. 10 . Nanban jin em Japan c.1571

3 . 15 . Pepinos de Salamanca

Amato registou a insatisfação de uma senhora que mandou castrar quantos galos tinha, confeccionou os respectivos testículos e mal administrou tal mistela ao homem com quem dormia que este prontamente a satisfiz, e a todas as criadas, três ou quatro, tornando-se necessário chamar médico, que o trava (*Segunda Centuria, 1552, Cura 81ª*). Da

passagem por Salamanca, Amado não esquece os Pepinos: «*Texens pallium mulier, cucumere deuoret*» (*In Dioscoridis, 1553, Lib. Secvndvm, En. 129*). O Senhor Matthiolo embirrou com este «*Sativo Cucumere*» e omitiu o gracejo: censura, por não as referir, mulheres de Salamanca que «*devoram pepinos debaixo dos lençóis!*» (P.A.Matthiolo: *Adversvs Amathvm, 1558, p.21*).

4 . Discussão & Resumo

Ciente das minhas limitações, ignorante do grego, do latim, e de muitas outras coisas, interessa-me a contribuição de João Rodrigues / Amato Lusitano para a conquista do Direito a uma Vida digna e ao entendimento entre todos os Seres humanos, para a definição e a dignificação do Acto médico, a História do Direito à Saúde e aos cuidados médicos e medicamentosos, laboratoriais e cirurgicos, completos, diversificados, dignos e humanizados. De alguma forma me sinto, nestas *Jornadas de Castelo Branco*, desde 31 de Março 1989, continuador de Armando Tavares de Sousa (A. Rasteiro: *Armando Tavares de Sousa (1912-2009), estudioso de Amado. In Memoriam, Cadernos de Cultura, nº 25, 2011, pp. 47-48*). Procurei incentivar leituras de textos originais e comparações, trouxe às «Jornadas» quanto alcancei, desde «*João Rodrigues de Castelo Branco e a solidariedade médica na luta contra a doença e a morte*» (*Medicina na Beira Interior, nº 1, pp. 16-18*) às «*Inulas do Columella e Dedaleiras de Fuchs na Obra de Amato Lusitano*» (*Medicina na Beira Interior, nº 28, pp. 39-45*), «*Amato Lusitano (c.1511-c.1568) Oftalmologia e Materia medica*» (*Medicina na Beira Interior, nº 30, pp.15-26*), «*Amato, Fuchs, Vesalio e a Revolução científica do século XVI*» (*Medicina na Beira Interior, nº 31, pp. 31-40*) e, no caldo da confusão linguística e incertezas etárias e culturais que presentemente nos atingem, termino com este «*Castilla y Portugal, Fuchs, Amado, Laguna e Matthiolo*».

4.1. 1553 - Amato Lusitano: *In Dioscoridis Anazarbei de Medica materia, 1553, L. I. Cap. II, De Acoro*, página 6, informa que o «*Author Ioannes Rodericus Lusitanus est dictus Doctor Amatus*» e, na página seguinte, elogia o «*magno artificio cōfecto herbario*» de Leonardus Fuchsius, «*De Historia stirpium, Officina Isingriniana, Basileae, 1542*. No *Lycium*, prevenindo críticas, Amato alerta para a má qualidade do produto disponível nas Oficinas e conclui: «*Est porro lycium Indicum ad omnia valentius*» («*In Dioscoridis, 1553, Liber primvm, Enarratio 122, De Lycio*», p. 122).

4.2. 1554 - Pietro Andrea Matthiolo: «*Commentarii, in libros sex Pedacii Dioscoridis anazarbei, De medica matéria*», Venetij (Veneza), apud Vincentinum Valgrisium, 1554 Livro primeiro, Cap. 114, «*Lycivm*», pp. 113, reprovava a substituição do Guaiaco pelo Buxo («*Quorundam opinio reprobata*») e assinala um único responsável, «*ut in secunda centúria Amatus Lusitanus afferere uidetur*». A *Officina Ex Erasmiana de Vicentij Valgrisij* imprimiu Livros de ambos, nomeadamente «*Segunda Centuria*», 1552 de Amato e «*Commentarii*», 1554 de Matthiolo.

4.3. 1555 - Andres Laguna: «*Pedacio Dioscoridis Anazarbeo, Acerca de la Materia Medicinal*», 1555 fala do «*doctor Amado*» em «*Antylide*» (L.3º, Cap. 147) e em «*Unguento Elatino*» (L.1º, Cap.40).

4.4. 1558 - Pietro Andrea Matthiolo «*Commentarii secvndo aucti in libros sex Pedacii Dioscoridis anazarbei, De medica matéria*», Venetij (Veneza), apud Vincentij Valgrisij, 1558 ataca conjuntamente Amato Lusitano e Leonhart Fuchs em «*Anthyllii*», L. III, Cap. CXXXVI. (136) p. 495.

4.5. - *Acoro, Lycium e Antylide*, ajudam a esta-

belecer precedências: - Amato (1536) - Fuchs (1542) - Matthiolo (1544) - Laguna (1555).

5. Conclusão

1552 foi o Ano de consagração do médico Amato Lusitano. «*Secunda centuria*» é a Obra que o consagra. Antecipa «*In Dioscoridis*», aguardado desde 1551. O Embaixador Diego Hurtado de Mendoza (1503-1575), e alguns dos seus apaniguados, Amigos de Amato, podem ter facilitado o acesso à «*Officina ex Erasmiana*» dois anos antes dos «*Commentarii*», 1554 de P. A. Matthiolus, que citam a «*Segunda centuria*».

A «*Materia Medicinal*», 1555 de Laguna citará o «*In Dioscoridis*», 1553 e logo os «*Commentarii*», 1558 de Matthiolo juntam Amato e Fuchs (P.A. Matthiolo: «*Commentarii*», III, Cap. 136, *Anthyllii*, 1558).

«*Quinta e Sexta Centuria*», *Ex Officina Valgrisiana*, 1560 sobreviveram por intervenção de Henrique Nunes que, em diversas ocasiões, utilizou outras identidades, Abraão Cathalano, Abraão Benveniste, Gomes Camelo, ...

A «*Centuria Septima*», *Venetis, Apud Vicentium Valgrisium*, 1566, *Cura 41*, recorda Nicolao Stopio e associa a «*mordedura de um cão raivoso*» a um «*Recolector de raízes de Siena*», Matthiolo, com um *t* e um *th*, um *táu*(τ) e um *téta* (ϑ).



*(FMUC - Faculdade de Medicina, Universidade de Coimbra, Portugal)

ECONOMIA EDITORIAL E PUBLICITÁRIA NA REVISTA *AMATUS LUSITANUS*

*Victoria Bell**

*Ana Leonor Pereira***

*João Rui Pita****

Introdução

A revista *Amatus Lusitanus* iniciou a sua publicação em dezembro de 1941¹. Permaneceu em circulação durante nove anos, sendo o último número publicado em outubro de 1950.

Durante este período esta revista, intitulada *Revista de Medicina e Cirurgia*, divulgou estudos pioneiros de investigação científica realizados por autores portugueses² e trabalhos de revisão e de atualização de âmbito médico-científico. Elaborada e estampada na década de quarenta é uma revista áurea na época, dada a galeria de autores que nela publicaram, o tipo de artigos e o corpo de médicos e cientistas responsáveis pela sua publicação.

No presente artigo, que resulta de uma investigação em curso sobre o periódico, damos a conhecer alguns resultados sobre a economia editorialepublicitáriada revista. A nossa investigação debruçou-se sobre a instituição promotora da revista a Livraria Portugal, suas eventuais redes de relações estabelecidas e protagonistas.

Os agentes financiadores da publicação ao longo de todos os anos de existência da revista também foram objeto do nosso estudo. Foi feito o levantamento de toda a publicidade da revista, estando a ser estudada por categorias de modo a permitir concluir sobre o que era mais publicitado, as instituições envolvidas, assim como a finalidade dos produtos e dos medicamentos anunciados. No presente estudo apresentamos alguns resultados

para o primeiro volume da revista, constituído por 11 números e publicado entre 1941 e 1942.

Caracterização sumária da revista

A direção inicial da revista foi constituída por Reinaldo dos Santos, Pulido Valente e A. Celestino da Costa. A redação composta por João Cid dos Santos, Juvenal Esteves, José Cutileiro, Ruy Hasse Ferreira, António de Castro Caldas, Jorge da Silva Horta, António G. de Sousa Dias, G. Jorge Jans e A. Ducla Soares. Os secretários da redação foram Alberto de Sousa (não participa a partir do volume II), António G. de Sousa Dias e G. Jorge Jans³. Todos nomes fortes da vida científica e cultural portuguesa.

A partir de 1945, no volume IV, a revista expandiu a sua linha de ação, passando a contar com uma delegação no Porto e outra em Coimbra. Aureliano da Fonseca surge como o delegado da redação no Porto e F. A. Gonçalves Ferreira como o delegado de Coimbra. Estes clínicos eram, igualmente, dois nomes de referência na medicina e na vida cultural portuguesa da época.

A nota introdutória do primeiro exemplar, do primeiro volume, caracteriza a revista como sendo uma revista médica, cirúrgica e das especialidades, sendo o seu público-alvo os profissionais de saúde e estudantes de medicina. A mesma nota introdutória refere que os artigos serão curtos, com interesse prático e imediato tendo como objetivo informar com seriedade, variedade e imparcialidade sobre as novas ideias terapêuticas.

Na nota, anteriormente referida, é dado destaque à rubrica *Revista Geral e Lições e Conferências* onde, de acordo com a mesma, serão apresentados “estudos particularmente interessantes pela actualização dos problemas novos, controversos ou

1 Estudo realizado no âmbito das atividades de investigação do Grupo de História e Sociologia da Ciência e da Tecnologia do CEIS20, Universidade de Coimbra (Fundação para a Ciência e a Tecnologia-FCT)

2 Já em artigo anterior tivemos oportunidade de referir alguns estudos de investigação relevantes como é o caso do artigo LAMAS, A. — Penicilina intra-arterial. *Amatus Lusitanus*. 4:3 (1945) 165–171. Neste estudo Augusto Lamas descreve a utilização da penicilina durante os meses de junho e julho de 1944, no Hospital de D. Estefânia, em Lisboa. Estas utilizações de penicilina foram das primeiras em Portugal. Cf. BELL, Victoria; PEREIRA, Ana Leonor; PITA, João Rui — Amato Lusitano: construir e fazer perdurar a memória. O nome de Amatus Lusitanus em periódico científico-médico na década áurea do nacionalismo português novecentista. *Cadernos de Cultura. Medicina na Beira Interior da Pré-História ao Século XXI*. 32 (2018) 9-16.

3 Veja-se: BELL, Victoria; PEREIRA, Ana Leonor; PITA, João Rui — Amato Lusitano: construir e fazer perdurar a memória. O nome de Amatus Lusitanus em periódico científico-médico na década áurea do nacionalismo português novecentista. Art.cit.

em via de transformação” e é dado ainda destaque à rubrica *Bibliografia Médica de Língua Portuguesa* que apresenta um sumário e uma análise das principais publicações do Brasil e Portugal.

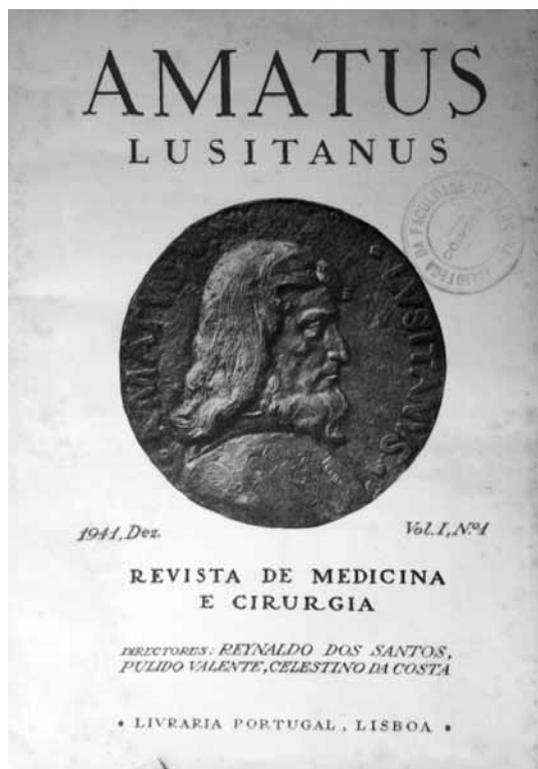


Fig. 1 - Capa do primeiro número da revista *Amatus Lusitanus*

Além destas rubricas, existem outras. Algumas são constantes e aparecem em todos os volumes da revista, como os *Trabalhos Originais* e *Notas Científicas*. Outras como *Notas Históricas* e *Notas Laboratoriais* só surgem em alguns volumes. A tabela seguinte, elaborada a partir de dados recolhidos no decurso da nossa investigação, apresenta a distribuição das rubricas nos diversos volumes da revista.

Rubricas	Volumes						
	I	II	III	IV	V	VI	VII
Bibliografia							X
Editoriais	X	X	X	X			
Lições e Conferências	X	X	X	X	X	X	X
Medicina Prática			X				
Notas Clínicas	X	X	X	X	X	X	X
Notas Epidemiológicas				X			
Notas Estatísticas			X	X			
Notas Históricas							X
Notas Laboratoriais			X				X
Notas Medicina Legal				X			
Notas para o Médico Prático					X		
Notas Terapêuticas			X				

Rubricas	Volumes						
	I	II	III	IV	V	VI	VII
Problemas da Actualidade	X	X	X		X		X
Publicações Estrangeiras Livros	X	X	X	X	X		
Publicações Estrangeiras Revistas	X	X	X	X	X		
Publicações Portuguesas Livros	X		X		X		
Publicações Portuguesas Revistas	X	X	X	X	X		
Revistas Gerais	X	X	X	X	X	X	X
Sociedades Científicas		X	X	X	X	X	X
Trabalhos Originais	X	X	X	X	X	X	X
Vária	X	X	X	X	X	X	X

Tabela 1 - Distribuição das diversas rubricas nos volumes da revista *Amatus Lusitanus*

Na introdução da revista, no primeiro número, inscreve-se que o periódico “tem ainda uma ambição, que a formação espiritual do seu patrono lhe impunha: a de ser um traço de união médica e de intercâmbio cultural com os países a que mais estreitamente o ligam a História e as afinidades da Língua (...) Entra-se na Revista por um pórtico que Raúl Lino compos e desenhou com a elegante dignidade do seu gosto. É logo uma promessa de que não será vulgar. Nele se ostenta o perfil de Amatus ao qual, por sortilégio de talento, Francisco Franco deu vida espiritual, nobreza e força evocativa”⁴.

Na conceção gráfica da capa da revista *Amatus Lusitanus* temos, então, associados os nomes de vultos da arquitetura e da escultura portuguesa, Raúl Lino e Francisco Franco.

A lista de autores da revista é substancial, não só pela variedade dos mesmos como pelo seu prestígio. Nela publicaram alguns dos mais distintos médicos e cientistas portugueses da época, como se pode verificar através da Tabela 2.

Autores da revista <i>Amatus Lusitanus</i>	F	L
	F. A. Gonçalves Ferreira	L. de Castro Freire
	F. Cabral Sacadura	L. Morais Zamith
	F. Conceição Correia	L. Pinto Basto
A	F. de Freitas Simões	Laura Ayres
A. Carneiro de Moura	F. Galdes Borba	Leonal de Oliveira Rodrigues

⁴ BELL, Victoria; PEREIRA, Ana Leonor; PITA, João Rui — Amato Lusitano: construir e fazer perdurar a memória. O nome de Amatus Lusitanus em periódico científico-médico na década áurea do nacionalismo português novecentista. Art.cit. pp. 4-5.

A. César Anjo	F. Lopes Soares	Leonel Cabral
A. da Costa Quinta	F. Oliveira Pinto	Leopoldo Lares
A. de Moura e Sá	F. Serra de Oliveira	Lopes de Andrade
A. Emílio da Silva	F. Silva Tavares	Lopo de Carvalho
A. Fernandes Ferreira	F. Wuhmann	Ludgero Pinto Basto
A. Ferraz Junior	Fernando Barros	Luís Raposo
A. Fieschi	Fernando da Conceição Rocha Faria	Luís Ré
A. Lino Ferreira	Fernando de Almeida	Luís Simões Ferreira
A. Marques Cardoso	Fernando Nogueira	M
A. Meyrelles do Souto	Fernando Sabido Silva	M. Arsénio Nunes
A. Morais David	Filipe da Costa	M. Caiero Carrasco
A. Puigvert Gorro	Fortunato Levy	M. da Silva Leal
A. Silvestre de Freitas	Francisco Freire	M. Macedo
Abel Sampaio Tavares	Francisco Freire Júnior	M. Mesquita Guimarães
Albano de Nunes Melo	Francisco José C. Cambournac	Machado Macedo
Albano Novais Rebelo	Francisco Pereira Viana	Manuel Farmhouse
Alfonso Dias Cardama	Frederico Madeira	Manuel Frazão
Aluísio Marques Leal	Friedrich Wohlwill	Manuel Mesquita Guimarães
Álvaro Ramos Chaves	G	Mário de Alenquer
Alves de Sousa	G. Jorge Janz	Mário Trincão
Amândio Tavares	H	Martins da Silva
Angel Jorge Echeverri	Heitor Quintas	Meneres Sampaio
António Carneiro de Moura	Henrique Meleiro de Sousa	Morais David
António de Castro Caldas	Herculano Coutinho	N
António de Vasconcelos Marques	Herménio Inácio de Cardoso Teixeira	Neves Sampaio
António Dias Viegas	Humberto Madureira	Norton Brandão
António E. Mendes Ferreira	I	O
António Gonçalo de Sousa Dias	Ibérico Nogueira	Óscar Cardoso
António Matos	J	Oscar Fragoso
António Vasconcelos Marques	J. A. De Campos Henriques	Óscar Moreno
Armando Ducla Soares	J. Bello de Moraes	P
Arnaldo Tanissa	J. Cid dos Santos	Pedro Mayer Garção
Arsénio Cordeiro	J. Gouveia Monteiro	Pedro Polónio
Artur de Oliveira	J. H. Cascão de Anciães	Pereira Caldas
Augusto Lamas	J. J. Fagundes	Pereira da Conceição
Aureliano Fonseca	J. J. Mendes Fagundes	Pinto Monteiro
Ayres de Azevedo	J. L. da Silva Leitão	R
B	J. M. Lopes Guerreiro	R. Afonso Coelho
Barahona Fernandes	J. Moniz de Bettencourt	Raúl Carrega
Belo Morais	J. Moura Monteiro	Renato Gonçalves Pereira
Bernardino de Pinho	J. Pais Ribeiro	Renato Trincão
Bronja Finkler	J. Paiva Chaves	René Levice

C	J. Pereira Leite	Reynaldo dos Santos
C. Freire de Andrade	Jacinto de Andrade	Robert A. McCance
C. Gomes de Oliveira	Jácome Delfim	Rodolfo Iriante Peixoto
Caeiro Carrasco	Jacques Resina	Rogéria de Matos
Candido da Silva	Jaime Celestino da Costa	Rogério Peres
Cândido da Silva	João Avelar Maia de Loureiro	Ruy Hasse Ferreira
Carina Antas Abreu	João de Castro	Ruy Puga
Carlos Barbosa	João de Oliveira e Silva	S
Carlos Jorge	João Filipe Rêgo	S. F. Gomes da Costa
Carlos Trincão	João José Paredes	Sá Penella
Carneiro de Moura	João Manuel Bastos	Santana Rodrigues
Celestino da Costa Maia	Joaquim da Gama Imaginário	Serra Pratas
Celso França	Joaquim Fontes	Silva Nunes
CH. Wunderly	Jorge Bráz	Simplicio dos Santos
Cordeiro Ferreira	Jorge da Silva Horta	T
D	José Botelho	Tito de Noronha
Dias Amado	José Carlos Craveiro Lopes	Tito Pistone
Diogo Furtado	José Cutileiro	Tito Soares Simões
E	José do Souto Teixeira	V
E. Lopes Soares	José Filipe Costa	Vaz de Sousa
Eduardo Coelho	José Garrett	Vicente Rocha
Egas Moniz	José Pires Gonçalves	Viriato Garrett
Egídio Gouveia	José Roda	Z
Emídio Ribeiro	José V. de Sousa Dias	Zeferino Paulo
Emilio Gil Vernet	Juvenal Esteves	

Tabela 2 - Autores que publicaram na revista *Amatus Lusitanus*. Em letra mais carregada encontramos alguns nomes de destaque na história da medicina e da ciência portuguesas.

A revista propunha a publicação de um volume por ano. Cada volume seria constituído por dez números, com publicação mensal, interrompida em agosto e setembro. A subscrição anual em Portugal (continental, ilhas e colónias), teria o custo de 100\$00⁵ e no estrangeiro de 120\$00⁶. Os assinantes receberiam gratuitamente qualquer número especial da revista que fosse publicado. Os números da revista também poderiam ser adquiridos avulso por 12\$00⁷.

5 Aproximadamente € 0.5 (na conversão para euros).

6 Aproximadamente € 0.6 (na conversão para euros).

7 Aproximadamente € 0.06 (na conversão para euros).

A instituição editora: a Livraria Portugal

A Livraria Portugal foi inaugurada em 5 de maio de 1941, na Rua do Carmo em Lisboa. Era propriedade da firma Dias & Andrade Lda. (Pedro de Andrade e Raúl Luís Dias) que havia sido constituída naquele ano. Os proprietários (sócios-gerentes) eram igualmente detentores da Livraria Portugália situada na mesma rua de Lisboa. A Livraria Portugália, muito prestigiada na época, havia sido adquirida pela referida firma em 1937. Em 1954 a Livraria Portugália desapareceu, surgindo a Portugália Editora sob a direção de Pedro de Andrade e Henrique Pinto (também sócio da Livraria Portugal).

Segundo texto da própria Livraria: "A abertura (...) constituiu um acontecimento importante nos meios intelectuais, técnicos e científicos. A nova livraria vai dedicar-se à divulgação de todas as obras necessárias à vida moderna, abrangendo todos os ramos da atividade mental. Na Livraria Portugal há as secções de livros portugueses, franceses, espanhóis, americanos, brasileiros e alemães. Outras secções serão montadas à medida que a guerra o permita. Tudo é feito no sentido de o público poder acompanhar o movimento literário e científico de todos os países". Na Livraria existia uma componente científica forte. Estavam disponíveis livros de: medicina, medicina veterinária, agronomia, agricultura, desporto, tecnologia, ciências puras e aplicadas.

A publicação de uma revista de medicina e cirurgia, no entender da gerência da Livraria Portugal, "vem ocupar uma lacuna importante, há muito sentida, na imprensa médica portuguesa"⁸. Em carta enviada aos futuros leitores, datada de dezembro de 1941, a gerência da Livraria Portugal justifica o nome da revista: "...Não é apenas uma bela interpretação da modesta iconográfica de *Amatus*; é a evocação mais sugestiva do espírito humanista do Renascimento e, só por si, um programa de cultura universalista que a medicina portuguesa, nas suas melhores tradições – de *Amatus* a Ribeiro Sanches - soube encarnar e que os colaboradores desta revista se esforçarão de não desmerecer. Por tudo, parece-nos inteiramente justificada a nossa entusiástica esperança no êxito deste empreendimento arrojado"⁹.



Fig. 2 - Foto do exterior da Livraria Portugal¹⁰



Fig. 3 - Foto do interior da Livraria Portugal¹¹

Alguns dados da revista *Amatus Lusitanus*

Conforme referimos a revista *Amatus Lusitanus* iniciou a sua publicação em dezembro de 1941. O último número da revista foi publicado em outubro de 1950. Durante este período foram publicados 67 números da revista, distribuídos por sete volumes.

A publicação da revista foi viabilizada graças a publicidade inserta em todos os seus números. A nossa investigação permitiu apurar que no decurso do primeiro ano foram publicadas 94 variedades anúncios de acordo com tipologias diferentes, ou seja, no Volume I foram publicados 182 anúncios o que confere uma média de cerca de 17 anúncios por número da revista. As instituições farmacêuticas que publicitaram no primeiro ano da revista e a quantidade de anúncios publicados por cada uma delas encontram-se descritos na tabela 3.

8 Carta enviada aos futuros leitores pela Livraria Portugal. Documento avulso enviado com o nº 1 da revista. Arquivo de João Rui Pita.

9 Idem.

10 Foto de documento avulso sobre a Livraria Portugal enviado com o nº 1 da revista. Arquivo de João Rui Pita.

11 Foto de documento avulso sobre a Livraria Portugal enviado com o nº 1 da revista. Arquivo de João Rui Pita.

Instituição farmacêutica	Quantidade de anúncios
A. Wander	5
Bayer	3
Ciba	1
E. Merck	6
Farmácia Albano	1
Farmácia Silva Carvalho	1
Laboratório Farmacológico de J.J. Fernandes	8
Laboratório Nemosi	1
Laboratório Únitas	1
Laboratórios da Companhia Portuguesa de Higiene	3
Laboratórios da Farmácia Azevedos	1
Laboratórios da Farmácia Barral	15
Laboratórios Dausse	1
Laboratórios do Instituto Pasteur de Lisboa	6
Laboratórios Jaba	4
Laboratórios Lab	6
Laboratórios Novil	1
Nestlé- Sociedade de Produtos Lácteos	5
Sandoz	7
Schering	2
Seixas Palma	2
Société Parisienne D'Expansion Chimique "Specia"	9

Tabela 3. Instituições farmacêuticas que publicitaram no Volume I da revista *Amatus Lusitanus*

Além das instituições farmacêuticas, outras instituições, como empresas de material e equipamento médico e científico, também publicitaram no primeiro volume da revista *Amatus Lusitanus*. Empresas com publicidade nos primeiros 11 números da revista: Georg Wolf/Carl Zeiss; Leitz Ortholux; Películas de Raios X Ferrania; Siemens Reiniger; Electrolux; Electromedicina; Ritter A.G. Karlsruhe; Fábrica de Chocolates Favorita; Livraria Portugal; Livraria Portugália; Gráfica Santelmo; Agência Havas.

Deve salientar-se que num contexto internacional de Guerra Mundial, os anos 40 correspondem a um período de afirmação da indústria farmacêutica portuguesa sendo de destacar a política governamental de organização das estruturas de produção e comércio de medicamentos e ainda de avaliação da qualidade dos medicamentos. Lembre-se que a Comissão Reguladora dos Produtos Químicos e Farmacêuticos foi fundada em 1940 e vira uma página na organização do mundo da farmácia e do medicamento¹². A produção industrial de medicamentos com penicilina veio, igualmente, suscitar

12 Cf. SOUSA, Micaela Figueira de; PITA, João Rui; PEREIRA, Ana Leonor — Farmácia e medicamentos em Portugal em meados do século XX. O papel da Comissão Reguladora dos Produtos Químicos e Farmacêuticos (1940). CEM. Cultura, Espaço & Memória. 5 (2014) 11-26.

mudança de muitos processos na industrialização do medicamento¹³. As unidades produtoras de medicamentos a partir de meados dos anos 40, isto é, imediatamente no pos-guerra entraram numa nova lógica técnica e científica, sendo a publicidade uma aliada decisiva para os êxitos económicos, científicos e terapêuticos das indústrias farmacêuticas.

Entre os medicamentos mais publicitados na *Amatus Lusitanus* surgem: Bioluetil (8 vezes); Famalca (8); Salibi (6); Lipobiase (5), algumas vezes em associação com outros produtos do laboratório produtor.

Estes medicamentos apresentam diferentes finalidades terapêuticas. De seguida fazemos uma breve descrição de cada um dos medicamentos mais publicitados no primeiro volume da revista *Amatus Lusitanus*.

Bioluetil era um medicamento do Laboratório Seixas Palma, uma instituição portuguesa. Era apresentado como "anti-luético", isto é, um medicamento para o combate à sífilis. Administrado por via injetável. Nada é dito sobre a sua composição, referindo-se apenas que tem "máxima eficiência, máxima tolerância e máxima inocuidade" e que, simultaneamente, apresenta "mínima ação tóxica, mínima ação nociva, mínima ação organotropa maléfica". Era Depositário Geral: Vicente Ribeiro & Carvalho da Fonseca, Lda, em Lisboa.



Fig. 4 - Publicidade ao medicamento Bioluetil, *Amatus Lusitanus*, 1:1(1941)

13 Cf. BELL, Victoria; PITA, João Rui; PEREIRA, Ana Leonor — A introdução da penicilina nos Hospitais da Universidade Coimbra, Portugal (1944-1946). *Asclepio. Revista de Historia de la Medicina y de la Ciencia*. 68:1 (enero-junio 2016) p. 137 [16 p.] <http://dx.doi.org/10.3989/asclepio.2016.16>; BELL, Victoria; PITA, João Rui; PEREIRA, Ana Leonor — Regulação, circulação e distribuição da penicilina em Portugal (anos 40 e 50 do século XX). *Dynamis. Acta Hispanica ad Medicinae Scientiarumque Historiam Illustrandam*. 37:1 (2017) 159-186. <http://dx.doi.org/10.4321/S0211-95362017000100008>

Famalca: era apresentado como “Farinha com extracto de malte — sais de cálcio. Isenta de leite. O anúncio feito sempre em ¼ de página apresenta o resultado das análises realizadas pelo professor da Faculdade de Medicina e da Faculdade de Farmácia da Universidade do Porto. O anúncio coloca os resultados da análise, referindo que tem 385,20 caloria / 100 gramas e a composição encontrada era de: hidratos de carbono, 82,90; gorduras, 0,94; proteínas, 8,20. Por estas razões os produtores da farinha concluíam que era “o alimento indispensável aos organismos fracos e às crianças de todas as idades”. A Famalca era produzida pela Fábrica de Chocolates Favorita.

Famalca

Farinha com extracto de malte — sais de cálcio
ISENTA DE LEITE

Conclusão da análise, feita pelo Professor da Faculdade de Medicina Dr. Alberto de Aguiar

Número de calorías encontradas:
385,20 por cada 100 gramas

Correspondem à composição encontrada:

Hidratos de carbono.....	82,90
Gorduras	0,94
Proteínas	8,20

São estas vantagens que tornam a FARINHA FAMALCA o alimento indispensável aos organismos fracos e às crianças de todas as idades

Produto da secção dietética da
FÁBRICA DE CHOCOLATES Favorita

Fig. 5 - Anúncio à farinha alimentar Famalca, Amatus Lusitanus, 1:1(1941)

Salibi: era uma suspensão oleosa injetável de salicilato de bismuto em dispersão muito fina. 0,06 g por cm³. Tratava-se de um produto dos Laboratórios do Instituto Pasteur de Lisboa. No anúncio refere-se: “Quatro anos de investigações e ensaios, feitos de colaboração com um serviço clínico hospitalar da especialidade, revelaram a eficiência do salibi, a par de uma perfeita tolerância local e geral”.

SALIBI

SUSPENSÃO OLEOSA DE SALICILATO BÁSICO DE BISMUTO
EM DISPERSÃO MUITO FINA.
0,06 GRS. DE BI METÁLICO POR CC.

QUATRO ANOS DE INVESTIGAÇÕES E ENSAIOS, FEITOS DE COLABORAÇÃO COM UM SERVIÇO CLÍNICO HOSPITALAR DA ESPECIALIDADE, REVELARAM A EFICIÊNCIA DO SALIBI, A PAR DE UMA PERFEITA TOLERÂNCIA LOCAL E GERAL.

LABORATÓRIOS
DO
INSTITUTO PASTEUR DE LISBOA

Fig. 6 - Anúncio ao medicamento Salibi, Amatus Lusitanus, 1:11(1942)

Lipobiase: era um medicamento produzido pelo Laboratório Farmacológico de J.J. Fernandes, Limitada. O Lipobiase surge na publicidade muitas vezes associado a outros medicamentos no mesmo anúncio. Lipobiase era uma “emulsão contendo extracto de óleo de fígados de bacalhau concentrado no vácuo, que conserva as vitaminas A e D do óleo, os seus produtos halogenados e alcaloides”. Recomendava-se nos casos de raquitismo, escrofulose, fraqueza geral, carências de vitaminas A e D. Apresentava-se em frascos de 380 g e frascos de 175 g.

CONSULTÓRIO MÉDICO

LIPOBIASE

Preparação: Escrofulose, fraqueza geral e em todos os casos em que haja carência de vitaminas A e D, em especial a

LIPOBIASE

Exatidão do extracto de óleo de fígado de bacalhau concentrado no vácuo, que conserva as vitaminas A e D do óleo, os seus produtos halogenados e alcaloides.

LIPOBIASE

Quanto mais se conhece sobre o óleo de fígado de bacalhau, mais se sabe a importância, tanto para o organismo humano quanto para o organismo dos animais, de uma boa preparação desse óleo.

LIPOBIASE

Apresenta-se em frascos de 380 grs. e frascos de 175 grs.

Este produto português do LABORATÓRIO FARMACOLÓGICO DE J. J. FERNANDES, LIMITADA LISBOA — Rua Filipe de Maia, 30 — Telef. 44000 — PORTUGAL encontra-se à disposição da Excelentíssima Classe Médica

CERIMALTE

Exatidão do extracto de óleo de fígado de bacalhau concentrado no vácuo, que conserva as vitaminas A e D do óleo, os seus produtos halogenados e alcaloides.

CERIMALTE

Quanto mais se conhece sobre o óleo de fígado de bacalhau, mais se sabe a importância, tanto para o organismo humano quanto para o organismo dos animais, de uma boa preparação desse óleo.

CERIMALTE

Apresenta-se em frascos de 380 grs. e frascos de 175 grs.

Fig. 7 - Anúncio ao medicamento Lipobiase, Amatus Lusitanus, 1:2(1942)

Os medicamentos publicitados apresentam um leque estreito de finalidades sendo frequente a publicidade a vitaminas, tónicos, medicamentos para sífilis e gonorreia, medicamentos sedativos, estabilizadores do sistema nervoso.

A publicidade a sulfamidas provenientes de diversos laboratórios é também muito frequente.

Também se deve assinalar a publicidade às instituições promotoras da revista: a Livraria Portugal e também a Livraria Portugalígia cuja presença é efetiva em todos os números da revista.

Considerações finais

A revista *Amatus Lusitanus* resulta de um esforço editorial da Livraria Portugal numa década de crescimento e afirmação de Portugal, apesar do contexto da II Guerra Mundial e de todas as questões a jusante de 1945

Para garantir a edição houve o recurso a diversas instituições, indústrias farmacêuticas na generalidade, mas também empresas de material e equipamento médico e científico. A publicidade foi feita por empresas nacionais e estrangeiras.

Entre os medicamentos mais publicitados surgem as vitaminas e tónicos, bem como medicação para a sífilis e alguns medicamentos para psiquiatria.

De notar que nesta década de 40 se configuram dois fármacos que se virão a instalar a partir de meados do século XX e que alteram substancialmente a geografia e a demografia da saúde pública, privada e social. Referimo-nos em primeiro lugar à penicilina, e, mais tarde, no início da década de 50, à clorpromazina.

Fontes e Bibliografia

Fontes

- Amatus Lusitanus. Revista de Medicina e Cirurgia. Volume I a VII (1941-1950)
- LAMAS, A. — Penicilina intra-arterial. *Amatus Lusitanus*, 4(3) (1945) 165-171

Bibliografia

- ALVES, Manuel Valente — História da medicina em Portugal. Origens, ligações e contextos. Porto: Porto Editora, 2014
- BAPTISTA, A. Poiães — Os caminhos da Dermatologia portuguesa. in VELOSO, A.J. Barros (Coord.) - Médicos e Sociedade. Para uma história da medicina em Portugal no século XX. Lisboa: By the book, 2017, pp. 229-244
- BELL, Victoria — Introdução dos antibióticos em Portugal: ciência, técnica e sociedade (anos 40 a 60 do século XX) estudo de caso da penicilina. Coimbra: [s.n.], 2014. Tese de doutoramento.
- BELL, Victoria; PITA, João Rui; PEREIRA, Ana Leonor — A introdução da penicilina nos Hospitais da Universidade de Coimbra, Portugal (1944-1946). *Asclepio. Revista de Historia de la Medicina y de la Ciencia*. 68:1 (enero-junio 2016) p. 137 [16 p.] <http://dx.doi.org/10.3989/asclepio.2016.16>

- BELL, Victoria; PITA, João Rui; PEREIRA, Ana Leonor — Regulação, circulação e distribuição da penicilina em Portugal (anos 40 e 50 do século XX). *Dynamis. Acta Hispanica ad Medicinam Scientiarum que Historiam Illustrandam*. 37:1 (2017) 159-186. <http://dx.doi.org/10.4321/S0211-95362017000100008>
- COELHO, Aloísio M. — Gonçalves Ferreira visto de perto. In Francisco António Gonçalves Ferreira. Livro de Homenagem. Lisboa, 1995. p. 113-123.
- COELHO, Aloísio M. — In Memoriam. In Francisco António Gonçalves Ferreira. Livro de Homenagem. Lisboa, 1995. zp. 11-16
- CORREIA, Manuel — Egas Moniz no seu labirinto. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2013
- COSTA, J. Celestino da - Reynaldo dos Santos - personalidade singular (1880-1980) *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*. 145:4 (1981) 249-265'
- COSTA, J. Celestino da — No centenário de Pulido Valente. *Notícias Médicas*. 14:1344 (1985) 2; 6-8.
- COSTA, J. Celestino da — Pulido Valente e a educação médica. *Boletim da Faculdade de Medicina de Lisboa*. 3 (1985) 4-8
- COSTA, J. Celestino da — A. Celestino da Costa e a sua época. *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*. 149:6 (1985) 368-375
- FRANÇA, José-Augusto — A Arte em Portugal no Século XX: 1911-1961. 2ª ed. revista. Venda Nova: Bertrand Editora, 1985.
- MESQUITA-GUIMARÃES, José — O Professor Aureliano da Fonseca – Breve nota biográfica. *Revista da Sociedade Portuguesa de Dermatologia e Venereologia*. 74:1 (2016) 13.
- PITA, João Rui — História da farmácia. 3ª ed. revista. Coimbra: MinervaCoimbra, 2007.
- PITA, João Rui — Para uma história da publicidade farmacêutica em Portugal. In: DUARTE, António Groen — *Infarmed 15 anos*. Lisboa: Ministério da Saúde / Infarmed, 2008, p. 31-39
- PITA, João Rui; PEREIRA, Ana Leonor — A Europa científica e a farmácia portuguesa na época contemporânea. *Estudos do Século XX*. 2 (2002) 231-265.
- SOUSA, Micaela Figueira de; PITA, João Rui; PEREIRA, Ana Leonor — Farmácia e medicamentos em Portugal em meados do século XX. O papel da Comissão Reguladora dos Produtos Químicos e Farmacêuticos (1940). *CEM. Cultura, Espaço & Memória*. 5 (2014) 11-26.
- TORGAL, Luís Reis — O modernismo português na formação do Estado Novo de Salazar. António Ferro e a semana de Arte Moderna de São Paulo. In estudos em Homenagem a Luís António de Oliveira Ramos. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004, pp. 1085-1102.
- VELOSO, A.J. Barros — Reynaldo dos Santos: um caso singular da medicina e da cultura, in VELOSO, A.J. Barros (Coord.) — Médicos e Sociedade. Para uma história da medicina em Portugal no século XX. Lisboa: By the book, 2017, pp. 278-297.

* Professora da Faculdade de Farmácia (Laboratório de Sociofarmácia e Saúde Pública); Investigadora do Grupo de História e Sociologia da Ciência e da Tecnologia do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX-CEIS20. Universidade de Coimbra. Email:victoriabell@ff.uc.pt.

** Professora da Faculdade de Letras (Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes); Investigadora e coordenadora científica do Grupo de História e Sociologia da Ciência e da Tecnologia do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX-CEIS20. Universidade de Coimbra. Email:aleop@ci.uc.pt.

*** Professor da Faculdade de Farmácia (Laboratório de Sociofarmácia e Saúde Pública); Investigador e coordenador científico do Grupo de História e Sociologia da Ciência e da Tecnologia do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX-CEIS20. Universidade de Coimbra. Email:jrpita@ci.uc.pt.

DAS VÍBORAS EM AMATO LUSITANO AO IMAGINÁRIO POPULAR DA BEIRA BAIXA

*Maria Adelaide Neto Salvado **



A ligação simbólica entre as serpentes e a medicina

Percorrendo como uma constante todas as culturas da Terra, a serpente é o mais complexo dos símbolos animais usados pelo Homem.

Tentando uma explicação para a universalidade deste símbolo, Jean Chevalier e Alain Gheerbrant ¹concluíram que ela resulta da ondulação que adquire o corpo deste animal ao deslocar-se ser a forma recorrente de vários elementos das paisagens naturais da Terra.

Na verdade, essa forma ondulante evoca as ondas do mar, a linha ondeada das grandes cadeias montanhosas de enrugamento geradas pelos movimentos horizontais da crosta terrestre, os meandros divagantes dos rios nas planícies aluviais, o ziguezaguear dos raios, por ocasião das grandes tempestades, a forma do arco-íris anunciando o bom tempo.

Símbolo de marcada dualidade, representando ora a luz, ora a sombra e a escuridão. Múltiplas são as faces deste animal. Em algumas culturas, evoca a morte, a traição, a falsidade; noutras é encarada como símbolo da sabedoria, da renovação da vida e da eternidade². Esta última interpretação conduziu a que, desde uma alta Antiguidade, se estabelecesse uma estreita ligação entre as serpentes e a arte de curar.

Asclépio (chamado Esculápio pelos romanos), o deus grego da medicina, filho de Apolo e da princesa Coronis, tinha como atributo um bastão com uma serpente enroscada.

² Na tradição babilónica, o poder auto-regenerador das serpentes surge numa passagem do mito de Gilgamesh, rei de Uruk, que, depois da morte de um amigo, decidiu partir numa viagem iniciática até aos confins do mundo conhecido, em busca da imortalidade. Foi neste contexto que visitou Uta-napishti, o sobrevivente do dilúvio, que lhe revelou a existência da erva da vida. Mas os seus esforços foram em vão: uma serpente havia comido essa erva da imortalidade, adquirindo a capacidade de se despojar da sua própria pele e de se autorregenerar. A esperança de Gilgamesh de se tornar imortal desvaneceu-se, mas adquiriu a sabedoria: resignou-se à sua condição de mortal, vivendo em plenitude todos os dias que a vida lhe concedeu.

¹ Jean Chevalier, Alain Gheerbrant, *Dictionnaire des symboles*, Paris, Robert Laffont/ Jupiter, 1980, pp 867-878.

Conta a lenda que, um dia, no decorrer de uma visita aos doentes que acorriam ao seu templo em busca de cura, uma serpente enroscou-se no bastão que empunhava. Todos os esforços para a retirar foram em vão. Cada vez que era afastada, a serpente voltava a enroscar-se no bastão. Dada a capacidade de, em cada ano, este animal regenerar a sua pele envelhecida, foi este facto interpretado como palpável sinal do poder regenerador e salutar da arte de curar praticada por Asclépio. E o bastão com uma serpente enrolada tornou-se o atributo deste deus curador. Chamado Esculápio pelos romanos, o seu culto difundiu-se por todas as terras do vasto Império romano.

Hipócrates de Cós (460 a.C.- 370 a.C.), o médico grego criador da medicina científica, adoptou o caduceu de Asclépio, que desde então se tornou no símbolo da Medicina³.



Fig. 2 - Hipócrates numa pintura do séc. XVIII (Museu Nacional de Kaufbeuren, Alemanha).

Muitos tipógrafos do Renascimento adoptaram as serpentes como marcas individualizantes das suas oficinas. Uma serpente enroscada numa haste em forma de cruz (marca de Vincenzo Valgrisi), de que é exemplo a II Centúria de Amato Lusitano, editada em Veneza, em 1552; duas serpentes enroscadas numa haste vertical encimada por um pássaro, lembrando o caduceu de Hermes (marca de Hieronymus Froben), que surge numa edição da I, II, III e IV Centúrias, publicada em Basileia, em 1558.⁴

³ Algumas vezes, em certos escritos e representações, surge como símbolo da Medicina, não o caduceu de Asclépio, mas o caduceu de Hermes (uma vara, coroada por asas, na qual se enroscam duas serpentes). Mensageiro dos deuses, Hermes era, na Grécia Antiga, o protector dos negócios e dos mercadores. Segundo Paulo R. Prates, num artigo intitulado Do bastão de Esculápio ao caduceu de Hermes, esta confusão deve-se ao facto de o tipógrafo suíço Johannes Froben ter adoptado como marca da sua tipografia o caduceu de Hermes, e o representar nas capas dos livros que imprimia. Quando, em 1538, Johannes Froben publicou as obras de Hipócrates, em grego, é a representação do caduceu de Hermes que surge na capa. V. <http://dx.doc.org/10.1590/50066-782/200200>.

⁴ Ver João José Alves Dias, *Amato Lusitano e a sua obra Séculos XVI e XVII*, Lisboa, Biblioteca Nacional de Lisboa, 2011.

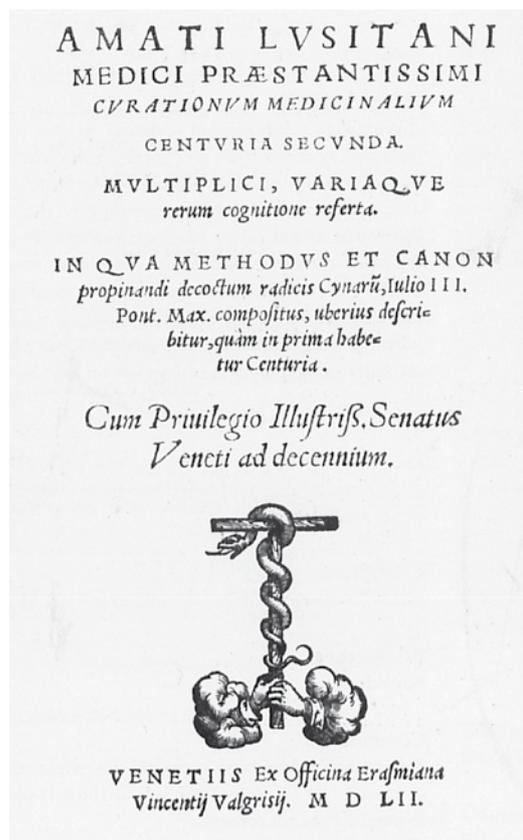


Fig. 3 - Amato Lusitano, *Segunda Centúria de Curas Médicas*, Veneza, 1552.

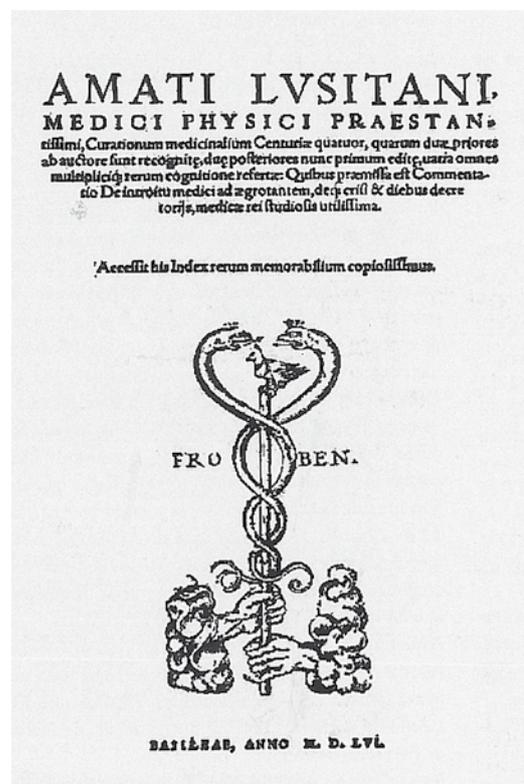


Fig. 4 - Amato Lusitano, *Primeira, Segunda, Terceira e Quarta Centúrias de Curas Médicas*, Basileia, 1556. (marca de Hieronymus Froben)⁵

⁵ Ver, João José Alves Dias, *Amato Lusitano e a sua obra, séculos XVI e XVII*, Lisboa, 2011.

As serpentes na vida e na obra de Amato Lusitano

Uma ligação estreita possuía Amato Lusitano com as serpentes.

É do conhecimento de todos que a primeira Cura do primeiro volume da sua obra as Sete Centúrias de Curas Mediciniais, obra que, nas palavras de Boris Catz, «estabeleceu o nível mais alto da medicina clínica e experimental e filosófica do século XVI», se refere a uma mordedura de serpente. Tendo por título «Feita em Portugal, em que se trata do curativo da mordedura de víbora», Amato relata nesta Cura um acontecimento ocorrido nos campos dos arredores da então vila de Castelo Branco, num dia de verão do século XVI.

Era o tempo das ceifas. Uma pequena camponesa de 13 anos ia com a mãe levar comida aos ceifeiros, quando foi mordida num pé por uma víbora.

Sabendo da gravidade destas mordeduras, a mãe apressou-se a regressar à povoação em busca de socorro, mas, vendo à beira do caminho um arbusto de trovisco, improvisou com tiras desta planta um garrote, ligando com elas a perna da menina, pela altura do joelho, impedindo deste modo que o veneno inoculado na mordedura se espalhasse pela parte superior do corpo da criança. A prontidão com que a mãe socorreu a filha permite inferir que ela não estaria mais do que a pôr em prática um procedimento comum em caso de mordeduras de víboras, circunstância que deveria, então, ser acontecimento frequente nos campos da Beira.

Em relação a este caso, conta Amato Lusitano que mandou o cirurgião abrir o local da mordedura e aplicar sobre ele ventosas para que todo o veneno fosse retirado. Por fim colocou na ferida um emplastro feito de alhos e cebolas azedas misturado com teriaga, e receitou-lhe para beber uma poção de três dracmas de teriaga dissolvida em 15 onças de vinho. Aplicação do unguento durante um mês. No dia seguinte, para evitar os tremores provocados pelo envenenamento, deu-lhe a beber, em jejum, uma infusão de quatro folhas de freixo, considerada, na época, um eficaz antídoto. Para a cicatrização das feridas mandou aplicar duas vezes por dia, durante um mês, um unguento cuja composição, para além de óleo de louro com cera, incluía mirra, betónica e outras plantas cuja quantidade pormenorizadamente indica. Ao fim desse tempo, a pequena camponesa ficou completamente curada.

Nos comentários a esta Cura, Amato Lusitano revela-se um bom conhecedor da anatomia das víboras, descrevendo o seu aspecto exterior, distinguindo pela dentição a víbora macho (com apenas 2 caninos) da víbora fêmea (possuidora de 4 caninos), referindo dados do seu habitat, rectificando

imprecisões contidas na História Natural de Plínio, o velho (23/24- 72 a. C.) acerca destes pequenos animais «ferozes e cruéis quando pisados pelo homem». Assim os classificou Amato afirmando ter deste facto uma experiência vivida, pois fora ele próprio mordido por elas quando, «em rapaz, andando a caçá-las para a preparação de pastilhas em Portugal, onde há delas em abundância»⁶.

Este pequeno dado biográfico é precioso, pois permitiu inferir que, muito possivelmente, o jovem Amato colaboraria com algum boticário de Castelo Branco, caçando víboras destinadas à preparação de teriaga. Acerca desta inferência o Professor David de Morais no seu livro *Eu, Amato Lusitano*, levanta a hipótese de que talvez essa colaboração com um boticário tivesse contribuído para despertar no jovem judeu albacastrense o gosto pelos estudos de Medicina.⁷

Mas outra é a leitura do Professor Alfredo Rasteiro. Numa reflexão sobre esta Cura, e sendo ela a que inicia a sua magistral obra, diz o Professor de Coimbra que Amato pretendia chamar sobre si a atenção da Inquisição. O relato da pequena camponesa mordida num pé por uma víbora seria, segundo Alfredo Rasteiro, uma espécie de metáfora: lembraria Nossa Senhora, a Virgem Maria, a nova Eva, capaz de esmagar sob os seus pés as forças do mal, simbolizadas pela serpente tentadora.

Certo é que o trabalho de Amato como caçador de víboras o transformou num bom conhecedor da anatomia e dos hábitos de vida destes mortíferos répteis.

Assim, em relação às imprecisões contidas na obra de Plínio quanto ao parto das víboras, Amato esclarece que, contrariamente ao que o naturalista romano afirmara, as víboras bebés no momento do nascimento não dilaceram as vísceras da mãe, mas apenas rompem a membrana na qual se tinham desenvolvido no seio materno.

E, acerca deste facto, surge nos comentários amatianos uma outra informação onde ressalta de forma evidente um traço da sua personalidade (já tantas vezes referido ao longo dos 30 anos destas Jornadas de estudo): o de João Rodrigues de Castelo Branco ser inquestionavelmente um homem do Renascimento, de espírito aberto à observação directa e à verificação dos factos. Escreveu ele: «(...) eu verifiquei que a víbora pare e fica sem falha, nem dano. Tive uma víbora prenha numa boceta onde pariu as crias ficando ileisa»⁸

6 Amato Lusitano, *1 Centúria de Curas Mediciniais*, Cura I, vol. I, Lisboa, CELOM – Centro Editor da Ordem dos Médicos, 2010, p. 48.

7 J. A. David de Morais, *Eu Amato Lusitano*, Lisboa, Edições Colibri, 2011, p. 25.

8 Amato Lusitano, *ibidem*.

É, no entanto, em duas Curas da II Centúria, a Cura 79 e a Cura 55, que Amato Lusitano se revela profundamente conhecedor dos hábitos de vida destes répteis, indicando, em pormenor, os procedimentos que os boticários deveriam seguir para extrair destes animais as virtudes terapêuticas que possuíam.

Na Cura 79, intitulada «De um doente de elefantíase», Amato releva a importância do óleo, usado como unguento, obtido pela destilação, em fogo lento, de víboras dissecadas, bem como uma dieta à base de caldo e da carne de víboras, cozida em água condimentada com alho porro e endro, no tratamento desta desfeante doença.

Mas é na Cura 55 desta II Centúria, intitulada «De um preparado de trocisco para condimentar a teriaga de víbora», que Amato Lusitano descreve em pormenor os hábitos de vida, as épocas e os locais apropriados para a sua caça, bem como o procedimento que os boticários deveriam seguir na preparação das pastilhas de teriaga de víbora.

Assim, a caça deveria ser realizada na Primavera ou início do Verão e em locais longe do mar, pois, esclarece Amato, que as víboras que vivem perto do litoral, bem como as que são caçadas em tempo de Verão, são «um tanto saluginosas», causando a teriaga preparada com a sua carne muita sede.

Quanto ao modo de preparação diz que as víboras deveriam ser colocadas sobre uma prancha, começando por se lhes cortar as cabeças e as caudas. Abrir-se-iam em seguida longitudinalmente, esfoladas e arrancadas as vísceras. Depois de muito bem lavadas, colocavam-se, finalmente, numa panela com água temperada com endro verde e cozinhadas até que a espinha se desprendesse por completo da carne.

Retirada do lume, a carne era esmagada num almofariz, juntando-se-lhe ou a mesma quantidade de pão ázimo biscoito, ou, apenas, a quantidade necessária para se moldarem as pastilhas. O pão poderia ser utilizado, ensopado no caldo da cozedura das víboras, ou a carne das víboras deveria ser misturada com pão seco, desfeito num ralador. Era este último procedimento o seguido por Galeno e aquele que Amato Lusitano preferia, justificando que a utilização de pão seco ralado tornava mais fácil a operação de secagem. Esta operação demorava 15 dias, durante os quais, diariamente, o boticário as tinha de voltar duas ou três vezes, para que secassem bem de ambos os lados. Só depois de bem secas se colocariam em frascos de vidro, podendo conservar-se durante três ou quatro anos.

Dois pormenores há a relevar nesta Cura. Amato encontrava-se em Ancona e querendo mandar

confeccionar pastilhas de teriaga, encomendou-as a um caçador de nome Marsi, que as caçava longe do mar e na época propícia. Mas, nesse ano, a Primavera havia sido muito fria e chuvosa e as víboras haviam despertado da sua hibernação muito mais tarde. Só em meados do verão as víboras chegaram a Amato. Por essa circunstância na confecção das pastilhas, informa ele que não juntou sal à água da cozedura, nem usou pão salgado ou fermentado, como Galeno recomendava dever fazer-se quando as víboras são caçadas fora do tempo apropriado. O outro pormenor a destacar, é o de uma inovação introduzida por Amato no processo da confecção herdado da Antiguidade e que ele relatou, deste modo: «Os trociscos muito finos e pequenos, são obtidos da massa muito bem informada, envoltos de opobálsamo do Perú, trazido dessa terra ainda há pouco descoberta, e por nós mandados secar à sombra, como recomenda Galeno (...)»⁹

Com a introdução deste novo ingrediente na confecção da teriaga, o bálsamo do Perú trazido de uma terra longínqua, e aliando-o a um medicamento herdado da Antiguidade Clássica, Amato Lusitano entrelaça sabiamente tradição e inovação, evidenciando um espírito aberto à novidade, traço saliente da sua personalidade de homem do Renascimento.

Rendido às virtudes deste novo bálsamo, Amato descreve-o no Index Dioscoridis Anazarbei de Medica Materia, e nas Enarrationes como «de grande fragância ou aroma que supera todos os outros aromas mais notáveis, possui um paladar viscoso, que conserva na boca um sabor penetrante durante muito tempo, possui também um aroma suavíssimo, que pende para o benjoim, pois a cor e a natureza dele eram espessas como se de uma água mel se tratasse; como poderá saltar à vista de forma evidente que este opobálsamo não é da mesma espécie daquele da Judeia ou do Egipto. Ainda que Pompeio Trogo, como dissemos, tenha considerado as árvores do opobálsamo que nascem na Judeia, semelhantes às árvores de pinho, de tal maneira que parece ter desdenhado estas plantas vindas do Perú.»¹⁰

Num poema de homenagem a Amato Lusitano, intitulado «Amato Lusitano cura a Caetano Camponotto com um bálsamo trazido do Perú (Ragusa, 1580)», o poeta peruano e Professor da Universidade de Salamanca Alfredo Perez Alencart celebra a utilização deste bálsamo:

9 Amato Lusitano, *II Centúria de Curas Mediciniais*, vol I, Lisboa, CELOM – Centro Editor da Ordem dos Médicos, 2010, Cura 55, p. 249.

10 *Dioscoridis Anazarbei de Medica Materia*, Veneza, p. 34. Tradução de António Maria Martins Melo, 'Usos Mediciniais das plantas em Amato Lusitano' in *Humanismo e Ciência Antiguidade e Renascimento*, Coords António Lopes de Andrade, Carlos Miguel Mora, João Manuel Nunes Torrão, Aveiro, UA- Editora- Universidade de Aveiro, p. 275.

«Que Diogo Pires vaya urgente a los navíos
Anclados en el puerto! Que salga ahora!
Necessito más bálsamo del Perú, mucho más bálsamo
para curar al noble Gaetano! Que me traiga todo
el *Myrospernum pereirae* que encuentre, lo necessito.
para acabar con la infección que viene llagands la piele
del burgomaestre de Venecia!
(...)
Nunca me fallaste, querido Diogo, ni entonces
en Salamanca ni hoy en esta ciudad del Adriático!
Traéme ya ese oscuro líquido, tráemelo para curar
a tan altísimo personaje que oculta sus sollozos
mientras yo me nublo de saudade por la pátria nuestra!»¹¹

O poder das serpentes - dos textos sagrados ao imaginário popular da Beira Baixa

Único animal cujo nome é referido no Antigo Testamento, a serpente está presente em vários episódios bíblicos que marcaram a história da Criação e a história do povo de Israel na sua fuga do Egito, em demanda da terra prometida. Nestas narrativas ressalta o carácter ambivalente deste animal no mundo antigo: ora símbolo das forças destruidoras do Homem, ora fonte de regeneração e de vida.

No *Genésis* é o símbolo do mal destruidor do Homem que é posto em evidência. Lê-se em *Genésis* (III, 1): «Mas a serpente era o mais astuto dos animais da Terra que o Senhor tinha feito.» E em *Génisis* (III, 14 - 15): «E o Senhor Deus disse à serpente: 'Pois que assim o fizeste, serás maldita entre todos os animais, e bestas da Terra: andarás de rastos sobre o teu peito, e comerás terra todos os dias da tua vida.

Eu porei inimizades entre ti, e a mulher; entre a tua descendência e a descendência della: Ella te esmagará a cabeça e tu a ferirás no calcanhar».¹²

É, no entanto, no Livro dos Números (XXI, 6-8) que a ambivalência do poder das serpentes no Antigo Testamento ressalta de forma evidente. Se Yahvé envia ao povo de Israel serpentes cujas mordeduras queimavam como fogo e semeavam a morte, como castigo pela rebelião contra Ele e contra Moisés, pela penosa travessia do deserto, foi uma serpente de metal, construída por Moisés, que curou as mordeduras das serpentes mortíferas. Lê-se em Números (XXI, 7-8): «(...) E orou Moisés pelo povo. E o Senhor lhe disse: 'Faze uma serpente de bronze, e põe-na por signal. Todo o que sendo ferido olhar para ella, viverá'».¹³

¹¹ Alfredo Perez Alencart, *Gaudemus*, Salamanca, 2018, p. 28.

¹² *A Bíblia Sagrada*, Antonio Pereira Figueiredo, Lisboa, Typographia Universal, 1865.

¹³ *A Bíblia Sagrada*, Antonio Pereira Figueiredo,, Lisboa, Typographia



Fig. 5 - Escultura de Giovanni Fantone, simbolizando a serpente de bronze criada por Moisés e símbolo da cruz onde Cristo morreu. Cume do Monte Nebo (Jordania)

Amato Lusitano não fugiu à aura mítica da misteriosa e maléfica força destrutiva atribuída às serpentes, sobre quem se atrevesse a enfrentá-las e a dar-lhes a morte.

Na Cura 62 da I Centúria, Amato registou o estranho caso de um homem de Ancona, robusto e forte, que, ao podar uma vinha, se deparou com uma serpente. Ao tentar matá-la, a serpente procurou atacá-lo. O homem conseguiu matá-la, mas conta Amato que: «Depois de a ter morto, começou logo a queixar-se de dores de cabeça, e teve febre. De dia para dia, o mal agravou-se e morreu passados 10 dias».

E, no comentário a esta Cura, escreveu Amato Lusitano:

«É igualmente crível que este animal possuía uma força corruptora, de que este homem foi atacado e, conseqüentemente, a morte alcançou-o. Pessoas fidedignas viram outros que, após terem morto serpentes, estiveram quase à morte mas, ajudados por antídotos, livraram-se, não sem todo o corpo ser tomado de doença grave e crónica, principalmente o braço, daquela mão com que os animais foram destruídos».¹⁴

Profundamente enraizada no imaginário da Europa, os ecos da crença na força maléfica e destruidora, que se abateria sobre quem ousasse dar a morte a estes animais, perduraram vivos no mundo rural da Beira Baixa.

Jaime Lopes Dias recolheu em Outeiro da Alagoa (lugar do concelho da Sertã) a seguinte crença: «Quem

Universal, 1865.

¹⁴ Amato Lusitano, *I Centúria de Curas Medicinaiis*, vol. I, Lisboa, CELOM – Centro Editor da Ordem dos Médicos, 2010, Cura 62, p. 136.

matar uma cobra no mês de Maio, se fôr homem, terá sezões todo o ano, se fôr mulher não terá leite para dar aos filhos recém-nascidos».¹⁵ Se, por esta época, as sezões eram doença fortemente temida, numa época e num tempo em que o aleitamento materno era a única fonte de vida e sobrevivência de um recém-nascido, a secagem do leite a uma mãe constituía a mais pesada e temida maldição.

A crença no poder maléfico das cobras estava de tal modo enraizada que, nas povoações do concelho de Proença-a-Nova, se acreditava que até em sonhos esse poder poderia causar danos. Diz-se, nalgumas povoações deste concelho: «Quem sonhar com cobras tem a vida de rastos»¹⁶.

Mas em outras povoações da Beira Baixa a ambivalência do poder das serpentes encontrase igualmente presente. Na década de 50 do século XX, Jaime Lopes Dias registou em Vale de Lobo (actual Vale da Senhora da Póvoa), aldeia do concelho de Penamacor, a crença de que sopas de cobra curavam a furunculose.¹⁷

E as víboras, a mais temida variedade de serpentes, eram abundantes em Portugal. Assim o afirma Amato Lusitano ao escrever nos comentários à Cura 1 da I Centúria: «É um animal pequeno, mas feroz e cruel, porque, quando é pisado pelo homem, ataca-o, como me aconteceu a mim, em rapaz, andando a caçá-las para a preparação de pastilhas, em Portugal, onde há grande abundância delas»¹⁸

A primeira referência à existência de serpentes no território que é hoje Portugal surge no poema *Ora Marítima*¹⁹, escrito no século IV d. C. pelo poeta romano Rufius Festo Avieno, onde a Hispânia inteira, ou a sua parte ocidental, é chamada de *Ofiússa*, topónimo de origem grega, que significa «terra de serpentes».

Lê-se na *Orla Marítima*: «Ofiússa apresenta tanta extensão quanta ouves atribuir à ilha de Pélops, no território dos gregos. Chamada primeiro Estrímnis, por os Estrímnios habitarem aí lugares e campos, posteriormente um sem número de serpentes afugentou os moradores e deu o seu

nome à terra deserta.»²⁰.

Segundo as reflexões do arqueólogo A. Garcia y Bellido sobre o texto de Avieno, o topónimo Ofiússa, «estaria ligado a uma tribo possivelmente indo-europeia, os Sefes, que teria a serpente como animal totémico, e cujo nome os gregos relacionavam talvez por isso, com sépe 'serpente'»²¹.

Se para os povos pré-romanos, que habitavam no século 1 as terras ocidentais da Hispânia romana, a serpente era um animal totémico, mas com o avanço da cristianização e por interpretação literal das passagens do Genesis (III 1-14) a serpente passou a ser encarada como símbolo das forças do mal e de animal amaldiçoado por Deus.

Lê-se em Génesis (III, 1): «Mas a serpente era o mais astuto dos animais que o Senhor Deus tinha feito». E, depois da queda de Adão e Eva, em Génesis (III, 14), lê-se: «E o Senhor Deus disse à serpente: Pois que assim o fizeste, serás maldita entre todos os animais, e bestas da terra: andarás de rastos sobre o teu peito, e comerás terra todos os dias da tua vida». Eu porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua descendência e a sua descendência: ela te esmagará a cabeça e tu a ferirás no calcanhar».²²

Na Idade Média, a serpente, animal que tentara Eva, foi identificada como sendo a encarnação do próprio Satanás, pela ligação que se estabeleceu entre a maldição do Génesis (III, 14) e o *Apocalipse de S. João* (XI, 9) onde se lê: «E foi precipitado aquele grande dragão, aquela antiga serpente, que se chama o Diabo e Satanás que seduz todo o Mundo: sim foi precipitado na terra, e precipitado com ele os seus Anjos».

E a mulher que haveria de esmagar a cabeça da serpente, referida no Génesis (III,14), relacionada com a visão do Apocalipse, que refere: «Apareceu um grande sinal no Ceo: uma mulher vestida de sol, que tinha a lua debaixo dos pés e uma coroa de 12 estrelas sobre a sua cabeça (...)»²³, identificar-se-ia como a Virgem Maria.

Hildegarda de Bingen (1098-1179), a médica e mística, poetisa e compositora, exprimiu num

15 Jaime Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, vol. III, «Vária» p. 233 (177), Lisboa, Livraria Ferin 1955.

16 Maria da Assunção Vilhena, *Gentes da Beira*, Lisboa, Edições Colibri, 1995, p. 275.

17 Jaime Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, vol VII, «Vária», p. 253. Lisboa, Livraria Ferin, 1948.

18 Amato Lusitano, *Centúrias de Curas Mediciniais*, Vol. I, Lisboa, CELOM – Centro Editor da Ordem dos Médicos, 2010, p. 48.

19 Escrito sob a forma de périplo este poema refere vários lugares do litoral atlântico da Hispânia romana. Segundo alguns autores, Avieno ter-se-ia limitado a traduzir para latim o poema de um autor grego do século 1, o geógrafo Cimno.

20 Avieno, *Orla Marítima*, Coimbra, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1985. (Introdução, versão e notas de José Ribeiro Ferreira), p. 21.

21 Cf. José Ribeiro Ferreira, *Orla Marítima*, Avieno, nota 27, p. 46.

22 *A Bíblia Sagrada*, Antonio Pereira Figueiredo,, Lisboa, Typographia Universal, 1865.

23 *A Bíblia Sagrada*, Antonio Pereira Figueiredo,, Lisboa, Typographia Universal, 1865.

dos seus poemas esta identificação. Intitulado «Maria, autora da Vida», nele se lê:

*Salvé, Maria.
Tu, autora da vida,
restaurando a salvação,
confundiste a morte,
e esmagaste a serpente,
até aquela que a Eva se elevou
levantando a cabeça
com um sopro de soberba.
Tu a esmagaste
quando em ti foi engendrado do Ceo
o Filho de Deus.»²⁴*

Mais próximo do nosso tempo o poeta brasileiro Carlos Nejar, num poema intitulado «Eva», exprimiu deste modo esta passagem bíblica, que foi tema recorrente em vários poetas portugueses dos séculos XVI, XVII e XVIII:

*Eva
(...)
não escutei Deus,
mas a serpente. E Adão,
de quem gerada fui,
me ouviu, sem o grão
sequer de algum sentido,
sem a razão, o vínculo
do amor que nos reteve.
E expulsos fomos do Éden.*

*E com espada flamejante,
anjos o guardavam, enquanto
íamos os dois, desventurados
encher o vale humano.
Porém uma mulher,
como eu, pela semente,
vem, e com a planta
do pé, que floresceu
esmagará a serpente.
E sob as folhas
da figueira tapamos
a nudez e continuamos
nus, continuaríamos,
se Deus não nos cobrisse
de outra pele viva,
do único capaz
de abrir o selo
a pele do Cordeiro.»²⁵*

²⁴ Hildegarda de Bingen, *Sinfonia de Las Harmonías Celestiales*, (estudo introdução e tradução do latim de Luis Frayle Delgado), Salamanca, 2013, p. 59, Tradução nossa.

²⁵ Carlos Nejar, *Arca de Noé*, Cascais, Editora Pergaminho, L.dª, 2004, pp. 17-19.

Dalila Pereira da Costa (1918-2012) defende que na história da religião portuguesa existiu um culto ofidiano testemunhado desde o neolítico, nas gravuras e pinturas insculpidas nas rochas, depois na nomenclatura de um território Ophiúsa e seus povos Sefes, como refere Avieno. No entanto, para esta pensadora e ensaísta este culto urânico, telúrico, ligado à Terra, evolui para um culto celeste expressado pelas gravuras de símbolos solares e astrais, que igualmente pontuam as rochas de muitos santuários neolíticos. Defende esta ensaísta que no século XVII ter-se-á verificado a síntese destes dois sentimentos: o ctónico ligado à fertilidade da Terra Deusa Mãe, como força oracular simbolizado pela serpente, e a sua sublimação celeste com a sua ligação ao culto da Virgem Maria. Assim exprime esta ideia:

«Deste modo sobre uma estrutura primeva arcaica, de natureza telúrica, na nossa religião e vivências, (...) se realizará um movimento de transcensão em termos de mitologia grega, como passagem de Deméter a Vénus urânica; em termos de teologia cristã, da Serpente Antiga à Imaculada Conceição.»²⁶

O teólogo brasileiro Leonardo Boff expressa, uma reflexão semelhante:

*«A ideia de Maria, Virgem, Mãe de Deus, esposa do Espírito, atrai um grande número de mitos e coloca-a bem próxima daquela profundidade humana que encontra no seu veículo de expressão no símbolo e nas imagens que emergem dos estratos arqueológicos da nossa psique.
(...)*

O tema da Virgem Maria que protege com o seu manto os seus filhos cola profundamente no psique vem ao encontro da expressão de desamparo e da busca de aconchego, tão ausentes da vida humana.»²⁷

As serpentes em três santuários marianos da Beira Baixa

Nas terras da Beira, numa linha de continuidade com a crença medieval e as ideias expressas por estes pensadores, a Virgem Maria, concebida sem pecado, torna-se a grande protectora contra o poder maléfico das serpentes.

Três santuários marianos da Beira Baixa testemunham a antiga e perdurante crença nesse poder defensor: o Santuário de Nossa Senhora da Azenha, em Monsanto da Beira (concelho de

²⁶ Dalila Pereira da Costa, *Da Serpente à Imaculada*, Porto, Lello y Irmãos – Editores, 1984, p.24.

²⁷ Leonardo Boff, *O Rosto Materno de Deus*, Petrópolis, Vozes, 1979, pp. 224-226.

Idanha-a-Nova), o Santuário de Nossa Senhora dos Remédios ou do Meio, nos arredores da Sertã, e o Santuário de Nossa Senhora da Orada, em S. Vicente da Beira (concelho de Castelo Branco).

1 - O Santuário de Nossa Senhora da Azenha localiza-se num vale percorrido pelo Ponsul, situado no limite dos antigos concelhos de Monsanto e de Penha Garcia, chamado outrora de Azinhal, pela enorme quantidade de azinheiras que aí existiam. A alternância entre a frescura das águas do Ponsul durante o inverno e o amontoado caótico de seixos que enchem o seu vale seco pelo calor do estio, a moldura verde negra das serras que cortam o horizonte para norte e para ocidente, a forma caprichosa dos cumes cinzentos e agrestes de Monsanto, que se ergue a sul, a infinitude de horizontes que se perdem no azulado longínquo das montanhas para o lado da raia, conferem a este local uma fascinante e mutante beleza.

Para um visitante desconhecedor das lendas acerca da fundação da ermida de Nossa Senhora da Azenha, insólita é a representação de duas estranhas serpentes no retábulo do altar desta ermida.



Fig. 6 - Retábulo do altar da ermida de Nossa Senhora da Azenha.

Ladeando um coração vermelho, rodeado por dourado resplendor, lá estão as duas serpentes. No branco da pintura, a sua cor de um verde intenso impõe-se ao olhar pela estranheza da sua forma. São animais híbridos: a cauda é estreita e enrola-se como a de um cavalo-marinho, mas a cabeça, encimada por uma espécie de chifre, sugere a de uma víbora cornuda (*Vípera latarte*), uma das espécies de serpentes venenosas que existem em Portugal.

Quem mandou fazer este retábulo? Materializará esta representação uma das lendas que pretendem justificar a localização desta ermida em campo ermo, neste vale nas margens do Ponsul? Conta essa lenda que duas crianças apascentavam uma vara de suínos no azinhal que, outrora, cobria este local. Era um dia quente de final de verão, quando subitamente viram

sair do matagal que rodeava as árvores duas enormes serpentes que sobre elas avançaram para as engolir. Muito assustadas e sem ninguém que as ajudasse, as crianças chamaram por Nossa Senhora; e, então, Nossa Senhora, com o Menino ao colo veio em seu auxílio, esmagando com os pés as cabeças das serpentes. E na voz da tradição teria sido a partir deste acontecimento que o vale nas margens do Ponsul onde se ergue a ermida se passou a chamar da Azenha.²⁸

Segundo o senhor Elísio de Oliveira Neto, de Monsanto, é outra a origem da representação das víboras no altar. Conta ele ter ouvido a sua mãe, Maria de Jesus do Carmo, falecida com 103 anos, que fora uma mulher que mandara fazer, na ermida de Nossa Senhora da Azenha, um novo altar e esculpir nele duas serpentes. Morava a mulher num casal isolado, quando um dia e ao dirigir-se a uma azenha, próxima da ermida, viu sair do mato duas enormes serpentes que, prontas a atacar, rastejavam em direcção às patas da mula que transportava os sacos de cereal e onde ela ia montada. Aterrorizada, implorou a protecção de Nossa Senhora da Azenha. Nada de mal lhe aconteceu. As serpentes puseram-se em fuga. Considerando ter recebido uma grande graça, mandou a mulher construir um novo altar com a representação das duas serpentes para que a graça que recebera de Nossa Senhora da Azenha fosse lembrada para todo o sempre.

Se tiver sido esta a origem da representação das duas serpentes será ela um original ex-voto, traduzindo o reconhecimento de uma camponesa à Senhora da Azenha pelo dom da vida.²⁹

Que modelo terá seguido o autor deste altar? Inspiração original? Cópia de outra representação? Ou tratar-se-à de um arquétipo, isto é, de uma imagem incrustada profundamente no inconsciente colectivo, que perdurou pelos séculos?

Surgem estas interrogações a propósito da marcada similitude entre a representação das víboras do retábulo deste altar com as dos genii loci (espíritos benignos protectores dos lugares e dos espaços das casas, materializados sob a forma de serpentes) representados nos altares domésticos que os romanos erguiam aos Lares, no século I da nossa Era.³⁰

Se, no mundo romano, as serpentes representadas nos altares eram imagens de espíritos benfazejos, na cultura judaico-cristã as serpentes são símbolos do

28 Explicando o topónimo e a invocação de Nossa Senhora, defendia o padre João Pires de Campos que Azenha derivaria do aspecto ameaçador das serpentes que atacaram as crianças, pois chama o povo, desta região, cobras assanhas, a cobras assanhadas, isto é, prontas a atacar.

29 Ver. Maria Adelaide Neto Salvado, *Nossa Senhora da Azenha, a Luz da Raia*, Edição da Câmara Municipal de Idanha-a-Nova, 2001, p. 9.

30 Lara Anniboletti, «Vivir con las divinidades La devoción doméstica», in *Arqueología y Historia Los últimos días de Pompeya*, nº 27, pp 14-19.

mal. Deste modo, profunda é a mensagem que aprendemos ao olhar o altar da ermida de Nossa Senhora da Azenha: o coração cercado pelos raios dourados é o coração protector da Mãe de Deus, irradiante de graças e de amor, contendo a fúria das serpentes, não apenas as reais que rastejam nos campos da raia, mas as serpentes, símbolos do mal, de todos os males que atormentam o coração dos homens. Ela é a Mãe que protege e conforta, a Mãe em quem podemos confiar nos momentos desesperados da vida.

Mas em Monsanto da Beira a crença no poder maléfico das serpentes e no domínio neutralizador que sobre ele tem a Virgem Maria sob a invocação de Nossa Senhora da Azenha surge noutras narrativas que povoam o imaginário desta aldeia. Alcandorada no cimo de um inselberg granítico, que se soergue abruptamente na planura da Campanha da Idanha, as estranhas configurações, que a erosão imprimiu em alguns rochedos do amontoado caótico onde a aldeia se localiza, possuem no imaginário do povo significados muito próprios. Um desses rochedos é o penedo da cobra, de estranha e alongada forma. É a Serpe.



Fig. 7 - Penedo da Serpe, visto de S. Pedro de Vir-a-Corça.

Tentando explicar a génese da forma deste penedo, conta o povo que, em tempos muito antigos, todos os anos desaparecia de Monsanto e das aldeias vizinhas uma pessoa sem deixar

rasto. Sob a iminência desta terrível ameaça, a população vivia um quotidiano de terror. Aconteceu que uma jovem mãe, temendo caber-lhe um ano a má sorte e deixar órfãos os seus filhos, pediu ferverosamente a Nossa Senhora da Azenha que afastasse para longe o misterioso perigo. Diz a tradição que Nossa Senhora terá atendido as sentidas preces desta mãe. E os desaparecimentos misteriosos foram descobertos. Era uma gigantesca serpente que, cada ano, despertando do seu torpor invernal, «destruía uma pessoa». E um prodígio aconteceu: a serpente maléfica foi transformada em pedra por intercessão da Senhora da Azenha.»³¹

2 - O Santuário de Nossa Senhora dos Remédios, localizado nas proximidades da vila da Sertã, chamava-se na Idade Média de Santa Maria do Meio, e no século XIX de Nossa Senhora do Olival. Diz a tradição que D. Nuno Álvares Pereira era grande devoto deste santuário. Lê-se na *Chonica do Condestabre* que D. Nuno, depois de ter regressado de Castela após o cerco de Cória, « (...) se foy e romaria a stã Maria do meo q esta na Sartaa: e de hy se foy pera Oure e de hy se partio pera entre Tejo e Odiana»³². No século XVII, Miguel Leitão de Andrade (1558-1630), na sua obra *Miscellanea*, faz eco da singular devoção de D. Nuno Álvares Pereira a Nossa Senhora cultuada nesta ermida, cuja invocação era por esse tempo a de N.^a Sr.^a do Olival ou N.^a Sr.^a do Meio.

Lê-se na *Miscellanea*:

«(...) hermida devotissima e muito nobre, que junto a esta villa ha (que elle chama N. ^a S. ^a do Meio, dizendo estar no meio de Portugal, que elle fez medir) e nella deixou por sua memória huma estatua de cera, do seu tamanho, tirada pelo seu natural, a qual estatua durou té estes nossos tempos, que todos a vimos, e eu muitas vezes, num nicho desta igreja (...).»³³

A origem deste santuário mariano, explica-a a tradição popular do seguinte modo: no local

³¹ Ouvida em Monsanto, em 2000, a D. Adriana Lopes Dionísio, há data com 80 anos.

³² *Cronica do Condestabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, Mendes dos Remédios (revisão, prefácio e notas), Coimbra, F. França Amado- editores, 1911, p. 146.

³³ Miguel Leitão de Andrade, *Miscellanea* (nova edição correcta), Lisboa, Imprensa Nacional, 1867, p. 451. Singular destino teve esta estãtua de D. Nuno Álvares Pereira. Esclarece Miguel Leitão de Andrade: «E porque era tido por santo, lhe forão tirando bocados os doentes de maleitas, que dizem saravão com isso, e foi comendo a bocados, não sem culpa de descuido de seus descendentes, que deverão pôr desta sua memória mais resguardo (...).»

onde se ergue a ermida existia um espesso matagal onde vivia uma enorme serpente; um dia, um fidalgo, que andava à caça, aventurando-se pelo matagal dentro, viu erguer-se diante de si esse feroz animal pronto a atacá-lo. Paralisado pelo terror, implorou o auxílio de Nossa Senhora. Subitamente sentiu-se cheio de coragem, o medo desaparecera e, empunhando a espingarda, enfrentou a monstruosa serpente e matou-a com um tiro certeiro. Em reconhecimento a Nossa Senhora, mandou edificar no local uma ermida e dotou-a com os seus bens. Nela colocou, como ex-voto, uma parte do corpo da serpente, a sua enorme queixada, que ainda no século XIX se encontrava exposta à admiração dos fiéis. «Ao lado do altar, existe para memória, a queixada da serpente que seguramente tem de comprimento um metro», escreveu em 1874 Pinho Leal.



Na frontaria da ermida, um azulejo reproduz a lenda fundacional, acompanhada da seguinte legenda:

«Nesta capela existe desde tempos imemoriais a queixada de uma serpente que surpreendeu um fidalgo grande Senhor destas terras se salvou por Milagre da Santa Virgem em lhe deu coragem para se defender de tão horrível monstro.»

3- O Santuário de Nossa Senhora da Orada localiza-se num pequeno vale, no sopé da encosta sul da serra da Gardunha, na proximidade da antiga vila medieval de S. Vicente da Beira.



Ermidinha de Nossa Senhora da Orada (S. Vicente da Beira)

Uma curiosa lenda anda associada à fundação da ermida deste santuário. Diz a tradição que, em tempos antigos, a uma donzela de S. Vicente lhe começou a inchar a barriga, aumentando de volume com a passagem dos dias. O facto foi interpretado pelos familiares como evidente sinal de gravidez. O pai, pensando que a filha se esquecera do respeito por si própria e pelos seus, não acreditou na jovem que proclamava a sua inocência e decidiu expulsá-la de casa, abandonando-a num espesso e ermo matagal na proximidade da povoação, onde ferozes animais selvagens se acoitavam. Desesperada e cheia de terror, a rapariga implorou a protecção de Nossa Senhora, rezando ferverosamente que a ajudasse a provar a sua inocência. Vindo em seu socorro, a Virgem apareceu-lhe, aconselhando-a a regressar a casa dos pais e que, aí chegada, pedisse que lhe trouxessem um jarro de leite quente, pois iria demonstrar a sua inocência. Embora surpreendido, o pai acedeu ao pedido.

Trazido o jarro logo que a jovem aspirou o vapor do leite, saiu-lhe pela boca uma cobra, que se alojara no seu ventre.³⁴

Era ela a causadora do inchaço.³⁵ Ao ver tal

³⁴ A crença na entrada de cobras no corpo humano remonta longinquamente. Na *Legenda Aurea*, o dominicano Jacopo de Varraze (1228-1298), ao relatar os prodigiosos milagres realizados por S. Cosme e S. Damião (os gémeos sírios curadores das doenças dos homens e dos animais) conta o caso de um lavrador que, cansado dos trabalhos da ceifa se deitou sobre o restolho e adormeceu. E «veo uma serpente, e entrou-lhe pola boca no ventre. E acordando, foi-se pera sua casa (...) E à tarde começou-o de atormentar grandemente a serpente (...)».

³⁵ A atracção das cobras pelo leite é uma constante na crença do povo da Beira. Em meados da década de 50 do século XX, Jaime Lopes Dias registou em Idanha-a-Nova a seguinte crença: «Para tirar uma cobra que entra na boca de alguém basta colocar-lhe aos pés uma bacia com leite» *Etnografia da Beira*, vol. V, p. 186 (56), e em Segura e Alcains dizia-se, por esta época, o seguinte «As cobras vão ter à cama com as mães dos recém-nascidos e metem a ponta do rabo na boca

prodígio, o pai, arrependido, pediu à filha que lhe perdoasse. E, como voto de agradecimento a Nossa Senhora, mandou construir no matagal onde abandonara a filha uma ermida dedicada à Virgem Maria, sob a invocação de Nossa Senhora da Orada, em memória da sentida oração que a filha ali fizera.

A existência destes três santuários da Beira Baixa cuja origem é explicada pela força aniquiladora que, desde a Idade Média, se reconhece à Virgem Maria sobre o poder maléfico das serpentes, conduz-nos a uma reflexão sobre a perduração dessa crença medieval em terras do interior da Beira. Julgo não ser estranha a esta continuidade, no fio do tempo, o facto da Virgem Maria sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição se ter tornado patrona de muitas povoações da raia da Beira.

Com a Restauração da Independência, a devoção à Virgem Maria sob esta invocação ganhou um marcado fulgor, acentuado quando D. João IV, nas Cortes de Lisboa de 25 de Março de 1646, decretou uma Provisão onde elege *Nossa Senhora da Conceição Defensora e Protectora do Reino e seus Domínios*. Essa eleição foi confirmada por breve de Clemente X, de 8 de Maio de 1641. e para a divulgar D. João mandou colocar sobre as portas de todas as cidades e vilas de Portugal uma lápide onde se afirma que a Virgem Maria é a Padroeira de Portugal e a fé na sua Imaculada Conceição.³⁶



Igreja da Misericórdia de Castelo Branco – Pormenor da pintura de Nossa Senhora da Conceição, atribuída ao pintor Túlio Vitorino.

Natural que as povoações raianas, que sofreram durante anos as investidas castelhanas, lutando pela consolidação da independência em guerrilhas sangrentas e destruidoras, se tivessem colocado sob a protecção de Nossa Senhora da Conceição.

Ora a iconografia desta invocação segue, grande parte das vezes, a descrição da Virgem Maria do Apocalipse, com os pés assentes numa meia lua e esmagando com os seus pés a serpente tentadora, símbolo de todos os males que atormentam o homem.

Serpentes e mouras encantadas no imaginário da Beira raiana – um breve apontamento

Se em Monsanto da Beira a intervenção da Senhora da Azenha foi meio e caminho para a explicação do Penedo da Serpe, uma das originais formas geomorfológicas que tecem a paisagem desta aldeia, na vizinha povoação de Penha Garcia aos rastros ondulantes das bilobites sobre as quartzites, que individualizam a geomorfologia desta aldeia, chamou o povo cobras pintadas, pois esses rastros assemelham-se a grandes serpentes que parecem ondular pelas escarpas rochosas cortadas pelo Ponsul.

dos pequenos enquanto sugam o leite das mães.», in *Etnografia da Beira*, vol. I, pp. 185-186 (55), vol. I, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1944. A medicina popular foi, paralelamente à música, um segmento da cultura portuguesa que vivamente interessou o etnomusicólogo Michel Giacometti. Para além das recolhas de campo que sobre esta temática realizou, coligiu uma infinidade de tradições médicas publicadas em livros e revistas. Chamou-lhes «medicina empírica-tradicional». O leite como meio de cura e de atracção de cobras entradas no corpo humano e o alho como processo de preservação deste mal, foram por ele registado em várias povoações de norte a sul do país. Sirva de exemplo a recolha realizada na povoação de Casegas (concelho de Castelo Branco): ` Para tirar uma cobra da garganta de alguém põe-se leite ao pé da boca. Costuma comer-se um dente de alho, pela manhã em jejum, com o fim de ser preservado das cobras'. In , *Artes de cura e Espanta-Males, Espólio de medicina popular recolhido por Michel Giacometti*, ALMEIDA, Ana Gomes; GUIMARÃES, Ana Paula; MAGALHÃES, Miguel (coords), Lisboa, Gradiva, 2001, p. 661.

³⁶Nas portas da muralha, que, por esta época, rodeavam Castelo Branco foram colocadas três dessas lápides: uma a sul, na Porta do Espírito Santo, a outra a norte, à entrada da Porta da Vila e, uma outra, na fachada da antiga Casa da Câmara. Escritas em latim, diz a tradução do seu texto: «À ETERNIDADE SAGRADA DA IMACULADA CONCEIÇÃO – D. João IV, Rei de Portugal, juntamente com as Cortes, se votou tributário por si e pelos seus reinos com um censo anual e jurou defender perpetuamente a Imaculada Conceição da Mãe de Deus eleita para protectora do seu reino. Como lembrança da piedade lusitana ordenou que isto se lavrasse nesta lápide viva, para eterna memória. Ano de Cristo de 1646 e 6º do seu reinado».



As cobras pintadas de Penha Garcia - rastros de bilobites

A esses rastros anda associada a lenda de uma Moura encantada, que vive nas profundidades de uma gruta, escavada na crista de quartezite. Transformada em cobra petrificada, era crença entre o povo que o feitiço só poderia ser quebrado se, na noite de S. João quando ela retornava à forma humana, recebesse um beijo apaixonado.

Bibliografia:

- ALMEIDA, Ana Gomes; GUIMARÃES, Ana Paula; MAGALHÃES, Miguel (coords) *Artes de cura e Espanta-Males, Espólio de medicina popular recolhido por Michel Giacometti*, Lisboa, Gradiva, 2001.
- A Bíblia Sagrada, Antonio Pereira Figueiredo, Lisboa, Typographia Universal, 1865.
- ALENCARTT, Alfredo Perez, *Gaudemus*, Salamanca, 2018.
- ANDRADE, Miguel Leitão de, *Miscellanea*, nova edição correcta), Lisboa, Imprensa Nacional, 1867.
- ANNIBOLETTI, Lara, «Vivir com las divinidades La devoción doméstica», in *Arqueología y Historia Los últimos días de Pompeya*, nº 27, pp 14-19.
- AVIENO, *Orla Marítima*, Coimbra, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1985. (Introdução, versão e notas de José Ribeiro Ferreira).

- BEIGBEDER, Olivier, *La Simbología*, Barcelona, oikos- tau – ediciones, 1970.
- BINGEN, Hildegarda de, *Sinfonía de Las Harmonías Celestiales*, (estudo introdução e tradução do latim de Luis Frayle Delgado), Salamanca, 2013.
- BOFF, Leonardo, *O Rosto Materno de Deus*, Petrópolis, Vozes, 1979.
- CHEVALIER, Jean, CHEERBRANT, Alain, *Dictionaire des symboles*, Paris, Robert Laffont/ Jupiter, 1980.
- COSTA, Dalila Pereira da, *Da Serpente à Imaculada*, Porto, Lello y Irmãos – Editores, 1984.
- DIAS, João José Alves, *Amato Lusitano e a sua obra Séculos XVI e XVII*, Lisboa, Biblioteca Nacional de Lisboa, 2011.
- DIAS, Jaime Lopes, *Etnografia da Beira*, vol.I, Lisboa, Livraria FERIN, 1944; *Etnografia da Beira*, vol III, Lisboa, Livraria FERIN, 1955; *Etnografia da Beira*, vol V, Lisboa, Livraria FERIN, 1966; *Etnografia da Beira*, vol VII, Lisboa, Livraria FERIN, 1948.
- *Le Monde des Religions (Hors –Série), Les MYTES Sagesses Éternelles*, «Le tumultueux destin de l’humanité – GILGAMESCH ou le premier héros de l’histoire».
- FARINHA, Padre António Lourenço, *A Sertã e o seu Concelho*, Lisboa Tipografia das Oficinas de S. José, 1930.
- LUSITANO Amato, *II Centúria de Curas Medicinai*, Lisboa, CELOM – Centro Editor da Ordem dos Médicos, 2010.
- LUSITANO, Amato, *I Centúria de Curas Medicinai*, Lisboa, CELOM – Centro Editor da Ordem dos Médicos, 2010.
- MELO, António Maria Martins, 'Usos Medicinai das plantas em Amato Lusitano' in *Humanismo e Ciência Antiguidade e Renascimento*, Coords António Lopes de Andrade, Carlos Miguel Mora, João Manuel Nunes Torrão, Aveiro, UA- Editora- Universidade de Aveiro.
- MORAIS, J. A. David de, *Eu, AMATO LUSITANO*, No V Centenário do seu nascimento, Lisboa, 2Edições Colibri, 2011.
- NEJAR, Carlos, *Arca de Noé*, Cascais, Editora Pergaminho Ld.ª, 2004.
- *Cronica do Condestabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, Mendes dos Remédios (revisão prefácio e notas), Coimbra, F. França Amado- editores, 1911.
- SALVADO, Maria Adelaide Neto, *Nossa Senhora da Azenha, a Luz da Raia*, Edição da Câmara Municipal de Idanha- a- Nova, 2001.
- SALVADO, Pedro Miguel Neto, *Virgens, pedras e cobras num território de baixa densidade: a extinção das ofídios-paisagens, (Texto Policopiado)*, Master de Antropologia Ibero Americana, Universidade de Salamanca, 2015.

O MEL NAS CURAS MEDICINAIS DE AMATO LUSITANO

*Albano Mendes de Matos**



O mel, produto alimentar produzido pelas abelhas melíferas, por certo que foi utilizado como comida pelo homem desde os primórdios da sua existência, quando, tirado dos favos, construídos pelas abelhas nos troncos das árvores e nas pequenas grutas, o provou ficando maravilhado com a sua doçura.

Durante a Guerra Colonial, observámos a grande azáfama festiva, quando os nativos da Lunda, em Angola, entravam nas florestas para apanha do mel produzido pelos enxames, no meio natural, com os devidos cuidados para evitarem as ferroadas das abelhas.

Esse homem primitivo, sempre curioso com as coisas da Natureza, por certo que foi observando a ação das abelhas, no meio natural, e, com a sua prodigiosa propensão para o conhecimento, como manifestação cultural, pode afirmar-se que «amestrou» os insetos para produção controlada do mel, iniciando a apicultura.

Recordando as mezinhas medicinais da minha avó materna, natural de Castelo Novo, que utilizava o mel para dores de garganta, inflamações na boca, constipações e dores de dentes, entre outras utilizações, lembrei-me de procurar esse produto de origem animal nas Curas de Amato Lusitano.

Em criança, nos anos trinta do século passado, quando me queixava de dor de dentes, a minha avó logo procurava uma lata, punha-lhe brasas dentro, deitava sobre as brasas um pouco de mel, obtido em colmeias que tinha na Serra da Gardunha, mandava-me abrir a boca para receber a fumigação, os vapores do mel, na parte dorida.

Amato Lusitano utilizou na preparação de medicamentos, nas Curas Medicinais, elementos do Reino Vegetal, do Reino Animal, do Reino Mineral e do Reino Fungi, com grande preponderância para o primeiro, porque o homem é filho das ervas, com elas evoluiu, como regista a história da evolução humana.

Para elaboração deste ligeiro apontamento, respigámos na 1ª, 2ª, 4ª, 5ª, 6ª e 7ª Centúrias a aplicação do mel, simples ou em composições, como oximel ou oximelito, em clisteres, purgantes e vomitórios, sob a forma de electuários, decocções e xaropes, para debelar febre, febre terçã e quartã, icterícia, lombrigas, corrimentos femininos, dores, útero descaído, cólicas, fleimões, esterilidade feminina, infeções, perturbações do espírito, perturbações físicas, epilepsia, paralisia, retenção de fezes, pituíta, sarampo e perturbações por ingestão de fruta estragada. Alguns exemplos de curas:

Cura de lombrigas

Na Cura 60, da 4ª Centúria, relativa a um rapaz que tinha lombrigas, Amato Lusitano receitou um clister de leite e mel, que condicionou a saída e exterminação dos vermes.

Cura de febre, frio e algidez

Para a cura de um rapaz, de 11 anos, que sofria de ataques de febre, frio e algidez, Cura 3, 6ª Centúria, foi-lhe aplicado um clister preparado com decoto de coralina de portulaca, malva, coentros, ao qual foram adicionadas 2 onças de óleo rosado, 6 dracmas de cassia, 2 dracmas de hiera, 1 onça de mel violáceo, e 1 dracma de sal. Aplicado o clister, saíram, 12 vermes.

Cura de corrimento pituitoso com febre pituitosa

A esposa de Natal Proculei, patrício de Ragusa, sofria de corrimento pituitoso do útero, complicado com febre pituitosa, Cura 40, 6ª Centúria. Depois de lhe ser aplicado um vomitório, ingeriu, durante dias, em jejum, o preparado composto por 4 onças do decoto composto por avenca, hissopo, hortelã e melissa, em partes iguais, e 2 libras de água, 1 onça de mel rosado e ½ onça de oximel.

Cura de corrimento feminino avermelhado

A esposa de um mercador oriental, que sofria de corrimento antigo, avermelhado, a que se refere a Cura 66, da 5ª Centúria, Amato receita um vomitório, para afastar os humores por retração, formado por decoto com sementes de rábano, camomila, de nabo, de alcaparras e de aneto, ao qual foi adicionado, agárico bom, brando, pulverizado e oximel. Bebido tépido.

Cura de dores nos quadris

Na Cura 55, 6ª Centúria, consta a cura de um tintureiro de panos que tinha dores nos quadris e dado a vômitos, foi curado tomando, como vomitório, o decoto composto por 1 punhado de ásaro (nardo) e flores de camomila, em partes iguais, ½ punhado de sementes de rábano, cominhos e aneto, em partes iguais, e 2 libras de água, ao qual se juntou 1 onça de oximel e ½ dracma de agárico branco em pó. Misturar bem e beber tépido.

Amato refere que este vomitório é um medicamento muito útil. Alguém sofrendo de ciática ou de qualquer articulação, ficará de boa saúde por longo espaço de tempo.

Cura de dor na boca do estômago proveniente de muita viscosidade pituitosa

Na cura de dor na boca do estômago proveniente de muita viscosidade pituitosa de que sofria Júnio Georzi, patrício de Ragusa, de 55 anos, Cura 78 da 6ª Centúria, Amato mandou tomar o vomitório, bebido tépido, composto por 1 libra de água destilada de flores de camomila, 1 onça de oximel, 1 dracma de agárico branco pulverizado. Logo o doente vomitou sendo-lhe aplicado, depois, um clister formado por decoto de aneto, camomila, betónia, alecrim, centáurea menor, linhaça, cominhos e alcaravia, sendo misturado a 1,5 libra do decoto, 2 onças, em partes iguais, de aneto e camomila, 1,5 onça de mel rosado, 1 gema de ovo e 1 dracma de sal.

Cura de dores de garganta

Na Cura 97, 7ª Centúria, a um homem robusto que queixava-se de dores de garganta, que tinha inflamação, depois da aplicação de vários clisteres, sem proveito, foi-lhe dado um vomitório preparado com ½ onça de helébero preto, de sementes de aneto, de cominhos e de rábano, em partes iguais, 3 libras de água e 2 onças de mel rosado, pelo que ficou curado.

Cura de útero lasso

Na Cura 68 da 6ª Centúria, a esposa de Mateus Paschoal, Cátaro, sofrendo de útero lasso e de uma de uma doença epidémica que atacou a Europa, urinando pouco a caindo em prostração e com vontade de evacuar, foi-lhe ministrado um clister de camomila e aneto e, tomando um xarope formado por 1 onça de mel rosado e 5 onças de água de flores de camomila, três vezes antes de do jantar, ficou curada em poucos dias.

Cura de cólicas por ingestão de água fria

A um homem do Circo Bane, com dores cólicas, por ter bebido água fria, Cura 21, 7ª Centúria, foi aplicado um clister com óleo de linhaça, pelo que se sentiu melhor. Com aplicação de outro clister preparado com mel e trociscos de alandroal, ficou curado.

Cura de fleimão no intestino recto

Na Cura 57 da 7ª Centúria, a uma mulher estéril que, para se tornar fecunda, comeu sementes de

urtiga em abundância, pelo que contraiu vários sintomas de um fleimão no intestino recto, não evacuando, foi injetado clister refrigerativo e, depois, injetados clisteres de água e mel, ficando boa.

Cura de um rapaz com dores de cabeça, febre lenta e urina branca

Um rapaz albino com arrepios, dores de cabeça, febre lenta e com urina branca, Cura 96, 7ª Centúria, foi tratado com um electuário composto por «sebesten officinal», sementes de santonica e oximel. Lançou vermes vivos e ficou bom.

Cura de pituitosa acumulada na cavidade do estômago

Na cura de pituitosa acumulada na cavidade do estômago, com perturbações físicas e do espírito, de que sofria Margarella Soallia, Amato utilizou, na Cura 11 da 4ª Centúria, um vomitório composto por 1 onça de sementes de rábano, 1 onça de sementes de aneto, em decocção em 2 libras de vinho doce, adicionando-lhe ½ dracma de agárico, ½ onça de oximel, e um xarope preparado com 1 e ½ onça de oximel simples, 3 onças de decocção de hissopo, manjerona e sementes de anis, sendo depois purgada.

Cura de retenção de fezes

Na cura de dores de barriga e retenção de fezes, Cura 29, 4ª Centúria, de que sofria um mercador, foi aplicado um clister forte composto por centáurea menor, chamaepitus, erva aguda, cavalinha, óleo de linhaça, mel rosado, sementes de cártamo, urtigas, olmo montanhês, óleo de arruda, diafenição, troviscos e sal.

Cura de epilepsia, paralisia da perna e braço direitos

Na cura de um rapaz tomado de sintomas epiléticos, que veio a cair em paralisia da perna braço e direitos, Cura 22, 4ª Centúria, depois de vários tratamentos, Amato prescreve um purgante formado por amoníaco, ½ dracma de ruibarbo, pulverizado fino, 1 e ½ onça de oximel, 1 pires de caldo de frango e cinamomo.

Passado um mês, novo purgante composto por ½ libra de marmelos limpos, ½ libra de mel ou açúcar, derretido em água ou vinho.

Cura de sarampo e lombrigas

Na Cura 60, 4ª Centúria, consta um menino, de três anos, filho de Lubelo Proxeneta, depois de ter sarampo, lançou lombrigas pela boca. Amato mandou dar-lhe vinho a beber e administrar-lhe um clister com leite e mel. Depois, purgado com electuário de sebesta defecou com vermes.

Cura de náuseas, palpitações e angústia

A um pedagogo que ansiava por ter uma inteligência penetrante e uma memória segura e estava desejoso de comer fruto de carpésio (cubeba), comendo quatro grãos, foi assaltado de náuseas, palpitações e estados de angustiosos, Cura 74, 7ª Centúria, Amato receitou um vomitório composto por decocção de ½ onça de semente de aneto, ½ onça de raiz de radícula, ½ onça de cominhos, em 2 onças de água, juntando-lhe 2 onças de oximel, 1 dracma de agárico branco pulverizado. Bebido num só hausto, o pedagogo vomitou e ficou bom.

Cura de dupla terçã e icterícia

A Cura 65, da 5ª Centúria, refere a cura de um jovem florentino, de nome Amoreto, de 23 anos, que, atacado simultaneamente de dupla-terçã e icterícia, foi curado com purgativo composto com ruibarbo, electuário de tâmaras e oximelito. Tratamento para ejaculação de sémen

Na Cura 81, da 2ª Centúria, para ejaculação de sémen. Amato prescreveu um electuário composto por 2 onças de pistácios, 1 onça de pinhões, 1 onça de agriões cozidos, 5 dracmas de sementes de eruca hortense, ½ dracma de «crisócola» natural, de pimenta, de cardomono, de almíscar doce, 4 dracmas de cinamomo, 9 onças de mel sem espuma. Misturar, fazer electuário e tomar meia onça, ao deitar, bebendo por cima um pouco de vinho generoso.

Ingestão de cogumelos

Para a cura de perturbações provocadas por ingestão de cogumelos, Amato Lusitano receitava um vomitório e um purgativo, ambos com mel. O vomitório composto por decocção de ½ onça de sementes de ráfano e ½ onça de sementes de endro, com água até perfazer 8 onças, a que se juntava 2 onças de oximelito simples e 1 escrúpulo de agárico (um cogumelo para combater efeitos nocivos de outro). O purgativo composto por 2 dracmas de

agárico (também um cogumelo para combater os efeitos nocivos de outro cogumelo), oximelito silítico ou seja, oximelito de cebola albarrã, e 2 ½ electuário de diacártamo, misturados com decocção, que baste, de hissopo, orégão e poejo.

Amato comenta que se deve evitar comer boletos e amanitas e que os cogumelos são alimento dos homens do campo.

Nas espécies de boletos, encontra-se um dos melhores cogumelos para alimentação, o «Boletus edulis», e

um cogumelo venenoso o «Boletus satanas»; nos cogumelos amanitas, encontra-se um ótimo cogumelo para alimentação, o «Amanita caesarea», Amanita dos Césares, e cogumelo que mais mata em Portugal, «Amanita phalloides».

Terminamos este ligeiro apontamento realçando que Amato Lusitano não descurou a utilização do mel, produto de origem animal, produzido por pequeno inseto, na composição de medicamentos para preservação da saúde do homem.

GLOSSÁRIO

Absinto – Planta medicinal.

Agárico – Cogumelo.

Alcaravia – Planta herbácea espontânea e cultivada, que tem propriedades medicinais.

Almíscar – Aroma característico, produzido por glândulas existentes no mamífero almiscareiro.

Substância extraída de plantas ou de origem artificial, cujo aroma é semelhante ao do almíscar.

Aneto – Planta apiácea, endro, endrão, funcho bastardo.

Arrátel – Medida de peso, do sistema anglo-saxónico, equivalente a 453,6 gramas.

Ásaro – Planta herbácea, rasteira, medicinal.

Cardamono – Planta, cujas sementes aromáticas se empregam em farmácia

Cártamo – Planta bolbosa que tem aplicações culinárias e medicinais.

Cassia – Planta medicinal.

Cinamono – Planta da família da caneleira

Cubeba – Planta aromática, pimenta de Java usada em feitiços.

Decocção – Fervura de substâncias medicamentosas num líquido.

Decoto – Produto da decocção

Diafenição – Polpa das tâmaras utilizada em purgantes fortes.

Dracma – Medida de peso com oitava parte da onça.

Electuário – Medicamento composto de pós e extractos vegetais misturados com mel ou açúcar.

Endro – Planta apiácea semelhante ao funcho

Eruca (Eruca vesicaria) – Planta herbácea, comestível, com flores brancas ou amarelas.

Escrópulo – Antiga unidade de medida de peso equivalente a 1,125 gramas.

Hausto – Trago, sorvo.

Hieléboro – Planta da família das ranunculáceas, que diziam curar doenças nervosas e a loucura. Erva besteira.

Hissope, hissopo - Planta medicinal. Erva-das-azeitonas.

Onça – Peso antigo equivalente à décima parte do arrátel ou seja, 28,6875 gramas.

Oximel, oximelito – Bebida composta de água, mel e vinagre.

Pituitoso – Humor aquoso do nariz, brônquios e estômago.

Portulaca – Planta, beldroega.

Ráfano – Planta silvestre.

Sebesta – Drupa, fruto da planta sebesteira.

Sebesten – Árvore boraginácea que dá fruto semelhante a ameixa.

Terçã – Febre palustre em que os acessos se repetem de três em três dias.

Trocisco – Forma farmacêutica preparada com substâncias medicamentosas secas e pulverizadas, que se corporizam com gomas, mucilagens, xaropes, etc.

“CURA PALIATIVA” – PARA UMA HISTÓRIA MAIS COMPLETA: AMATO LUSITANO E RODRIGO DE CASTRO

*António Lourenço Marques**

A “boa morte” de Francis Bacon



Fig. 1 - Francis Bacon

Nunca, até então, a questão do fim de vida, do ponto de vista da medicina ou, por outras palavras, da intervenção dos médicos, tinha sido colocada com uma tal precisão. Foi Francis Bacon (1561-1626), o grande filósofo impulsionador da ciência moderna, que desde cerca de 1605 formulou de forma clara qual devia ser o papel do médico (ou da medicina) face ao doente com uma doença incurável, na fase final da vida. As suas palavras são inultrapassáveis. Quatro séculos depois continuam a ter todo o sentido, sendo de uma atualidade impressionante. Vejamos:

Francis Bacon utiliza para este assunto, um termo já conhecido, mas que estava esquecido. Referimo-nos à palavra eutanásia, que tinha sido utilizada por Suetónio, no século I d. C., na obra “Vida dos doze Césares”¹, onde diz: “Morreu de repente (Augusto) entre beijos de Lívia e com estas palavras: ‘Lívia, vive lembrando o nosso casamento. Adeus!’. Coube-lhe em sorte um fim fácil, tal como sempre o desejara; de todas as vezes que ouvia dizer que alguém falecera rápido e sem sofrimento, rogava por uma semelhante ‘eutanásia’ – era esta a palavra que usava – para si e para os seus.” Ora, no livro “De dignitate et augmentis scientiarum libri

novem”, Francis Bacon fala agora do assunto da seguinte forma:

“Eu diria que o ofício do médico não é apenas o de restaurar a saúde, mas também suavizar as dores e sofrimentos associados às doenças; e isto não apenas na medida em que esta suavização da dor, considerada como um sintoma perigoso, contribui e conduz à convalescença, mas também para proporcionar ao doente, quando não há mais esperança, uma morte suave e pacífica; porque não é uma parte menor da felicidade esta eutanásia (que Augusto desejava muito para si próprio)”².

E Bacon, vai mais longe, reprovando, com assertividade, o abandono dos doentes, escrevendo:

“Mas no nosso tempo os médicos parecem ter feito uma lei para abandonarem os doentes assim que estes cheguem ao fim da vida; na minha opinião, se eles fossem ciosos de não falharem o seu dever nem por consequência à humanidade, e mesmo para aprenderem a sua arte mais profundamente, eles não poupariam nenhum cuidado para ajudar os moribundos a sair deste mundo com mais suavidade e de forma mais fácil”³.

A clareza do texto de Bacon não deixa dúvidas sobre a orientação que na época da revolução científica (transição para o séc. XVII e a seguir) se pretendia para a medicina, nesta área. Trata-se de uma inflexão específica no sentido médico quanto à doença incurável e terminal. ⁴ Hipócrates havia preceituado que nos casos de prognóstico mortal o médico devia “abster-se da continuidade de um tratamento, pois, se ele ainda tratasse de um doente e este morresse, isso poderia ser interpretado por outros como um fracasso médico”⁵. O uso extensivo

² François Bacon, *Oevres Philosophiques, Morales et Politiques*, Paris, MDCCCXXXVI, p. 113 (As citações aqui indicadas foram traduzidas pelo autor deste artigo. Esta edição monumental em francês das obras de Francis Bacon reúne as traduções de La Salle, Dufey filho, Guy, Collet e Buchon a partir dos textos originais em inglês ou latim).

³ *Ibid.*, p. 114.

⁴ Paula la Marne, *Euthanasie*, in: Dominique Lecourt, dir., *Dictionnaire de la pensée médicale*, PUF, 2004, p. 458.

⁵ Hartmut Kress, *Ética médica*, Edições Loyola, 2008, p. 328.

¹ Suetónio, *O Divino Augusto*, trad. Agostinho da Silva, Livros Horizonte, 1975, p. 89.

do prognóstico hipocrático, que também procurava, como se vê, proteger a reputação do médico, tinha, no entanto, como principal finalidade “determinar racionalmente quais os doentes que deviam ser tratados e aqueles que deviam ser deixados sós”⁶. O *princípio primum non nocere* era aqui aplicado com rigor. Uma intervenção inútil era considerada como causadora de dano. Além disso, a fama ganhava-se “não tentando tratar doentes incuráveis sem esperança”⁷. Diz Hipócrates, concretamente: “Quanto à medicina, que é o assunto em causa neste texto, eu pretendo demonstrar o que ela é. Começarei por defini-la tal como eu a concebo. A medicina é uma arte que cura as doenças, ou que apazigua as dores; e que não se envolve perante aqueles que o mal levou a um estado de incurabilidade”⁸. E ainda: “É preciso, em todos os casos, aprender a conhecer o prognóstico: é o meio de obter uma justa admiração e de merecer o nome de bom médico”⁹.

A tradição longa na medicina era, pois, o médico não atuar quando prognosticava a doença como incurável e que, inexoravelmente, levava à morte. Esta atitude de desobrigação do médico percorre a história da medicina ocidental até tempos muito recentes e não estará talvez abolida, dependente que está também do progresso moral da própria sociedade. No século XVIII, por exemplo, o cirurgião português, António Francisco da Costa (? – 1793), ao descrever o caso de um doente que vai morrer na sequência de uma ferida penetrante do tórax, que tinha evoluído desfavoravelmente durante vários dias, escreveu: “Achou o Medico o pulso tardo, e irregular, e retirando-se sem dar ordem alguma, ficámos nós sendo testemunha daquele triste e funesto espectáculo”¹⁰. Em 1992, quase no limiar do século XXI, ainda em Portugal, foi relatado, na imprensa, o caso de um doente, com um cancro incurável exposto, abandonado no domicílio sem qualquer assistência profissional, depois de lhe ter sido aplicado o funesto ditame de “não haver mais nada a fazer”¹¹. Este caso teve influência na

6 Paul Carrick, *Medical Ethics in Antiquity*, D. Reidel Publishing Company, 1985, p. 154.

7 Ibid. p.154.

8 Hippocrates, De l'Art, in: *Traduction des Oeuvres de Hippocrate*, Tome second, A Toulouse Chez Fages, MDCCCL, pp. 184-185 (tradução das citações pelo autor deste artigo).

9 Hippocrates, Prognostics, in: *Traduction des Oeuvres de Hippocrate*, Tome premier, p. 30.

10 Antonio Francisco da Costa, *Algebrista Perfeito*, Lisboa, Na Officina de Manoel Coelho Amado, MDCCCL, p. 18.

11 Fernando Paulouro Neves, Hospitais mandaram-no embora, in: *Jornal do Fundão*, maio 1992. - (<http://www.historiamedicinapaliativa.ubi.pt/pdfs/jornais%20fundao/jornaldofundao.pdf>), acedido em 6 de agosto de 2018.

abertura da primeira Unidade de Cuidados Paliativos portuguesa.¹²

O argumento de Bacon atalhava este rumo. Os médicos deviam “aprender a sua arte mais profundamente” para ajudarem os doentes que iam morrer. Ele vislumbrava assim o papel verdadeiro da medicina, avanço que só veio a verificar-se, já no século XX adiantado, com a formação final da especialidade da medicina paliativa.

Mas, olhando para o tempo antes de Bacon, o assunto da palição nas doenças incuráveis não era novidade. No entanto, foi este filósofo, Francis Bacon, que deu nota das características fundamentais da palição médica, ou o seu ADN, se assim se pode dizer.

Primeiras referências à “cura paliativa



Fig. 2 - Terceira Centúria de Curas Medicinai, 1556

Vejam, então, que referências já havia na literatura médica sobre este assunto, identificado pela expressão “cura paliativa”.

Já noutros trabalhos citámos Amato Lusitano, recordando a posição deste médico albacastrense renascentista. Indiscutivelmente, é legítimo considerar, de acordo com o texto amatiano, *Centúrias de Curas Medicinai*, que o tema integrava correntemente a medicina, tendo uma justificação coerente, e baseava-se em princípios sólidos da própria medicina. Na III Centúria de Curas Medicina, publicada em 1556, na cura 32^a, tantas vezes já citada, o médico português, no caso de uma

12 Isabel Galriça Neto, Palliative care development is well under way in Portugal, in *European Journal of Palliative Care*, 2010; 17(6), p. 278

doente com cancro avançado da mama, discute o tratamento, e chama à colação o assunto, citando o Livro 6º dos *Aforismos de Galeno*, explanação 38, que refere: “Tratando-se de um cancro que só admitia tratamento benigno” (...) “empregar uma providência que convenha ao sofrimento, isto é, forcá-lo à cura e torna-lo mais suave, principalmente quando há exulceração”¹³. E Amato Lusitano clarifica este ensinamento: “A este método de curar, que Galeno chama mitigatório, demulcente ou afagante, costumam os autores de medicina mais rudimentar chamar paliativo”¹⁴. É exatamente esta palavra “paleativum” que ele utiliza.¹⁵ E então como se devia fazer? Diz o médico: “Neste caso (cancro avançado da mama) é necessário que, se nada mais fizermos, limpemos ao menos o pus, usando qualquer substância líquida, não ao acaso, mas já encontrada por experiência ou indicação”¹⁶. Conclui que é “este método de curar paliativo”, aquele que “os cirurgiões actualmente aplicam na nossa doente”¹⁷. Ora, pelas características que ele atribui a tal tratamento (definido como resultado da experiência e com indicação) conclui-se que era uma intervenção rigorosa, pertencente aos cânones da medicina.

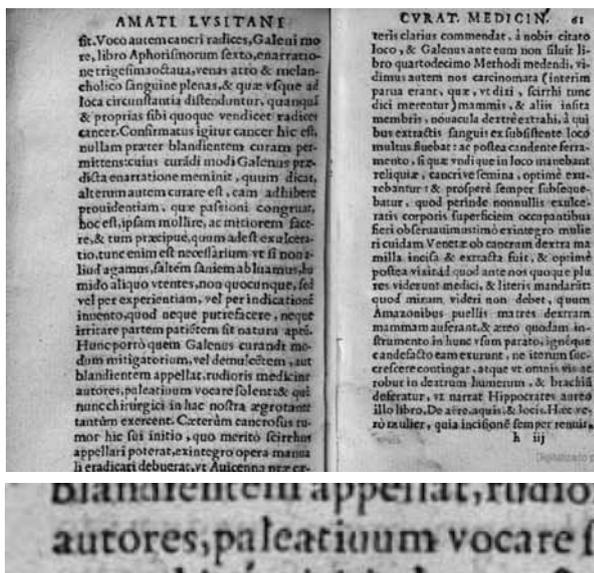


Fig. 3 - Cura XXXII, Terceira Centúria de Curas Medicinaiis, 1556

Mas, já no século XIV, na *Chirurgia de Guy de Chauliac* (1298-1368), datada de cerca de 1363, tal autor cita três situações em que o médico podia

substituir o tratamento causal por uma “cura praeservativa, et palliativa”. Concretamente, em primeiro lugar, eram as doenças incuráveis pela sua própria natureza; depois, em segundo lugar, quando o doente não aceitava um tratamento causal e curativo; e, finalmente, nos casos em que o tratamento curativo acarretasse maior dano do que o causado pela própria doença (STOLBERG: 20). O livro de Chauliac foi o mais importante tratado de cirurgia divulgado na Idade Média, com inúmeras versões manuscritas em várias línguas, desde o francês, ao alemão, inglês, italiano, holandês, provençal e catalão, podendo afirmar-se que esta posição, relativamente à “solução” paliativa, seria a mais comumente adotada pelos cirurgiões. É num manuscrito da *Chirurgia*, de Guy de Chauliac, em inglês, produzido cerca de 1425, que se encontrou, pela primeira vez, ao que se sabe, (STOLBERG: 21), o termo paliativo, tal qual o vamos encontrar em Amato Lusitano. Noutra obra já posterior, a *Practica in arte chirurgica copiosa (Roma, 1514)*, de Giovanni da Vigo (1450-1525), médico italiano, que teve o cargo de primeiro cirurgião do Papa Júlio II, num capítulo sobre o tratamento do cancro, utiliza também o termo “cura paliativa”, considerando-se ter sido esta a primeira vez que tal expressão terá aparecido numa obra impressa. O livro, antes citado, de Chauliac, era ainda manuscrito. A obra impressa está disponível on-line numa edição de 1561, que foi feita, curiosamente, na mesma editora das *Centúrias de Curas Medicinaiis*, de Amato Lusitano, onde podemos confirmar as palavras: “curatione paliativa”. Giovanni da Vigo considerava dois tipos de cura para o tratamento do cancro: a “cura erradicativa” e a “cura paliativa”¹⁸. A cura cirúrgica erradicativa podia em alguns casos matar o doente, aconselhando Giovanni da Vigo, em alternativa, o uso de remédios suaves (cura paliativa) e deste modo prolongar-se-ia a vida do doente. Compreende-se que sendo a cirurgia então extremamente violenta e perigosa (quer pela agressão brutal que constituía, devido em particular à inexistência da anestesia ou porque, muitas vezes, se usava já nas situações avançadas e desesperadas, com um desfecho fatal praticamente inevitável), o tratamento paliativo era mais consentâneo com os propósitos da medicina, que presidiam ao trabalho dos médicos e dos cirurgiões. A cura paliativa não era dolorosa e permitia até mais tempo de vida. Frequentemente, também o doente não aceitava a cirurgia e então o cirurgião ou o médico, como era o caso de Amato Lusitano, tinham de escolher outra

13 Amato Lusitano, *Centúrias de Curas Medicinaiis*, Vol. II, Universidade Nova de Lisboa, (sem data), p. 222.

14 Ibid.

15 Amati Lusitani, *Curationum medicinalium Centuriae due tertia & quarta*, Lugduni, 1556, p. 60. Acesso internet: https://play.google.com/books/reader?id=P_x30JswKGgC&pg=GBS.RA5-PA60-IA1

16 Ibid.

17 Ibid.

18 Jovannis A Vigo Gevensis, *Practica*, Lugduni, MDLXI, p. 125.

solução, aceitando a incurabilidade da doença. O papel dos cirurgiões, como estamos a ver, teve uma grande importância na origem e no desenvolvimento das ideias sobre a palição. Relativamente ao cancro, seria corrente os cirurgiões, perante os casos avançados, proporem tratamentos paliativos. E na literatura médica portuguesa, encontramos mesmo outras referências em tal passado.

Outros autores portugueses

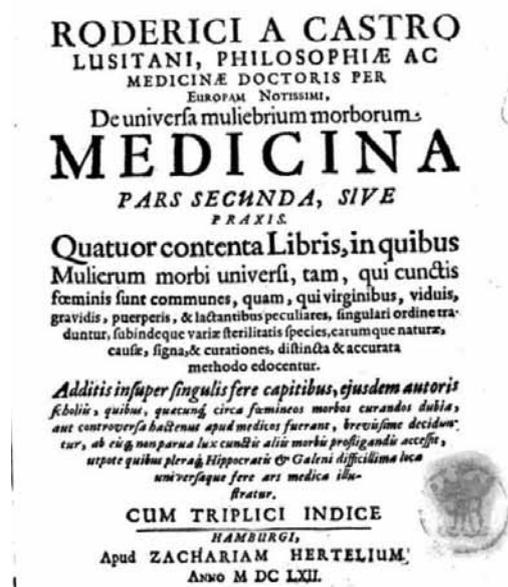


Fig. 4 - "Da univ[er]sa muliebrum morborum MEDICINA"

O medico português Rodrigo de Castro (1550-1627) é outro autor representativo que contribuiu para a consistência do conceito de palição, e que também deve ser citado na história da medicina paliativa. Ele recomendou, no seu livro de ginecologia, *De Univer[sa] Muliebrum Morborum Medicina*¹⁹, publicado em 1603 (Castro foi o primeiro médico ginecologista português), a "curatio paliativa" (são estas as palavras que escreveu) nas úlceras malignas do útero e no cancro avançado da mama feminina. E noutro seu livro muito importante, *O Médico Político*, publicado em 1615, escreveu no capítulo intitulado: "Alguns preceitos muito úteis quanto às ações do médico para com os doentes", o seguinte: "Se a doença for crónica (...) pensar-se-á nos estupefacientes se as dores ou os corrimentos ou as insónias excessivas o atormentam"²⁰. Este é um aspeto central da medicina paliativa de hoje, o tratamento da dor com estupefacientes. E noutro capítulo dedicado às doenças incuráveis (*Não deve*

assumir-se a cura das doenças incuráveis e quais elas são), afirma também: "Contente-se o médico se puder mitigá-las de modo a torná-las suportáveis e a não aumentarem depois"²¹.

Rodrigo de Castro, nascido em Lisboa, em 1550, frequentou a Universidade de Salamanca, formou-se em medicina, e viveu na Alemanha (Hamburgo), onde exerceu a profissão, entre 1596 e 1628, ano em que faleceu. Foi, portanto, contemporâneo de Francis Bacon, o pensador que elaborou, como vimos atrás, o importante conceito da boa morte, com o concurso da medicina. Este célebre filósofo da ciência estava sintonizado com o estado mais avançado da medicina do seu tempo. Este facto reforça o valor das ideias que defendeu neste campo dos cuidados médicos. Sendo a ciência "uma procura, suscetível de aperfeiçoamento" no sentido de "um progresso indefinido do saber"²² (a perspetiva baconiana), as ideias dos médicos que aqui referimos (Chauliac, Giovanni da Vigo, Amato Lusitano e Rodrigo de Castro) têm que ser tomadas em conta como sendo aquelas que fizeram o caminho que se foi aperfeiçoando, neste caso da medicina paliativa, até à atualidade. A ideia de os cuidados paliativos serem uma invenção recente, sem estas raízes, não coincide com a investigação histórica.

Há, nesta altura, na medicina, claramente uma preocupação pelo conforto do doente, pelo tratamento da dor e pelo controlo das lesões neoplásicas ulceradas exteriormente (o que na medicina paliativa de hoje, se denomina "controlo de sintomas").

É em 1692, que um médico escreve o primeiro tratado monográfico dedicado aos cuidados paliativos. Chama-se o livro *De Cura Paliativa*, e o seu autor é Elias Kuchler. Editado em Erfurt, tem apenas 30 páginas, nas quais faz uma análise pormenorizada do conceito em causa.

Estamos, pois perante um capítulo novo da história da medicina. História nova, não referida nos tratados tradicionais da clássica história da medicina, e cuja investigação é imposta pela introdução da nova especialidade médica. É assim! O avanço prático da ciência faz abrir mais os olhos sobre a história da própria ciência que está em causa. Amato Lusitano e Rodrigo de Castro não podem ser ignorados num capítulo essencial.

*Médico. Cuidados Paliativos. Universidade da Beira Interior.

²¹ Ibid., p. 204.

²² Georges Gusdorf, *Da história das ciências à história do pensamento*, Pensamento, 1988, p. 11.

¹⁹ Roderici A Castro, *De univ[er]sa muliebrum morborum Medicina*, Hamburgi, MDCLXII, p. 304.

²⁰ Rodrigo de Castro, *O médico político*, Edições Colibri, p. 159.

O CONCEITO DE “MÉDECIN SANS FRONTIÈRES” REVISITADO EM AMATUS LUSITANUS.

*Romero Bandeira**

*Rui Ponce Leão***

*Sara Gandra****

*Ana Mafalda Reis*****

Resumo

Os autores revisitam Amatus Lusitanus retrospectiva e preditivamente nos 450 anos do aniversário da sua morte.

Com profundo conhecimento das fraquezas humanas e das fragilidades do exercício da Medicina escreveu em 1559 um Juramento, aquando do final da sua carreira clínica, seguindo o exemplo de outras grandes figuras da Medicina que marcaram a Escola Iatroéutica Portuguesa do Sec. XVI.

Prócere da Medicina, Amato cumpre indelevelmente uma trajetória Humanitária.

Este trabalho pretende tão somente fundamentar conceptualmente o epíteto atribuído a Amato como um precursor do actual “Médico sem Fronteiras”.

Para todos quantos se dedicam ao socorro médico extra-hospitalar a figura de Amato consubstancia, em si, o perfil ideal do que deve ser considerado humanitariamente como um médico sem fronteiras.

Podendo, *a priori*, este trabalho ser considerado como uma súpula de citações, foi-o propositadamente, na medida em que se pretendeu trazer à colacção depoimentos insuspeitos, de autores nacionais e internacionais que reiteram à figura de Amato o destaque a que tem jus.

Interventor nato no terreno, vê doentes em todo e qualquer lugar, sem distinção de religião, raça ou credo político.

Palavras-chave

Catástrofe, Implicados, Interventores, *Médecins-sans-Frontières*, Urgência

1 - Introdução

A postura médica de Amato Lusitano e a sua relação com a sociedade envolvente sempre nos marcou numa forma indelével porque através dos

séculos ela pode ser apresentada como um modelo a atingir.

Segundo Barbosa Machado, citado por Maximiano Lemos, Amatus, um médico notável natural de Castelo Branco, morre vítima de contágio pela peste na distante Tessalônica. Se nada mais houvesse a dizer, ele poderia ter sido apontado como um paradigma para o perfil actual e conhecido dos “Médicos sem Fronteiras” .

Tessalônica foi notável pelas suas escolas, nas quais milhares de estudantes aprenderam a língua sagrada e a lei mosaica (lei de Moisés), em dezenas de sinagogas.

Segundo Max Solomon, citado por Nabais (2010): “Ele representa como erudito, anatomicamente e clinicamente, a Medicina do século XVI”.

Já anteriormente havíamos abordado, neste âmbito, a sua postura nas VI Jornadas de Estudo, Medicina na Beira Interior da Pré-História ao Sec. XX através duma breve comunicação subordinada ao título , *Amato Lusitano – Médico Sem Fronteiras*, e, mais tarde, com os mesmos autores de hoje, no 2nd Congress of the Alps-Adria Working Community on Maritime Undersea, and Hyperbaric Medicine, Croácia, focamos a análise na sua figura com um trabalho intitulado *Amato Lusitano “Médecins Sans Frontières”, 1511 – 1568, a Portuguese Doctor in Dubrovnik*,

Hoje, revisitamo-lo

2 - Citações de alguns Autores Amatianos

Maximiano Lemos (1907), o decano português dos historiadores da Medicina a ele dedicou uma monografia, que hoje é um clássico sobre a vida de Amato e que da qual extratamos da pag. 166:



Fig. 1

"Na sua residência em Salonica, Amato viveu na intimidade da família do seu corrigionario Guedelha Yahia, a quem dedicou a sua sétima centúria. Este Guedelha era filho d'um medico Moisés Ibn Yahya que exerceu clinica na Turquia na primeira metade do seculo XVI. Residiu em Salonica e n'uma epidemia que alli se desenvolveu não só arriscou a vida no tratamento dos empestados mas gastou muitos milhares de ducados em auxiliar os doentes pobres e em enterrar os próprios mortos."

E a pags. 196-197:

"Erudito, conhece sete línguas: o grego, o latim, o hebreu, o allemão, o francez, o italiano e o hespanhol, além da sua própria, e isto permite-lhe commentar Dioscorides:

Com profundo conhecimento do texto e dos seus diferentes interpretores; clinico ahi estão as 700 curas da sua prática a atestar os seu méritos de observador; anatómico, deixamos provado que a elle se deve em grande parte a descoberta das válvulas das veias. É por isso que Malgaigne, o grande cirurgião francez, se lhe refere n'estes termos: " Quanto a Portugal, tinha produzido um grande observador que levava de vencida com êxito quasi igual a medicina e a cirurgia Rodrigues de Castello Branco, que do nome da sua ingrata pátria adoptou o nome de Amato Lusitano."

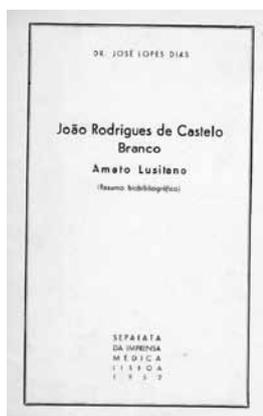


Fig. 2

O seu dedicado e eminente biógrafo **José Lopes Dias**, dele, disse:

"Escritor brilhante, tem sido e será tanto mais admirado quando mais lido e conhecido, quer no Index Dioscorides e nas Ennarrationes, que ostentam a faceta naturalista, quer nas Sete Centúrias de Curas Médicas, repositório monumental da sabedoria clinica da época e o mais autorizado documento médico do Sec XVI subscrito por um Português." (Dias 1952a) – Fig 2

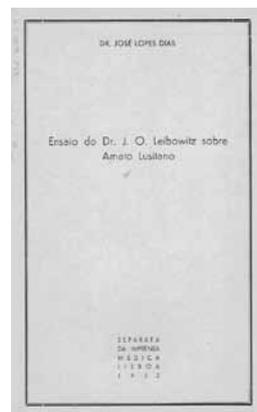


Fig. 3

"Quando foi chamado, em dado momento, junto dum membro da família duca Colonna e o doente não executou as prescrições, Amato recusou prestar-lhe mais cuidados, não obstante todas as súplicas; deixou escrito que nenhuma consideração de honorários, de posição ou de situação do doente conseguiam levá-lo a diminuir a dignidade da profissão médica. De resto, destinou um capítulo especial à explicação destes factos (Cent. III – 11)" (Dias 1952b) – Fig 3

Da pag. 223 da sua Biografia de Amato Lusitano, (Fig 4) coligimos:

"Actualmente, o catedrático de História da Medicina da Universidade de Zagreb, Lavoslav Glesinger, traduz em língua serbocroata a Sexta Centúria ou Centúria Ragusina; e um escritor de Sofia (Bulgária) pretende verter as Centúrias nas línguas búlgara, inglesa e russa. É o Prof. Salvatore Israël, para quem Amato é o maior tratadista clínico do quinhentismo." (Dias 1971)

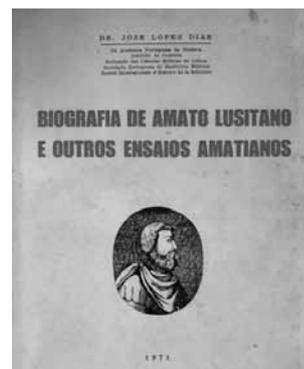


Fig. 4

Luis de Pina , catedrático de de História da Medicina da Fac. Med. Porto e fundador do Museu de História da Medicina Maximiano Lemos produziu uma obra imensa no domínio de História da Medicina. Igualmente a Amato Lusitano dedicou alguns dos seus trabalhos e que entendeu deixar aqui uma modesta amostra do seu testemunho científico.

"De Ricardo Jorge (2) a Maximiano Lemos (3) e de Lemos a José Lopes Dias (4) é já brilhante a soma de trabalhos dedicados a Amato Lusitano, insigne albicastrense que se chamou João Rodrigues de Castelo Branco. (5)

Verdadeiro Judeu errante por terras de Portugal e forasteiras, conheceu Lisboa, Coimbra, Évora, Alcácer do Sal e tantas outras;

Lovaina, Malinas, Basileia, Friburgo, Antuérpia (1533), Ferrara (1541), Ancona (1547), Venesa, Génova, Roma (onde foi médico do Papa Júlio III, em 1550), Florença, Pesaro, Ragusa, etc. até Salonica, onde morreu de peste, em 21 de janeiro de 1568, no cumprimento do seu dever médico.

Conviveu Amato com algumas das mais notáveis personagens do tempo: assim Agrícola, Erasmo e Luis Vives, o médico Brasavola, o anatómico Eutáquio, Damião de Góis, o médico arabista Dionísio e outros muitos.

É médico do padre Santo, de Cosme de Médicis, de Diana de Este e tantos outros doentes de categoria, como pode ver-se nas suas observações clínicas."
(Pina 1955) – Fig 5



Fig. 5



Fig. 6

"A morte, em 1568, de dois ilustres médicos luso-hebreus, João Rodrigues de Castelo Branco ou Amato Lusitano e Garcia de Orta, o primeiro na cidade turca de Salonica, o segundo na portuguesa indiana de Goa, não podia ser esquecida para preitearmos, uma vez mais, a memória dos sapientes clínicos, dos maiores nas crónicas médicas de todos os tempos."
(Pina e Mesezes 1968) – Fig 6

Igualmente **Ricardo Jorge** legou-nos páginas inolvidáveis acerca do nosso biografado.

Citamos apenas e muito ao de leve duas publicações, que devem ser, quanto a nós, evidenciadas:

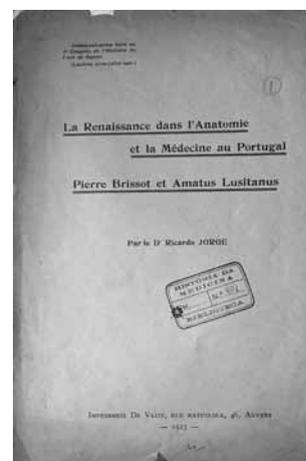


Fig. 7

"Personne peut-être ne caractérise mieux, par son activité multiple et par la teneur de ses oeuvres magistrales – Dioscoride et Centuriae – la grande époque de la renaissance médicale. Max SALOMON le regarde justement comme le representative man de la médecine du XVIème siècle dans son action restauratrice sous le quadruple point de vue de l'exégèse érudite, de la découverte anatomique, de la recherche botanique et de l'exégèse érudite, de la découverte anatomique, de la recherche botanique et

de l'observation clinique. Mais ce n'est que de loin que son influence s'est exercée sur le perfectionnement de l'enseignement et de la pratique dans son pays, où il n'est jamais plus retourné, exilé par l'intolérance anti-sémite.” (Ricardo-Jorge 1923) - Fig.7



Fig. 8

No seu *Amato Lusitano* Ricardo-Jorge (1962) escreveu a pags. 215-216:

"Laguna recomendava aos que não podiam ir à Índia que ao menos fossem à Casa da India, em Lisboa, e lá veriam todas as espécies de canela.

Matiolo exortava os médicos de EL_Rei de Portugal a que tirassem bem a limpo a diferença do cinnamomum e da cassia lígnea (Ficalho – Garcia da Orta). Amato foi dos primeiros a olhar com vista de botânico e de médico os simplices e as drogas luso-índias; precedeu Garcia d'Orta, que lhe levou apenas a vantagem, nem sempre devidamente aproveitada, de devassar de mais perto no próprio centro de produção e remessa.”- Fig.8

Andrade de Gouveia (1985) numa publicação, que se impõem divulgar dois autores ímpares da Medicina Portuguesa estabelece com clareza meridiana aspectos sinérgicos da acção de Garcia d'Orta e de Amato Lusitano para o desenvolvimento da "Matéria Médica, no século XVI":



Fig. 9

"1534. Neste ano, ambos iniciam nova vida e passam a desenvolver as suas actividades em meios profundamente diferentes – Amato Lusitano em permanente peregrinação e exílio pela Europa culta, e Garcia d'Orta embarcando para a Índia e fixando-se em Goa, meio de certa maneira bem propício à investigação de novos produtos.”...pag. 10

"João Rodrigues de Castelo Branco fixa-se em Antuérpia de 1534 a 1541, onde abriu clínica e prosseguiu os seus trabalhos; ampliou os seus conhecimentos de história natural; frequentou a Casa de Portugal e Feitoria de Flandres, conviveu com médicos, farmacêuticos, herbanários e mercadores, afluentes a este empório comercial.

Aqui adquiriu vastos conhecimentos e publicou a sua primeira obra sobre simples e drogas, Index Dioscorides... (Antuérpia, 1536), raríssima em Portugal, um exemplar existente na Biblioteca de Évora. Iniciou em Antuérpia a escrita dos Comentários a Dioscórides, obra sobre o mesmo assunto do Index mas com muito maior desenvolvimento. "...pag. 11

"A obra de Garcia d'Orta – Coloquios dos simples, e drogas he cousas medicinais da India... (Goa, 1563) – ocupa uma posição cimeira nos trabalhos do Renascimento sobre matéria médica, pelo acréscimo extremamente rico de novas substâncias e materiais, principalmente provenientes do Oriente, e pelo rigor científico, crítico e inovador da sua apresentação.”... (pag.23)

"Garcia d'Orta e Amato Lusitano viveram na mesma época. Tiveram formações escolares idênticas e foi semelhante o início das suas carreiras profissionais – exercício de medicina e estudo de produtos da natureza, com influência do movimento renascentista, dos descobrimentos e expansão portuguesas, e de instabilidade pessoal proveniente das suas origens judaicas.” (pag 69) - Fig 9

Amato Lusitano (1511-1568)
Garcia d'Orta (1501 – 1568)

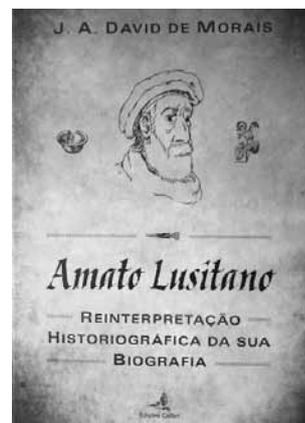


Fig. 10

David de Morais (2015), cuidadoso biógrafo de Amato, na obra em que reproduzimos a capa, faz um estudo exaustivo de datas e factos chamando a atenção que o ano de partida de Portugal é 1535 e também que a formatura por Salamanca data de 1532.

Obviamente que datas certas, são “contas certas” mas para este nosso trabalho as datas em referência não são relevantes, porque não nos consta que o perfil e postura de Amato se tenham modificado no decurso de meia dúzia de anos, como aliás se tornou bem patente.

Porém, são dados cronológicos que devem ser relevados. – Fig 10

José Maria Nabais (2010) também a ele prestou todo o cuidado e atenção:

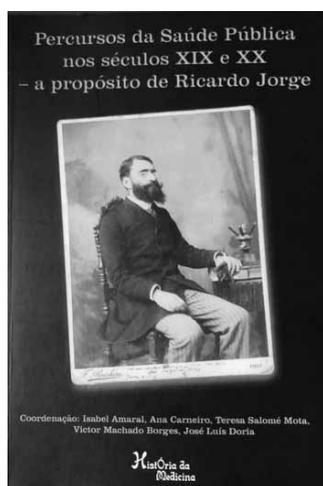


Fig. 11

"Amato Lusitano (1511 – 1568) ou João Rodrigues de Castelo Branco (nome de baptismo) foi um médico judeu – formado na Universidade de Salamanca, seria um dos primeiros físicos de espírito humanista, com conhecimentos de botânica, farmacologia e terapêutica da matéria médica, além de professor de Anatomia na Universidade de Ferrara. De nobre espírito crítico, aliado a uma personalidade combativa sem limites, plena de uma curiosidade e desejo de saber, com uma capacidade intrínseca de assumir o risco, típica de um observador atento e rigoroso sempre na demanda da verdade. Um desígnio de tolerância e dignidade que pela sua perseverança e competência, a que não é alheia a afirmação reiterada à sua cultura religiosa de tradição judaico-cristã, vai permitir-lhe caminhar na frente da ciência médica no limitado tempo em que viveu. Caminhante indefectível palmilhou a Europa aos ziguezagues da perigrenação, esta personagem omnívoda, desde Portugal, Espanha, França, Flandres, passando pelos guetos de Itália, Ragusa

(actual Dubrovnik) até morrer exausto ainda a combater uma epidemia de peste em Salónica, já no Levante Otomano, de Quinhentos. A vida de um homem assim (um vagabundo de génio) é uma odisseia radiante, em busca da Terra Prometida pela sua condição de judeu errante. Segundo Max Solomon: "Ele representa como erudito, anatomista e clínico a Medicina do século XVI". - Fig.11

Mário Gonçalves Viana (1954) relativamente a outro português notável, o Padre António Vieira, escreveu as seguintes palavras lapidares:



Fig. 12

"Ninguém pode dominar inteiramente os preconceitos de uma época. O P.e António Vieira, como todos os percussores, tinha de ser um incompreendido."

Aliás, o próprio Vieira (1608 – 1697) escreveu:

"Quanto mais um homem sobe, tanto mais inimigos tem! É no alto das montanhas que mais se experimenta o fragor das tempestades."

Não temos quaisquer dúvidas que estas palavras quadram primorosamente em Amato Lusitano.

Recentemente a sua figura continua a influenciar uma plêiade numerosa de autores e que a ele têm dedicado a sua análise e os seus trabalhos, porque princípios Amatianos continuam a ser um farol eclético para o conhecido e o desconhecido no âmbito do que devem ser os princípios do trabalho médico. (Fig.12)

Assim as autoras Croatas, **Marija-Ana Dürriegl e Stella Fatovic-Ferencic** (2002) esclarecem-nos:

"A estada de Amatus Lusitanus em Dubrovnik e a actividade médica por ele aí desenvolvida constituem uma valiosa prova da existência de laços culturais que ligavam Portugal e a Croácia, no contexto civilizacional mais amplo dos povos da

bacia mediterrânea. O trabalho de Amatus Lusitanus tornou-se uma referência incontornável para todos aqueles que se dedicam à investigação da herança médica croata."

E também, **Elli Kohen** (2007) que nos diz:

"In 1565 a great plague epidemic ravaged salonica Amatus hoppocratic principle was always to adhere to the most needy, to those in a great suffering, in total disregard of any risk to his person. Himself contaminated while caring for his patients, Amatus died in his host Yahya's house victim of his professional dedication, on January 25, 1568, age 51. An epitaph in Latin hexameters by his old friend. Pyrrho Lusitano, was inscribed on his grave: "Amato Lusitano, who has provided life to princes and kings, to the rich and to the poor, died far away from his country and rests in the land of Macedonia.""

"Amatus had encountered in Salónica a large number of highly esteemed physicans on whom he had exerted on enourmous influence."

Muito recentemente, **Telmo Corujo dos Reis** (2019), transmite-nos:

"Lendo Amato no seu contexto literário e científico e distinguindo, enfim, entre o que ele apresenta de inovador e o que deve a toda uma tradição prévia permitir-nos-ia determinar em que grau estava ele consciente de que gastronomia e civilização são processos simultâneos."

Esta asserção tem todo o cabimento, porque, como hoje bem sabemos, a alimentação, particularmente respeitando os credos religiosos e políticos reveste-se de toda a acuidade, mormente nas situações de catástrofe.

Abalizados conhecedores no plano científico dos trabalhos de Amato não podemos deixar de citar **Rui Pita e Ana Leonor Pereira** (2015) os quais relevam acerca deste assunto a opinião de Lain Entralgo, lídimo autor médico e autêntico "marco miliário" na Historia da Medicina:

"Pedro Lain Entralgo expõe na sua obra que, nos séculos XVI e XVII, vários médicos na Europa cultivaram uma nova vertente da literatura médica. Justamente uma vertente descritiva, clínica, protagonizada por grandes mestres com o objectivo de "transmitir aos outros o seu saber próprio". Lain salienta que entre os séculos XVI e XVII vários desses autores "cultivaram com brilhantismo esse novo género de literatura médica". Entre eles, o consagrado historiador espanhol cita o nome de Amato Lusitano, sublinhando que todos os

autores quincentistas desse novo estilo de literatura médica tinham como denominador comum uma maior individualização, um tratamento biográfico na descrição das doenças e, para além disso, uma "intenção estética co-cognoscitiva". Conforme se lê textualmente, "mais do que a prescrição de um saber fazer", a observação do doente sensibiliza para um "saber ver" e um "saber entender"."

Citemos aqui o depoimento de **Simone Veil**, verdadeiro eixo ideológico de intervenção operacional relativo aos Médicos sem Fronteiras.



Fig. 13

"Allocution prononcée par Simone Veil, Ministre de la Santé et de la Sécurité Sociale, au 4^o Congrès de Médecins sans frontières le 30 avril 1977."

"Depuis plus de cinq ans, médecins et infirmières, vous êtes groupés, volontairement, dans MÉDECINS SANS FRONTIÈRES pour mener une action humanitaire dans des pays où la situation est difficile. Cela peut-être à la suite d'un cataclysme naturel, ou parce que la vie quotidienne est malaisée pour les populations compte tenu du climat politique et des conditions économiques ou encore, et de plus en plus, parce que vous avez à réparer ce que les hommes eux-mêmes détruisent."

"Vous vous êtes regroupés au nom d'un seul principe. Votre charte est très explicite sur ce point: vous voulez seulement atténuer la souffrance, la soulager, vous conduire en médecins, aider les hommes sans distinction d'idéologie, de religion, de race, de sexe, d'âge. Vous le faites non en vertu d'une idéologie abstraite ou pour le bénéfice d'un parti mais simplement parce que, médecins ou infirmières, vous entendez manifester dans ces pays une solidarité humaine, une fraternité."...

"Il ne s'agit pas pour de faire la charité. Ce n'est pas de cela dont vous vous réclamez. Vous avez quelque

chose de précis à apporter: vos connaissances, votre expérience, vos techniques. Vous les donnez dans le seul souci d'aider les hommes, de diminuer leur souffrance et de faire en sorte qu'un jour, il y en ait moins de par le monde. Telle est, du moins notre commune esperance.” (Fig 13)

David de Moraes (2011), enfatiza, na pag. 148 do seu, “Eu, Amato Lusitano”:



Fig. 14

“E atente-se nas seguintes passagens, bem esclarecedoras, do seu Juramento deontológico:

“Quanto a honorários, que se costumam dar aos médicos, também fui sempre parcimioso no pedir, tendo tratado muita gente com mediana recompensa e muita outra gratuitamente.

“Muitas vezes rejeitei, firmemente, grandes salários, tendo sempre mais em vista que os doentes por minha intervenção recuperassem a saúde do que tornar-me mais rico pela sua liberalidade ou pelos seus dinheiros.

“Com igual cuidado tratei dos pobres e dos nascidos em nobreza.

“Ao receitar sempre atendi às possibilidades pecuniárias do doente, usando de relativa moderação nos medicamentos prescritos.”

Eis, pois, a personalidade e carácter de um homem que sabia nitidamente o percurso que queria seguir e que, em coerência, sempre prosseguiu, morrendo a tratar doentes com peste no longínquo Oriente.” -Fig. 14



Fig. 15

E, Rocha Brito (1937), acerca dele escreveu:

“Clinico sagacíssimo, que pela Europa andou prodigalizando a sua experiência e o seu vasto saber por doentes de todas as categorias sociais, pobres e ricos, como o afirmam as suas setecentas histórias médicas, espalhadas pelas suas sete centúrias, escritor vernáculo, erudito e brilhante, um dos primeiros do seu tempo e o primeiro da nossa Renascença Médica, cientista de merecimento, Amato Lusitano, a esses notáveis predicados, suficientes, mesmo isolados e muito mais quando juntos num só cérebro, para immortalizar um homem, reunia a mais elevada e nobre figura moral, espelhada nesse magnifico juramento, com que remata a sétima centúria.” – Fig 15



Fig. 16

Do seu Juramento publicado na Gazeta dos Hospitais do Porto por Maximiano Lemos et al (1911), extratamos:

“Algumas vezes cheguei a recusar as remunerações que me ofereciam, julgando-me suficientemente recompensado com a saúde que dava aos meus doentes.”

"Considerarei do mesmo modo todos os homens, qualquer que fosse a religião que professassem: judeus, cristãos ou arabs. Nunca solicitei dignidades e prestei aos pobres os mesmos cuidados que às mais ilustres personagens."

"Os meus livros sobre a arte da medicina não foram escritos para satisfazer uma ambição, mas sim para ajudar, na medida das minhas forças, a dar a saúde aos homens. Os outros dirão se o consegui." (Fig. 16)

3 - Reflexões acerca da Peste e do comportamento Médico

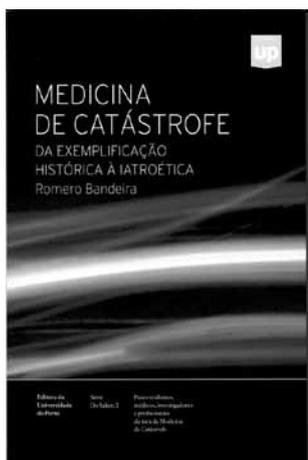


Fig. 17

Há doenças epidémicas designadas por “pestes”, que se deveriam chamar antes “pestilências” de forma a não as confundir com a verdadeira peste (Grmek 1983), que atingiram de tal forma a humanidade mas cujas melhores descrições foram feitas não por médicos mas por historiadores (Bandeira 2008)

Na sua “História da Medicina em Portugal”, Lemos(1899) escreveu: “O estudo da epidemiologia portuguesa foi feita por José Rodrigues de Abreu (Historiologia Medica, I, Lisboa Ocidental, 1733) - Bernardino António Gomes <<Apontamentos para a Historia Epidemiologica Portuguesa>>, na Gazeta Medica de Lisboa, 1ª série, VI, p. 81) - Macedo Pinto (Medicina Administrativa e Legislativa, 2ª parte, Coimbra, 1863, p. 371) e Vieira de Meireles (Memorias de Epidemiologia Portuguesa, Coimbra 1866)”. As nossas diligências apenas lograram acrescentar ao trabalho deste último os documentos existentes no Arquivo da Câmara Municipal do Porto, e os publicados pelo Sr. Eduardo Freire de Oliveira nos seus “Elementos para a História do Município de Lisboa”, além de um ou outro esclarecimento colhido na leitura dos nossos escritores médicos.

Ora, Meirelles (1866) tratou com todo o cuidado as seguintes:

- Peste de 1348
 - Peste de 1415
 - Peste de 1569
 - Peste de 1579
 - Peste de 1598
 - Peste do Algarve (1645 - 1650)
 - Peste de 1680
- (Bandeira 2008)

O estudo histórico de postura ética dos médicos, em situações de urgência colectiva, com destaque para as epidemias, tem sido feito por alguns autores, entre eles médicos e historiadores, que não têm chegado a conclusões sobreponíveis, embora exista um denominador comum que vem a ser uma tomada de posição ética, por parte dos médicos, cada vez mais em bloco, sobretudo a partir do século XIX, tendo por base as organizações institucionais que eles próprios vão criando e que delas fazem parte.

Quando, porém, se analisa o comportamento ético dum médico ou dum grupo de médicos, numa determinada época histórica, há que o fazer procurando interpretar e integrar esse comportamento no ambiente científico, sócio-cultural e religioso dessa mesma época e procurar não ter a tentação de analisar factos, já passados há vários séculos, à luz de conceitos actuais. Qual virá a ser opinião da Humanidade, em meados do 3º Milénio, sobre a nossa actuação enquanto médicos e serviços de saúde, perante os doentes HIV seropositivos na última década do 2º Milénio? Porventura não se repetirá, uma vez mais, a História?

Sem haver a pretensão de fazer perguntas, às quais ninguém pode responder neste momento, mas sobre as quais é legítimo reflectir, passa-se a analisar o altruísmo e as obrigações éticas que foram ou não realmente assumidas no passado pelos médicos face às doenças pestilenciais.

Em tempos de epidemia, constata-se efectivamente, que muitos médicos fugiram das cidades, incluindo Galeno, de Roma no ano 166 D. C. e Sydenham, de Londres no século XVII. Durante a Peste Negra, em meados do século XIV, em várias cidades da Europa designadamente em Veneza grande parte dos médicos fugiram da cidade (Zuger e Miles 1987). Para muitos deles as obrigações religiosas para tratar as vítimas da pestilência formalizaram-se em deveres profissionais. Outros, ainda, permaneceram nas zonas de contágio mais

por razões patrióticas do que profissionais. Outros ainda ligados a escolas médicas e a cortes europeias foram vítimas pela peste (Gottfried 1989). Entre os vários tratadistas da época figurava a máxima latina “debent curare infirmos” (Amundsen 1977).

Guy de Chauillac no segundo tratado da sua *Chirurgia Magna* - a pp 171- 172, ed F. Nicaise, Paris 1890- revela que muitos médicos fugiram ou tiveram um comportamento pouco correcto perante os doentes (Guy-de-Chauillac 1890).

Em 1382 foi publicada em Veneza uma lei proibindo a fuga dos médicos e a figura do “médico da peste” foi institucionalizada, passando estes a terem direito a habitação, a salário e a cidadania.

Cerca de dois séculos depois, durante a Grande Epidemia de Londres, em 1665, a fuga dos médicos volta a verificar-se conforme nos é relatado (Defoe 1986). No entanto houve excepções, algumas delas bem documentadas, como foi o caso de William Boghurst que publicou um pequeno memorial em 1666 sobre a peste.

Zuger e Miles (1987) generalizam ao escrever que só alguns, poucos, permaneceram nos seus postos, mas possivelmente outros houve que não nos deixaram qualquer informação, ao contrário de Boghurst, que realmente legou as suas obrigações éticas, bem ponderadas, à posteridade.

Aqueles autores apontam outro exemplo, que vem a ser a epidemia de Febre Amarela em Filadélfia em 1793, em que três dos mais conhecidos médicos da cidade também dela fugiram, seguidos por outros colegas de menor “craveira”, tendo no entanto uma grande parte permanecido, por razões privadas ou religiosas, e mesmo muitos adoecido e morrido.

Como exemplo é apontada a figura de Benjamim Rush, que considerava os seus doentes como uma extensão da própria família.

Em Medicina de Catástrofe temos obrigatoriamente que considerar (Bandeira 2018):

a) Interventores (Classificação de Heymans e Wiersma)

Nas aulas ministradas no Curso de Medicina de Catástrofe do ICBAS/HGSA o Prof. Custódio Rodrigues expendeu que:

«A nosso ver, as exigências do perfil psicológico do interventor não deverão confinar-se à ausência de perturbações psiquiátricas que possam interferir com as capacidades de julgamento e decisão. «integridade do comportamento emotivo ou caracterial», para além da confusão

inadmissível de «emoção» com «carácter», é manifestamente insuficiente, pois um indivíduo que seja afectivamente normal, mas de temperamento emotivo e/ou de ressonância das representações secundário (classificação dos temperamentos de Heymans e Wiersma) não será, por certo, um interventor eficaz na zona de impacto. No primeiro caso - ser emotivo - faltar-lhe-á lucidez imediata para avaliar a situação; no segundo caso - ser secundário - surgirá lenta uma acção que se deseja o mais rápida possível; no terceiro caso - ser emotivo e secundário - a emotividade paralisará mesmo por vários minutos uma acção que urge executar.

Quanto à outra das três variáveis que Heymans e Wiersma juntaram à *emotividade* e à *ressonância das representações* - a *actividade* - será de escolher preferencialmente para a zona de impacto os indivíduos activos.

Não serão, contudo, de excluir liminarmente da equipa de socorros indivíduos com os traços de personalidade atrás mencionados, dado em zonas recuadas de apoio eles poderem executar com eficácia os actos decorrentes das suas competências técnicas. Mas devem ser especificamente classificados como interventores de retaguarda.

Entende-se pois igualmente, com base em trabalhos já publicados por aquele autor (Custódio-Rodrigues *et al.* 1989) que na escolha de pessoal interventor - médicos ou não - o primeiro parâmetro a analisar e que deverá ser eliminatório, será o do perfil psicológico.

b) Primointervenientes

Actualmente os primointervenientes em situação de catástrofe são os médicos urgentistas civis e militares, obviamente os que possuem as respectivas competências (Adler 1988; Poirson-Sicre 2000; Noto 2010a).

c) Implicados

Conceito desenvolvido pelo General Noto em que se pode entender o implicado como qualquer indivíduo que não seja vítima somática no local do acidente mas cujo comportamento necessita de um acompanhamento adaptado, extensivo aos indivíduos que não estavam presentes no local. Assim sendo, existe um “traumatismo psíquico” que necessita de “socorros psicológicos” e obviamente duma correcta gestão do stress (Sanchez e Amor 2002).

Igualmente nunca podemos esquecer o relacionamento ético:

A Iatroéutica em situações de catástrofe tem obrigatoriamente que se radicar em critérios clínicos rigorosos *versus* a capacidade de resposta terapêutica em função do número de pessoas sinistradas. Não pode ser encarada num plano pontual, mas global. Há, porém, que salvaguardar com prioridade, vítimas que real e efectivamente se salientem, como por exemplo, progenitores dignos de uma prole menor. A posição assumida pelo médico, será: para além da análise de cada caso clínico sobre si, encarar a totalidade das vítimas, como se de uma só vítima se tratasse, e, se tiver que “amputar”, parte, fazê-lo para procurar salvar o todo.

Aquilo que Albert Schweitzer chamou “a reverência perante a vida”, tem uma grande expressão nos locais de acidente com inúmeros feridos. O nosso papel como médicos deverá ser o de maximizar o potencial de vida, com a limitação possível do sofrimento, mesmo quando a morte é inevitável (Königová 1993).

O projecto de Carta Ética Europeia e Mediterrânica sobre a resiliência às Catástrofes, de 24 de Março de 2010, do Conselho da Europa, é um documento que obrigatoriamente deve ser conhecido por todos aqueles que se dedicam à Medicina de Catástrofe.

Os seus 27 artigos “na falta dum instrumento jurídico adequado que precise, à escala Universal ou Regional os direitos e os deveres do Homem em caso de catástrofe”, constituem recomendações incontornáveis acerca dos deveres e direitos para todos aqueles que têm que lidar com situações de catástrofe.

A Medicina de Catástrofe, a Medicina de Urgência, a Medicina Humanitária devem fazer-nos reflectir, acerca da passagem do individual ao colectivo, do quotidiano ao excepcional, da situação normal à situação de crise, com as vertentes da Medicina de Urgência e da Medicina Humanitária.

4- Conclusão

Amato cumpriu um itinerário de vida que não se balizou pelas fronteiras geográficas dos países que atravessou. Apesar das dificuldades que tantas vezes o martirizaram, a sua devotada dedicação aos pacientes, a sua independência face ao *statu quo* sócio-religioso, face a análise científico-cultural perante a matéria médica que ele tão bem conheceu e que prodigalizou aos doentes, configuram-no como um “Médico sem Fronteiras”; obviamente muito para além do sentido geográfico do termo,

mas principal e fundamentalmente pela elevada capacidade científica e carismática independência que lhe eram intrínsecas. Sem distinção de religião, raça ou credo político.

E como se tudo isto não bastasse morreu contagiado ao lado dos seus doentes a combater a peste, de que tão bem conhecia os seus efeitos deletérios. Não fugiu como Galeno e Sygenham.

Enfim, legou-nos um Juramento que acaba por ser o seu *Curriculum Vitae*, farol a iluminar o caminho que, nós, elementos do Serviço de Saúde, em nosso entendimento, devemos palmilhar.

5 - Agradecimento

Os autores agradecem ao Senhor Mário Ferreira, 2º Comandante dos BVS Pedro da Cova pela colaboração prestada na elaboração do manuscrito.

6- Bibliografia

- Adler J (1988) Assessment of Disasters in the Developing World. In: Baskett P, Weller R (eds) *Medicine for Disasters*. Wright, London, pp 132-144
- Amundsen D W (1977) Medical Deontology and Pestilencial Disease in the Late Middle Ages. *J Hist Med Allied Sci* 32: 403-421
- Andrade de – Gouveia AJ (1985) Garcia d’Orta e Amato Lusitano na Ciência do seu Tempo. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa. Lisboa
- Bandeira R (1994) Amato Lusitano – Médico Sem Fronteiras. VI Jornadas de Estudo, Medicina na Beira Interior da Pré-História ao Sec. XX. Castelo Branco.
- Bandeira R (2008) Medicina de Catástrofe, Da Exemplificação Histórica à Iatroéutica. Dissertação de Doutoramento. ICBAS, Porto
- Bandeira R, Reis AM, Gandra S, Ponce-Leão R (2006) Amato Lusitano “*Médecins Sans Frontières*”, 1511 – 1568, a Portuguese Doctor in Dubrovnik, 2nd Congress of the Alps-Adria Working Community on Maritime Undersea, and Hyperbaric Medicine. Croácia
- Bandeira R (2018) Intervenção Médico-Sanitária Urgente em situações de Catástrofe. Análise e Conceptualização. In: Luciano L e Amaro A (Coords) *Riscos e Crises, da Teoria à Plena Manifestação*. Imprensa da Un. de Coimbra: pp 321-371
- David-de-Morais (2011) Eu, Amato Lusitano, no V Centenário do seu nascimento. Ed. Colibri. Lisboa
- David-de-Morais (2015) Amato Lusitano. Reinterpretação historiográfica da sua biografia. Ed. Colibri. Lisboa
- Defoe D (1986) *A Journal of the Plague Year*. Penguin Books, Middlesex, Gonçalves-Viana M (1954) *Pde António Vieira, Serões e Lugares Selectos*. Ed. Educação Nacional. Porto
- Gottfried R (1989) *La Muerte Negra*. Trad. por Utrilla J. Fondo Cultura Economica, México
- Gremek M (1983) *Les Maladies à l’Aube de la Civilisation Occidental*. Payot, Paris, Guy de Chauliac (1890) “*Chirurgia Magna*”, pp 171- 172, ed F. Nicaise, Paris
- Kohen E (2007) *History of the Turkish Jews and Sephardim: memories of a part golden age*. University Press of America.
- Könningova R (1993) Ethical Problem in Mass Disasters. *Ann. Medit. Burns Club* 6: 190-192

- Lemos M (1899) História da Medicina em Portugal. Manoel Gomes Ed, Lisboa, 2 vols.
- Lemos M (1907) Amato Lusitano. A sua Vida e a sua Obra. Ed. E Tavares Martins. Porto
- Lopes-Dias J (1952a) João Rodrigues de Castelo Branco. Amato Lusitano. Sep Imprensa Médica Lisboa.
- Lopes-Dias J (1952b) Ensaio do Dr J O Leibowitz sobre Amato Lusitano. Sep Imprensa Médica, Lisboa.
- Lopes-Dias J (1971) Biografia de Amato Lusitano e outros Ensaios Amatianos. Sep. Estudos. Castelo Branco
- Marija- ANA Durrigl, Stella Fatovic-Ferencic (2002). The Medical Practice of Amatus Lusitanus in Dubrovnik (556-1558). Acta Médica Portuguesa, 15: 37 – 40
- Maximiano Lemos et al (1911) Juramento de Amato. Gazeta dos Hospitais do Porto, V ano: 289-290
- Nabais JM (2010) Do Humanismo na Medicina: a Figura de Amato Lusitano segundo Ricardo Jorge. In: Borges VM et al (eds) Percursos da Saúde Pública nos séculos XIX E XX – a propósito de Ricardo Jorge. Ed. CELOM, Lisboa pp. 43-56
- Noto R (2010a) Médecine de Catastrophe, quel devenir, la Lettre de la SFMC nº 63, Anexe I : 32-40
- Pina L (1955) Amato Lusitano na História da Psiquiatria Portuguesa. In: Dias J (ed) Homenagem ao Doutor João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano). Imprensa de Coimbra, pp. 143-175
- Pina L e Meneses M (1968) A Escola Médica do Porto nos estudos Biográficos e Críticos de Amato Lusitano. Estudos Castelo Branco
- Pita, J; Pereira, A L (2015) — Estudos contemporâneos sobre Amato Lusitano. In: Andrade A, Mora C, Torrão J (Coords.) Humanismo e ciência: Antiguidade e Renascimento. UA Editora- Universidade de Aveiro-Imprensa da Universidade de Coimbra-Annablume. Aveiro, - Coimbra, São Paulo: pp. 513-541.
- Poirson-Sicre S (2000) La médecine d'urgence préhospitalière, Glyphe & Biotem éditions, Paris
- Reis T (2019) Dinâmica Civilizacional e diversidade gastronómica – Algumas Aportações do Livro II das *Enarrationes* de Amato Lusitano. In : Pinheiro J e Soares C (eds) Patrimónios Alimentares de Aquém e Além-Mar. Imprensa Universidade Coimbra, pp. 613-625
- Ricardo – Jorge (1923) La Renaissance dans L'Anatomic et la Médecine au Portugal. Pierre Brissot et Amatus Lusitanus. 3º Congrès de l'Histoire de l'Art de Guérir. Imp. De Vliet Anvers.
- Ricardo-Jorge (1962) Amato Lusitano Comentários à sua Vida, Obra e Época. Instituto de Alta Cultura. Lisboa
- Rocha – Brito (1937) Juramento de Amato Lusitano. Sep. Coimbra Médica – vol IV, nº1. Coimbra
- Sanches J, Amor J (2002) Intervencion Psicológica en las Catastrofes, Ed. Sintesis, Madrid
- Simone-Veil (1979). Médecins Sams Fontières. Soins urgentes en situations de Catastrophe. Herman Ed. Paris
- Zuger A, Miles S (1987) Physicians, AIDS, and Occupational Risk. JAMA 258: 1924-1928

*Société Française de Médecine de Catastrophe (SFMC)
Société Européenne de Médecine de Sapeurs Pompiers (SEMSP)
CEIS20- Un. Coimbra
ueifis.pr@gmail.com

** Hospital Santa Maria Porto
ruipleao@gmail.com

*** Centro Hospitalar e Universitário do Porto
saragandra@gmail.com

****ICBAS – Un. Porto
docmaf@sapo.pt

A PASSAGEM DO DOUTOR EGAS MONIZ PELO COLÉGIO DE SÃO FIEL

*André Oliveira Morais **



Fig. 1: António Caetano de Abreu Freire Egas Moniz (1908)

Nótula Introdutória

No decorrer dos séculos, a região albicastrense foi berço de diversas figuras proeminentes que contribuíram para o enriquecimento científico e cultural de Portugal, das quais destacamos Amato Lusitano. Não obstante, personalidades não autóctones contactaram com o concelho de Castelo Branco, experiência que marcou vincadamente os seus percursos.

O caso do Professor Doutor António Egas Moniz, médico neurologista agraciado em 1949 com o Prémio Nobel da Medicina e da Fisiologia, em conjunto com Walter Rudolf Hess, devido à relevância do uso da leucotomia pré-frontal¹ no tratamento de doenças do foro mental, ilustra exemplarmente esta situação. Conquanto fosse estarejense, foi em Castelo Branco que frequentou os estudos secundários no Colégio de São Fiel, em Lourçal do Campo. As referências sobre este período da vida do médico, escritas na primeira

¹ "Operação cirúrgica, hoje em desuso, realizada em psicocirurgia (introduzida, em 1934, por Egas Moniz, médico e fisiologista português), que consiste no seccionamento das fibras nervosas da região pré-frontal dos núcleos medianos do tálamo, dos quais deriva o comportamento afectivo". "A descoberta de Moniz será crítica-da, elogiada, discutida, compreendida ou incompreendida, mas sem dúvida (...) iniciou uma reacção em cadeia que levará ao melhor conhecimento da fisiologia dos lobos frontais do homem" (Lima, 1975, pp. 15-16; Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, [s.d.]; Porto Editora, 2003).

peessoa, não são abundantes, exceptuando-se determinados relatos publicados dispersamente e, mormente, alguns dos excertos patenteados em *A Nossa Casa* (1950), obra autobiográfica onde registou as suas memórias mais significativas.

Porquê escolher o Colégio de São Fiel?

No sopé meridional da Serra da Gardunha, em Lourçal do Campo, próximo do Fundão, ergue-se um edifício de traçado rectangular com dimensão considerável, semelhante a um convento. A sua monumentalidade contrasta com o ambiente rural que envolve a paisagem. Trata-se do antigo Colégio de São Fiel, consumido pelo incêndio do passado dia 15 de Agosto de 2017. As chamas devastaram o interior do vasto edifício e da igreja, apiadando-se somente das estruturas de alvenaria que sustentam o complexo arquitectónico. Estas ruínas, de destino incerto, pertenceram a "um colégio que, no interior profundo do nosso país, formou durante décadas largas centenas de jovens, incluindo aquele que, até há poucos anos, foi o único Prémio Nobel português, Egas Moniz" (Morujão, 2017, p. 380). São Fiel é uma referência para a História da Educação em Portugal e, deste modo, não é displicente recordar, ainda que concisamente, os principais aspectos associados à sua existência.

Recuemos até ao ano de 1850, quando um frade Menor desejava instituir um colégio-asilo na Beira Baixa. Falamos de Frei Agostinho da Anunciação (1808-1874), nascido José Bento Ribeiro Gaspar, em Louriçal do Campo, que tomou o hábito no Convento do Varatojo em 1831, depois de frequentar o quinto ano de Direito na Universidade de Coimbra. O seu apostolado centrava-se na juventude e, após fundar três colégios, um em Torres Vedras e dois no Varatojo, almejava construir outro para albergar as crianças órfãs e pobres da sua terra. Alpedrinha foi um dos locais apontados, porém Manuel António Ribeiro Gaspar, um dos irmãos do franciscano, ofereceu-lhe o seu terreno do Casal da Pelota para aí se erigir a futura instituição da invocação do venerável mártir São Fiel. A casa ficou pronta um ano depois e foi concedida em 1852 a autorização régia necessária para a sua abertura, suportada “com subscrições, doações e esmolas” (Costa, 2016, pp. 233-234). Mais tarde, em 1857, o fundador confiou a casa-pia à Companhia das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, as quais lideraram o seu destino até 1862, data do afastamento forçado por perturbações sociais e políticas relativas ao congregacionismo religioso.

Entretanto, o estabelecimento de São Fiel sofreu em 1858 – precisamente no mesmo fatídico mês de Agosto –, um rude incêndio que o devastou, sendo necessário enviar doze dos alunos para o Colégio de Maria Santíssima Imaculada, em Campolide (Lisboa), recém-fundado pelo Padre Carlos Rademaker (1828-1885). Portanto, “data dessa época o primeiro contacto entre Frei Agostinho e o ensino ministrado pelos jesuítas” (Rosa, 2004, p. 25). Após a partida das irmãs vicentinas, Frei Agostinho considerou pertinente entregar São Fiel ao cuidado dos seguidores de Santo Inácio de Loyola. Por intervenção da infanta D. Isabel Maria de Bragança (1801-1876), de quem era confessor e director espiritual, conseguiu o beneplácito do Papa Pio IX para a sua solicitação.



Fig. 2: O Colégio de São Fiel (1891)

Consequentemente, “apesar de Louriçal do Campo não ter qualquer semelhança com uma pequena e muito menos com uma grande cidade, passou a ter um grande colégio” (Morujão, p. 389) a partir de 1863, com a chegada dos primeiros três membros da Companhia de Jesus². Receando uma nova expulsão de Portugal, “os jesuítas redobravam a cautela com os seus bens imóveis mais importantes e procuravam salvaguardar a propriedade dos seus colégios e residências ao abrigo da diplomacia internacional” (Romeiras, 2016, p. 72), razão que justifica em 1873 a venda *oficial* do colégio a três ingleses jesuítas, pela quantia de dois mil contos de reis, garantindo a protecção diplomática britânica.

A partir de então, o colégio passou a admitir jovens em regimes pensionista e gratuito, internos e externos, perfazendo a média anual de trezentos e cinquenta rapazes. Paulatinamente, São Fiel “agiganta-se aos olhos do País e passa a ser uma das mais conceituadas instituições escolares de Portugal” (Rosa, p. 35), apenas suplantada pela sua congénita sediada em Campolide, distinguindo-se no panorama do ensino nacional principalmente pela importância que concedia ao ensino experimental das Ciências Naturais. Segundo Francisco Malta Romeiras, releva-se, desde logo, “a criação de gabinetes de física e laboratórios de química equipados com instrumentos modernos, a constituição de importantes colecções de botânica, zoologia e mineralogia, a realização de expedições para observação de eclipses e para recolha de novos espécimes de animais e plantas, a instituição de um observatório meteorológico, e a organização de sessões solenes em que os alunos eram responsáveis pela realização de demonstrações científicas” (pp. 74-75). A importância dada às Ciências resultou na criação da conceituada revista *Brotéria*, em 1902, pela mão de Joaquim da Silva Tavares (1866-1931), Carlos Zimmermann (1871-1950) e Cândido Mendes de Azevedo (1874-1943). Egas Moniz foi um dos seus assinantes (Antunes, 2010, p. 37). Sobrevivendo à Primeira República (1910-1926), continua a ser publicada actualmente.

Concomitantemente o ensino das Línguas e Humanidades, bem como os exercícios físicos, não eram descurados das preocupações pedagógicas. Existia igualmente espaço para diversas actividades extracurriculares, como a formação musical, da qual surgiu uma banda filarmónica – que, como veremos,

² De acordo com João Mendes Rosa, entre eles estava o Padre António José Justino que passou a dirigir a instituição com o título de Vice-Reitor, “cargo que ocupará até à passagem estatutária e definitiva do Colégio para a Ordem de Santo Inácio” (pp. 31-32).

Egas Moniz chegou a integrar –, um orfeão e um coro. As opções educativas obedeciam às directrizes propostas pela *Ratio studiorum*, documento elementar da pedagogia jesuítica publicado em 1599 (versão final). Por sua vez os *Exercícios Espirituais*, cerne da espiritualidade inaciana, eram realizados uma vez por ano durante três dias. Com efeito, as dimensões religiosa e científica eram complementadas, *Ad majorem Dei Gloriam*, para benefício dos discentes que frequentavam São Fiel.

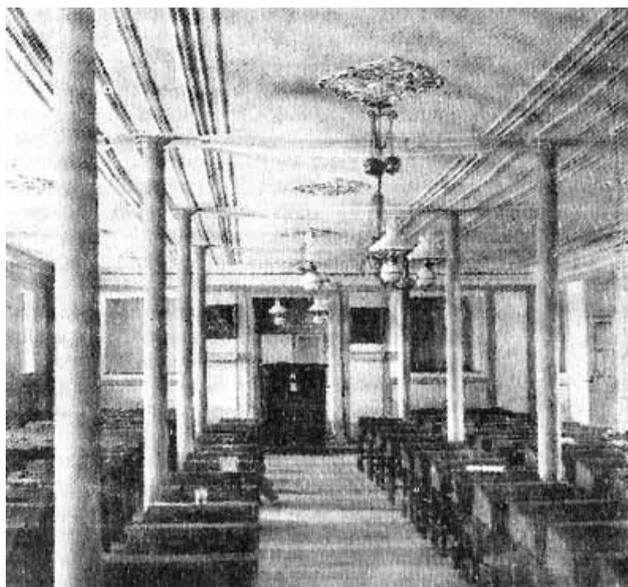


Fig. 3: Vista geral de uma das salas de aula (1893)

É sobejamente reconhecido que a excelência do ensino de uma instituição somente pode ser alcançada se o seu magistério for desempenhado por elementos capazes. O Colégio de São Fiel estava munido de um corpo docente com alto nível científico, “comprovado por terem sido membros fundadores da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais quatro professores jesuítas neste colégio: Joaquim da Silva Tavares, Carlos Zimmermann, Manuel Rebimbas (1873-1944) e Cândido Azevedo Mendes” (Morujão, p. 392). Merecem, talqualmente, destaque os nomes de José da Cruz Tavares (1847-1916), Luis Gonzaga Cabral (1866-1939) e Luís Gonzaga de Azevedo (1867-1930).

Por este colégio passaram inúmeros nomes que se notabilizaram em vários quadrantes da sociedade portuguesa, tais como, e referindo somente alguns, António Egas Moniz (1874-1955), João de Deus Ramos (1878-1953), Felisberto Robles Monteiro (1888-1958), Luís Cabral de Moncada (1888-1974), João Mendes do Amaral (1893-1981), Américo Cortez Pinto (1896-1979) e Cassiano Abranches (1896-1983).

Em Outubro de 1910 aguardava-se o início

de mais um ano lectivo em Lourçal do Campo, ultimando-se os preparativos para receber os alunos. Todavia, a mudança operada no regime político ditou um futuro diferente. No dia 7 chegou a notícia do assalto ocorrido no Colégio de Campolide. Decidiu-se que o Padre Joaquim da Silva Tavares, na altura desempenhando as funções de director de São Fiel, deveria abandonar o estabelecimento e constituir, celeremente, uma comissão administrativa para assegurar os compromissos firmados com as famílias dos colegiais. O Governo Provisório da República promulgou um diploma, datado de 8 de Outubro, firmado pelo ministro da Justiça Afonso Costa, onde restabeleceu a Lei pombalina de 3 de Setembro de 1759, expulsando a Companhia de Jesus do território português. No dia seguinte “as cornetas marciais soaram no pátio fronteiro do Colégio. Era a força policial. (...) Não havia tempo a perder”. A instituição enquanto não estivesse desmantelada “significava uma ameaça para o regime” (Rosa, pp. 75-77).

Terminava a história de um dos mais importantes marcos de cultura e erudição da Beira Baixa. Após ser confiscado pelo Estado, o edifício funcionou, posteriormente, como centro de detenção de menores, até ao seu enceramento definitivo em 2003. Nas palavras do Padre jesuíta Manuel Morujão, “quem fecha uma escola abre uma prisão” (p. 396).

Falamos, efectivamente, de um colégio que “pela sua qualidade do ensino atraía estudantes de várias regiões do país, e que pela investigação científica de alguns dos seus professores se transformou num centro de investigação e de desenvolvimento local e regional” (Salvado, 2016, p. 269). Destarte, o factor basilar que presidiu a escolha de São Fiel, por parte da família de Egas Moniz, prende-se com a excelência do ensino ministrado, independentemente da distância entre Estarreja e Castelo Branco.

A Nossa Casa (1950)³

A obra *A Nossa Casa*, editada no ano de 1950 pela ‘Paulino Ferreira, Filhos’, surgiu como prólogo de dois livros antecedentes: *Um Ano de Política* (1920) e *Confidências de um Investigador Científico* (1949). No decorrer dos vinte e oito capítulos, acompanhamos Egas Moniz no intento de perscrutar o seu passado, resgatando, com o auxílio de Mnemosine, diversas notas familiares, recordações da infância – nem

³ As citações apresentadas em formato *itálico* dizem respeito à obra *A Nossa Casa*, principal fonte primária utilizada no presente artigo.

sempre feliz –, a instrução recebida e as arduidades ultrapassadas.

O autor, na época com cerca de setenta e seis anos de idade, procurou redigir de forma simples, “*sem alvoroços de estilo, ao correr da pena*”, um relato verdadeiro “*em que as crises dolorosas, são cautelosamente ampara-das por descritores ligeiros e despreziosos*”.

Aqui patenteiam-se as descrições mais profícuas sobre a sua infância e juventude, “*com pormenores que podem considerar-se inúteis, mas em que houve o propósito de pôr em equação as forças hereditárias e elementos educativos que entraram na formação da sua individualidade*”. São Fiel foi um desses elementos que contribuíram para o sucesso alcançado na vida académica, razão pela qual o médico registou o seu testemunho pessoal sobre os anos frequentados no colégio. São “*simples confissões íntimas, retractadas em pinceladas dum forte tonalidade afectiva. Panorama de uma época que só tem importância para a minha sensibilidade*” (Moniz, 1947).

A Nossa Casa terá sido composta durante umas férias, “*em sossego, para que a memória me trouxesse com exactidão factos que, embora não esquecidos, precisavam de ser vestidos de pormenores que pouco a pouco foram recordados. Informações de gente do meu tempo completaram quadros que desta forma saem melhor ajustados*”. Trata-se de uma obra de cariz memorialístico, onde os acontecimentos são joeirados pelo crivo da lembrança, a partir de um “*exercício de concentração*” (Rocha, 1992 p. 53), revelando uma preocupação com a veracidade das informações transmitidas, procurando não utilizar a “*invenção como antimemória*”⁴ (Beaujour, 1980 pp. 294-303). Pretende-se perpetuar por escrito algumas notas familiares e recordações de uma época vetusta, olvidada “*no esboroamento que traz o tempo, o eterno demolidor*”.

Comefeito, Egas Moniz julgava que as reminiscências “*repousam no silêncio dos neurónios mais recatados para, mais tarde, voltarem à consciência em alvoradas de ressurreição! Não se perdem, são vincos que permanecem e se arquivam, sempre prontos a serem desfrutados e a iluminarem as recendências do passado*”. Neste sentido, estamos perante páginas de uma crónica íntima que narra os acontecimentos de uma família provinciana, a qual o autor pertenceu e foi o seu último representante. Para João Lobo Antunes, “o estilo da narrativa é muito

⁴ Sem embargo, Egas Moniz ressalva explicitamente “*apenas uma ou outra imprecisão de datas que não pude destringir ou acumulação de acontecimentos que se deram separados, o que se faz por conveniência das descrições e vantagem do leitor*”.

próximo do naturalismo dos romances de Júlio Dinis, que ele [Egas Moniz] tanto apreciava. É a reconstrução nostálgica de uma vida familiar, abundante em vicissitudes e tragédias, que certamente marcaram o autor de forma decisiva (...)” (Antunes, p. 30).

A infância de Egas Moniz

Nos primeiros capítulos encontramos a apresentação do autor e a exposição de algumas questões familiares. António Caetano de Abreu Freire Egas Moniz nasceu na freguesia de Avanca, concelho de Estarreja, no dia 29 de Novembro de 1874, filho legítimo de Fernando de Pina de Rezende Abreu, proprietário e comerciante, e de Maria do Rosário d’Oliveira Sousa Abreu⁵. Recebeu no dia 7 de Dezembro a imposição dos santos óleos pelas mãos do presbítero Francisco Paes de Rezende Pereira e Mello, na paróquia de Santa Marinha de Avanca. Foram seus padrinhos o tio paterno e Abade de Pardilhó, Caetano de Pina Rezende Abreu Sá Freire, e a avó paterna, Brites Ignácia de Pina Botelho. O nome «António» herdou-o do avô paterno, António de Pinho Rezende⁶, e «Caetano» do seu padrinho. A adição dos apelidos «Egas Moniz» foi uma decisão do tio Abade, depois de reunir em concílio com outros familiares, num evidente esforço de retomar antigas tradições genealógicas que remontam a Baltasar de Resende, avô paterno em sexto grau do autor, “*oriundo da Quinta do Paço, em Rezende, junto ao Mosteiro de Carquere, senhorio que foi do grande Egas Moniz*” (Conde de Azevedo, 1927, apud Souza-Brandão, p. 10), de quem os Rezende alegadamente descendem. Sobre a atribuição do seu nome, Egas Moniz diria ulteriormente

⁵ Maria do Rosário era filha “de um notável caudilho liberal, Rafael Henrique de Almeida e Sousa, o Rafael de Alcofra, e de Joana de Oliveira”. Egas Moniz somente conviveu com o avô materno após a morte do seu pai, uma vez que Fernando e Rafael haviam cortado relações por motivos aparentemente políticos (Antunes, p. 29).

⁶ António de Pinho Rezende de Abreu Freire (1792-1862), militar português, nascido em Avanca, que se alistou nas hostes realistas aquando das Guerras Liberais (1832-1834), tendo permanecido nas guarnições da Beira Baixa como alferes do Regimento de Caçadores n.º 4, onde foi promovido a major em 1 de Janeiro de 1834. Passou depois a tenente-coronel do Regimento de Caçadores n.º 11, categoria que conservou até 26 de Maio de 1834, data da Concessão ou Convenção de Évora Monte, que consagrou a vitória dos partidários liberais e a afirmação da Carta Constitucional. Em 1846 aderiu à revolta da Maria da Fonte, sendo nomeado comandante do regimento de Infantaria n.º 6. Casou em Penamacor com Brites Ignácia de Pina Botelho, de quem teve sete filhos, um dos quais, Miguel Maria, afilhado do rei D. Miguel e da infanta D. Maria da Assunção (Antunes, p. 28 e Souza-Brandão, 2003, pp. 18-19).

⁷ Egas Moniz, senhor de Ribadouro: segundo uma tradição que remonta pelo menos aos meados do século XIII, terá sido a este senhor nobre a quem foi entregue a educação de D. Afonso Henriques, “como acontecia com os filhos de reis nessa época da história peninsular”. Para José Mattoso (2007), renomado historiador medievalista, as narrativas acerca do papel de Egas Moniz como «Aio» são “resultado de uma ficção literária total ou parcialmente criada pelo trovador da corte de Afonso III, João Soares Coelho, descendente directo, por linha bastarda, do senhor de Ribadouro” (Mattoso, p. 35).

que “*não era raro na minha gente utilizarem apelidos diversos, segundo o capricho dos pais e padrinhos. Que isto de nomes, temos de aceitar os que nos impõem sendo nula a intervenção daqueles a quem são dados. Têm de os suportar. O que me coube em sorte é eufónico. (...) Só preferia que fosse mais reduzido*”.



Fig. 4: Caetano de Pina Rezende Abreu Sá Freire, Abade de Pardilhó, tio e padrinho de Egas Moniz

O casal Pina de Rezende Abreu gerou quatro filhos. O António Joaquim, primogénito, faleceu em criança. Seguiram-se a Luciana Augusta, que recebeu o apelido de Sousa Abreu Freire, o António Caetano Egas Moniz e por último o Miguel Maria, cujo nome remetia à tradição realista da família.

A primeira infância foi passada em Avanca na companhia dos pais e dos irmãos. Contudo, para auxiliar nas despesas familiares, o tio Abade chamou a si a responsabilidade da educação e instrução do seu afilhado. Com cerca de cinco anos de idade, Egas Moniz é enviado para Pardilhó, uma freguesia do concelho de Estarreja que faz fronteira com Avanca.



Fig. 5: A Casa do Marinheiro, em Avanca

Aqui fez a sua instrução primária, na escola do Padre José Ramos, e travou conhecimento com os primeiros companheiros de infância, dos quais recorda com maior estima o Julião, um dos pensionistas que vivia em casa do mestre-escola. São narradas algumas travessuras inocentes, cometidas ora individualmente, ora em convívio com os amigos.

Os anos passados em casa do tio Abade constituem o cerne dos primeiros capítulos de *A Nossa Casa*. De facto, Egas Moniz nutria-lhe a maior consideração, reconhecendo o importante papel exercido na sua educação, aos níveis económico e moral:

“*Sem trabalho não se é ninguém na vida, – dizia-me muitas vezes. Cada um tem deveres a cumprir. Nunca te furtas a eles e menos ainda te entregues a ócios ou desleixos. Máximas que lhe ouvi toda a vida, mesmo quando já andava em Coimbra e ia a férias a Pardilhó. Tive-as bem presente quando me fiz homem*”.

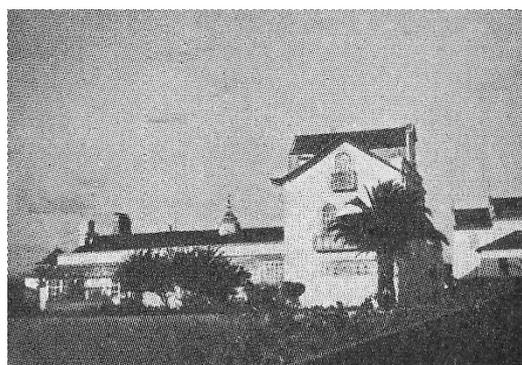


Fig. 6: A casa do tio Abade, em Pardilhó, onde Egas Moniz passou uma parte significativa da sua infância e adolescência

João Lobo Antunes assevera que “a infância de Egas foi decerto muito pouco feliz; quando concluiu a licenciatura era ele o único que restava da família mais chegada” (p. 30). Não obstante, a narrativa prolonga-se nas descrições nostálgicas das recordações do autor, nomeadamente a “*camaradagem familiar*” vivida durante as férias na Casa do Marinheiro – a casa-mãe da família, a *nossa Casa*, datada do século XVII, herança que coube a seu pai que para aí foi residir, dedicando-se à lavoura e ao comércio –, momento de reencontro entusiástico dos três irmãos separados pela necessidade do estudo: a Luciana era aluna interna no Convento de Arouca, o Miguel frequentava a escola do Padre Manuel Garrido em Avanca e Egas Moniz, como já referido, encontrava-se em Pardilhó. Realça-se do mesmo modo os serões familiares, onde compareciam os parentes das Casas da Areia, Outeiro⁸ e Telhado para participarem nas conversas, partidas de voltarete e, de quando em vez, exposições musicais e recitações de poesia. Em capítulos respectivos, mencionam-

⁸ João Pinho de Rezende, bisavô paterno de Egas Moniz, “foi herdeiro da Casa de São José do Outeiro de Paredes, por lhe ter sido deixada por sua prima D. Maria Caetana de Resende Valente, filha de seu tio João de Resende Frago-so (...)” (Souza-Brandão, pp. 16-17). Dos vários ramos, foi o senhor da Casa do Outeiro, na pes-soa do capitão-mor João de Rezende Valente de Sá e Abreu Freire, quem herdou o morgadio da família, unindo-se, posteriormente, aos viscondes de Baçar.

se a companhia dos tios paternos Augusto e João António, as brincadeiras nas margens do rio Gonde, junto à propriedade, bem como a temporada passada na praia da Torreira, em Murtoza, a conselho do Dr. Petiz, local onde Egas Moniz se banhou no mar pela primeira vez.

O exame da instrução primária e a admissão no Colégio de São Fiel

Terminadas as férias na Torreira, Egas Moniz regressou a Pardilhó, cuja presença era requerida pelo Padre José Ramos a fim de preparar o aprendiz para o exame de instrução primária, *“indispensável degrau a escalar na carreira das letras”*. As autoridades competentes determinaram que as provas de ditado, contas e oral decorreriam na Escola do Conde de Ferreira, em Estarreja, tendo o tio Abade e o mestre-escola acompanhado o candidato. Para grande comprazimento da família, obteve a aprovação com distinção. *“O rapaz vai longe, o rapaz vai longe! Até os examinadores, com o Agostinho Leite à frente, o felicitaram à saída!”*, confidenciaram os irmãos Caetano e Fernando. Alcançado tamanho êxito escolar, convinha que o jovem pudesse usufruir, na nova fase que se avizinhava, do melhor ensino existente.

O Abade expressava a convicção de que *“sem grande disciplina não há boa educação”*. Assim, “o destino foi então traçado. Iria para o Colégio de São Fiel, dos Jesuítas, cuja propina era bastante elevada” (Antunes, p. 34). Não existia dúvida de que os jesuítas sabiam ensinar, *“tanto que os preferimos aos outros educadores”*. Moniz ia a caminho dos onze anos de idade e podia ser admitido em Louriçal do Campo, cuja idade limite era os doze anos. O Abade tratou de escrever para o colégio, a requerer a entrada do seu afilhado. O pedido foi deferido e o novo aluno deveria apresentar-se no dia 1 de Outubro. A lista com os produtos necessários para o regime de internato era infundável: roupas, artigos de *toilette* e *“tantas camisas, tantas camisolas, lençóis, toalhas... Um nunca acabar! (...) A batina, a estola encarnada e o boné especial do uniforme seriam feitos na oficina do colégio”*. Tudo deveria estar concluído nos finais do mês de Setembro.

Entre o tumulto apressado para cumprir os prazos estabelecidos, o Abade não deixava de pensar, ocasionalmente, sobre as saudades que iria sentir: *“vai-me fazer falta o demónio do pequeno! É garoto, mexido e, por vezes, traz-me a casa em alvoroço. Mas é muito amigo e animado. Enchia a casa de alegria.*

(...). E os olhos encovados do Abade não souberam esconder as saudades que já o assediavam”. Em diálogo com o Padre José, um dia confessou a sua preocupação com a saúde do sobrinho, tendo ficado mais tranquilizado com a resposta obtida: *“não, ele é forte. (...) Não tenha receio, sr. Abade! Além disso o colégio é higiénico, engravado nas serras, com bom ar e excelente água de fontes de granito, a melhor que há”*.

A partida para o Colégio de São Fiel

Findados os preparativos necessários para o novo ano lectivo que se acercava, os dias sucederam-se velozmente até ao momento da partida. Egas Moniz seria o primeiro dos irmãos a sair do Marinheiro, seguindo-se depois a Luciana, acompanhada pela prima Natividade até ao Convento de Arouca. Somente o Miguel ficaria em Avanca, na escola primária local. O Abade recebeu, entretantes, uma missiva do Padre Frágoso, de Murtoza, dando conta da existência de dois rapazes, Manuel Rebimbas e Francisco Valente⁹, que também haviam entrado em São Fiel. Propunha o prelado que se economizassem as despesas, bastando um adulto acompanhar os três colegiais. O Abade, ainda que reconhecesse a utilidade da sugestão, preferiu encarregar-se pessoalmente da incumbência, pois desejava conhecer o colégio, saber do tratamento dado aos alunos e quais as disciplinas leccionadas.

E assim ocorreu. Ambos seguiram até à estação do Peso, no concelho da Covilhã, onde apanharam uma diligência “que levou muitas horas até Castelo Branco”. Saíram no meio do percurso, na povoação de Soalheira, onde aguardava “uma das mulheres que esperavam (...) os fregueses do colégio” e que transportou o avantajado baú de lata que Moniz levava. O restante percurso foi percorrido a pé, confessando que *“seguia um pouco estonteado de tão longa viagem e cheio de medo do que iria passar-se”*. O seu coração bateu mais apressado quando divisou o *“casarão do Colégio por detrás de uns eucaliptos que aformoseavam a entrada”*. Transpuseram a porta e foram conduzidos a uma pequena saleta dedicada às visitas. Foram recebidos pelo Padre Subdirector, que os levou até ao seu gabinete depois de inteirar-se que estava diante do Abade de Pardilhó. Debateram variados assuntos práticos, sobretudo associados à saúde e à alimentação do recém-chegado aluno, determinando que este seria examinado pelo clínico

⁹ Rebimbas tornou-se mais tarde membro da Companhia de Jesus e um *“grande humanista e director de um Instituto de Altos Estudos filosóficos e teológicos que a ordem tem em Braga”*. Já Francisco Valente *“veio a exercer a sua profissão de padre na Murtoza”*.

do colégio, Dr. Chorrão, e que apenas o vinho não estava incluído na propina paga. De imediato, o tio Abade procedeu ao pagamento do primeiro trimestre. O Subdirector atribuiu o número sessenta e seis a Egas Moniz, exarando esta informação no livro de registos juntamente com a sua filiação.

Chegada a hora da despedida, *“a comoção dos dois era superior às conveniências do momento”*. O Abade abraçou o seu sobrinho para o animar, partindo de seguida. Pernoitou em casa de uns padres, seus conhecidos, e no dia posterior regressou a Pardilhó *“na diligência para a Guarda, onde tomou o comboio da Beira para a Pampilhosa”*, seguindo na linha do Norte para Estarreja, porquanto não existia, nessa época, paragem em Avanca. Tratava-se de uma *“viagem longa e fatigante”*.

Egas Moniz no Colégio de São Fiel: recordações agrídoces

Quando relembra os seus tempos em São Fiel, o médico manifesta emoções diametralmente opostas. Por um lado, foi rápida a sua inserção junto dos colegas, tendo acamaradado, desde logo, com os conterrâneos de Murtosa, nutrindo especial afeição por Rebimbas, inteligente e instruído. No entanto, era grande o desgosto provocado pelas saudades da sua terra, *“lá tão longe, perdida nas planícies risonhas da Beira-Ria”*, e dos seus prezados ente-queridos. Ao entardecer, mergulhado pela penumbra da fraca luz a petróleo, chorava silenciosamente deitado na sua cama de ferro. *“Todos me lembravam naquele momento de forçado recolhimento. A mãe, o pai, a Luciana, o Miguel, os tios... e sentia uma opressão aflitiva a pesar-me sobre o peito”*. As manhãs eram despertadas pelo som de palmas e o entoar das primeiras orações do dia, que o levavam a ponderar que *“estava mais num convento do que num Colégio”*. Depois de vestidos, os alunos assistiam à missa diária obrigatória e consumiam um pão e chá mal açucarado. A restante manhã era ocupada com os afazeres na sala de estudo, até que o relógio soasse as doze badaladas do meio-dia, sinal da almejada pausa para o recreio.

Egas Moniz propugna, explicitamente, a qualidade da educação humanista e científica administrada em São Fiel, a qual somente não atingia o patamar da perfeição por estar sujeita aos programas liceais nacionais, *“alguns deles pouco recomendáveis”*. Os alunos eram bem orientados nas componentes científicas, apostando-se no desenvolvimento da parte experimental, realizada

no laboratório de Química e no gabinete de Física, ambos bem apetrechados, *“o que contrastava com a maior parte do ensino liceal desse tempo”*. Por sua vez, a prática de exercícios físicos merecia uma constante atenção. Em relação aos professores, é conferido destaque ao Padre Manuel Fernandes Santana, mestre madeirense de Matemática, pessoa muito dedicada ao estudo científico, metafísico e teológico, para além de dominar as línguas clássicas e o hebreu.



Fig. 7: Aspecto de um dormitório comum para os alunos

A única crítica empreendida pelo médico e ministro¹⁰ ao colégio tem que ver com o excessivo peso da vida religiosa, *“que nos levava tempo e roubava actividade (...) O equilíbrio entre orações, exercícios físicos e estudo, merecia ser melhor estabelecido”*. Contudo, tratando-se de um colégio de espiritualidade católica, é compreensível que a componente religiosa fosse incutida nos seus pupilos. Sobre este assunto, adicionamos uma nota curiosa: desde tenra idade, os pais e o tio Abade demonstravam um contentamento imenso se o seu António seguisse a vida eclesiástica. Este sentiu, em São Fiel, que a atmosfera da Companhia de Jesus não lhe desagradava de todo, ponderando uma hipotética futura entrada na Ordem. Tal não se concretizou, em grande parte, devido à intervenção do Padre Fernandes Santana que o chamou um dia para discutirem o assunto. O jesuíta acreditava que Moniz não tinha vocação para enveredar pela vida consagrada, aconselhando-o a seguir o caminho dos estudos universitários em Coimbra. Se, ao fim de dois anos, mantivesse o seu desejo, poderia então regressar ao Louriçal, o que não sucedeu. *“Passados*

¹⁰ Egas Moniz teve também uma carreira política, desempenhando as funções de deputado em várias legislaturas de 1903 a 1917. Em 1917 exerceu o cargo de Embaixador da República Portuguesa em Madrid. Foi, em 1918, Ministro dos Negócios Estrangeiros. Das fileiras monárquicas, Egas Moniz veio para os republicanos e foi diplomata e ministro da 1.ª República. Contudo, os acontecimentos de Maio de 1926 foram sempre criticados por si, optando por se afastar das questões governamentais (Lima, p. 3; Moniz, 1919, pp. 26 e seguintes).

três meses em liberdade, não mais pensei na Companhia de Jesus” (Moniz, 1947), devido a uma alteração dos seus planos de vida: agora *“desejava ser como meu pai, ter mulher e filhos”*. De facto, em 1901 contraiu matrimónio com Elvira de Macedo Dias, em Canas de Santa Maria (Tondela), embora sem descendência.

As primeiras aulas em São Fiel revelaram um sistema de ensino diferente daquele a que estava acostumado, mais rigoroso certamente. Porém, ultrapassado o factor novidade, conseguiu adaptar-se muitíssimo bem. No fim do primeiro ano obteve a classificação de 14 valores no exame, realizado em Castelo Branco. Seguiram-se as férias na Casa do Marinheiro, em companhia da família estimada que o recebeu sempre com grande entusiasmo e regozijo pelo seu percurso escolar. Moniz admite que, por vezes, entusiasmava-se e exagerava alguns pormenores nas histórias que contava sobre a sua vivência no colégio, atitude própria para a idade em questão.

Volvido mais um ano lectivo, alcançou a excelência no final dos exames liceais. Desta vez, o seu pai foi designado para o ir buscar a São Fiel e esteve presente na cerimónia dos prémios, presidida pelo Governador Civil de Castelo Branco. Moniz foi chamado três vezes para receber as distinções, suscitando grande contentamento em Fernando de Rezende: *“assim, dá gosto ter um filho!”*, terá exclamado.

Conforme já referimos neste artigo, em ponto anterior, a formação musical era uma das actividades extracurriculares oferecidas pelo colégio, resultando a fundação de uma banda filarmónica. Ora, o tio Abade tinha interesses musicais e desejava que o seu afilhado aprendesse música, pois *“era uma bela prenda para a sociedade e um entretenimento nas horas vagas”*. Matriculou-o no curso de piano, pagando o respectivo suplemento. Egas Moniz quis fazer jus às expectativas depositadas em si, mas depressa percebeu que nunca seria um bom executante. Ademais, *“faziam-me estudar durante o recreio, o que muito me contrariava. Às vezes o suplício da interpretação das claves acabava em murros ao teclado em assomos de mau génio. (...) Tive, contudo, de levar o martírio até ao fim do ano”*. Nas férias, confessou ao tio a sua inaptidão e a falta de gosto em aprender o instrumento. O Padre Caetano resolveu prontamente a situação:

“– Não gostas de piano? Pois bem. Vou comprar uma flauta que levarás para o colégio e vais ver que agora comesas a ter gosto pela divina Arte”.

Nova matrícula foi paga, mas o aprendiz não conseguiu passar da nota Ré. Malograda a segunda tentativa, o Abade aceitou a sua derrota nesta batalha melódica.

Todavia, não terminou aqui a fugaz carreira musical de Moniz em São Fiel. No ano seguinte, o Senhor Escoto (sic)¹¹, mestre da banda do Regimento de Cavalaria de Castelo Branco e responsável pelas lições musicais em São Fiel, resolveu fundar uma banda filarmónica composta pelos estudantes do colégio, endereçando um convite a Egas Moniz para participar. A solicitação foi aceite com certo jubilo, uma vez que *“a situação dava umas merendas extras e melhoria de rancho nas ocasiões em que chegávamos ao refeitório fora das horas regulamentares”*. Foi-lhe atribuído o posto de 3.º Trombone *“instrumento modesto”*, na sua opinião. Não esqueçamos, no entanto, que Euterpe não bafejou Moniz com o seu dom:

“um dia, fiz disparate grosso, numa dissonância que estou certo iria bem nos jazzes de hoje, mas não naquele tempo e em banda de tão grande categoria. Foi uma vergonha! Mestre Escoto fez-me tocar isoladamente e apenas, ao fim de umas três vezes, a coisa saiu de forma aceitável”.

Após este incidente, diminuíram as suas responsabilidades nas partituras distribuídas e, ainda assim, quando aparecia alguma carregada de muitas notas, Moniz preferia deixar *“o encargo musical aos meus companheiros trombónicos”*. Não obstante, desempenhou as suas funções musicais na banda filarmónica até à sua saída do colégio.

Este episódio é um exemplo dos aprazíveis momentos que Moniz vivenciou em São Fiel. Porém, o colégio simbolizou igualmente o local onde o Nobel português recebeu uma das mais dolorosas notícias da sua vida. A sua irmã Luciana dava sinais de grande fraqueza física e os pais decidiram que não devia regressar ao Convento de Arouca, determinando que a sua educação farseia em casa. Foi chamado um professor de piano de Oliveira de Azeméis e pensava-se em outros mestres para as restantes matérias. Mas a saúde deteriorava-se progressivamente com uma tosse infundável, febre e anorexia rebelde. A família não poupou esforços para a tratar, primeiro com o auxílio dos médicos locais, depois em Ovar e, por último, no Porto. Nada foi suficiente para impedir o precoce momento da sua partida, ocorrido no dia 5

¹¹ O autor afirma não garantir a total correcção da grafia do nome do maestro.

de Dezembro de 1887, vítima de tuberculose. Egas Moniz achava-se no colégio e foi aí que a fatalidade lhe foi comunicada. *"Em S. Fiel o choque foi duro, fiquei inconsolável. Isolava-me concentrado na dor"*, chegando a inquirir um dos padres mais próximos de si, perfeito da sua classe, sobre a justiça de Deus. A resposta obtida não conseguiu reconfortá-lo naquele momento de revolta para com a efemeridade da condição humana. Na verdade, este foi um episódio de sofrimento veemente. Em 1950, ao redigir *A Nossa Casa*, confessou que ainda *"é uma saudade a reverdecer, sessenta e três anos decorridos, na simplicidade de uma estima fraternal, transparente como a água límpida de um regato a espelhar-se à luz sempre viva das minhas recordações"*. Afora a dor infligida, conseguiu concentrar-se e ficar bem classificado nos exames dos dois anos subsequentes, realizados no liceu de Castelo Branco.



Fig. 8: Luciana Augusta de Sousa Abreu Freire, irmã de Egas Moniz

O funesto acontecimento contribuiu para o despoletar de outras situações desagradáveis. A família achava-se em grandes dificuldades financeiras, *"agravadas por alguns desvarios, baixa de preço dos géneros e sobretudo as últimas despesas da Luciana"*. O temperamento de Fernando de Rezende alterou-se sobremaneira, tornando-se misantropo, facilmente irritável e de tracto difícil. Um dia, sem que existissem quaisquer indícios que antevissessem, resolveu ausentar-se para África Oriental, onde conseguiu uma colocação na Alfândega da Beira. Aqui acabou por falecer em 29 de Março de 1890. Para trás, deixou todos os seus bens entregues aos credores, a fim de proceder à liquidação dos débitos. Este foi um golpe acutilante para a mãe de Egas Moniz que ficou desamparada. Valeu-lhe o Abade, que convidou a cunhada e os dois sobrinhos para viverem com ele na casa de Pardilhó, a fim de

reduzirem as despesas. Maria do Rosário mudou-se sem demora, levando consigo apenas algumas lembranças de Avanca. Contudo, o Abade não estava disposto a largar mão da Casa do Marinheiro, a *Casa-Mãe* da família, *"a Casa de meus pais, a Casa onde nós, os velhos, passámos parte da nossa juventude após a derrota das forças legitimistas"*. A propriedade, à semelhança dos restantes bens, foi vendida em hasta pública, atingindo valores de elevada dimensão. Foi necessário contrair um empréstimo em casa de Gurgo, um capitalista amigo, para conseguirem arrematar o Marinheiro.

A pedido do tio Abade, Moniz permaneceu no colégio durante essas férias, salvaguardado do processo confrangedor da liquidação dos bens e propriedades. Consigo ficaram sete ou oito colegas que estavam impossibilitados de regressar a casa, na maioria por serem provenientes das colónias, com viagens caras e difíceis. Assim, o autor aproveitou essas férias para aprofundar a sua convivência com os professores jesuítas.

Em boa hora o fez. Estudar em São Fiel implicava uma despesa que o tio Abade deixou de conseguir sustentar, devido ao endividamento para readquirir a Casa do Marinheiro¹². Deste modo, foi compelido a comunicar ao seu afilhado o estado da situação:

"o que eu não posso é com as despesas do Colégio e o auxílio ao Miguel. Os tios Augusto e João António dão o que podem, pagam a alimentação do Miguel em Viseu, mas com o preço do vinho a cinco tostões o almude, que mal chega para o grangeio, não têm para o pagamento do vestuário, por modesto que seja, para as propinas, lições e livros. Falei com eles e resolvemos que tu, António, fizesses em Viseu o último ano do liceu em companhia do Miguel".

Todos concordaram, inclusive Egas Moniz. O Abade escreveu para Lourçal do Campo, a fim de remeterem os pertences do ex-aluno, aproveitando para agradecer penhoradamente a forma como o trataram, acrescentando que *"só dificuldades de ordem financeira me levam a esta resolução. Bem me custa tudo isso, mas é necessário encarar a difícil situação que atravessamos de forma prática e eficaz"*. A conselho de sua mãe, Moniz também escreveu para o Reitor do colégio a manifestar o

¹² Apesar do esforço hercúleo para abater gradualmente a dívida contraída, o Abade conseguiu saldar a totalidade do empréstimo um ano antes do seu falecimento. Egas Moniz, como seu único herdeiro, recebeu a Casa do Marinheiro, empreendendo avultadas obras de requalificação, entre os anos 1915 a 1918. O actual edifício, sede da Casa-Museu Egas Moniz, é um projecto assinado pelo arquitecto suíço Ernesto Korrodi, inspirando-se nas estruturas da arquitectura renascentista de tradição solarenga (Carvalho, [s.d.]).

reconhecimento pelo ensino recebido. Findava a passagem de Egas Moniz pelo Colégio de São Fiel, por motivos de cariz financeiro.

Os irmãos chegaram a Viseu nos princípios de Outubro, instalando-se em Cimo da Vila, num quarto compartilhado com um seminarista chamado Julião. No Liceu de Viseu, Moniz estudou as matérias que lhe faltavam: Matemática do sexto, Latim e Literatura. A disciplina de Inglês foi frequentada em aulas particulares, regidas por um bom professor que era oficial do exército. Os exames liceais finais correram o melhor possível: adjudicaram-lhe um prémio pelo desempenho em Matemática e distinguiram-no em Literatura e em Latim – ainda que “*com exagerada benevolência*” no caso da língua clássica. Terminada esta fase da sua vida escolar, seguiu-se a tão aguardada admissão na Universidade de Coimbra. Partiu de Pardilhó no dia 12 de Outubro de 1891, com destino ao primeiro ano dos difíceis preparatórios, onde “todas as disciplinas eram ensinadas para curso geral, sem preparação especial para a Medicina. Como me consideravam com certas aptidões para a matemática, ainda frequentei cálculo diferencial e integral, hesitando em seguir Engenharia ou Medicina. Uma reforma publicada nesse ano, em que excluía os mais classificados das regalias que lhes davam na preferência para a engenharia militar, afastou-me dessa carreira e decidi-me a orientar a minha vida escolar no sentido médico. Assim, vencidos os três anos de preparatórios, ingressei na Faculdade de Medicina, onde me matriculei. Eram mais cinco, que, somados aos três primeiros, davam para a formatura, a boa conta de oito anos” (Moniz, [s.d.], p. 7).



Fig. 9: Egas Moniz no primeiro ano da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra

Para o Nobel da Medicina, o ensino que teve enquanto estudante no Colégio de São Fiel foi fundamental para o aproveitamento na sua carreira universitária, especialmente no que concerne aos ensinamentos obtidos nas disciplinas de

Matemática, Física, Química e Ciências Biológicas.

A conjuntura de Egas Moniz espelha inequivocamente o contributo fundamental do ensino jesuítico de São Fiel para as vidas futuras dos seus alunos. Mais exemplos existirão certamente. É uma marca incontornável para a História da Educação em Portugal. Apesar de todas as vicissitudes de que foi alvo, a estrutura do edifício do colégio ainda hoje está de pé. Vacilante e queimada; mas persistente.

Em jeito de conclusão, citamos as palavras do Padre Manuel Morujão: “o Colégio de São Fiel não é uma história do passado. Continua vivo nas gerações que formou, na herança de valores pedagógicos que os seus alunos foram passando de pais a filhos, nas sucessivas gerações até hoje” (p. 380).

Referências bibliográficas

Fontes

a) Publicadas

- MONIZ, Egas (1919). *Um ano de política*. Lisboa: Imprensa de Manuel Lucas Torres.
- MONIZ, Egas (1947). *Notas Biográficas*. Junta Distrital de Aveiro. *Aveiro e o seu Distrito*, n.º 6 (Dezembro de 1968).
- MONIZ, Egas (1950). *A Nossa Casa*. Lisboa: Paulino Perreira, Filhos, Lda.
- MONIZ, Egas (s.d.). *Confidências de um Investigador Científico*. Rio Maior: Fundação Glaxo Wellcome das Ciências da Saúde.

b) Manuscritas

- Registo paroquial de baptismo da Igreja de Santa Marinha de Avanca (Estarreja): 1874, fólio n.º 48, frente.

Geral

- ANTUNES, João Lobo (2010). *Egas Moniz. Uma biografia*. [s.l.]: Gradiva Publicações.
- BEAUJOUR, Michel (1980). *Miroirs d'Encre. Rhétorique de l'autoportrait*. Lonrai: Editions du Seuil.
- CARVALHO, Rosário (s.d.). “Casa-Museu de Egas Moniz, anteriormente designada ‘Casa do Marinheiro’, incluindo a cerca da propriedade em que se integra”. Direção-Geral do Património Cultural. Disponível em http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonioimo_vel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/74894/ (consultado em Setembro de 2018).
- CONDE DE AZEVEDO (1927). *O Ex-libris do Dr. Egas Moniz*. Lisboa: Livraria Universal de Armando J. Tavares apud Souza-Brandão, António de (2003).
- COSTA, Luís R. Dias da (2016). “O Colégio de S. Fiel (1863-1910). Contexto Social e Político”. Associação Hisculteduca. *O Ensino dos Jesuítas - Colégio de São Fiel (1863-1910)*. Castelo Branco: RVJ - Editores.
- DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA (s.d.). “Leucotomia”. *Dicionário Priberam*. Disponível em <https://dicionario.priberam.org/leucotomia> (consultado em Setembro de 2018).

- LIMA, Pedro Almeida (1975). *Egas Moniz. O Homem, a Obra, o Exemplo*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- MATTOSO, José (2007). *D. Afonso Henriques*. Rio de Mouro: Círculo de Leitores, Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa e Temas e Debates.
- MIRANDA, Margarida (2009). *Código Pedagógico dos Jesuítas. Ratio Studiorum da Companhia de Jesus. Regime escolar e curriculum de estudos*. [s.l.]: Esfera do Caos Editores.
- MORUJÃO sj, Manuel (2017). "O Colégio de São Fiel – a casa mãe da Revista *Brotéria*". António Júlio Trigueiros, sj (dir.). *Revista Brotéria*, vol. 185 (Agosto/Setembro), pp. 379-397.
- PORTO EDITORA (2003). "Leucotomia". *Dicionário Infopédia de Termos Médicos*. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/termos-medicos/leucotomia> (consultado em Setembro de 2018).
- ROCHA, Clara (1992). *Máscaras de Narciso. Estudos sobre a literatura autobiográfica em Portugal*. Coimbra: Almedina.
- ROMEIRAS, Francisco Malta (2016). "O Colégio de São Fiel e a História da Ciência em Portugal". Associação Hisculteduca. *O Ensino dos Jesuítas – Colégio de São Fiel (1863-1910)*. Cas-telo Branco: RVJ – Editores.
- ROSA, João Mendes (2004). *Colégio S. Fiel (1852-1910). Ecos de Memória*. Coimbra: Grupo de Arqueologia e Arte do Centro.
- SALVADO, Maria Adelaide Neto (2016). "A Acção Educativa em S. Fiel nos Finais do Séc. XIX e Princípios do Séc. XX". Associação Hisculteduca. *O Ensino dos Jesuítas – Colégio de São Fiel (1863-1910)*. Castelo Branco: RVJ - Editores.
- SOUZA-BRANDÃO, António de (2003). *A Ascendência Avacansense do Professor Egas Moniz*. Porto: [s.n.].

* Licenciado em História (FLUL).
Mestre em Ensino da História (NOVA/FCSH).
Docente no Colégio Salesianos de Lisboa. Sócio da A.P.H.

LADISLAU PATRÍCIO, GUARDENSE, FORMADO “EM MEDICINA E EM POESIA”.

- “A DOENTE DO QUARTO 23¹” -

Maria Antonieta Garcia*

Podemos começar assim: Era uma vez um médico que se dizia formado “*Em Medicina e Poesia*”. Falamos de Ladislau Fernando Patrício, nascido na Guarda a 7 de dezembro de 1883.² Não era caso único. Por exemplo, Anton Tchekhov, médico e dramaturgo, de forma metafórica afirmava numa carta a um amigo: “*ser a Medicina a mulher legítima, e a Literatura, a sua amante; quando de uma delas se cansava, passava a noite com a outra.*”³



Fig. 1 - Ladislau Patrício

A Literatura, a Medicina e outras Artes sempre se entenderam bem.

Ladislau Fernando Patrício era filho de Fernando António Patrício e de Adelaide Sofia Rodrigues. Vive a infância e inicia os estudos, na Guarda. Em Coimbra, foi aluno da Faculdade de Medicina. Convive, então, com gente das Artes, das Letras, da Ciência e da Política⁴. Conclui o curso, em 30 de setembro de 1908. Casou com Maria José Sarmento de Vasconcelos a 8 de abril de 1911.

Em 1910, após a implantação da I República, Ladislau Patrício interveio ativamente na *res publica*; foi vice-presidente da Comissão Executiva

do Centro Republicano da Guarda; a presidência coube a Augusto Gil, seu cunhado.⁵

O Médico

Ladislau Patrício conhecia o estado da assistência médica, em Portugal. A miséria e a ignorância aliavam-se. Ir para o hospital era, então, um ferrete. Instituição para pobres, o internamento era temido e recusado. Associavam-no a morte iminente. Isto num tempo em que, explica o médico:

*A assistência aos doentes, nas aldeias, é feita em larga escala pelos barbeiros, - humildes esculápios de mãos calosas e espírito rudimentar. Acredita: Hão de existir sempre curandeiros e charlatães, porque há de haver sempre inocentes que se iludam com as suas mezinhas.*⁶

Na verdade, no século XXI, até se multiplicaram as terapias, as fórmulas e os jeitos de curar. E não só nas aldeias... Em páginas antológicas, diagnosticava e vaticinava bem o médico. Ladislau Patrício conhecia as fraquezas e misérias do povo; ao mergulhar no microcosmo das suas personagens, o autor dá voz à alma beirã, compadece-se com as suas dores, lamenta a condição dos dignos de dó.

Ladislau Patrício comungava o ideal republicano que divulgava no *Jornal Atualidade*⁷. Alertava o médico:

O país pode ainda vir a encontrar-se na situação daquele enfermo impaciente que abusou dos remédios que lhe faziam bem, e tanto abusou deles... que morreu. Prevenia: Era profundo e enraizado o mal. A monarquia minou a nação, corrompeu-lhe o sangue, desmoralizou-a, tirou-lhe o dinheiro, tirou-lhe a vergonha, e por pouco não lhe tirou a vida!

Diz mais: a República *levará anos a fazer*. Lamentava:

1 Ladislau Patrício, *A Doente do quarto 23*”, Lisboa, Bertrand, s/d.

2 Livro de Assentos de Batismo da freguesia da Sé, exarado na folha 1, do ano de 1884.

3 José Lobo Antunes, in José Cardoso Pires, *Valsa Lenta*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1997, p. 9.

4 Entre outros refiram-se António Sardinha, Ramada Curto, Hipólito Raposo, João de Barros...

5 Para outros dados biográficos, cf. Helder Sequeira, *Ladislau Patrício, guardense, médico e escritor*, Guarda, Câmara Municipal da Guarda, 2004.

6 Ladislau Patrício, “O médico de aldeia (aspectos da prática médica rural)”, *Revista Atitude*, Guarda, 1941, vol. 9, pp.4 e 5.

7 *Jornal* fundado e dirigido por Augusto Gil, na Guarda.

*Nota-se uma ausência quase completa de educação cívica e um afrouxamento notável, por vezes, do sentimento patriótico, neste povo. É ainda o pobre Zé, bonacheirão, inconsciente, amigo de vinho e de foguetes, pacato e laborioso como um ruminante, um boi de nora (...). Não vá agora o doente que escapou da moléstia, a morrer da cura.*⁸

No mesmo periódico, datado de 6 de junho de 1911, retomava o tema e propunha:

*Ora devemos todos animarmos por que se forme uma livre Nação de crentes... crentes no Amor, na Ciência e na Justiça Social – a sublime trindade da religião dos fortes.*⁹

Amigos houve que aconselhavam Ladislau Patrício a radicar-se em Lisboa, para o exercício da Medicina. A capital dava azo a outros voos. O médico, porém, contestou:

*Eu tenho três terras no meu coração: a Guarda, minha amada terra natal, Coimbra onde me formei e a distante Parada, berço de minha mulher.*¹⁰

Na Guarda, lecionou no Liceu Nacional. Por altura da 1ª Grande Guerra, foi nomeado diretor do Sanatório de São Fiel (antigo colégio de Jesuítas), localizado perto de Louriçal do Campo, destinado a soldados tuberculosos, pertencentes ao CEP (Corpo Expedicionário Português). Neste velho convento, receberá a visita dos cunhados, Augusto Gil, o poeta da *Balada da Neve*, e Mira Fernandes, matemático. O sanatório de São Fiel manteve-se apenas durante um ano, *sob pretexto de que não havia dinheiro para sustentar os soldados ali internados (cerca de 40). Dois desses homens em más condições faleceram em viagem com hemoptises!! Coloco aqui dois pontos de admiração, porque não há pontos de indignação, como queria Camilo...*¹¹.

Regressa à Guarda. No quotidiano, vive episódios que vai registando numa prosa que ora comove, ora revolta, ora convida ao sorriso. Disserta, por exemplo, sobre os contratos camarários com os Facultativos, que incluíam a norma de se fazerem transportar em *cavalgada militar* e de selim. Ironiza lembrando que as Faculdades de Medicina não incluíam, na formação, a equitação... Mas, reconhece, sem a visão idílica habitual das narrativas contemporâneas:

8 Ladislau Patrício, "A Cura", Guarda, *Atualidade*, 24 de janeiro de 1911.

9 Ladislau Patrício, "Comentários", Guarda, *Atualidade*, de 6 de junho de 1911.

10 Cf. Ernesto Pereira, "Homens que honram a Guarda – Ladislau Patrício", *In A Guarda* nº 2901, de 29 de novembro de 1963.

11 Ladislau Patrício, "O espírito da Medicina", Sanatório Militar de São Fiel, setembro de 1919.

*o médico das aldeias de Portugal, para poder ir aos confins visitar os doentes que lhe pertencem, continua em muita parte ainda a percorrer dezenas e dezenas de quilómetros escarranchado na mula andeja do João Semana! (...) Cada vez que me lembro no que passei nos primeiros anos da minha vida profissional, amarrado à experiência dessas vicissitudes, sinto arrepios na espinha e, ao mesmo tempo devo dizê-lo – uma doentia saudade por tudo isso!*¹²

São intemporais as complexidades, as contradições do "eu"... Ladislau Patrício conheceu gentes que descreve arredando hipocrisias, imposturas, fingimentos; sem a visão idílica de muitas narrativas, verberava:

*...raros exemplares de bondade nativa misturados a sombras sinistras de anormais e homicidas; uma fauna escura de seres deformados pelo trabalho violento, curtidos do sol e da geadas; perfis angulosos de primatas antropoides vergados ao peso de um destino tão inferior como o do gado, sujeitos à servidão da gleba e extraindo da celulose das couves, da côdea dura do negro pão de centeio e do vinho azedo da taberna a força muscular de que precisam para a labuta quotidiana de escravos; tipos que parecem pertencer por vezes à galeria shakespeariana, como esse coveiro sórdido, homem prático, realista, que regava os talhões do cemitério como quem rega os talhões de uma horta – dono de um cão que roía os ossos exumados e dum burro que tosava a relva das sepulturas rasas.*¹³

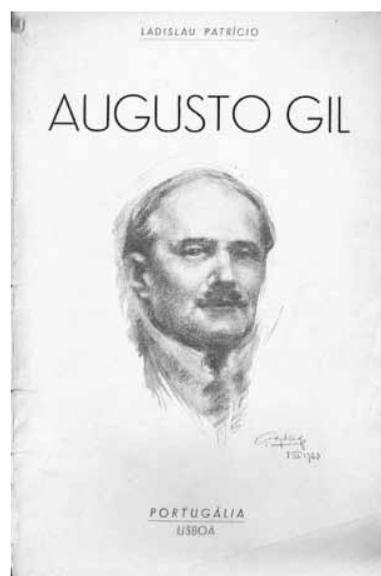


Fig. 1 - Obra de Ladislau Patrício

12 Ladislau Patrício, "O Médico de Aldeia", Revista *Altitude*, op. cit, p. 2.

13 Cf. *O Combate* de 22 de outubro de 1921, nº 790.

Abarcando a antropologia e a sociologia rural, a partir do conhecimento dos espaços e dos povos Ladislau Patrício oferece o seu ângulo de visão sobre a paisagem humana da Beira. Registrará, ainda, à guisa de síntese:

os homens e os bichos são como irmãos, onde Demos e gentes se cruzam com camponeses e outros tipos esmagados na base da pirâmide social.

No Sanatório da Guarda

Em 1922, começou a trabalhar no Sanatório da Guarda. O exercício no Sanatório de São Fiel garantiu uma experiência que o então Diretor, Amândio Paul, não desperdiçou. O Jornal Distrito da Guarda comentava:

A Guarda orgulha-se de ter um corpo de clínicos que honram a Ciência sendo citados nos meios intelectuais como pessoas de destaque. (...) A entrada do Dr. Ladislau Patrício caiu muito bem¹⁴.

A luta contra a enfermidade teve como pioneiro Sousa Martins; o relatório que apresentou ao Governo, sobre as estatísticas da mortalidade, em Portugal, referia que a tuberculose era a causa de morte de cerca de vinte mil pessoas, anualmente. A comparação dos dados de Lisboa, Coimbra e Porto, com os de outras cidades europeias, motivou empenhos e moveu higienistas¹⁵.

No âmbito da profilaxia, uma necessidade claramente identificada era a de educar a população. A criação do "Catecismo contra a Tuberculose", elaborado pela Liga Nacional contra a Tuberculose, esclarecia dúvidas sobre formas de prevenção mais eficazes: desaconselhava, por exemplo, cuspir no chão, uma forma de contágio, o ato de fechar os sobrescritos de cartas e de colar os selos com saliva...

Em 1903, a profilaxia da tuberculose, passava principalmente pela desinfecção. Uma das medidas obrigatórias era a esterilização dos quartos, sempre que havia um óbito, ou mudança de quarto de um doente. Também os cadáveres eram desinfetados. Na Guarda havia uma carreta funerária para transporte exclusivo de tuberculosos que faleciam no Sanatório. O caminho que seguiam até à inumação era também único.

Foi difícil a aceitação do Sanatório na cidade.

O medo de contágio provocou reações adversas. Inclusive entre os médicos. Por exemplo, João Sacadura, no *Comércio da Guarda*, manteve uma polémica acesa com os apoiantes da fundação de uma instituição para a cura da tuberculose, na cidade da Guarda. A obra "Tuberculosos curados" da autoria de Lopo de Carvalho e de Amândio Paul, resulta desta controvérsia. Esclareciam que, de acordo com o Professor Léon Bernard, e considerando a experiência de outros países, *um estabelecimento de tuberculosos não pode ser considerado um estabelecimento insalubre, não constituindo um risco para a vizinhança e representando antes a sua defesa. O alcoolismo, a sífilis, a vida desregrada, os vícios de toda a casta, é que é preciso combater, porque conduzem mais do que outra causa – mais do que o próprio contágio! – à Tuberculose. E nisso poucos pensam.*¹⁶

O Combate, no texto, "Guarda – Cidade Sagrada de Portugal", defendia a impossibilidade de uma epidemia grassar em *ádito bendito*. Discordava do artigo de Holbeche Castelo Branco, que afirmara:

*Constitui um perigo a ida à cidade da Guarda e a outras localidades, como por exemplo, os arredores de Lisboa, onde há hotéis e pensões que sem o menor escrúpulo recolhem portadores de Tuberculose...*¹⁷

A resposta não se fez esperar e, o *Combate* de 12 de junho de 1931, publica a carta assinada por A.P. (Amândio Paul?) que esclarece:

Quanto aos arredores de Lisboa e outras localidades, estará muito certo. Quanto à cidade da Guarda é que não está certo. A afirmação do sr. Castelo Branco prova o seguinte:

a) Que o articulista só conhece a Guarda por saber que nela existem muitos doentes pelo facto de possuir um Sanatório – por sinal, o melhor da Península; b) que desconhece as condições em que o referido Sanatório funciona, sem perigo de espécie alguma para a população citadina; c) Que desconhecendo por completo a Guarda, para a sua afirmação apenas se baseou em informações de quem, por qualquer motivo tem interesse em alimentar uma infame campanha contra a Guarda. Por isso devemos informar o articulista do seguinte: 1º Está provado que é a Guarda que menor percentagem acusa de tuberculosos na sua população, isto entre todas as cidades do país. 2º É na cidade da Guarda onde o viajante, turista ou visitante se encontra mais defendido contra a terrível doença, visto ser a única cidade onde existe a proibição para os

¹⁴ Cf. Edição de 23 de julho de 1922.

¹⁵ Já em 1881, Sousa Martins, incentivara a Sociedade de Geografia a promover uma expedição à Serra da Estrela, a fim de estudar e analisar a possibilidade de construção de sanatórios, no local.

¹⁶ Cf., *Terras de Portugal*, Lisboa, 1934, nº 50.

¹⁷ Cf., o jornal *República*, nº 355, p. 4.

hotéis e pensões de receberem doentes. 3º No próprio Sanatório Sousa Martins pode o articulista em questão hospedar-se comodamente, comendo e dormindo sem o menor receio de se contagiar, o que não sucede em parte alguma do país.

Na época, os médicos destacavam como fatores primordiais de propagação da tuberculose os problemas habitacionais, a má alimentação e a mentalidade. Somava-se a dificuldade de diagnóstico e a ineficácia da terapêutica disponível. Ao “cair e ao rebentar da folha” – outono e primavera - a letalidade aumentava.

Na Guarda, o Sanatório contava com bons clínicos que apostavam na formação, procuravam atualizar-se nos avanços da Ciência. Ladislau Patrício, entre outras viagens, deslocou-se à Suíça, a Davos, a estância mais afamada da cura da tuberculose.

Em Davos quis conhecer Gustave Maurer, o prestímano do corte das aderências... (...) Explica:

Cortar as aderências é fazer uma operação útil, curiosa e delicada, que eleva o número de curas...

Autocensura-se:

Nós, portugueses, temos um pouco a mania das sumidades estrangeiras... A maior parte, porém, das sumidades estrangeiras, são como certos retratos: só realçam a distância...

Narra o encontro. Apresenta-se à hora marcada. Recebe-o o primeiro Assistente de Maurer. Entram na sala de radiologia. De forma irónica, continua:

Súbito, uma porta lateral abriu-se e, precedido dum vago rumor de anúncio, um vulto branco de homem, de mediana estatura, recortou-se no retângulo de luz projetada de fora sobre o limiar.

Era ele: era Maurer! Cenário para a revelação de um deus, a que não faltava um rumor de anúncio, um vulto branco de homem..., uma encenação anunciadora de um qualquer milagre.

Acrescenta:

Na intimidade, Maurer despreza todo o seu ar majestoso e ganha em simpatia o que perde em fatuidade... Conversa como um camarada; é quase encantador. Durante perto de duas horas em que estivemos ambos fumando pelas suas boquilhas de vidro esterilizadas, justificou-me o valor da sua técnica. Eu conhecia a estatística dos resultados por ele obtidos: em cerca de 800 operados, nem uma só perfuração pulmonar, nem uma só hemorragia, 51% de casos sem febre após a operação, 24% apenas de derrames pleurais, - escassa percentagem que Maurer

atribui às excelências do seu método. Mostrou-me depois uma documentação radiográfica valiosa – a mesma que levou a Paris e creio que apresentou mais tarde em Lisboa.¹⁸

(Esta Sumidade serviu, por certo, como um dos modelos da personagem assim nomeada no texto, “A doente do quarto 23...”).

Passou por outros Sanatórios, onde ouviu e conheceu outros especialistas, outras experiências. Concluiu que cada médico defendia o seu método, a sua terapêutica, como os mais eficazes, na cura da tuberculose.

Segundo Ladislau Patrício, eram características do tuberculoso, três sintomas psíquicos capitais:

a) egoísmo sombrio, trágico, amoral: próprio de todos os seres frágeis; b) erotismo exaltado, febril, fim de raça: próprio de todos os seres ociosos; c) otimismo falaz, obstinado, promissor: próprio de todos os seres que a morte ameaça, que não sentem o mal que os corrói... e que não querem morrer.¹⁹

Afirmava o médico que “a tuberculose é uma doença que atinge simultaneamente os pulmões e a alma”²⁰. Explica:

“O isolamento, os longos silêncios a que o obrigam por meses e anos, transformam-no numa espécie de eremita, monge de contemplação e recolhimento (...). A doença faz dele o que ele é na realidade. O sofrimento desvenda-o: se o doente é bom, aparece bom; se é mau, aparece mau... A hipocrisia é banida.

Continua, com os pés assentes na terra:

a maioria dos médicos, mesmo os especializados, mostram desconhecer estas verdades, ou não lhes ligam importância, visto que desdenham ou sorriem delas. Supõem que o regime higiénico e dietético, o ar puro, os remédios da botica, o pneumotórax (...) são suficientes para resolver o ingente problema terapêutico da tuberculose! Puro engano!²¹

Considerava, por isso, Ladislau Patrício que para se ser verdadeiramente médico é necessário dispor de um conjunto de qualidades especiais, direi mesmo excepcionais, com as quais se nasce e que não se adquirem. Numa palavra: é preciso vocação.²²

18 Ladislau Patrício, *Altitude – O Espírito da Medicina*, Lisboa, Europa, 1938, pp.165-174.

19 Ladislau Patrício, *O espírito da Medicina*, Lisboa, Ed. Europa, 1938, pp 181 e 182.

20 Idem, p.90.

21 Ibidem, pp. 190 e 191.

22 Ladislau Patrício, “Os médicos e o público” in *Separata de A Medicina*

Alegava que a Medicina não era uma ciência exata; nas suas aplicações era uma arte e *assim o seu êxito prático depende em grande parte dos predicados pessoais de quem a exerce.*

O médico devia possuir:

(...) uma ilustração omnívota, científica e literária – cultura humanista, greco-latina – mas sobretudo os coeficientes morais; bom senso, discricção, probidade, paciência, alegria, talvez, - e bondade.²³

Por proposta de Ladislau Patrício será criada a especialidade de Tisiologia, com o acordo unânime do Conselho da Ordem dos Médicos, em 1945. No Sanatório Sousa Martins, no mesmo ano, nascia pelas mãos de Ladislau Patrício, a Rádio Altitude. Em 1953, estava praticamente concluído o novo pavilhão. O Sanatório era *um edifício gigantesco com 250 metros de comprimento e com 350 leitos destinados exclusivamente a doentes pobres.*²⁴

Nesse ano, Ladislau Patrício completaria 70 anos. Será homenageado. A partir de 1954, começa a escrever a "História da tuberculose em Portugal".

A Guarda: breve perfil

À data da implantação da I República, o concelho da Guarda contava 41.517 habitantes. Com mais de sete séculos de história; era sede de diocese, cabeça de concelho, de comarca e de distrito.

As questões judiciais eram resolvidas por seis advogados; um Juiz – Augusto César Fernandes – ouvia e sentenciava.

Nas agências bancárias operavam: António Marques da Cunha Mantas, Augusto Pissarra, Fernando António Patrício – Economia Portuguesa; Alexandre dos Anjos Patrício, Luís Ribeiro de Portugal laboravam no Banco de Portugal.

Os seguros – Internacional, Sociedade Portuguesa e Urbana Portuguesa – eram geridos por Manuel Ribas, Júlio Cabral, e Ernesto da Cruz Melo. Os seguros de vida competiam a António Marques da Cunha Mantas e a Ezequiel Angelino Batoréu.

Eduardo da Cruz Melo, vice-presidente dos Bombeiros Voluntários, para além dos Seguros de vapores - Mala Real Inglesa – possuía o Bazar do Povo – publicitado como *o estabelecimento mais importante das províncias e onde se encontram todos os artigos necessários à vida* - vendia as modas e os móveis, fazendas, guarda-chuvas, ourivesaria, paramentos religiosos, era relojoeiro,

Contemporânea nº 36, de 6 de setembro de 1931, pp.7 e 8.

²³ Idem, p. 8.

²⁴ Cf. A *Guarda* de 5 de junho de 1953.

tinha sapataria, chapelaria, uma agência funerária, fabricava cera.

Vendiam-se fazendas em 13 casas comerciais. Patrício & Balsemão tinham uma fábrica de lanifícios; a da seda pertencia a F. A. Patrício & C^a. O dourador da cidade era Manuel Nunes Vitória & Filhos. As carruagens alugavam-se a Mello Osório & C^a. A cidade contava com 8 barbeiros, 7 alfaiatarias, 6 chapelarias, 11 mercearias, 2 ferradores, 2 fotógrafos, 3 mestres encadernadores, 3 estucadores, 3 serralharias, 3 tipografias, 3 mestres sapateiros, 4 talhos municipais, duas marcenarias, dois mestres latoeiros, dois correeiros, um electricista e um tamanqueiro.

O Liceu, a Escola de Habilitação ao Magistério Primário, o Seminário, eram estabelecimentos de ensino prestigiados. As meninas aprendiam no Colégio de Nossa Senhora de Lurdes. As livrarias de António Joaquim de Carvalho e de Miguel António Pina serviam os alunos da cidade.

O exercício clínico no Hospital da Misericórdia era desempenhado por 5 médicos: Amândio Paul, António Augusto Proença, António José Gomes, João Monteiro Sacadura e Lopo José de Carvalho. Uma parteira, Albina de Jesus Carneiro, amparava os nascimentos.

A medicação era preparada e adquirida em cinco Farmácias: Carvalho & C^a; Júlio de Almeida; Manuel José Rego; Marques dos Santos; Misericórdia.

O veterinário da cidade era José Augusto de Sá e Melo.

O Clube Egitanense e o Grémio Sande e Castro funcionavam como *sociedades de recreio*. Outras associações, diziam respeito à *classe dos Empregados do Comércio Egitanense, ao Real Montepio Filantrópico Egitanense, aos Socorros Mútuos*. O Asilo de Infância Desvalida era presidido por Júlio Ribeiro.

A hotelaria estava entregue a Abel Ferreira de Abreu (Hotel Central) e José António dos Santos (Hotel Santos). As estalagens de António Neves e de Cristiana Sá Osório apoiavam os moradores e visitantes.

Recebiam hóspedes, para tratamento da tuberculose (casas de doentes) as casas particulares de Maria Augusta (a Tamanqueira), da Etelvina ou da Chica, modestas e *deficientes pensões, situadas à ilharga da cidade*²⁵.

Já o *Grande Hotel Egitanense* autoqualificava-se como "O mais vasto e higiénico hotel de província". Assegurava "Serviço esmeradíssimo – Bons e espaçosos quartos – Magnífico quarto de banho. Luz

²⁵ Cf. A *Guarda* de 25 de novembro de 1983.

elétrica”; acrescentava “Não se recebem hóspedes com doenças contagiosas”; garantia: Serviço de Automóvel, propriedade do hotel, a todos os comboios”.²⁶

III - A Tuberculose: uma doença romântica

A doença provoca palidez, emagrecimento, o estado febril faz brilhar os olhos. Aos artistas não escaparam estes traços distintivos; a mulher com tuberculose passou a ser um modelo de beleza. Da fraqueza soltava-se uma certa graça. A tuberculose matava muito. Falava-se, então, do *mal de vivre* que se traduzia em desilusão, insatisfação, melancolia, desespero, desejo de morrer... “Febre das almas sensíveis”, desde o século XVIII, a “tísica romântica” inspirou artistas, poetas e personalidades de renome.²⁷ Os autores românticos criaram muitas heroínas atingidas pela tuberculose e descrevem a doença sobretudo na fase terminal; dores torácicas, febres continuadas, delírios, hemoptises... As personagens românticas golfam muito, muito sangue...

A cura tardou. Em 1882, Robert Koch descobre o bacilo causador da doença. Foi um momento de esperança. Em 1895, a descoberta dos raios X abriu outros caminhos. Em 1921, a vacina, BCG, revela-se útil. A cura, mais corrente, começa a chegar nos anos 40 do século XX, com fármacos, como a penicilina, a estreptomicina, a hidrazida...

Certo é que a mortalidade começara a diminuir em meados do século XIX. Alguns tratamentos, a melhoria das condições de vida, o isolamento das pessoas com tuberculose em sanatórios, impediram a propagação maior da doença.

O texto: “A doente do quarto 23”²⁸

Ora, Ladislau Patrício, reiteramos, conhecia bem a tuberculose. Esta “doente”, a protagonista do texto, é um ser ficcional, uma personagem - nome cujo étimo latino é “Persona” e designou primeiramente a máscara que o ator usava. Designará mais tarde, o papel desempenhado numa peça de teatro -.

As personagens uma construção, vão adquirindo

²⁶ Cf. António Saraiva (coord.), *A Guarda em Postal Ilustrado de 1901 a 1970*, Guarda, Agência para a promoção da Guarda, 2011, imagem 498, p. 220.

²⁷ Muito conhecida é «A Dama das camélias» (Marguerite Gautier), de Alexandre Dumas; outra é Fantine, uma das personagens de Victor Hugo, do livro «Os Miseráveis»... A doença atingiu escritores como Anton Tchekhov, Franz Kafka, Dostoiévsky, Thomas Mann...

²⁸ Ladislau Patrício, *A doente do quarto 23...*, Lisboa, Livraria Bertrand, s/d.

sentido, ao longo do texto. O próprio leitor/espectador participa na criação. No teatro, a personagem incarna um papel, concretiza-se no seio de uma representação.

Neste caso, a obra gira em torno da tragédia da tuberculose. Que nomes escolhe o autor para as personagens? O nome de cada um de nós insere-nos em relações de socialidade; pertence também aos outros que o identificam conosco. Ora, nas deambulações sombrias da Doente, protagonista sem nome próprio, com a morte sempre presente, encontramos outras *personagens* tipo com traços simplificados. Não há representação de indivíduos autónomos, semelhantes a personagens reais. Doente, Noivo, Mãe, Facultativo, Sumidade, Diretor clínico, Cirurgião, Assistente, Enfermeira... são identidades escolhidas pelo autor. Ora, habitualmente, os nomes de pessoas designam alguém singularmente determinado. E os que referimos, são “nomes de espécie”, “nomes contáveis”? Na verdade, os processos de constituição de significado presumem a socialidade e a partilha de um mundo comum. O nome pessoal viabiliza três processos identitários: *essencializa*, na medida em que dá existência externa e durável a um processo de identificação pessoal; *cita*, porque remete sempre, de uma forma ou outra, para casos anteriores; e *explora*, porque através do processo constante de recontextualização dos ecos nominativos, se abrem novas pistas identitárias. No texto teatral encontra-se, porém, um processo de individualização que leva à perceção das personagens como seres humanos de carne e osso - um ator / atriz tornam-se realidade.

Por que razão o autor não atribui um nome próprio às personagens? Doente, Noivo, Mãe, Facultativo, Sumidade, Diretor clínico, Cirurgião, Assistente, Enfermeira... designam quem? Muitos, muito iguais? A opção faz sentido, quando conhecemos o texto na íntegra.

O *prefácio* é de Júlio Dantas, igualmente médico e dramaturgo. Este autor tinha sido injuriado com um escrito virulento da autoria de Almada Negreiros, membro da geração do *Orfeu*. Para os modernistas, Júlio Dantas inseria-se num modelo social, cultural e político usado, velho. Almada Negreiros tinha, então, 23 anos. A revista *Orpheu* vinda a lume, em

março de 1915, desencadeou protestos. Numa crónica na *Ilustração Portuguesa*, Júlio Dantas foi um dos muitos que detestaram a publicação; fez coro com psiquiatras que consideraram *paranoicos* os colaboradores da revista.

O *Manifesto Anti Dantas*²⁹ traduz este conflito de gerações. Por que razão Almada escolheu Júlio Dantas como bode expiatório? Transferira-se, sem hesitações, da Monarquia para a República. A sua ligação ao poder, aos sucessivos governos, às respetivas cúpulas partidárias foi useira e vezeira.³⁰ Almada pôs o dedo na ferida:

"Dantas é um habilidoso e um ciganão, (...) um pantomineiro. Para ter chegado aonde chegou basta não ter escrúpulos, nem morais, nem artísticos, nem humanos. Basta usar o tal sorrisozinho, basta ser muito delicado (...) e ter olhos meigos (...) Basta ser Judas. Basta ser Dantas."

Quando Ladislau Patrício, médico e diretor do Sanatório Sousa Martins, escolheu Júlio Dantas para prefaciar o texto, o dito manifesto estava esquecido? Começa o prefaciador:

"O meu querido amigo, Dr. Ladislau Patrício, não é apenas o tisiólogo insigne (...) tem sabido merecer a admiração dos que estudam e a gratidão dos que sofrem."

Considera que a arte de escrever não tem segredos para o médico:

Comecei por notar que este escritor de tão nobre estirpe nunca se esquece de que é médico. A medicina está na base da sua formação mental, impregna a sua obra literária, de alto a baixo, desde a conceção até à construção...

A classificação do texto merece-lhe reflexão:

²⁹ A 21 de outubro de 1915, é representada no Teatro Ginásio a peça de Júlio Dantas, Soror Mariana. Foi pateada. Dantas estava na crista da onda da celebridade. A Ceia dos Cardeais projetara-o na Europa e nas Américas, mesmo no Japão. Foi um sucesso de livraria. Fizeram-se cinquenta edições, traduções nas mais diversas línguas e duzentas e cinquenta imitações e paródias, em Portugal e no Brasil. (...) Escreve António Valde-mar: *Costumo resumir o êxito de Júlio Dantas através das seguintes peças: A Ceia dos Cardeais, para deslumbrar a família real e ter acesso ao paço; Um Serão nas Laranjeiras, ao pressentir a decomposição e queda da Monarquia; Santa Inquisição, para a I República e agradar a Afonso Costa; Carlota Joaquina, para desmistificar o Integralismo Lusitano; Frei António das Chagas, para o Estado Novo, empenhado na reconciliação do Estado com a Igreja. Em 1945, ao irromper o MUD (e a situação começou a estremececer), Dantas fez uma versão da Antigona. A oposição revia no tirano e detestável Creonte o tirano e detestável Salazar.* Cf. "Manifesto Anti Dantas, atualidade e permanência, A contestação literária e a desmontagem do oportunismo político." Público, 12 de agosto de 2016.

³⁰ Júlio Dantas assinou o protesto da União Nacional e *Diário de Notícias*, contra o "obviamente, demito-o" (a Salazar), proferido por Humberto Delgado, em 1958, na apresentação da candidatura à Presidência da República. *Idem*.

Teatro? Talvez, de preferência, conto dialogado.

Justifica que a falta de ação exigida pela dramaturgia era, porém, superada *pela vida intensa, crua, flagrante, quase fotográfica, vida interior das personagens, vida dos próprios objetos que as rodeiam (...) suficientes para criar no leitor a "atitude espetacular"*. Assim, esta obra não era exclusivamente literária, por abordar questões de ordem médica, social e moral, tratadas não em superfície, mas em profundidade. Explica:

Utilizando um caso clínico, como ponto de partida, considera o livro bem pensado, bem sentido e bem escrito. Em todas as suas páginas – Evangelho de Consolação – palpita comovedoramente um sentimento de doce, de fraterna piedade pelos que sofrem. Um talento superior? Sem dúvida. E uma grande alma também.

Reflexão simpática, a de Júlio Dantas? A triangulação, médico, autor, texto, ganhava interesse.

Na verdade, o projeto do dramaturgo e o projeto humano do autor alimentavam-se reciprocamente. A personagem identificada como "Doente" – igual a todas as outras - possui uma atração especial. Sensível, triste, era ainda senhora de premonições que não de cumprir-se. Impotente perante o destino, magra, como indicavam os figurinos, o sofrimento despertara o *mal de vivre*, a angústia.

Escreveu Georges Gusdorf:

« les romantiques vieillissent mal, et sans doute les romantiques les plus authentiques sont-ils ceux qui ne vieillissent pas. La solution est de mourir jeune. La tuberculose, la consommation, maladie romantique par excellence, propose une issue radicale ; le poète jette son cri, et la maladie même atteste que l'existence, en sa banalité, a quelque chose d'insupportable »³¹.

O tempo é, neste contexto, outra personagem de relevo; tem a função de antagonista; age contra as personagens principais. Modifica-as. No Sanatório, o quotidiano dos pacientes é marcado pelo grande tédio.

A trama desta peça de teatro inicia-se no consultório médico da Sumidade, frequentado por gente rica. Acompanha a Doente, protagonista, a Mãe da Doente, *pessoa distinta, de boas maneiras e o Facultativo*.

É interessante, reiteramos, esta identificação das personagens. Migraram de uma realidade que Ladislau Patrício dominava. Representam uma família, uma

³¹ Georges Gusdorf, *L'homme romantique*, Paris, Payot, 1984.

vida onde caiu a doença temida. Sem nome próprio, a Doente é jovem, a Mãe da Doente é distinta; o Facultativo exerce a sua função. A Sumidade encarna uma pessoa de inteligência superior, com talento, erudito, especialista, *tipo estrangeiro, que lhe aumenta o prestígio, associado ao ar magistral.*

A escassa descrição do(s) retrato(s) físico(s) bem como os raros pormenores sobre os espaços, permitem que, com o autor, encenador, atores e leitores / espectadores sejam criativos.

No consultório, a Sumidade analisa uma radiografia efetuada em Lisboa. Examina a Doente, descreve-a:

É esbelta e magra, duma beleza frágil, beleza tísica (...), olhos brilhantes, com longas pestanas sedosas, espantosamente abertos; cútis alabastrina e diáfana; no rosto uma palidez estranha, de vestal com insónias...

Em suma, possui características físicas idênticas às de todas as doentes tuberculosas. Por isso, sem nome próprio que a individualize, como acontece com a Mãe, com o Facultativo, com a Sumidade? Na verdade, o nome das personagens ou a ausência dele, inclui informação, mesmo se não existe. E este texto tem esse elemento de interesse literário. Que falta ao leitor / espectador para poder “criar” as personagens? Fã-lo-ão de forma diferente...

A Sumidade fala exclusivamente com o Facultativo, os detentores de um código ao alcance de clínicos, de prestígio; ignora a presença da Doente e da Mãe. Só no final, pergunta à jovem se tem tosse, suores, febre, fadiga, se fez análises à expetoração, se emagreceu.

A Mãe lamenta: *não come!* A Doente lembra que o pai comia e morrera com a doença. Já o avô, com quase 80 anos, sofrendo a mesma enfermidade, sobrevivia... Como entender, como curar?

A Sumidade avaliados os sintomas, aconselha o Sanatório. A Doente recusa. Adianta a Mãe:

Nós temos uma casa de quinta, Sr. Professor, situada nas abas da Serra... um sítio desafrontado e tranquilo... é cheia de sol... com esplêndido ar!... Um verdadeiro Sanatório!

Percebe-se a ira da Sumidade. O Facultativo aconselhará hábil:

Cumpra o que diz o Mestre, minha senhora!...

A consulta termina. E para não haver qualquer dúvida sobre o perfil da Sumidade, o autor transcreve a pergunta colocada à empregada, a propósito dos clientes que se seguem: *Pagaram?*

O cenário, seguinte, é a rua. Muitos figurantes. Doentes? Uma notícia no jornal diário descrevia o atropelamento de duas senhoras. *Morreram ambas*”. *Comenta a Doente: E se calhar tinham saúde... De que serve afinal ter saúde?!...*

Novo cenário: um velho solar da Beira Alta, em pleno coração da serra. A Doente está deitada, coberta com uma manta de lã. A Mãe faz croché. Batem 4 horas. A Doente queixa-se:

Uff! Que tédio!... Nunca me pareceram tão longas as horas como estas duas horas de repouso! Quando acabará isto, Santo Deus?!

Chega o Facultativo. Traz a injeção. Irónica, a Doente comenta:

Vou ser uma das suas melhores glórias, Doutor... /Conto com isso... /Um caso bonito como os senhores dizem...

Quando o médico sai, sobreveem *um acesso de tosse. Leva o lenço à boca... e retira-o depois, todo manchado de sangue!*

Entra em cena uma nova personagem: o Noivo.

- Julguei que não vinhas hoje!

Ela assegura que está bem; relata a conversa com o médico. Mas acabará por desabafar:

Pois saberás que ainda há pouco, antes de tu aqui entrares, deitei sangue pela boca.

Aflige-se Carlos. A Doente dirá:

- Eu não sou a mulher que te convém!

Só neste momento, um nome próprio individualiza: Carlos. Não era o Noivo, igual a todos. Era Carlos a quem a noiva confessava:

Eu tenho a absoluta certeza de que não me chego a curar!...

Dá o exemplo do Pai que morreu; do avô que vive uma vida que ela não quer:

sempre achacado...sempre a tossir, a escarrar! Se aquilo é viver!...

Pede a Carlos que não volte a sua casa. Alerta-o:

... Tu não vês como todas as pessoas me repelem... como evitam a minha presença?... Não terás tu porventura também nojo do meu corpo, da minha boca... do próprio ar que respiro... de tudo aquilo que toco com as minhas mãos impuras?

O Noivo responde:

Quero-te Helena! Mil vezes mais agora do que quando tinhas saúde! Acredita: Não há forças neste

mundo que nos possam já separar!

- Nem a Morte!

Um amor maior o de Carlos e Helena! O casal ganhou individualidade; beijam-se *num cego impulso de amoroso instinto, beijam-se sem reboço nem tutela...*

Novo cenário: no Sanatório, dois anos depois.

Intervêm novas personagens: o Diretor clínico, a enfermeira, o marido da Doente. As personagens perdem de novo a identificação. Agora, é o "marido da Doente", não Carlos, que visita a Doente do quarto 23." O Diretor pergunta-lhe:

Porque se lembraram só agora de trazer a Doente para aqui?!

O marido esclarece:

Foi aconselhada devidamente a dar esse passo logo que adoceceu. Ela é que não se conformou! Preferiu tratar-se numa casa de quinta isolada, propriedade da mãe, onde um médico amigo ia frequentes vezes visitá-la. Por sinal que conseguiu alcançar excelentes resultados. Os especialistas que a viram depois deram-na como curada!

Explica que ela lhe pedira para não se casarem... com o receio de me contagiar! Acrescenta:

Mas o medo do bacilo não venceu em mim a resistência do amor!... Casámos.

Depois nasceu uma filha, *que tem vivido com pessoas de minha família, como órfã de mãe!...*

Tudo parecia correr bem, quando numa noite se queixou de uma pontada no peito. Teve um ataque de tosse... e *deitou logo a seguir uma golfada de sangue!*

Uma radiografia mostrou que se abrira *uma caverna no sítio das antigas lesões do pulmão esquerdo!*

A questão de ter filhos colocara-se, mas a mulher era religiosa e alegava que a "Natureza, expressão augusta da Sabedoria Divina, associando o prazer à função maternal, não dá a ninguém o direito de suprimir a função cultivando apenas o prazer..."

A hipótese de um aborto assomou, *mas a minha mulher repudiou indignada semelhante proposta...*

Depois tiraram-lhe sete costelas. Melhorara com a operação, e piorara logo depois. O outro pulmão estava igualmente afetado. Só depois aceitou entrar no Sanatório:

Veja se lhe vale, de qualquer forma! Rogarei a Deus, porque sou um crente, que ajude V. Ex^a. nos seus bons esforços!

Era o tempo em que a tuberculose tinha um

poder muito maior do que a Ciência dos homens.

Uma enfermeira chama o Diretor para ir ver a Doente. Acalma-a perceber que o clínico acredita que o *exercício da Medicina tem por base o amor do próximo.*

Perdida a esperança, a Doente preferia "partir". Lamenta deixar o marido e a filha. Pede ao médico que olhe por eles...

Cansada, desmaia. É assistida. Quando acorda, contrafeita, pergunta:

Ainda não morri?

A peça finaliza apresentando novas personagens que debatem a cura da tuberculose: um médico 1º assistente (*possui larga experiência do meio sanatorial, onde trabalha há anos*), um cirurgião – *Um indivíduo ainda novo, de média estatura que goza de boa fama entre os colegas*), um Ajudante (*é um rapaz modesto e calado*).

Discutem os três. O Assistente defende que é o diagnóstico precoce que leva à cura; duvida da eficácia da cirurgia que provoca mutilações humilhantes. Contesta o cirurgião:

(...) Primum vivere! Está provado que mais de 70% dos doentes tuberculosos que são operados, e que outrora estavam condenados à morte ou a uma invalidez definitiva, recuperam hoje com a cirurgia torácica os principais requisitos de saúde! Acha pouco?

Surge o Diretor. Diz o cirurgião:

É aqui este nosso colega que tem horror à arma branca no combate à tuberculose!...

Com um toque de humor, responde o Assistente:

Porque ninguém me convence que seja possível matar os bacilos à facada...

Experiente, o Diretor aconselha:

Nada de fanatismos terapêuticos (...). A luta contra a tuberculose é uma grande batalha! E uma grande batalha não se ganha só com esta ou aquela força...

Lembra Paracelso, revolucionário temível a quem chamaram o "Lutero da Medicina" ... Percebeu que a *pessoa humana não é somente formada de elementos visíveis e tangíveis (...)* quem tiver de tratar com um doente tem de fazê-lo ao mesmo tempo com os dedos e com o coração!... *A alma colabora ativamente em todas as misérias físicas do Homem!*

Exemplifica com o caso da "Doente do quarto 23". Considera o Diretor que "Nesta senhora a *doença sublimou-lhe as virtudes inatas até aos arroubos místicos da santidade! É um caso singular,*

digno de registo... Helena é o paradigma da mulher-anjo.

Uma enfermeira chama o Diretor. Recomeça a discussão entre o Cirurgião e o Assistente que concluirá:

A tuberculose começou com a Humanidade e estou convencido de que só terá fim quando desaparecer o último vestígio de vida humana à superfície da terra!

O cirurgião replica lembrando que:

Morre-se muito menos hoje de tuberculose do que noutros tempos!

O Diretor reaparece. Anuncia:

Faleceu a doente do quarto 23.

O sentido trágico da vida, a crença de Ladislau Patrício face à doença, as várias opções para curar transparecem nas palavras, nas personagens, na tessitura da história.

Em nota final, Ladislau Patrício acrescenta:

Houve tempos em que Tuberculose e Morte eram sinónimas; e essa fúnebre noção vigorou durante séculos, oferecendo aos mais sérios desmentidos a singular resistência de todas as ideias falsas! Hoje, felizmente não. Há muita gente que se cura dessa longa enfermidade. Por isso se alguma doente, sujeita a tão acerbo mal, quiser ver-se fotografada nas páginas que aí ficam impressas, que não seja senão sob esse aspeto anímico, superior e imortal.

Refere Santa Teresinha do Menino Jesus *para quem todo o sofrimento se convertia num gozo.*

Nesta peça, o médico e dramaturgo, Ladislau Patrício, traça o perfil do médico ideal. A experiência no tratamento da tuberculose, os atributos que considera necessários para o exercício da Medicina, o conhecimento das Sumidades, das defesas intransigentes de determinadas terapias, dos doentes, permitiram criar um painel humano em que viajam dúvidas e receios júbicos face à complexidade da relação entre Ciência e Arte, entre Ciência e Religião.

A obra reflete sobre acontecimentos marcantes e devastadores, que fizeram a história da tuberculose, em pleno século XX.

Na sua obra perpassa um agudíssimo sentido do valor da vida humana, do absurdo da sua condição; está, porém, do lado dos que não desistem, não se contentam, dos que questionam esperançadamente o tema da cura. O exercício de indagação metafísica

surge, de resto, em muitos textos do médico. Realce-se ainda a qualidade emotiva da escrita de Ladislau Patrício. Sabia que muitos doentes morriam jovens. Como escreveu Vergílio Ferreira:

*Morte na juventude. No flagrante do seu absurdo.
No limiar de uma vida que se anunciava e não veio.
Nunca mais isso esqueci na minha história do sentir²².*

Ladislau Patrício, por certo, também não. Mais do que perspicaz dramaturgo, é na arte de contar que encontra o clima propício para o florescimento do dom de vigilante enamorado do ser humano.

Bibliografia

- FERREIRA, Vergílio Ferreira, *Conta-corrente*, I, Lisboa, Bertrand, 1989.
- GUSDORF, Georges, *L'homme romantique*, Paris, Payot, 1984.
- LOBO ANTUNES, José, in José Cardoso Pires, *Valsa Lenta*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1997.
- PATRÍCIO, Ladislau, *A Doente do quarto 23*, Lisboa, Bertrand, s/d.
- PATRÍCIO, Ladislau, "A Cura", Guarda, *Atualidade*, 24 de janeiro de 1911.
- PATRÍCIO, Ladislau, "Comentários", Guarda, *Atualidade*, 6 de junho de 1911.
- PATRÍCIO, Ladislau, "O espírito da Medicina", Sanatório Militar de São Fiel, setembro de 1919.
- PATRÍCIO, Ladislau, "Os médicos e o público" in Separata de A Medicina Contemporânea nº 36, de 6 de setembro de 1931.
- PATRÍCIO, Ladislau Patrício, *Altitude – O Espírito da Medicina*, Lisboa, Europa, 1938.
- PATRÍCIO, Ladislau, "O médico de aldeia (aspetos da prática médica rural)", *Revista Altitude*, Guarda, 1941.
- PEREIRA, Ernesto, "Homens que honram a Guarda – Ladislau Patrício", in *A Guarda* nº 2901, de 29 de novembro de 1963.
- SARAIVA, António (coord.), *A Guarda em Postal Ilustrado de 1901 a 1970*, Guarda, Agência para a promoção da Guarda, 2011.
- SEQUEIRA, Helder, *Ladislau Patrício, guardense, médico e escritor*, Guarda, Câmara Municipal da Guarda, 2004.
- VALDEMAR, António, "Manifesto Anti Dantas, atualidade e permanência. A contestação literária e a desmontagem do oportunismo político." *Público*, 12 de agosto de 2016.

Outras fontes

- *O Combate*, Guarda, de 22 de outubro de 1921; 23 de julho de 1922.
- *A Guarda*, Guarda, de 5 de junho de 1953; *A Guarda* de 25 de novembro de 1983.
- *Livro de Assentos de Batismo da freguesia da Sé, Guarda, 1884.*

*Universidade da Beira Interior

EM 1818 OS MÉDICOS PRESTAM CONTAS

Aires Antunes Diniz*

Encontrámos realidades antigas que nos foi difícil identificar. Foi o caso dos partidos médicos, um sistema criado por carta de Lei de D. Sebastião de 20 de Setembro de 1568, que consistia num subsídio pecuniário a atribuir a trinta alunos cristãos velhos que estudassem medicina e cirurgia¹.

E, em 1850, republicavam-se as “Ordenações e Leis do Reino de Portugal recopiladas per mandado d’ El Rei D. Filipe, o Primeiro, Duodécima Edição, segundo a nona, Coimbra, 1824, Coimbra, na Imprensa da Universidade”, onde se determinava na p. 203:

“E quando fizer correição, se informará nos lugares, em que a fizer, se há neles Médicos, que curem de Medicina, ou Cirurgiões, ou Sangradores, ou pessoas outras, que curem de Cirurgia, ou que sangrem, e quantos são, e os mandará vir todos perante si, e os constringerá mostrar Cartas de seus graus, ou Provisões, por que curam ou sangram. E não lhas mostrando por sumário de testemunhas, que curam, ou sangram, fará disso autos, e o emprazará, que em certo termo conveniente que lhes assinará, se presentem na Corte, os Médicos perante o Physico Mor, e os Cirurgiões e Sangradores perante o Cirurgião Mor, para se livrarem de culpa, que nisso tiverem; aos quais enviarão o traslado dos autos, para procederem contra eles conforme os seus Regimentos.”

Mais preocupado em nos falar dos propósitos guerreiros de D. Sebastião relativa a conquistas militares, Queiroz Velloso em 1935 nem sequer nos fala destes partidos médicos. Só falou de raspão das companhias de ordenanças criadas por ele em Lisboa para responder a um boato acerca dum

possível assalto de protestantes franceses e ingleses (Velloso, 1935, p. 129).

Tentou ainda remodelar este sistema Manuel Joaquim Henrique de Paiva, sobrinho neto de Ribeiro Sanches, que, como colaborador próximo de Pina Manique, quis remodelar este sistema centralizando

no Estado Central os recursos gerados pela caridade, pensando que só o Estado os pode gerir bem (Abreu, 2018, p. 16), mas não pensava Pina Manique em usar fundos gerados por impostos. De facto, isso era já uma conceção de Estado moderno que só vai existir bem mais tarde.

Queria-se assim disciplinar as atividades dos profissionais da Saúde, os médicos e os cirurgiões, fazendo-os prestar contas da sua atividade, prática que voltou a ser exigida na década de 1810 logo após o fim das Invasões Francesas, antecedendo a nova orientação política trazida pela Revolução Liberal de 24 de Agosto de 1820.



É isso que vamos agora abordar sucintamente.

1818 – Um ano crucial

Em 1812 fazia-se a introdução às Contas, que alguns Médicos e Cirurgiões das Províncias deram em observância da Portaria de 24 de Outubro de 1812, onde se ordena que os Médicos e Cirurgiões remetam aos Provedores das respetivas Comarcas mensalmente uma relação das moléstias que grassaram nos Hospitais Civis, Cadeias, Casas de Expostos, Comunidades, e Povoações aonde se pratica a Medicina e Cirurgia, declarando as suas causas prováveis, tratamento a que mais ordinariamente cediam e comunicando com

¹ In Processos de habilitação - a partidos médicos e boticários, PT-AUC-UC.

todo o detalhe quaisquer observações que sobre esta matéria lhe parecerem dignas de especial memória. Trata-se de juntar no Jornal de Coimbra as observações feitas por todo o Reino, para ao pesar cada uma delas, se compararem para de seguida generalizar resultados e estabelecer um corpo de Medicina Portuguesa.²

Queriam que se fizesse a descrição topográfica das Povoações, aonde têm de fazer-se as observações, onde conviria referir o modo de vida e costumes dos habitantes, toda a qualidade de produções do País, as plantas ou outros medicamentos endógenos que podem substituir-se aos exóticos, etc. Recomendava-se que, para haver maior regularidade e exatidão, as contas de cada um dos facultativos sejam relativas às observações que fizerem desde o primeiro até ao último dia de cada mês, para deste modo se poderem confrontar as observações de uma terra com as de outra e que umas e outras pertencem à mesma época. Justificavam-no por só assim se poder conhecer onde começa ou acaba primeiro qualquer epidemia, sua universalidade e perniciosidade, etc. Depois, terminado qualquer mês, o Facultativo arranja a sua Conta e pode entregá-la até ao dia 15 do mês seguinte, mas as observações porém destes dias devem entrar com as do resto do mês na conta imediata tal como se ordena na Portaria.

Recomenda-se que estas observações, como base da Ciência Médica, devem ser completas, metódicas e poder comparar-se entre si, devendo ser escritas em estilo quanto mais lacónico, evitar o supérfluo e fugir de tudo o que é produto de imaginação.

Por isso, as Contas devem ser precedidas de um relato do solo, águas, atmosfera, plantas, animais e das gentes que habitam o concelho³.

2 - Os Médicos e Cirurgiões não competem

Estavam desde sempre juntos e em competição médicos e cirurgiões, tendo estes últimos um curriculum de aprendizagem que rivalizava com os primeiros pois entre Universidades e Academias há ordinariamente certa rivalidade de que é infalível resultado que a Universidade não adote nem ensine facilmente as verdades, que a Academia descobre. Por isso, há uma Breve notícia da Faculdade de Medicina e Cirurgia da Universidade de Coimbra, assente no facto de nesta Faculdade o ensino constar

de cinco anos e seis Cadeiras. Resumo por isso o que se ensina. Assim, no primeiro ano estuda-se Anatomia teórica e prática, e, nesta, as Operações Cirúrgicas sem nada omitir na explicação das operações. 4.º Arte Obstétrica. Em Anatomia e Operações de Cirurgia fazem-se dois Exames, um teórico e outro prático. No segundo ano estudam-se as Instituições Médico-Cirúrgicas ou teoria de toda a Medicina e Cirurgia. No terceiro ano ensina-se Matéria Médica e Arte Farmacêutica e as lições tanto de Farmácia como de Matéria Médica são teóricas e práticas. Os Estudantes do 3º ano ouvem lições dos dois Lentes de Clínica Médica e Cirúrgica e fazem dois exames destas matérias, um de teórica em Matéria Médica e Farmácia, que é também de prática na primeira e o outro exame de prática só em Farmácia e no mesmo Dispensatório da Universidade. No quarto ano ensina-se a Terapêutica em particular, aplicando em cada uma das mesmas enfermidades os apriorismos de Hipócrates que lhe dizem respeito. Fazem no fim um exame e ficando aprovados, recebem o grão de Bacharel, e podem tirar carta do mesmo.

No quinto ano, faz-se a Prática de Medicina e Cirurgia, isto é a aplicação de todos os princípios ao tratamento dos doentes do Hospital, homens e mulheres, de Medicina, e de Cirurgia debaixo da direção de dois Lentes; Aulas, que os Estudantes já frequentaram dois anos. No fim são submetidos a um rigorosíssimo exame, todo de prática, em que, por vinte dias, cada um dos Estudantes deve escrever à cabeceira de doentes que para esse fim se lhes apresentam, diários completos, aonde se vejam as histórias das moléstias, os capítulos, as indicações, receitas, o modo de administrar os remédios, e a dieta; diários em uma palavra, que regulem em tudo o comportamento dos doentes; nem mais, nem menos, como era bem que todos os Médicos fizessem nas casas particulares. Todos os Lentes da Faculdade são Juizes deste exame, em que se não decide à pluralidade de votos: dois votos de reprovação reprovam haja os que houver de aprovação. Este exame tem o nome de Formatura: ao Estudante aprovado nele passa-se sua carta de Formatura de Medicina e de Cirurgia; e fica habilitado para praticar uma e outra.

Ao sexto ano é obrigado só quem aspira ao Grau de Licenciado.

Neste processo de ensino afirma-se que:

“Nada se tem perdido de vista para promover o adiantamento dos Estudantes da Faculdade de

² *Jornal de Coimbra*, vol. III, parte I, Janeiro de 1813, n.º XIII, Artº., pp. 73-75.
³ *Jornal de Coimbra*, Março de 1813, Num. XV, p. 299.

⁴ A matrícula do primeiro ano precede exame e aprovação, além dos estudos menores dos três primeiros anos das duas Faculdades de Matemática e Filosofia; das quais daremos uma conta regular em outro Num.

Medicina e Cirurgia da Universidade de Coimbra. Aos Estudantes de cada um dos primeiros quatro anos podem dar-se seis prémios de 50\$ reis cada um 4 com um mui honorífico Documento; e esta circunstância vai mesmo às suas Cartas. É todavia necessário que seja relevante o merecimento do Premiando.

A Congregação pode apresentar ao Soberano o merecimento mui relevante dalgum dos Estudantes apenas formado, a fim de que, em prémio, se doutore gratuitamente.

Na Universidade tem havido sempre Jornais Franceses, Italianos e Alemães, Gazetas Estrangeiras e continua a haver Jornais Ingleses, etc., tudo franco na sua magnífica Biblioteca.⁵

Por outro lado, o Dr. Vicente Navarro de Andrade organizou e imprimiu-se por Ordem de S. A. R. um Plano⁶ para uma Escola Médico-cirúrgica, dando uma suficiente ideia dos Cursos Médico, Cirúrgico e Farmacêutico:

"§ XVI. O Curso Médico constará das matérias que se seguem, as quais serão estudadas pela ordem numérica dos anos facultativos.

- 1.º Ano. Anatomia, e Fisiologia.*
- 2.º Patologia geral, Terapêutica, Semiótica, Higiene.*
- 3.º Explicação dos Sistemas de História Natural, Botânica Médica, Matéria Médica, Farmácia.*
- 4.º Patologia Médica especial.*
- 5.º Clínica, Medicina Legal, História da Medicina.*

Há porém outras Aulas que deverão frequentar como ouvintes, as quais em quanto úteis ao Estudo médico se podem denominar Complementares, e vem a ser:

No 3.º Ano. Operações Cirúrgicas, Arte Obstetrícia, e Clínica interna.

No 4.º Patologia especial Cirúrgica, e Clínica interna.

No 5.º Clínica externa.

Não poderão os Estudantes começar o Curso Médico, sem terem estudado previamente as matérias que preparam para a inteligência e progressos desta Faculdade. Os exames nas diferentes matérias serão impreterivelmente exigidos como habilitação essencial para a matrícula nas disciplinas do primeiro ano do Curso Médico. Juntarão pois os Estudantes para admissão à primeira matrícula: 1º Certidão de que foram aprovados em Latim, e em Filosofia racional e moral, por um Mestre público desta Corte para esse fim nomeado, sendo livre contudo estudar as ditas matérias em qualquer parte do Brasil. 2.º

Certidão de que foram aprovadas em Geometria, Elementos de Álgebra ou Física pelos Professores da Academia Militar aonde devem frequentar as ditas matérias. Além destas Certidões juntarão a da aprovação nas disciplinas do primeiro Ano médico para poderem ser matriculados nas disciplinas do segundo ano.

Para que os Estudantes possam adiantar-se e concluir o Curso Médico num menor número anos, será simplesmente exigida para a matrícula do terceiro Ano Médico, a Certidão de aprovação em Química pela Academia Militar aonde a podem estudar simultaneamente com as matérias do primeiro ou segundo Ano do Curso Médico. Deste modo se passará às matrículas dos anos seguintes, apresentando, para serem a isso admitidos, não só Certidão de aprovação nas matérias do ano precedente, mas também a de que frequentarão, na qualidade de Ouvintes, os Cursos complementares, pela ordem que se exige, e fica declarada e havendo satisfeito a todas estas condições, e sendo aprovados nemine discrepante, ser-lhes-á passada Carta em virtude das quais lhes será permitido exercitar a profissão Médica em qualquer dos Estados e Domínios de S. A. R.⁷

Alternativamente havia um:

"Plano dos Estudos de Cirurgia.

§. I. Os Estudantes para serem matriculados no primeiro Ano do Curso de Cirurgia, devem saber ler e escrever corretamente.

§. II. Bom será que entendam as Línguas Francesa e Inglesa; mas esperar-se-á pelo exame da primeira, até à primeira matrícula do segundo Ano, e pelo da Inglesa, até à do terceiro.

§. III. A primeira matrícula se-fará de quatro até doze de Março, e a segunda de dois até seis de Dezembro.

§. IV. O Curso completo será de cinco Anos.

§. V. No primeiro aprende-se a Anatomia em geral até ao fim de Setembro, e deste tempo até seis de Dezembro ensinar-se-á Química Farmacêutica, e o conhecimento dos géneros necessários à Matéria Médica e Cirúrgica sem aplicações, o que se repetirá nos anos seguintes.

§. VI. Todos os Estudantes assistirão desde o primeiro Ano ao curativo, o qual se fará das sete horas até às oito e meia da manhã; e daí até às dez, ou ainda mais será o tempo das Lições da Anatomia, e de tarde quando for preciso.

§. VII. No segundo Ano repete-se aquele estudo com a explicação das entranhas, e das mais partes necessárias à vida humana, isto é a Fisiologia, das dez

⁵ *Jornal de Coimbra*, vol. I, n.º III, Março de 1812, pp. 190-194.

⁶ Este Escrito é digno de ler-se pela informação, que dá das Escolas, de Viena (composta de 4 Anos e 11 Cadeiras): Paris (4 Anos, 23 Cadeiras): Parma (12 Cadeiras): Estrasburgo (11 Cad.): Génova (10): Turim, Medicina (5), Cirurgia (3); Montpellier (14): New-York. (10).

⁷ *Jornal de Coimbra*, vol. VI, parte II, n.º XXIX, 1814, pp. 281-286.

horas até às onze e três quartos da manhã, e de tarde se conveniente for.

§. VIII. *Aqueles Estudantes, que ou souberem Latim, ou Geometria, sinal que o seu espirito está acostumado a Estudos, matricular-se-ão logo pela primeira vez neste segundo Ano, e nenhum outro o poderá pretender, porque não é de presumir que tenha, os conhecimentos necessários para o exame das matérias do segundo Ano, o qual, como outros quaisquer exames deste Curso, sempre será público.*

§. IX. *Deste segundo Ano por diante até ao último haverá Sabatinas, e todos os meses Dissertação em Língua Portuguesa.*

§. X. *No terceiro das quatro da tarde até às seis dará um Lente Médico as Lições de Higiene, Etiologia, Patologia, Terapêutica.*

§. XI. *Deste até ao fim do quinto não há feriado nas Enfermarias, mas somente nas Aulas, se não houver operação de importância a que devam todos assistir.*

§. XII. *No quarto instruções Cirúrgicas, e operações das sete horas até às oito e meia da manhã, e às quatro da tarde Lições e prática da Arte Obstétrica.*

§. XIII. *No quinto prática de Medicina das nove até às onze da manhã, e às cinco da tarde haverá outra vez assistência às Lições do quarto, e à Obstetrícia.*

§. XIV. *Neste Ano depois do exame podem haver a Carta de Aprovado em Cirurgia.*

§. XV. *Aqueles porém, que tendo sido aprovados plenamente em todos os Anos quiserem de novo frequentar o quarto e quinto Ano, e fizerem os exames com distinção, se-lhes-dará a nova graduação de Formados em Cirurgia.*

§. XVI. *Os Cirurgiões Formados gozarão das prerrogativas seguintes: 1.º Preferirão em todos os Partidos aos que não tem esta condecoração: 2.º Poderão por virtude das suas Cartas curar todas as enfermidades, aonde não houverem Médicos: 3.º Serão desde logo Membros do Colégio Cirúrgico e Opositores às Cadeiras destas Escolas, e das que se-hão-de estabelecer nas Cidades da Baía e Maranhão, e em Portugal: 4.º Poderão todos aqueles que se enriquecerem de princípios e prática, a ponto de fazerem os exames, que aos Médicos se determinam, chegar a ter a Formatura e o Grau de Doutor em Medicina.*

§. XVII. *Os exames são os dos Preparatórios, os dos Anos Letivos; as Conclusões Magnas, e Dissertações em Latim.*

Palácio do Rio de Janeiro em o primeiro de Abril de mil oitocentos e treze.

Conde de Aguiar."

Este lamentava-se no fim:

"Meti-me em matéria bem fértil, e que, se eu me descuidasse, me levaria demasiadamente longe: levanto mão deste objeto, que muitas vezes terei ocasião de tocar."

3 – Reflexões sobre a formação de médicos e cirurgiões

Refletia alguém numa carta aos Srs. Redatores do Jornal de Coimbra sobre o que foi antes objeto de uma nota⁸ breve e meramente incidente, que agora pretende sujeitar a uma mais extensa reflexão. Trata-se de destruir os miasmas epidémicos.

Entretanto, refletia também sobre as bexigas questionando se "são uma moléstia epidémica e contagiosa: ignora-se ainda a natureza do seu vírus morbífico e ninguém esperou até agora a neutralização ou corretivo do seu contágio das oxigenações. As bexigas grassam nas Aldeias aonde o ar é o mais puro e oxigenado. Não é pois no pretendido corretivo dos miasmas que os sábios Clínicos tem fundado o curativo das doenças epidémicas (sendo-lhes desconhecida a natureza destes miasmas, eles não podem apresentar-lhe indicações diretas), mas sim na história sabida do seu decurso, dos seus sucessivos tempos e estados e da sua terminação, empregando as suas intenções em dirigir, e governar os esforços da natureza e em desviar todos os impedimentos, entrando nesta conta o cuidado de procurar por todos os meios a pureza do ar tão necessária no tratamento de todas as enfermidades."

E ainda sobre que:

"São pois as doenças epidémicas que ocupam pela maior parte os Clínicos; é por isto que a sua história exata é a mais interessante e útil. Nós temos dois respeitáveis modelos para imitar; o do grande Hipócrates, o mais antigo e o maior observador das enfermidades epidémicas; ele foi o primeiro que sentiu a necessidade destas observações e nos deixou sobre elas escritos imortais; o do Hipócrates moderno, Sydenham que é quase o único em um tão longo espaço de tempo, que nesta matéria tem marchado sobre as pisadas do Pai da Medicina; marcha que alguns outros têm sem dúvida seguido e que nós todos devemos cuidadosamente seguir."

⁸ *Jornal de Coimbra*, vol. VI, parte II, n.º XXIX, 1814, pp. 286-289.

⁹ *Jornal de Coimbra*, Num. LVII Parte I. p. 16. onde assinala que "sendo as minhas Cartas numeradas, e sendo todos os artigos que nelas se compreendem marcados com uma numeração sucessiva, elas não podem ser confundidas com outra Carta alguma anónima.

E continuava a reflexão assim:

"VIII. Permitam-me que eu ainda por esta última vez insista na adição da bibliografia das Ciências Naturais no fim da 1ª Parte de cada Número do Jornal e persuado-me que estão conformes com este meu desejo todos os Facultativos e todos os Amantes destas Ciências residentes nas Províncias: ela ocupará louvavelmente o lugar vago pela retirada das Contas meteorológicas do Gabinete de Física experimental. Sei que nos primeiros tempos do seu Jornal houve contestações desagradáveis quando estas são entre pessoas conhecidas motivos particulares excitam às vezes paixões, as quais ofuscam o entendimento e pervertem os juízos. Bem estou eu cá no meu retiro, aonde não conheço nem sou conhecido. É sempre repreensível o procedimento daqueles Periodiquistas, que misturam nos seus Periódicos juízos e discursos manchados pela irrisão e pelo insulto, tais escritos não podem ser estimados senão pelos sectários da maledicência, nem ser lidos senão por pessoas ociosas, e de gosto depravado. Felizmente o seu Jornal se-acha livre destas manchas.

Se eu residisse na Capital escolheria um ou dois Jornais estrangeiros dos quais copiaria os anúncios e recopilaria as notícias para se imprimirem sucessivamente no seu Jornal; eu lhes enviaria com tanto maior gosto este pequeno trabalho porque não tendo em vista senão a utilidade geral, não aspiro, nem como anónimo posso aspirar a glória, ou interesse algum. A isto deveriam VV. ajuntar os anúncios e algumas breves notícias, podendo ser, dos escritos pertencentes às Ciências mencionadas, que se publicarem no nosso Reino-Unido ou elas sejam originais ou traduções ou reimpressões. Nesta forma não fica lugar algum para contestações porque se não forma juízo algum sobre as opiniões dos AA., o que não somente é dificultoso, mas inquieta comumente o amor próprio. Não vivendo eu na Capital, aonde podia facilmente fazer aquisição dos Jornais estrangeiros para me encarregar voluntariamente desta pequena redação, só me restam as esperanças de que VV. satisfarão enfim a este desejo público.

Em quanto ao louvável projeto dos Regulamentos dos Hospitais Militares transcrito na sua nota¹⁰ não temos esperanças algumas de que ele se efetue, não só porque nem todos os Facultativos se acham nas convincentes e indispensáveis circunstâncias, mas porque, julgando o futuro pelo passado, podemos com razão presumir que este plano não será executado: além do que os homens não se sujeitam ordi-

nariamente a novos trabalhos sem novos estímulos e o objeto é tão delicado como dificultoso.

Não é pois nos Hospitais militares, donde devemos esperar estas ilustrações, é sim no Hospital da Universidade, aonde as devemos procurar: é nesta Escola Clínica dirigida por sábios Mestres, aonde se podem fazer observações exatas, e aonde se podem avaliar os novos métodos curativos, os novos medicamentos. Os alunos da Clínica Académica, escrevendo quotidianamente a história das enfermidades facilitam o concurso das observações, as quais com os seus resultados formarão o ano Clínico: este, sendo impresso todos os anos, os novos Médicos trarão consigo estes depósitos das suas primeiras instruções práticas e continuarão a receber sucessivamente as luzes desta grande Escola primária por todo o tempo da sua vida em toda a extensão da Monarquia.

Este plano, se bem me lembro não foi esquecido nos novos Estatutos da Universidade; o certo é que ele se acha executado nas mais célebres Academias da Europa, e sirva de exemplar a Escola Clínica de Viena de Áustria famigerada pelos seus insignes Professores Haen, Storck, Stoll, etc"¹¹.

Assim, podemos considerar as seguintes contas dos médicos como elemento fundamental para a mudança do ensino médico e cirúrgico no ano de 1820, onde com a Revolução Liberal, mantendo a velha ordem, o Clero, Nobreza e Povo de Sintra pedem a liberdade de poder despedir o médico do partido¹².

4 - Contas em 1818 na Beira Interior

Escolhi 1818 como ano de referência por estar já consolidado este processo de prestação de contas pelos médicos e ter no Jornal de Coimbra diversas contas que cobrem o território da Beira Interior. Aí observaremos diferentes formações e diversas capacidades de refletir e verificamos que as reflexões e por consequência os saberes não são muito diferentes. Recolhemos por isso os testemunhos de médicos e cirurgiões que nos dão uma panorâmica do que acontece na Beira Interior. É e onde está presente uma terapêutica atualizada, a lembrança dos tempos então recentes das Invasões Francesas e a omnipresente miséria rural, que se vai prolongar até começar a ser substituída pelo despovoamento ou desertificação desta região.

¹¹ *Jornal de Coimbra*, vol. XII, parte I, n.º LXV, 1818, pp. 192-200.

¹² *Diário das Cortes Gerais e Extraordinárias da Corte Portuguesa*, 10 de Agosto de 1821, p. 1852 coluna 2

¹⁰ *Jornal de Coimbra*, vol. XI, 1817, parte I, n.º LVII, p. 173-185.

Apresento por isso sem alterações os relatos dos médicos como materiais históricos que devem ser posteriormente analisados por quem o quiser e puder fazer.

4.1 – Norte da Beira Interior

Começo por isso com um extrato de duas Contas de Manoel António Abrunhosa, Cirurgião do Partido de Freixo de Numão e Vila Nova de Foz Coa, pertencentes a Dezembro de 1817 e a Janeiro de 1818.

Dezembro

"No Concelho de Freixo de Numão e igualmente em Vila Nova de Foz Côa tem grassado a terrível moléstia das bexigas, das de má qualidade que tem custado a vida de vinte e tantas crianças, todas as pessoas que se tinham vacinado tem escapado sem serem acometidos da dita moléstia, tanto assim que tendo o Major de Ordenanças desta Vila três meninos, dois tinham sido vacinados e um que não tinham sido vacinado foi acometido da dita moléstia e os dois ficaram livres: outro exemplo, um Lavrador do Concelho de Freixo de Numão, tendo quatro filhos dois vacinados e dois por vacinar, os dois que não tinham sofrido a vacina sofreram a terrível moléstia da qual morreram e os dois vacinados ficaram isentos. Em uma palavra esta terra terá perto de 700 vizinhos, terão adoecido de bexigas acima de 400 e ainda não houve exemplo que acometessem os vacinados."

Aqui o objetivo é claramente convencer todos a vacinarem-se e principalmente as crianças, um trabalho que continua no mês seguinte.

Janeiro

"As bexigas vão continuando de boa e má qualidade, tem morto crianças imensas, e também alguns adultos, presentemente não me-consta que tenham acometido os vacinados."¹³

Conta de António da Costa Marraxa, Cirurgião do Partido da Camara da Vila de Trancoso, que se preocupa com o carbúnculo e com algumas fracturas.

"Maria de Andrade, 60 anos de idade, assistente em Redemoinhos padeceu um carbúnculo na parte lateral e direita da mandíbula inferior, motivado por causa de comer carne de um carneiro que morreu. Esta, quando cheguei à povoação, morreu passadas 2 horas sem que se lhe pudesse aplicar remédio algum."

¹³ *Jornal de Coimbra*, vol. XII, parte I, n.º LXVI, 1818, pp. 230-231.

Maria da Assumpção, 55 anos de idade, assistente em Redemoinhos, padeceu um carbúnculo na parte média do úmero a quem se não pode fazer operação por se achar a gangrena comunicada não só ao braço, mas ao todo porque somente viveu 6 horas depois da minha chegada.

Luís António, 33 anos de idade, assistente em Redemoinhos padeceu um carbúnculo na parte média do osso coronal, no qual se fizeram escarificações em toda a circunferência, levando ao mesmo tempo a escara debaixo da qual ficou uma chaga, que foi curada com planchetas de espírito de vinho canforado e depois mudei para a tintura de mirra, usando desta 4 dias, no fim destes cobri de quina toda a parte até que mostrou filamentos rubicundos, depois tratei de cicatrizar e encarnar: logo no princípio mandei dar ao doente seis sangrias e um emético, que assim o pedia a sua constituição, internamente lhe dei os anti sépticos: não teve este perigo, e vive. Houve mais 3 ou 4 de comerem a mesma carne que se curaram como o sobredito.

Manoel António, 30 anos de idade, assistente em Redemoinhos padeceu um carbúnculo na parte média do dedo indicador, que se sarjou fazendo depois unia supuração que se ajudou com as cataplasmas maturativas e passados dias com os dessecantes formando uma perfeita cicatriz.

Luiza Solteira, 78 anos de idade, assistente em Trancoso padeceu um tumor crónico sobre a rótula da perna esquerda que continha uma matéria purulenta, que se-curou radicalmente com sedanho, pondo por cima compressas molhadas em cozimento aromático quinado.

Cristóvão, 67 anos de idade, assistente em Vale de Seixo, padeceu uma fratura complicada com grande ferida na parte média da tibia e perónio; este levou mais de 4 meses de cura pela grande esfoliação da tibia: fez a principal cura a muita limpeza; e como a carne muscular perdesse a nutrição a embalsamei em quina e compressas molhadas em cozimento aromático canforado e quinado, isto apliquei por temer gangrena; tratei sempre o osso com fios secos e algumas vezes os molhei em tintura de mirra e logo que vi a carne muscular rubicunda a tratei a fios secos, esperei a esfoliação, depois cicatrizou, ficou com alguma deformidade, mas anda sem muleta. Tem havido mais alguns doentes de pequenas coisas."¹⁴

Conta de António de Carvalho e Almeida, Médico de Celorico da Beira, Comarca da Guarda, pertencente aos 3 meses de Janeiro, Fevereiro e Março de 1817.

¹⁴ *Jornal de Coimbra*, vol. XII, parte I, n.º LXV, 1818, pp. 177-178.

"A situação de Celorico, a bondade e abundância de seus frutos, a pureza de suas águas e ventos setentrionais, que quase constantemente sopram, fazem este local talvez um dos mais saudáveis de Portugal. Já não havia lembrança de moléstias epidémicas nesta Vila, quando em 1811 apareceram alguns tifos, que, pelos poucos recursos, que então havia, e pelo estado moral da Nação, fizeram nesta Vila muitas vítimas, principalmente os velhos, cujo número era assaz sobejo.

Passada esta tempestade, os habitantes nada mais na sua saúde tiveram que sentir, apesar da imensa tropa e dos muitos Hospitais aqui por longo tempo residentes: fica pois claro, que de nenhuma epidemia tenho que dar conta. As moléstias esporádicas aparecidas nos meses de Janeiro, Fevereiro, e Março foram intermitentes, principalmente terças simples, duas quotidianas, algumas remitentes, uma hemiplegia, uma hemoptise, dois vômitos cruentos, algumas catarrais benignas, uma peripneumonia notha, oftalmias benignas, uma tísica tuberculosa, uma elefantíase. São estas as moléstias, que nestes três meses apareceram na minha Clínica.

Nenhum Literato deve esquivar-se de pôr a presença dum Magistrado tão digno, e de tão alta consideração as suas ideias, ou resultados dos seus estudos e reflexões; principalmente quando tendem à utilidade pública: por este motivo exponho com todo o respeito devido as seguintes reflexões, que não tendo escapado a alguns grandes Práticos modernos, contudo foram até agora sem efeito. A Medicina tiraria grande proveito da Coleção de Observações feitas por Médicos Práticos assaz ingénuos e racionais: a saúde pública e particular se trataria com mais conhecimento de causa, as vítimas seriam em menor número, e a Medicina seria mais estável, e menos exposta à crítica do Filósofo, que ama a verdade e a utilidade. Para que as observações sejam úteis seria preciso que todos os Médicos Práticos trabalhassem debaixo dum mesmo plano; aliás cada um caminhará por sua estrada e as vítimas serão imoladas às arbitrarias ideias dos seus sistemas. Uns acusaram a bile como causa das moléstias, e todas serão biliosas: outros a linfa redundante, já acida, já alcalina, ou como lhe quiserem chamar: outros darão todo o poder aos sólidos vivos: outros farão representar o oxigénio, o hidrogénio, etc., todas as cenas, que se observam no estado da saúde alterada, ou na moléstia. De sorte que cada Prático toma sua divindade, e a ela oferece os miseráveis, que a desgraça lhes fez perder a saúde. Eis aqui talvez a razão, porque a Medicina, apesar de tantos séculos passados, apesar de milhões de livros impressos,

apesar de tantos diários médicos, se acha na prática tão pouco melhorada. Qual será a razão ou a causa, porque os resultados úteis não são proporcionados a tantos trabalhos, a tantas experiências, e a tantas observações? Se os Artistas dum mesmo Ofício trabalharem num mesmo edificio sem unidade, e cada um à sua fantasia, qual será o resultado? É o que justamente tem acontecido à Medicina prática: Ciência, cuja nobreza e dignidade é tal como o seu objeto. A unidade nos trabalhos médicos é tão útil e tão necessária, que sem ela nunca a Medicina prática chegara dignamente ao fim a que se propõe: uma mesma epidemia descrita por diferentes Práticos terá diversos capítulos, diversos métodos curativos, e todos defendem com boas razões os seus juízos e a sua prática. A febre epidémica que em grande parte da Itália grassou em 1799 e 1800 faz não pequena prova. Esta nódoa mancha não somente a reputação dos modernos, mas também dos antigos.

Concluamos, que sem unidade nos trabalhos clínicos as observações e os diários médicos serão de nenhuma utilidade: quero dizer, se os Médicos Clínicos não dirigirem as suas observações e o seu método curativo segundo os conhecimentos já exatamente averiguados e adotados pela filosofia indutiva, seguramente nunca poderão tocar nem o grau de perfeição de que são suscetíveis, nem a Medicina deixará de ser reputada Ciência conjectural. Ter por 16 anos adotado na minha prática a escola Browniana; ter-me regozijado dos seus bons efeitos, ter muito tempo sentido o vácuo das outras práticas médicas, ter-me-á alucinado e viverei no erro? Eis o que deixo à decisão de Práticos mais sábios.²⁵"

4.2 - Guarda



Fig. 1 - Sanatório Sousa Martins

Duas Contas de Manoel Thomé Bello, Médico na Cidade da Guarda, pertencentes aos meses de Abril e Maio de 1817.

²⁵ *Jornal de Coimbra*, vol. XII, parte I, n.º LXI, 1818, pp. 7-9.

"Abril.

Tem grassado desde o meado de Março até aos fins de Abril quase todas as espécies de catarro: tem sido tão geral afeção que quase quatro quintos de toda a população tem sido atacados sem distinção de sexo ou idade.

Todos os oprimidos desta afeção catarrosa ofereceram um pulso cheio com mais ou menos pirexia, diversificavam, porém nos mais sintomas segundo a pgressa disposição de cada um diferente parte afetada da membrana mucosa, insigne consenso com as partes longínquas e diversa função do órgão.

Seu curso era rápido na maior parte e se terminava ordinariamente em poucos dias por um suor, algumas vezes seguido de erupção miliar, epistaxis, separação de pituita mais ou menos densa, e poucas vezes estriada de sangue. O sarampão acompanhou estas moléstias oprimindo outros desde os meados de Abril. Convencido da existência de causas que só pelos efeitos se conhecem sobre a economia animal; considerando o grande número de pessoas oprimidas duma e outra espécie de catarro; e olhando para as poucas variedades que a atmosfera ofereceu em todo o inverno, e até 2 de Maio, tempo em que já só aparecia o sarampão isolado, e aquela de seca e quente passou a húmida e fria, julgo causa provável e remota da mesma afeção catarrosa e contágio.

O método de cura que pus em prática, atendida a natureza inflamatória, causa provável da mesma afeção reinante e observada terminação, consistiu em evitar tudo o que podia intercepar a transpiração cutânea e aumentar o estímulo local: dieta ténue, bebidas tépidas; soro de leite quente, capilés; infusão de flores de sabugueiro com oximel simples; e esta em alguns com tártaro emético, já como alterante e às vezes como vomitivo, vapores de água simples, bochechos de leite tépido, ou de cozimento de malvas, xarope de erísimo e os peitorais mucilaginosos faziam desaparecer a febre, dispneia, venceram o medo de inflamação local, resolveram a pituita da laringe, facilitaram a rejeição e evitaram abscessos nos narizes, seios frontais e maxilares.

Desta maneira se conseguiu a cura de todos os oprimidos sem me constar que um só tenha sido vítima daquela moléstia.

Maio.

Tem grassado desde os meados de Abril até ao fim de Maio o sarampão.

Todos os oprimidos desta moléstia exantemática têm aparecido com febre inflamatória e neles se tem observado quatro regulares estados de invasão,

erupção, florescência e de+scamação tem sido por enquanto benigno.

A causa é o contágio. Tem cedido, e apresentado seus regulares estados com o moderado agasalho; descanso; defendendo os olhos da luz; dieta tenuíssima, leite com água, ou infusão de flor de sabugueiro e esta mesma com oximel e no fim da descamação com um leve purgante de maná em soro de leite. Desta maneira têm todos vencido a moléstia, sem deixar tosses rebeldes.¹⁶

+

Extrato das duas Contas de José Gonçalves Dente Parrão, Cirurgião Mor da Cidade da Guarda, pertencentes aos meses de Maio e Julho de 1817.

"Maio

Um menino de 4 anos, tendo comido tremoços, lançou no dia seguinte a solitária de três varas e meia de comprido pelo ânus.

Julho.

Há no lugar da Curgeira um menino de 4 anos mordido de víbora no pé direito e passados 5 dias estava disformemente inchado até a virilha com nodoa como de contusão e abatimento geral; prescrevi-lhe três gotas de alcali volátil fluido em uma onça de vinho três vezes ao dia, fazendo untar a parte com a mesma mistura, e sarou perfeitamente, só tem ainda a perna amarelada¹⁷.

4.3 – Covilhã

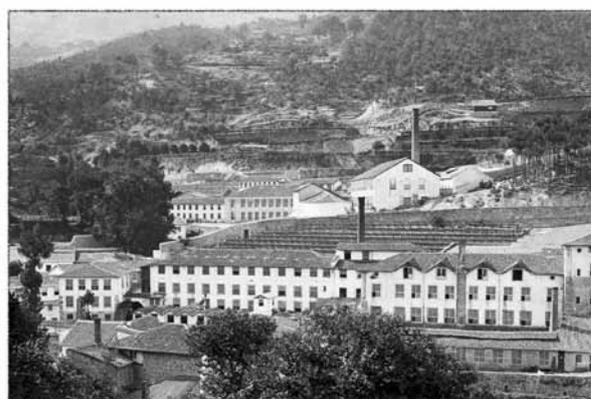


Fig. 2 - Covilhã

Há Duas Contas de Joaquim José Barata de Oliveira Matos e Sousa, Médico do Partido da Vila da Covilhã, Comarca da Guarda, datadas a 2 de Abril e 6 de Maio de 1817.

¹⁶ *Jornal de Coimbra*, vol. XII, parte I, n.º LXIV, 1818, pp. 154-155.

¹⁷ *Jornal de Coimbra*, vol. XII, parte I, n.º LXIV, 1818, p. 156.

"Conta de 2 de Abril

No Hospital da Misericórdia desta Vila não tem havido, nem presentemente há epidemia alguma; as moléstias, que nele tenho tratado, são quase todas próprias das diferentes Estações do ano, à exceção de alguma crónica, que atacando algum pobre, se vê na precisão de entrar no Hospital para se curar.

Na Cadeia pública igualmente não há, nem tem havido epidemia; se alguém adoecer nele é igualmente com doença própria de Estação.

Nesta Vila não há Casa dos Expostos; estes são criados por Amas, a quem a Camara paga mensalmente em suas próprias casas. E estes ordinariamente são acometidos das moléstias próprias da sua idade e circunstâncias e a que mais os ataca é o vírus venéreo, que trazem de seus Pais, e que se curam com os remédios próprios, por cuja moléstia há muito poucas Amas, que se queiram encarregar de criar os ditos Expostos.

Nas duas Comunidades que há nesta Vila de Santo António e S. Francisco há poucos Religiosos, e por consequência poucas moléstias, o que é devido à sua regularidade, e se algum é acometido de doença, e de moléstia própria da quadra, não tendo havido, nem havendo epidemia alguma.

Nesta Vila, e igualmente nos Povos deste Termo não há, nem tem havido epidemia alguma; as moléstias, que costumam grassar nestes sítios são todas próprias das diferentes quadras, à exceção de alguma esporádica, que sobrevem.

No tempo que durou a guerra, e que a gente toda abandonava sua casa, e se viu precisada a habitar as montanhas, passar frios, fomes, ter muita aflição, andar a pé, e privar-se das suas comodidades, tanto nesta Vila como no Termo morreu muita gente de febre lenta nervosa, cuja moléstia se tornava quase incurável tanto pelas causas supraditas, como por falta de meios nesse tempo aplicáveis, porque não havia que comer, nem camas nem boticas, nem remédios, nem Médicos, nem Enfermeiros, porém com o fim da guerra felizmente acabaram semelhantes moléstias, e desgraças. É quanto posso relatar.

Conta de 6 de Maio de 1817.

Presentemente nesta Vila da Covilhã grassa uma grande epidemia de sarampão; que no princípio atacou somente as crianças, porém agora vai atacando algumas pessoas adultas, tanto de um como de outro sexo, porém esta epidemia é benigna, apenas tem morrido alguma criança,

que, ou pela sua tenra idade se não presta aos remédios, e tratamento próprio, ou pela rusticidade dos Superiores e Enfermeiros, se não execute o que prudentemente se lhe determina. O tratamento desta moléstia tem sido o mais simples possível, não passando de diluentes e brandos diaforéticos, e algumas vezes combinados com brandos peitorais para dulcificar a tosse, que em alguns doentes é bastante incómoda.

As mais moléstias que aparecem nestes habitantes, umas são filhas e próprias da quadra presente, outras das causas a que os mesmos se expõem segundo o seu estado, ofício, costumes, habitação e regulamento as quais se curam com os remédios apropriados.

No Termo não tem grassado moléstias epidémicas, as que são próprias da quadra, que cedem aos remédios próprios.

As moléstias que costumam atacar algum preso nas Cadeias desta Vila, devem a sua origem à fome, e frio, que nelas costumam ter, que se curam com o tratamento próprio

Nas Comunidades, como há boa regularidade nos costumes e no comer e beber, há poucas moléstias.

No Hospital desta Vila igualmente não tem havido epidemia alguma; as moléstias, que costumam curar-se nele, são todas filhas das diferentes quadras, que mais influem nos pobres do que nos ricos: porém tanto estas, como as esporádicas e crónicas, que vem ao Hospital, se curam e tratam metodicamente¹⁸.

4.4 - Castelo Branco



Fig. 3 - Largo da Devesa

Temos duas Contas de Jorge Gaspar de Oliveira Rolão, Médico na Vila de Alpedrinha, Comarca de Castelo Branco, pertencentes aos meses de Janeiro e Fevereiro de 1818.

¹⁸ Jornal de Coimbra, vol. XII, parte I, n.º LXI, 1818, pp. 11-12.

"Janeiro

É tal e tão geral a salubridade destes Países, que é raríssimo um doente, parecendo que a Providência nos quer indemnizar de tantos e tão horrorosos males e mortandades como houve nos para sempre memoráveis e calamitosos tempos da guerra.

O mês de Janeiro sendo mui suave, exceto poucos dias no princípio em que houve chuva branda e os tempestuosíssimos últimos, não produziu moléstias da sua repartição; o regímen bastava para dissipar as poucas oportunidades que houveram para elas.

Uma febre remitente com total anorexia, confusão e torpor gerais levou à sepultura no fim de dois meses uma doente de 80 anos, ficando sem efeito os lembrados medicamentos em tais circunstâncias. Bem assim foi liberto da já bem pesada vida pela intervenção dum acesso pernicioso, no qual mais reluziam convulsões gerais e subsultos de tendões, um velho de 83 anos, entrevado há meses, coberto de chagas, paralítico absolutamente privado dos órgãos da grande vida exterior ou de relação representava ele uma estátua automática. Advertindo, porém que em estado tal já se tinham vencido por vezes acessos semelhantes, sendo empregados os mais poderosos antiespasmódicos e nervinos.

Mais tratei uma erisipela vesiculosa no rosto precedida por 6 ou mais dias de dores atrocíssimas por todo o corpo, às quais fazia não pequeno alívio a aplicação das ventosas, e era complicada, além da constituição débil da doente, com embaraço gástrico e catarro pulmonar; tirada a primeira complicação com os refrigero-laxantes terminou a febre com suor geral e o catarro com a expetoração, evacuações solicitadas pelos cozimentos peitorais de Edimburgo, a que ajuntava espirito de minderer e apareceram depois de desvanecido o eritema do rosto, apesar deste ter reverdecido por duas vezes.

Fevereiro

Uma doente sujeita a repetidos ataques de asma espasmódica com o cozimento de espécies peitorais, a que se juntavam licor anódino de Hoffmann, elixir antiasmático de Alibert e xarope de Bollou recebia pronto alívio em tais ataques, e estes se tem afastado mais e mais com pilulas feitas das de ferro da Ph. Car. do R., castoreo e ópio puro, bebendo em cima chá de funcho hissope e adoçado com xarope de menta piperitis.

Duas indigestões com cruezas e dores lancinantes fortes mais no estomago e também pelo trato digestivo, curaram-se com brevidade pela inf. theif. das espécies carminativas, tint. comp. de rhuibarbo e

xarope do mesmo em larga dose e algumas gotas de laud. liq. de Syd.; notando, que as dores desapareciam antes de começarem as dejeções alvinas.

Uma doente de 60 anos, com febre lenta de tempos, fastio, língua inflamada, securas, e sempre borboríngos, aspereza de pele, dores surdas pelas articulações, teve em meio de uso de banhos e bebida de águas mornas hidro sulfuradas, disenteria violenta com exacerbação de todos aqueles sintomas, a qual se curou com óleo de rícino, que fez desaparecer tenesmo, dores torminosas e sangue, tornando-a em diarreia e esta com cozimento. de ponta de veado composto, cascas de simarruba, xarope de marmelos, pilulas de cipó e ópio, clisteres guminosos opiados, etc. mas ficou depois a mesma: febre lenta, assim como os outros sintomas, que antes existiam e de mais uma ascite-timpanítica iniciada, que crescia a despeito de tónicos aperientes, carminativos, porém cedeu, assim como a febre a colheres duma solução mui saturada de extrato resinoso de quina em água de canela, licor anódino de Hoffman e tintura de dedaleira de Darwin. E' de advertir que nunca se diminuiu muito a secreção de urina e se apliquei a dedaleira foi mais para lhe aproveitar a virtude sedante do sistema arterial do que a diurética de que pouco se precisava.

Uma peripneumonia adinâmica que em todos os dias críticos mostrou melhoras, só se extinguiu de todo aos 21 por copiosíssima diabete, expetoração abundante, começadas no dia 14: o tratamento era o combinado para a simultaneidade das duas moléstias referido já em outras Contas.

Uma doente de 60 anos, constituição débil, histérica, tosse e dispneia habituais, depois de aturada luta de paixões deprimentes, sem acusar causa, contraiu peripneumonia asténica, na qual era laboriosíssima a respiração, impossibilidade de jazer de qualquer lado, pelo ameaço de próxima sufocação e apenas consentia a de sentada e debruçada sobre o peito. Visitando-a ao 5º dia pela primeira vez, a observei sem pulso direito, que nunca mais apareceu, dor espalhada neste lado do peito e maiores embaraços nesta porção do pulmão, o pulso esquerdo intermitente, irregular e mui pequeno, língua branca, algumas securas, continuada vigília, etc. Foi posta no uso de cozimentos peitorais de Edimburgo, com poligala seneca, musgo islândico, a que juntava elixir paregórico de Edimburgo e oximel scilitico, alternado com a bebida de mistura de leite de goma amoníaco, julepo canforado, e xarope de Boillou; cáustico supurante entre as espáduas, e a melhora apareceu, e durou por dias em grau tal, que assegurou, e

dissuadiu a família de perigo, que eu na primeira, e até aí única visita, lhe tinha prognosticado. Não me consultaram mais, substituíram aos meus remédios os brandos demulcentes, dos quais usou com demasia até que aparecendo novos ataques sufocativos, arrependendo-se da sua deliberação, me chamaram de novo, e achei a doente com anasarca, ascite, e sinais de hidro tórax, o que tudo me resignou mais no primeiro prognóstico: e só por satisfação à família lhe receitei paliativos, que apenas tocou e morreu 5 dias depois, lançando pela boca, logo depois da morte muitos soros ensanguentados.

Já tenho mais de três observações de hidropesias ou gerais, ou somente no peito, formadas instantaneamente no declínio de peripneumonias e catarros asténicos pelo abuso dos demulcentes, pretendendo-se com eles afogar a nova tosse sintomática da hidropesia de peito, os quais facilitando a exsudação linfática e conseqüentemente o cumulo de águas, causa da tosse, engravescem e mais aumentam esta, e a morte é indispensável dentro de poucos dias.

As moléstias da quadra foram mui benignas, sendo a natureza do mês a própria da Estação invernosa sem que fosse desabrida”¹⁹.

Temos uma Conta de Manoel Mendes de Abreu, Cirurgião do Partido da Cidade de Castelo Branco, pertencente aos meses de Maio e Junho de 1817.

“No princípio de Maio fui chamado para um doente que padecia um panarício da 2.ª espécie no dedo indicador da mão esquerda bem sobre a primeira falange e parte anterior do dito dedo. Os sintomas, que acompanhavam a moléstia, eram dores por todo o braço, inflamação do dedo e mão e mesmo enfarte das glândulas da axila. Apliquei-lhe a cataplasma saturnina ao dedo e a mão o embrulhada em panos envolvidos em água da mesma natureza: No seguinte dia apareceu algum líquido junto, a que dei saída por uma incisão. Por espaço de três dias fiz uso dos fios passados por gema de ovo; e passado este tempo, os fios secos, e molhados em água de cal segunda acabarão o curativo, e o doente ficou sem aleijão, nem defeito. A causa desta moléstia parece foi uma picada.

Tem grassado por aqui há tempos e principalmente estes dois meses uma moléstia, que eu reconheço como herpes venéreos, que aparecem por toda a parte do corpo, sendo a sua figura no seu princípio a duns pequenos furúnculos do tamanho dum grão de milho grosso, o seu assento duro, e vermelho, e a

ponta branca, esta abala-se com facilidade, e forma-se uma úlcera sórdida. Esta moléstia ataca com mais especialidade a garganta, língua, boca, beiços, nariz, partes da geração e circunferência do ânus.

Ela resiste a todos os remédios, que não sejam combinadas com o mercúrio, eu tenho adotado felizmente para uso externo de água de solimão em lavatórios e localmente nas da garganta e boca o mel com a cal branca de mercúrio. Aqueles que se contentam só com este curativo, tenho observado neles a repetição, razão porque os obrigo a um curativo geral, que tenho achado ser bastante o uso das pilulas de calomelanos antimoniais, ou as etiópicas acompanhadas com o cozimento dos paus sudoríficos e em alguns tenho feito uso das unções de pomada mercurial.

Esta moléstia tem grassado nesta Cidade e seu Termo e quase de toda a Comarca se me têm apresentado doentes de ambos os sexos e de todas as idades, até mesmo recém-nascidos, que tenho tratado felizmente do modo indicado. Aí causas mais prováveis em uns será o coito e toda a comunicação duns com outros; e em outros suponho a pouca cautela de dormirem juntos, comerem e beberem pelos mesmos vasos, e os tenros inocentes de mamarem em suas mães ou outras infestadas do mesmo mal”²⁰.

E outra Conta desde Julho de 1817 a Janeiro de 1818.

“Os meses de Julho, Agosto, e Setembro passados foram sadios nesta Cidade, houve poucas moléstias de Cirurgia; pois sendo da minha observação todos os anos nestes meses aparecer grande quantidade de carbúnculos, não sucedeu assim este ano, pois apenas aparecerão dois, e esses muito benignos, que sendo tocados (na forma da minha prática) com uma pitada de pós de pedra lipes calcinada, no 2.º dia apareceu a pústula separada, em poucos dias supurada e cicatrizada, somente a beneficio de um encerado diário de emplastro emoliente: a causa destas moléstias tem-se suposto os maus alimentos e águas encharcadas.”²¹.

E ainda uma Conta de Filipe Joaquim Henriques de Paiva, Médico na Cidade de Castelo Branco, pertencente ao mês de Janeiro de 1818.

“As doenças que grassaram durante o mês de Janeiro felizmente foram de muito pouca consideração, por quanto, à exceção de uma. febre catarral que tratei em uma doente bem constituída e que cedeu aos remédios

²⁰ *Jornal de Coimbra*, vol. XII, parte I, n.º LXIII, 1818, pp. 100-101

²¹ *Jornal de Coimbra*, vol. XII, parte I, n.º LXV, 1818, pp. 208-209.

¹⁹ *Jornal de Coimbra*, vol. XII, parte I, n.º LXVI, 1818, pp. 230-231.

ordinários, apenas apareceram alguns catarrhos, próprios dos frios e humidades e dores reumáticas que desapareceram depois de um régimen apropriado e sudorífero. Tendo grassado nesta Cidade nos meses de Outubro, Novembro e Dezembro as bexigas ordinárias, tenho de notar que só as padeceram aquelas pessoas, que não tinham sido vacinadas e algumas daquelas em quem a vacina foi espúria, ou não pegou; e durante este contágio apenas morreram 5 crianças: e observei com o maior cuidado, que havendo nalgumas casas 3 e 4 crianças com as bexigas ordinárias, estas não se comunicão àquelas que tinham padecido a vacina regular e verdadeira e até observei e vi que em uma casa duas crianças, uma de 2 anos, que tinha sofrido a vacina verdadeira, dormiu na mesma cama, em que dormia outra de 8 meses, que então padecia as bexigas ordinárias e confluentes e àquela não se lhe comunicaram as bexigas. Seria para desejar que se promovesse esta útil descoberta constrangendo os pais de famílias”²².

Este médico fala das possibilidades de uso de vacinas talvez por ser parente de Manuel Joaquim Henriques de Paiva, que tinha escrito Preservativo das bexigas e de seus terríveis estragos, ou história da origem e descobrimento da vacina, e dos seus efeitos ou sinfonias, e do método de fazer a vacinação, Publicado de ordem a mando do Príncipe Regente nosso Senhor por... Lisboa, 1801.

Há mais seis Contas de António José Ferreira de Carvalho, Médico na Vila de Idanha-a-Nova, Comarca de Castelo Branco, pertencentes aos meses de Setembro, Outubro, Novembro, Dezembro de 1817, Janeiro e Fevereiro de 1818.

"Setembro.

Sendo as febres intermitentes a moléstia que mais grassa no Verão nesta terra e vizinhas não apareceram contudo em número considerável no do presente ano.

Nos anos em que os calores intensos do Verão começam nos princípios de Junho e continuam até Setembro, grassam elas tão geralmente que poucas pessoas se livram de as padecer. No presente ano só nos princípios de Agosto é que se sentiu verdadeiro calor, e foi só então que elas começaram a aparecer, como disse na minha Conta antecedente. O mês de Setembro, que foi fresco, e até chuvoso do dia 20 por diante, foi estéril em moléstias, pois que só tive a tratar um pleuriz, e alguma intermitente.

O pleuriz em homem de 50 anos, o qual lhe resultou de beber água fria estando a suar, foi tratado com um cáustico aplicado sobre o sítio da dor, e com

o cozimento de malvaísco da Pharm. Geral com xarope do mesmo até o dia 5º e com o mesmo cozimento, a que se-ajuntou polygala senega, hera terrestre, Xarope de hissopo, e de diacódio, do dia 6.º em diante, e com estes medicamentos se curou felizmente, terminando no dia 11 por uma diarreia e um brando suor.

As intermitentes foram tratadas e curadas como as do mês antecedente.

Outubro.

Três febres intermitentes terçãs, uma catarral, uma esquinência e uma amenorreia.

As febres intermitentes foram tratadas e curadas prontamente com a quina em substância tomando-a um dos doentes em cozimento de malvaísco por causa de uma tosse que tinha e que a primeira dose tomada em água tinha exasperado.

A catarral em um homem de 60 anos, a qual lhe resultou, segundo ele disse, de ter bebido água fria estando bastantemente fatigado, foi tratada com o cozimento de malvaísco com polygala senega no princípio e com o peitoral de Edimburgo com a mesma polygala, sinapismos, e cáusticos do dia 5.º em diante, mas inutilmente, porque o doente morreu no dia 9.º concorrendo muito para a sua morte o pouco tratamento que teve em razão da sua grande pobreza e miséria.

A esquinência de que me pareceu ser causa provável um vento forte e frio a que a doente se tinha exposto, não admitindo tratamento interno por se achar a deglutição quase de todo impedida, foi tratada com feliz sucesso com as sangrias gerais, um cáustico aplicado ao pescoço, clisteres emolientes e gargarejos da mesma natureza a final.

A amenorreia em consequência da doente se ter metido em água fria na ocasião da menstruação foi cuidada com uma onça das pilulas de ferro comp. da Pharm. G., a que mandei ajuntar uma oitava de azebre e com alguns banhos de água quente aos pés e pernas até aos joelhos.

Novembro

Uma peripneumonia, uma febre intermitente quartã, uma remitente, um tifo e bexigas.

A peripneumonia que atribuí a frio forte, que a doente sofreu numa jornada, foi tratada felizmente com as sangrias gerais, um cáustico aplicado sobre o sítio da dor e cozimento de malvaísco da Pharm. G. no princípio e peitoral de Edimburgo a final.

A intermitente quartã foi prontamente curada com o electuário de quina, valeriana silvestre, pós

²² *Jornal de Coimbra*, vol. XII, parte I, n.º LXVI, 1818, p. 208.

antimoniais e oximel simples (Jornal de Coimbra Num. XVI. p. 371).

A remitente que a mesma doente atribuiu à passagem de uma casa mui quente para o ar livre porque imediatamente foi atacada de uma violenta dor de cabeça e pouco depois de frio forte, foi tratada e curada com os diaforéticos seguidos de cozimentos tónicos e estimulantes feitos de quina, genciana, valeriana silvestre e serpentaria virginiana com espírito de canela.

No tifo, cuja causa me não foi manifesta, empregaram-se do dia 5.º dia em diante, dia, em que visitei a doente pela primeira vez, os cozimentos de quina comp., os sinapismos, e os cáusticos, os julepos canforados, as tinturas de quina comp. e de valeriana volátil, o éter e o moscho; mas uma diarreia, que apareceu no 11.º dia, e que nunca se pode suspender apesar dos remédios adstringentes, e opiados que se applicaram, tornou infrutíferos todos estes remédios e a doente morreu no dia 17.

No meado deste mês apareceram as bexigas, que grassavam há tempos nas Povoações vizinhas; mas tem sido tão benignas que não me consta que tenha morrido delas senão uma criança, apesar do desprezo com que em geral são tratadas. A mistura salina simples feita em infusão de flor de sabugueiro tem sido o único remédio de que tenho usado nos poucos a que tenho assistido.

Dezembro.

Duas catarrais, uma paralisia, uma cólica, uma hidropesia e bexigas.

Uma mulher de 50 anos, de constituição débil tendo tido uma febre intermitente nos princípios de Novembro tomou não sei que remédio para a curar, com o qual lhe faltaram os acessos, segundo diz o marido, mas nunca mais se sentiu boa. Nos princípios de Dezembro foi atacada de febre grande, tosse e dificuldades de respirar, e foi então que eu fui chamado para a tratar: achei-a com o pulso frequentíssimo e mui pequeno, tosse grande com mui pouca expectoração, dificuldade de respirar e com grande prostração e lhe prescrevi logo o cozimento peitoral de Edinburgo com polygala senega recomendando se lhe pusessem sinapismos nos pés, e fossem mudando sucessivamente para as barrigas das pernas e coxas. Com este tratamento, e com o cozimento quinado, que se foi depois combinando com o peitoral e alguns cáusticos, que se lhe foram applicando, se foi estabelecendo a expectoração pouco a pouco e diminuindo a febre e a dificuldade de respirar e chegou a estar quase sem febre. Neste

estado amanhece um dia privada inteiramente do movimento e sentimento da perna e braço do lado direito, e morreu ao 5.º dia, sendo infrutíferos os estímulos internos e externos, que se lhe applicaram e são recomendados em tais casos.

A outra catarral em um homem de 60 anos foi tratada e curada felizmente com o cozimento de malvaísco da Parm. G. com polygala senega, xarope de hissopo e de diacódio.

A cólica a que deu causa uma pertinaz constipação de ventre, que a doente padecia há dias, cedeu a dois clisteres de infusão de senne tartarizada com tártaro emético, tendo-se-lhe primeiro applicado sem efeito os laxantes, vários clisteres, em que se dissolvia o electuário de senne e banhos quentes.

O doente da hidropesia (anasarca com ascite) tinha estado a tratar-se da mesma moléstia no Hospital de Castelo Branco, donde saíra desinchado, segundo ele diz; mas molhando-se no mesmo dia, em que saíra e voltava para sua casa distante 5 léguas tornou a inchar, e passados poucos dias veio para esta Vila para se curar. Foi posto imediatamente no uso de um cozimento tónico e diurético feito de butua, quina, salsa hortense e bagas de zimbro, em que mandei dissolver terra foliada de tártaro, e com este remedio, e com uma infusão feita de butua, ruiva dos tintureiros, quina e bagas de zimbro em vinho branco, a que se ajuntou alguma potassa, vinho scillítico e espirito de canela tem desaparecido inteiramente a inchação.

Continuam as bexigas com a mesma benignidade e por isso não tem sido necessário mais tratamento que o referido.

Janeiro

Bexigas e um pleuriz.

Além das bexigas benignas, que continuaram ainda, só tive que tratar em uma mulher de 58 anos, pobre e miserável, um pleuriz de que morreu ao 7.º dia, depois de ter apresentado alguma melhora.

Nem um dos indivíduos legitimamente vacinados pelo Cirurgião do Partido tem sido infetado do contágio varioloso. Deus permita que com esta prova do poder anti varioloso da Vacina cuidem os pais de famílias mais do que até aqui em mandar vacinar seus filhos!"

Repete-se aqui o esforço de propagandear os efeitos benéficos da vacina contra a Variola tal como acontecia no Norte da Beira Interior.

"Fevereiro.

Uma peripneumonia, duas catarrais, uma enterite e bexigas.

A peripneumonia de que foram causa provável as variações da atmosfera, foi tratada e curada com um cáustica aplicado sobre o sítio da dor, cozimento de malvaísco da Pharm. G. com polygala senega e xaropes de hissopo e de diacódio e com dois cáusticos aplicados nas extremidades inferiores.

As catarrais, que tiveram também por causa provável as ditas variações da atmosfera, foram curadas com o cozimento dito.

Enterite.

Uma mulher de 60 anos e de constituição débil, a qual trazia o ventre constipado, comeu na noite do dia 4 uns poucos de feijões e teve em resultado uma cólica na madrugada do dia 5. Administraram-se-lhe do dia 6 em diante os laxantes em bebida e em clisteres, os quais produziram algumas evacuações saindo primeiramente excrementos muito duros, e no fim de 5 dias os feijões, que havia comido e minoraram a dor. Aplicaram-se-lhe também os banhos quentes, meadas ensopadas em leite quente, e alguns clisteres opiado, do 1.º dos quais recebeu a doente tanto benefício, que desapareceu a dor e ela dormiu bastante. No fim de 12 horas repetiu a dor, e depois de algumas alternativas de remissão, e exacerbação manifestou-se em fim a enterite pela dor mui forte, febre ativa, vômitos, etc. à qual se seguiu rapidamente a gangrena e a morte da doente. Bexigas.

Continuam as bexigas e grassam agora mais que nos meses antecedentes; tem já levado à sepultura algumas crianças e deixado cegas a duas, segundo me consta; mas nas que eu tenho tratado, tem sido de condição benigna, e por isso não me tem sido necessário lançar mão de outro remédio mais que o mencionado nas minhas antecedentes Contas.”²³

Conta pertencente ao mês de Junho de 1817.

“Um tifo, duas pleurises, alguns catarros, uma menorragia, e uma hemoptise passivas.

Tifo

Fui chamado para um homem de 70 anos, no dia 5.º disse a mulher, o qual achei com os seguintes sintomas: pulso muito frequente, e pequeno, grande prostração, subsultos de tendões, língua seca e denegrada, voz tremula, e vista espantada: mandei logo que se sacramentasse e receitei cozimento de quina composto com julepo canforado, e dois vesicatórios para as barrigas das pernas: de tarde pulso frequentíssimo, delírio forte, e pouco ou nada tinha tomado do remedio: desde então nada mais

tomou e morreu na madrugada do dia seguinte. Constou-me depois que este homem andava doente havia muito tempo.

Pleurises.

Os pleurises, cujas causas prováveis foram as já mencionadas nas Contas antecedentes, foram benignos, e cederão em poucos dias ao tratamento já dito, isto é, ao caustico aplicado sobre a dor e ao cozimento de malvaísco da Pharm. Geral, tendo em um deles precedido um emético pela complicação gástrica com que se apresentou.

Catarros.

Os catarros cujas causas foram provavelmente as mesmas ou eram simples, e então a dieta, o agasalho, e o cozimento de malvaísco em que se infundiu flor de sabugueiro foram suficientes para os curar ou eram gástricos, e neste caso começava o tratamento por um emético.

Menorragia.

A menorragia em mulher de constituição fraca e debilitada em consequência de ter acabado de criar um filho, foi tratada com um cozimento de quina, com que se infundiu milefólio e que se ajuntou espirito de vitriolo e xarope de diacódio, de que mandava tomar 4 onças 4 vezes no dia, com cipó, de que tomava também 4 vezes no dia meio grão de mistura com assucar e com panos molhados em um cozimento adstringente e postos frios sobre a região hipogástrica: com este tratamento foi diminuindo gradualmente e cessou no fim de 8 dias. Esta mulher tinha no dia antecedente feito exercício forte a ponto de se fatigar e foi esta provavelmente a causa ocasional.

Hemoptise.

A hemoptise em mulher de 40 anos pouco mais ou menos e de constituição fraca, foi suspendida com o cozimento de malvaísco, em que se infundiu milefólio e ajuntou xarope de diacódio, cipó na dose acima dita, e um vesicatório no sítio do tórax, em que acusava uma dor. Diz esta doente que padece esta moléstia desde a última invasão dos Franceses, em que sofreu muitos incómodos, e se lhe suspendeu o menstruo, tendo tido várias repetições em consequência de excessos a que a sua pobreza a obriga. Presentemente tem uma febrícula com acessos depois de jantar, alguma tosse e calor mais sensível nas palmas das mãos e plantas dos pés, pelo que foi posta no uso do cozimento de malvaísco com musgo-islandico e dieta apropriada, receio porém que venha afinal a ser vítima da tísica pulmonar”²⁴.

²³ *Jornal de Coimbra*, vol. XII, parte I, n.º LXVI, 1818, pp. 209-213.

²⁴ *Jornal de Coimbra*, vol. XII, parte I, n.º LXIII, 1818, pp. 101-102.

////////////////////////////////////
**MÉDICOS E SAÚDE NA REGIÃO DE CASTELO BRANCO
NA GUERRA PENINSULAR - TESTEMUNHOS
DE QUEM VIU, VIVEU E SENTIU.****

*Júlio Vaz de Carvalho**



Fig. 1 - "Distant Castelo Branco", por Sir Andrew Leith Hay

A importância dos registos e memórias dos intervenientes directos nos conflitos que assolaram a Península Ibérica na transição do século XVIII até finais da primeira década de 1800, embora a maioria não estejam isentas de natural - e compreensível - falta de isenção crítica, quase sempre sustentadas nas convicções políticas, militares e ideais pátrios, que remetem para a a sua cuidadosa análise factual mas não deixam de conter importantes contribuições para a conhecimento da condição social, económica e sanitária dos territórios e populações. Da pesquisa sistemática e leitura de algumas passagens desses testemunhos, alguns especificamente relacionados com a Beira-Baixa, ficam pequenos episódios, ilustrativos da região Beirã e da cidade de Castelo Branco, durante a Guerra Peninsular. Os quadros/relatos que se transcrevem, além de permitirem uma construção imagética capaz de nos transportar até aqueles dias negros de agruras, permitem, quase, sentir as angústias, o estado anímico e o vil estupor da guerra.

A Paisagem o Clima e a vida local

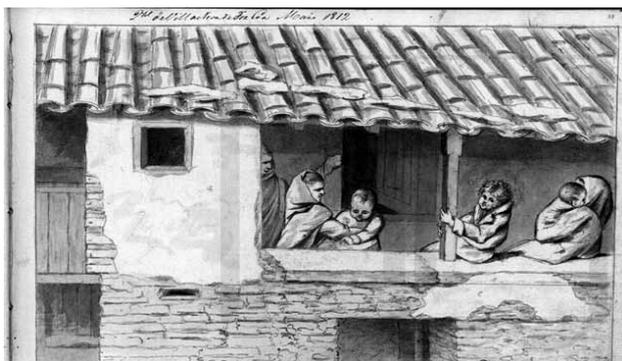


Fig. 2 - A inclemência do clima | exaustão

O conflito desenrolou-se, num contexto de constantes movimentos de grandes contingentes militares e com eles toda uma série de problemas sanitários e de saúde, sempre associados aos períodos de conflitos bélicos, em especial nos de maior duração e transversais às populações e exércitos, conforme nos recorda Fernando da Silva Correia na sua obra "Portugal Sanitário. Lisboa" -Direcção Geral de Saúde, 1938 quando refere que "no período 1810-1813, nas povoações mais importantes do País o tifo exantemático causou, durante a Guerra Peninsular, muito mais vítimas do que as tropas napoleónicas. Eram as populações quem, as deficientes condições de assistência médica e a falta de clínicos em quantidade suficiente para acorrer a todas as necessidades, em especial no interior Beirão, sujeitas a condições Climatéricas adversas e extremas, más condições de vida, em especial nas classes sociais mais baixas, ainda mais acentuadas pelas carências provocadas pelo esforço de guerra, acabavam por sofrer as consequências exposição a doenças como o Tifo e Cólera. A Insalubridade de grande parte da cidade e das suas casas - Castelo Branco tinha, no início do século XIX, mais de 4 mil habitantes - é inúmeras vezes citadas em cartas e memórias de oficiais ingleses. Seguem-se alguns desses testemunhos.

Sobre o clima:

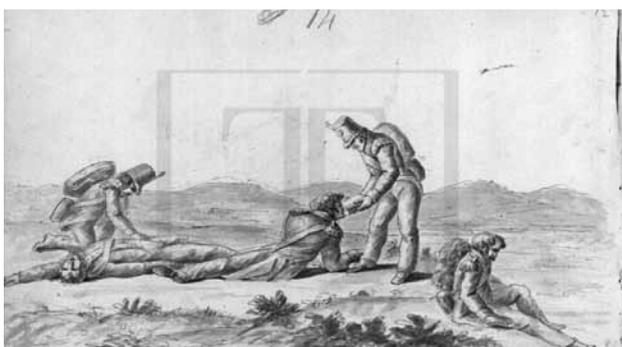


Fig. 3 - A inclemência do clima | exaustão

In: The Journal of an Surgeon during the Peninsular War de Charles Boutflower 40th. reg. foot

8 de Agosto de 1811

No dia 5 saímos de Nisa e marchamos por estradas quase intransitáveis três léguas até Vila Velha. No dia seguinte seguimos para uma pequena aldeia chamada Sarnadas e, ontem de manhã, chegamos à cidade antiga de Castelo Branco. É sede de um Bispado e a Catedral, bem como o resto da Cidade, encontram-se em grande estado de dilapidação. O Palácio e os Jardins de sua Reverência, contudo, estão em excelente estado de conservação e têm um ar de luxo e conforto como eu não vi antes neste País. Quando chegamos a Castelo Branco, o Comissário Geral da Divisão tinha ordens para não avançar mais. No decurso do dia, no entanto, recebemos nova ordem obrigando-nos a marchar esta manhã para Penamacor, que, estando apenas a oito léguas de Castelo Branco, demorámos quatro dias a fazer. O calor excessivo do tempo torna impossível fazer longas marchas sem que as tropas se ressentam. Actualmente prevalece uma grande quantidade de doenças das quais é vítima um grande número de oficiais. Realmente, considero o clima deste país, durante os meses quentes no Outono, ouco menos insalubre do que as Índias Ocidentais.

A Loucura

"Seven years' campaigning in the Peninsula and the Netherlands from 1808 to 1815" de sir Richard D. H. Enegan

Castelo Branco, 1812

(...). Nesta cidade (Castelo Branco) fui aboletado, em 1808, por um período de seis semanas, numa casa onde disfrutei da ilimitada hospitalidade e bondade da família portuguesa onde tive a sorte de ser alojado. O meu anfitrião era um dos homens importantes e, aparentemente, o mais feliz. A sua esposa e as duas filhas, bonitas, formavam o seu círculo familiar e todas as noites ele mostrava o seu bom coração e sentimentos hospitaleiros convidando os nossos jovens oficiais para convívios com amigos e vizinhos. A música e a dança duravam horas e os olhares felizes dos jovens reflectiam-se no semblante benevolente de nosso anfitrião. Nessa segunda visita a Castelo Branco voltei à esplêndida residência de meu velho amigo. As paredes exteriores estavam agora enegrecidas pelo fumo. As janelas tinham

caído com violência dos seus caixilhos, os quartos se encontravam-se vazios e os tectos manchados, queimados pelo fogo, testemunhos que atestavam o que se passara, não dando sinais de breve reparação. Entre as salas espaçosas, as paredes divisórias tinham sido destruídas, dando-lhes a aparência de vastos e negligenciados armazéns; o edifício que tinha sido eviscerado pelo fogo.

Seguindo pelo seu interior, através desta devastação, cheguei a um anexo, separado da casa, que anteriormente servia de alojamento para os criados e, guiado pelo agradável cheiro de alho refogado, cheguei a uma pequena cozinha, na qual uma mulher, que instantaneamente reconheci como a minha antiga anfitriã, cozinhava sobre um braseiro. Apesar de sua velhice prematura, mantinha ainda traços de dignidade no seu semblante. Perto dela, sentado numa cadeira baixa, estava o que me parecia o fantasma do meu velho amigo D. José. "Virgem beatíssima", exclamou a envelhecida matriarca, na sua maneira de ser afável, que de imediato reconheci. Poisou a pequena caçarola em que cozinhava para me cumprimentar com a bondade de dias mais riosos. Mas, ao contrario dela, o olhar vago de D. José perambulou pelo meu rosto sem um sinal de me reconhecer. O sofrimento e o terror haviam destruído de vez, há muito tempo, as faculdades da sua vigorosa mente, e quando ouvi a triste história que a esposa me contou, não me surpreendi que os nervos do marido tivessem cedido.

Desde a minha primeira estadia eles tinham visto e sentido os horrores e destruição da guerra.

"AS FEBRES MÁS"

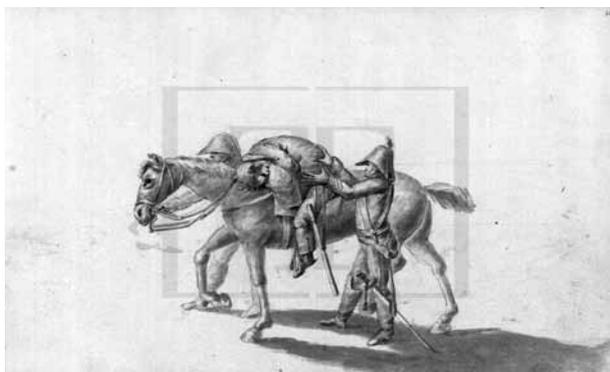


Fig. 4 - "Recollections of the eventful life of a soldier" - Joseph Donaldson - Sargento da 94.^a Brigada Escocesa – London 1859

(...) Abril de 1812;

poucos dias após a tomada da cidade (Badajoz), além da fome, apanhei uma febre estranha. Estava tão doente que não estava em condições de acompanhar o meu regimento e fui deixado, com quatro outros soldados, a cerca de cinco léguas de Castelo Branco, a cargo de um sargento, que nos devia acompanhar. Como estava incapaz de prosseguir, o sargento, abrigou-nos numa casa, numa pequena aldeia. Nela vivia uma viúva pobre, que tinha dois filhos. A casa tinha apenas uma divisão na qual pouco mais havia que um tear. Fiquei lá quatro dias, sem cama ou coberta, com exceção de um velho casaco já que as minhas coisas pessoais, que eu não podia carregar, tinham seguido com o regimento. A pobre viúva portuguesa tinha pouco mais para dar que comiserção. Parecia sentir muita por mim em particular, talvez por os outros não estarem tão doentes. Muitas vezes ouvia-a, quando ela pensava que eu dormia, imaginando o sofrimento que daria a meus pais, se eles soubessem do meu estado. Nas suas orações, que ela tinha por hábito dizer em voz alta, não negligenciou uma petição para o "pobre rapaz englese". Muitas vezes me trouxe leite quente, obrigando-me a tomá-lo, pelo que me senti muito grato por sua simpatia e bondade, embora estivesse muito doente para retribuir essa bondade. Como estávamos aqui sem qualquer meio de apoio, o sargento conseguiu engajar cinco asnos para nos levar para Castelo Branco, onde havia um hospital. Fui montado num deles e, apoiado pelo homem que o guiava, seguimos caminho. Despedi-me da viúva de coração terno, enquanto as lágrimas preenchiam os seus olhos. Tal gesto de bondade, à época, raro, era precioso. Prosseguimos a nossa jornada e nunca sofri tantas torturas como naquele dia. Frequentemente implorava para que eu me pudesse deitar e morrer. No segundo dia chegamos ao nosso destino e ficamos esperando na rua duas horas antes que o médico nos visse. Quando ele veio, seu semblante não pressagiava nada de bom.

- O que se passa com o senhor? - disse-me, com um tom de voz ofuscado: - Deveria ter seguido com os seus camaradas do regimento. Não passam de um bando de preguiçosos, nem os males querem algo com nenhum de vocês!

Eu não disse nada, mas fitei-o de frente, com um olhar que o questionava se realmente acreditava no que acabara de dizer ou, pelo contrário, não lia uma história diferente no meu rosto pálido e afundado. Ele acusou a censura e, suavizando o semblante, passou para outro paciente. Fomos então colocados,

junto com outros, no corredor de um convento convertido em hospital. Ali fiquei esse dia no chão, sem colchão nem cobertura. Anoiteceu e uma febre ardente irrompeu pelas minhas veias. Pedi água para beber, mas não havia ninguém para me dar. Ao longo da noite delirei e a última coisa de que me lembro era de umas formas estranhas e fantásticas flutuando ao meu redor, que de vez em quando me alcançavam e voavam comigo, como um relâmpago atravessando tudo e deixando-me cair em precipícios sem fim, nos quais me afundava e afundava... Por alguns dias permaneci inconsciente e quando eu recuperei os sentidos, encontrava-me num quarto pequeno com outros homens que, como eu, tiveram febres más, mas agora com um colchão e roupa de cama. (...) havia uma grande falta de assistentes no hospital, e muitas vezes ouvi os doentes implorando por bebida ou assistência, durante toda a noite, sem recebê-la. (...)

São simples excertos, acerca do quotidiano, aos que importa reunir tantos outros, dispersos

pela imensa bibliografia da época, que compilados numa recolha sistematizada e estudada, será mais um contributo importante para a compreensão e preservação da memória dos tempos da Guerra Peninsular, vividos pelas Gentes da Beira, há pouco mais de 200 anos.

Bibliografia:

- The Journal of an Surgeon during the Peninsular War de Charles Boutflower 40th. reg. foot
- Seven Years' Campaigning in the Peninsula and the Netherlands from 1808 to 1815 de Sir Richard D. H. Enegan
- Recollections of the eventful life of a soldier de Joseph Donaldson, Sargento da 94.^a Brigada Escocesa

Ilustrações:

- "Distant Castelo Branco", por Sir Andrew Leith Hay
- Álbum de campanha sobre marchas, manobras e planos de batalha do exército português, realizados no âmbito da guerra peninsular, do capitão Manuel Isidro da Paz

*O autor do texto não escreve segundo o novo Acordo Ortográfico
*Investigador e membro da SAMFTPJ
** (Contributos para uma pesquisa sistemática sobre o impacto das Invasões Francesas na Beira Baixa)

“MÉDICOS E MEDICINA NA BEIRA INTERIOR - CONCELHO DO FUNDÃO”¹

*Joaquim Candeias da Silva**



Fig. 1 - Concelho do Fundão - Câmara Municipal

Naquele ano da graça de viragem de milénio (2000), num pequeno inquérito informal a populares já idosos, tendo em vista apurar que médicos nos últimos 50 a 70 anos mais se haviam notabilizado na área fundanense (e em particular nos contornos da Gardunha), dois nomes me eram consensualmente apontados: o Dr. Francisco de Sá Pereira, que se estabelecera na vila de Alpedrinha, e o Dr. Alfredo Mendes Gil, no Fundão.



Fig. 2 - Dr. Francisco de Sá Pereira



Fig. 3 - Dr. Alfredo Mendes Gil

Procurei saber mais acerca deles. E trouxe-os a público. Atrás destes, outros, muitos outros, de diversos tempos e com os mais diversos perfis, foram aparecendo, como tema para as *Jornadas de Medicina na Beira Interior – Da Pré-história ao Século XXI*, jornadas essas que anualmente se têm vindo a realizar (desde há 30 anos consecutivos!), quase sempre em Castelo Branco, sob a égide do seu patrono – Amato Lusitano – e com o empenho de dois persistentes agentes culturais, os Drs. António Forte Salvado e António Lourenço Marques Gonçalves.

¹ Introdução ao livro “Médicos e Medicina na Beira Interior – Concelho do Fundão”, da autoria do Professor Joaquim Candeias da Silva, publicado pela Câmara Municipal do Fundão, e apresentado a 8 de Novembro de 2018, na Biblioteca Municipal Eugénio de Andrade, Fundão, em sessão integrada nas XXX Jornadas de Estudo “Medicina na Beira Interior – da Pré-História ao Século XXI”.

Foi esse o ponto de partida para uma incursão exploratória ao nível biográfico, muito informal, como contributo para uma História da Medicina na Beira Interior, a erguer um dia, por alguém. O 1.º artigo da série foi apresentado em 2001, com publicação nos Cadernos de Cultura – Medicina na Beira Interior [doravante citados por Cadernos], n.º XVI, de 2002. E assim, de um limitado e quase insignificante exercício, sem outro objectivo que não fosse preencher um cantinho de curiosidades para aquele estreito círculo de estudiosos e amigos, acabou por se gerar uma “saga” que se estendeu por anos a fio.

Como acontece com as boas cerejas da Gardunha, de associação em associação, àqueles dois primeiros nomes outros foram sendo adicionados numa cadeia sem fim à vista, por vezes com algum embaraço na escolha do perfil mais adequado para trazer anualmente ao dito fórum, porque opções nunca faltaram. E foi assim que vieram à liça cerca de duas dezenas de clínicos e se fez a evocação / memória de suas histórias de vida, a que num caso ou noutro “por contágio” foram sendo avocados mais uns tantos, nalgumas vezes por geração ou herança familiar.

Numa visão cronológica de conjunto, o aparecimento comprovado de médicos na história deste concelho pode situar-se muito antes da instituição do município fundanense. O primeiro de que temos notícia documental segura chamava-se mestre Bueno [ou Boino] Abolafia. Pouco sabemos acerca dele, mas o suficiente para assegurar que era morador no Fundão, quando recebeu carta de “físico” em forma [físico era a designação dada aos médicos desse tempo], ainda no tempo de el-rei D. João II, dada em Alcácer do Sal a 8 de Outubro de 1495, após aprovação pelo mestre e doutor Rodrigo de Lucena, físico-mor do reino.

Outros lhe devem ter sucedido, pois que o Fundão era já, nesse final de século e nos seguintes, um lugar populoso (e com aspirações a ser vila e concelho autónomo), porventura «a mais honrada aldeia do reino», conforme alguns dos seus moradores reclamavam, e cedo terá passado a ter um médico permanente. Detinha também uma considerável comunidade judaica ou de “cristãos-novos”, sendo de notar que era dentro dela que frequentemente surgiam físicos e praticantes da arte de curar. Aliás, são mesmo de origem judaica alguns dos primeiros médicos conhecidos por cá, caso de Francisco Morão, natural do Fundão e licenciado em Medicina por Salamanca (1592), o

qual chegou a exercer na terra natal, mas que em 1612 foi para Espanha fugido ao Santo Ofício.

Mais: é provável que alguns nomes, dados geralmente como sendo naturais da Covilhã (sede de concelho), tenham sido gerados na então aldeia ou lugar do Fundão, quando este ainda era para todos os efeitos pertença daquela antiga estrutura administrativa municipal (recordemos que a Covilhã já vinha com essa estrutura desde o século XII, enquanto o Fundão só adquiriu o estatuto de vila e sede concelhia em 1747). Estamos a lembrar-nos, muito particularmente, do ilustre e muito citado Doutor Simão Pinheiro Morão, dado como nascido na Covilhã em 1620 – sem que disso haja provas concretas –, quando o pai (Henrique Morão) era natural de Nisa e a mãe (Marquesa Mendes de Lucena), era do Fundão, e de origem judaica²...

Ainda do Fundão, com ascendência judaica ou não, encontramos muitos outros nomes de naturais formados em Medicina, que no período filipino passaram quase todos por Salamanca (então a universidade mais frequentada pelos escolares deste distrito), casos de Gonçalo Rodrigues (1592), Manuel Lopes (1595), António Lopes (1607), Pedro Esteves (1618); José de Amaral (1619), Francisco Rodrigues (1627); ou, posteriormente, Francisco Lopes Preto (este formado já por Coimbra em 1687). E poderíamos prosseguir com outros nomes: Paulo de Andrade Serra (natural do Fundão, também formado por Coimbra, em 1733, aqui casado em 1745 e activo até morrer a 30.5.1767), bem como seu filho José Paulo de Andrade Serra (nascido no Fundão em 1745 e casado em 1779); José da Silva Pereira e Costa (n. Fundão, formado em 1752, casado no Fundão em 1758 e falecido em 1781); Joaquim Geraldês da Cunha (formado em 1764); D. Fernando António Abrades (clínico compostelano falecido no Fundão em 1790); Manuel Duarte dos Santos (casado no Fundão em 1774 e aqui falecido em 1793); Lourenço de Brito Simões (que foi facultativo da Armada e em Angola, falecido novo em 1856); etc., etc. Enfim, a listagem seria longa.

Mas não só do Fundão, lugar ou vila, encontramos formados e profissionais da medicina. Também de muitas outras terras que hoje pertencem ao concelho, tais como: António Falcão, do Alcaide formado por Salamanca (1598); António Júlio, também do Alcaide, idem (1631), Francisco Fernandes, das Donas, idem (1602); Diogo Peres, de Alpedrinha, idem (1628)... Então desta vila de

² Existem já, acerca deste médico, inúmeras referências bibliográficas, inclusive nos Cadernos: n.º 3, Junho 1991, pp. 11-15; n.º 12, 1998, pp. 29-30 e 32-36.

Alpedrinha, onde temos notícia da existência de “médico de partido” desde o século XVI, são muitos os nomes apurados: Jorge Mateus, com alvará régio de ordenado com data de 24.5.1585; Miguel João “Castelhano”, originário de Alcains e formado por Salamanca em 1608, mas que depois exerceu em Alpedrinha (†1638); Ladislau Pires Cinza, formado por Coimbra c.1678 e seu parente José Salvado Cinza (este activo na vila até 1694†); Luís da Silva Pereira (†1724); Manuel Nunes Sanches, idanhense aqui referenciado na década de 1730; João Baptista Gilé (1705-1785), outro idanhense, casado e com geração na “Sintra da Beira”, médico da Misericórdia local por mais de 50 anos, desde o ano da formatura (1732) até falecer; Francisco Nunes, por cá activo de 1786 a c.1790; José António de Moura, igualmente activo de 1792 aos começos de 1800; Jorge Gaspar de Oliveira Rolão (1783-1833), que vai biografado adiante; Francisco Rodrigues de Gusmão (de c.1845 até 1855), outro que vai citado nas páginas seguintes; Francisco António Boavida (1833-1885), formado em 1856 e em exercício na vila até 1859 (ano em que casou e se fixou em Aldeia de Santa Margarida); Adriano d’Almeida Ferraz (de 1863 a 1876); Acúrcio Ribeiro Pais Torres (de 1878, com interrupções, até 1907); Eduardo Antunes Correia de Castro (1880-1946), formado em 1906 e médico da Misericórdia de 1907 a 1916; Álvaro de Gamboa Fonseca e Costa (1881-1971), mais um que vai adiante; até... Francisco de Sá Pereira (1902-1990) e António Serra (1912-1993), médicos que ainda conheci pessoalmente³.

Por mera curiosidade, aqui se registam os médicos naturais do concelho do Fundão que se encontravam em actividade por volta do ano de 1900, com indicação do local do exercício da profissão e/ou respectiva função:

- *Alfredo Simões Ramos, filho de José Ramos de Proença Saraiva, formado pela Academia Politécnica do Porto, natural, residente e em exercício no Souto da Casa.*

- *António Leal Bravo, igualmente formado pela Academia Politécnica do Porto, depois médico naval.*

³ Em áreas conexas, poderíamos citar muitos outros profissionais da saúde que devotadamente por aqui exerceram, como os “cirurgiões” Francisco Cardoso da Cruz († Alpedrinha, 1673), Gaspar Jorge (nascido na mesma vila, 1667, † Alcongosta, 1719, com carta régia de cirurgia de 21.2.1695), Manuel Antunes Esteves Varjão (n. Vale de Prazeres c.1680 e † Alpedrinha 1730), Manuel Nunes de Figueiredo (já activo em 1808), Joaquim José Grácio (†1847), Francisco Manuel Pais (com carta de cirurgia do partido em 1851), e Teodósio Martins de Oliveira Rolão (com carta régia em 1827, † 6.6.1866); ou ainda os boticários Manuel Baptista Teixeira († 1729), Rafael Mendes da Silva (1772-1849) e seu filho António Mendes de Matos (1807-1883), e muitos mais, todos com ligação a esta terra.

- *António Furtado de Mendonça Boavida, médico em Mourão (chegou a fazer clínica na área do Fundão).*

- *Felisberto [Baptista] Rebordão, mais um formado pela Academia Politécnica do Porto, depois médico no Cartaxo.*

- *João Augusto Fernandes da Costa Taborda (1876-1968), natural do Fundão, outro formado pela Academia Politécnica do Porto, depois médico em Lisboa, na Assistência Nacional (vai referenciado no final).*

- *Joaquim Maia Aguiar, no Fundão. Era também formado pela Academia Politécnica do Porto. (Ver referência adiante, a propósito do Dr. Eduardo Figueira).*

- *Joaquim Navarro Marques de Paiva, em Miranda do Douro. Era também do Fundão, formado por Coimbra, onde foi colega de António Egas Moniz, chegou a ser médico em Alpedrinha, tendo sido depois delegado de saúde no Montijo, onde ainda servia em 1933).*

- *José Augusto Penalva de Figueiredo Rocha, na Fatela.*

- *José Daniel [Pereira] Tavares, em Lisboa. Nascido no Fundão em 1846, formou-se em 1871 pela Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, onde passou a exercer clínica e foi agraciado com a Comenda da Ordem de Isabel a Católica.*

- *José Pedro Dias Chorão, no Fundão. Ver sua biografia adiante. - José António Salvado Mota (1871-1935), de Vale de Prazeres (irmão mais velho do escritor António José Salvado Mota), então médico em S. Tomé.*

- *Maria Olívia Pessoa Cabral, do Fundão, a residir em Vale de Prazeres. Ver biografia.*

- *Pedro Celestino de Campos Paes do Amaral, no Fundão (vai também referido no final).*

- *Visconde de Pereira e Cunha, em Lisboa. Ver biografia.*

- *Manuel [José] Gonçalves dos Santos Gascão (1840-1916), na Covilhã. Era natural da Barroca, mas foi na Covilhã que se fixou e se consorciou com D. Maria Augusta da Cunha Leal Delgado (1846-1913), tendo-se aí tornado também proprietário e influente eleitoral (progressista).*

JOAQUIM
CANDEIAS
DA SILVA



Nasceu a 27 de Outubro de 1946, na freguesia de Oiro (Fundão).
É licenciado em História pela Universidade de Coimbra, mestre em História Moderna pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e doutor em Letras (História) pela mesma Faculdade.
Foi professor dos cursos Secundária e Superior, designadamente na Escola Superior de Educação de Santarém, na Universidade Internacional e no ISMAE (Fundão), orientador pedagógico e da Formação Contínua, deputado municipal (20 anos), dirigente associativo e sindical, membro de diversas jris e comissões científicas, exerceendo as precedentes funções.
Como historiador, participou em múltiplas actividades e eventos, tanto a nível nacional como internacional, e tem-se dedicado particularmente ao estudo da Espáncia Portuguesa, da Idade Moderna e das Áreas Rurais, sem nunca esquecer as suas origens, tendo produzido até ao presente duas dezenas de livros autônomos e cerca de três centenas de artigos e artigos.
Em 1982/83 foi agraciado com a medalha de prata de Mérito Municipal da Câmara Municipal do Fundão e a 14/02/2012 com a medalha de Honra do Município de Abrantes.
É membro, entre outras organizações académicas, da Academia Portuguesa da História, tendo através desta sido galardoado em 2013 com o "Prémio Lauréado Coelho".

MÉDICOS
E MEDICINA
NA BEIRA INTERIOR

CONCELHO DO FUNDÃO



CÂMARA MUNICIPAL

MÉDICOS
E MEDICINA
NA BEIRA INTERIOR

CONCELHO DO FUNDÃO

JOAQUIM CANDEIAS DA SILVA

MÉDICOS
E MEDICINA
NA BEIRA INTERIOR

CONCELHO DO FUNDÃO



CÂMARA MUNICIPAL DO FUNDÃO

MMXVIII

Reúnem-se neste volume os trabalhos biográficos sobre doutos médicos, que se estabeleceram no concelho de Fundão, apresentados pelo autor, Joaquim Candeias da Silva, a partir de 2001, nas Jornadas de Estudo "Medicina na Beira Interior - da Pré-história ao Século XXI" e, entretanto, publicadas sucessivamente nos Cadernos de Cultura com o mesmo título.
Num capítulo final, o autor assinala ainda, embora de forma mais breve, a presença de outra dezena de clínicas deste concelho, que não foram tratadas nas mencionadas jornadas, mas que tornam o retrato da medicina do município mais preciso e fiel. Todas estas figuras, classificadas pelo autor de um histórico de recolha de mérito e particularmente interessado na história regional, mostram que a medicina tem sido, desde há muito, particularmente durante os séculos XIX e XX, a indústria médica na área do Fundão, com protagonistas locais. E mais. Muitos destes médicos aqui estudados, como o autor nos revela, alargaram os seus interesses para além da prática profissional, notadamente no campo cultural literário e artístico e na vida cívica (ação social e política), tendo marcado uma presença preeminente. Tal realidade não pode ser ignorada quando se procura conhecer mais profundamente a história deste concelho. Dando, este livro, a colimar uma leitura ainda entusiasmada, sem prejuízo de outros descobrimentos futuros, ser um contributo obrigatoriamente a ter em conta perante o assunto da história regional.

Enfim, com tantos nomes e actividades enunciadas, era-nos praticamente impossível e impensável desenvolver biografias de todos, até porque nem era esse o nosso objectivo. Em todo o caso, bastantes evocações foram feitas até ao presente, bastantes memórias ficaram resgatadas ao esquecimento, muita história foi contada.

Por sugestão de alguns amigos, surgiu agora a oportunidade de uma compilação de textos e do seu registo numa publicação autónoma. Para o efeito, era necessário um critério de selecção e

sequência. Optámos pela ordenação cronológica, dos médicos mais antigos para os mais modernos. Apesar das muitas e naturais lacunas, espero que seja bem recebida pelo público, agora mais vasto, e que tenha alguma utilidade.

Às acolhedoras diligências dos organizadores das Jornadas de Medicina na Beira Interior, que há já algum tempo se tinham manifestado, e às boas graças da Câmara Municipal do Fundão, em particular do seu Presidente, Dr. Paulo Fernandes, o meu profundo e eterno reconhecimento. Bem-hajam, Amigos.

*Doutor em Letras (História), pela Universidade de Lisboa.
Professor aposentado da Academia Portuguesa de História.

PALEOGRAFIA: UMA FERRAMENTA ÚTIL NO ESTUDO DA HISTÓRIA DA MEDICINA?

*Maria Cristina Piloto Moisés**

Introdução

A Paleografia é uma ciência – eu chamar-lhe-ia também arte – que se dedica ao estudo de manuscritos antigos, respeitando rigorosamente o texto original e aplicando determinadas regras, de modo a tornar o seu conteúdo perceptível em linguagem actual. A técnica não se cinge a textos manuscritos, mas aplica-se também nos primeiros documentos impressos, os quais utilizam frequentemente abreviaturas herdadas de tempos mais recuados.

Não podemos separar a Paleografia da Diplomática, sendo esta última que nos conduz ao conhecimento sobre a época da escrita, o local de emissão do documento e os costumes vigentes quando este foi escrito, aos quais se acrescenta e a compreensão do seu conteúdo.

Como afirma Ana Sánchez¹, quando não conhecemos a língua em que se encontra escrito um texto, não nos é possível compreender o que está escrito; o mesmo se passa se não conhecermos a letra com que o escriba executou o seu trabalho.

Sem o auxílio da Paleografia, seremos, tão somente, analfabetos em relação a vetustos textos; o seu estudo ajuda-nos a compreender um documento como um todo, tanto na sua génese como no seu conteúdo.

É hoje universalmente reconhecido que a Paleografia, como ciência complementar – eu chamar-lhe-ia colateral – é uma ferramenta essencial ao estudo da História, da Linguística, da Filologia, dos Estudos Literários, da Arquivística ou da História da Arte. Interroguemo-nos pois, sobre a sua utilidade ao estudo de um dos ramos da História - a História da Medicina - e a sua prática por médicos que entendam o que se encontra escrito nos documentos.

A Paleografia historiando a Medicina

Recentemente, foi realizada uma reunião intitulada “*Excavating Medicine in a Digital Age: Paleography and the Medical Book in the Twelfth-Century Renaissance*”; participaram neste encontro cerca de 15 indivíduos de diversos países e universidades, designando a reunião como multidisciplinar; entre eles, não se encontrava um único médico, mas afirmam ter “examinado a evidência para o pensamento e a escrita médica”!²

Portugal segue estes exemplos de além-fronteiras: igualmente recente, tomando apenas um exemplo por entre muitos, foi organizada em Évora uma reunião designada “*Novos Colóquios dos Simples: Releituras - evocação dos 450 anos da morte de Garcia de Orta (1568-2018)*”, na qual se discutiu o conhecido livro de Medicina; no entanto, de médicos participando nesta reunião, nem um só nome se consegue identificar.³

O processo de estudar e escrever História baseia-se, como sabemos, na consulta de documentos. O historiador serve-se, para o seu trabalho, em fontes primárias (o que está escrito nos documentos) e secundárias (o que outros autores já escreveram sobre o assunto). A utilização exclusiva de fontes secundárias conduz-nos a uma interpretação alheia e transforma-nos em meros compiladores e citadores da obra de outrem – eu diria que nos transforma em meros imitadores. Por isso, em investigação, aquilo que pode trazer à luz do dia algo de verdadeiramente novo, obriga à consulta de fontes primárias.

Mas...

Como recorrer a estas últimas, se não formos capazes de as ler e interpretar?

Nem sempre tem o médico a seu lado um paleógrafo e já vimos que a “multidisciplinaridade” dos historiadores, mesmo em pleno século XXI, não inclui médicos. Será necessário que o médico que se propõe estudar História da Medicina anterior ao século XVIII, verifique a informação presente

¹ “Las habilidades de lectura paleográfica están en este caso al mismo nivel que el de las habilidades lingüísticas: si no se conoce la lengua en que el texto está escrito no se tiene acceso a la información; si no se conoce la letra, tampoco.” Ana Belén Sánchez Prieto. “Aportación de la Paleografía y la Diplomática a las Ciencias de la Documentación, la Filología y la Archivística”. Primer Congreso Universitario de Ciencias de la Documentación, p. 710. Disponível na World Wide Web: <https://webs.uclm.es/info/multidoc/multidoc/revista/num10/paginas/pdfs/absanchez.pdf>

² <http://www.medievalists.net/2010/10/meeting-reinvented-our-understanding-of-medical-manuscripts-in-the-high-middle-ages/>

³ [https://www.ueline.uevora.pt/agenda/\(item\)/27260](https://www.ueline.uevora.pt/agenda/(item)/27260)

nos documentos originais e faça uma interpretação segundo os conhecimentos da ciência que estuda e trata o corpo humano. Caso contrário, terá grande probabilidade de errar na sua investigação. A consulta de fontes secundárias ou títulos que sofreram transcrições paleográficas por terceiros, apesar de constituírem uma importante ajuda, não devem, e não podem, satisfazer-nos integralmente.

Tomo a liberdade de aqui trazer alguns exemplos, de modo a tornar o tema mais compreensível e aprofundar a importância de, num processo de pesquisa honesto, ser obrigatória a capacidade de leitura do documento original:

Exemplo 1: o local onde, em Portugal, vamos mais frequentemente em busca de novos saberes é o Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT); a instituição emprega paleógrafos e transcreve os títulos dos documentos que se encontram à sua guarda. Um documento proveniente dessa instituição, a carta de cirurgia de mestre Afonso,⁴ aqui se apresenta; pela informação que podemos ver no sítio electrónico do ANTT, obtemos a seguinte informação:

Que se trata de uma “carta de cirurgia concedida por D. Afonso V a mestre Afonso”

emitida algures, no intervalo entre “9 de Setembro de 1438 e 29 de Agosto de 1481” – um espaço correspondente a 43 anos!

- A cota do documento

CARTA DE CIRURGIA CONCEDIDA POR D. AFONSO V A MESTRE AFONSO

NÍVEL DE DESCRIÇÃO
 Documento simples
 CÓDIGO DE REFERÊNCIA
 PT/TT/CHR/0013/07001
 TIPO DE TÍTULO
 Formal
 DATAS DE PRODUÇÃO
 1438-09-09 a 1481-08-29
 DIMENSÃO E SUPORTE
 1 doc.; perg.
 COTA ATUAL
 Chancelaria de D. Afonso V, liv. 13, f. 70v.

Fig. 1

Quando procedemos à leitura do documento ficamos a saber⁵:

⁴ <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4626180>

⁵ Transcrição:

[D]om afonso e etc A todollos Corregedores Juizes e Justiças dos nossos regnos e Senhorio a que esta nosa carta for mostrada Saude sabede que nos querendo fazer graça e merçee a mestre afonso sobrinho de mestre rrodrigo solorgiam que foy do Jfante dom Joham Teemos por bem e damos lhe licença e lugar que elle possa husar e hobrar da arte da solorgia en todollos nossos regnos e Senhorio nom embargando leix e hordenações que en contraio sejam postas porquanto fomos çerto per mestre gil nosso çelorgiam moor a que o nos mandamos examjnar que elle era ydhoneo e pertencente <palavra riscada> pera husar da sançia [sic] e arte de solorgia Porem nos mandamos e defendemos que o leixees husar e obrar da dicta çiençia E o nom prendaes fomos çerto nem mandaes prender nem lhe sea factio nhuu de saguisado pollo que dicto he o quall mestre afonso Jurou e etc ElRej o mandou pollo dicto mestre gill e etc dada en lixboa ij dias de dezembro pero aluarez a fez Anno do nosso Senhor Jhesu christo de mil iiiij Lbj

- que foi concedida, em nome de D. Afonso V, a mestre Afonso, sobrinho de mestre Rodrigo que foi cirurgião do infante D. João, licença para obrar da arte da cirurgia, após ter sido examinado por mestre Gil, cirurgião-mor

- que mestre Afonso fez um juramento

- que o documento foi emitido em 2 de Dezembro de 1456

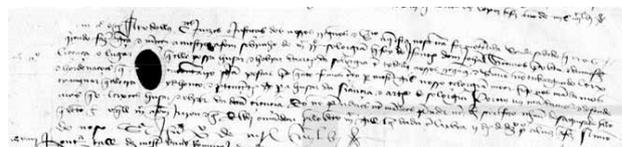


Fig. 2

Poderemos então conhecer informações complementares e retirar as nossas conclusões:

- que D. Afonso V delegou no cirurgião-mor o acto de autorizar o exercício da cirurgia

- informação sobre o nome de mais dois cirurgiões: Rodrigo, cirurgião do infante D. João, irmão do rei; Gil, cirurgião-mor e examinador dos candidatos a cirurgião

A data exacta da emissão do documento

Que existiu um juramento por parte do candidato, na Chancelaria régia⁶

Exemplo 2: de modo semelhante, verificamos a existência de um documento intitulado “Lezer Coleima” e datado de 13-08-1488.⁷

LEZER COLEIMA

NÍVEL DE DESCRIÇÃO
 Documento simples
 CÓDIGO DE REFERÊNCIA
 PT/TT/CHR/J/0014/143
 TIPO DE TÍTULO
 Formal
 DATAS DE PRODUÇÃO
 1488-08-13 a 1488-08-13
 ÂMBITO E CONTEÚDO
 Cirurgia
 COTA ATUAL
 Chancelaria de D. João II, liv. 14, fol. 6

Fig. 3

E se a data neste caso é precisa, ao estudar o documento⁸ detectamos de imediato que existe um

- ANTT, *Chancelaria de D. Afonso V*, liv. 13, f. 70v

⁶ Habitualmente jurava-se bem cumprir o ofício, sem que existisse discriminação étnico-religiosa ou social

⁷ <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=3850267>

⁸ Transcrição:

Dom Joham e etc a todollos Corregedores Juizes e Justiças a que esta nosa carta for mostrada saude sabede que a nos veyo mestre lezer goleyma E nos disse que elle apremdera tamto da çiemçia e arte de çelurgia que bem a podia husar senom com medo de nossa hordenaçam E porem que nos pedia que o mamdassemos examjnar e lhe mamdassemos dar nosa carta porque nos fomos çerto pello doutor mestre amtoneo noso fisico e noso

erro na leitura do nome, pois tratava-se de Lezer Goleima e não Coleima, uma informação importante quando se querem tratar outros documentos do mesmo indivíduo ou as suas relações familiares. Além disso, ficamos a saber que a autorização é dada para a prática da cirurgia, em nome de D. João II, pelo doutor mestre António, o qual era também físico e doutorado, para além de cirurgião-mor.

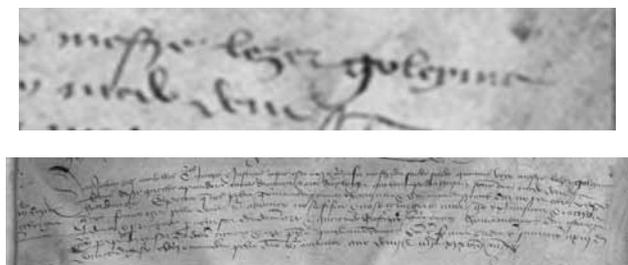


Fig. 4

Exemplo 3: nem só em manuscritos se baseia o Historiador e se encontram erros e imprecisões; neste documento impresso no século XVIII,⁹ relatando uma viagem do conde de Ourém ao Concílio de Basileia, quando descreve a cidade de Pisa, podemos observar a diferença existente entre dois símbolos gráficos, tratando-se um deles de um “s” e outro de um “f”:

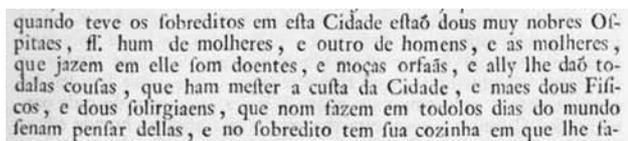
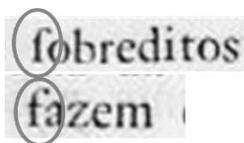


Fig. 5

Mas numa transcrição do documento publicada no último quartel do século XX¹⁰, ambos os símbolos são escritos como “f”, o que transforma a leitura numa aberração dificilmente compreensível:

çelurgiam moor que o exJamjnou e o achou Jdoneo e pertemçemte pera husar da dicta arte e queremdo lhe fazer graça e merçee lhe mandamos dar esta nosa carta pera poder husar da dicta çiemçia e arte pella quall mandamos e etc em forma dada em samtarem a xiiij dias do mes d agosto el Rej o mamdou pello dicto mestre amtoneo ano de mjll iijij^o Lxxxbijij^o annos

- ANTT, Chancelaria de D. João II, liv. 14, fl. 6

⁹ António Caetano de Sousa. *Provas da Historia genealogica da casa real portugueza: tirados dos instrumentos dos archivos da Torre do Tombo, da serenissima casa de Bragança, de diversas cathedraes, mosteiros, e outros particulares deste reyno.* Tomo V, 1746, p. 591

¹⁰ Lita Scarlatti. *Os Homens de Alfarrobeira.* Lisboa: Academia de Ciências de Lisboa – Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1980, p. 317

Nota do autor: a primeira edição desta obra recebeu o Prémio Laranjo Coelho, em 1972

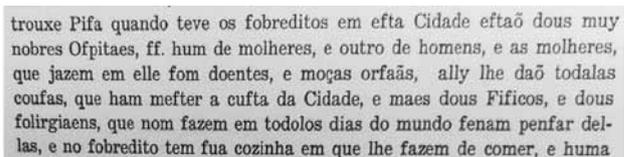


Fig. 6

Transcrevendo correctamente o texto, podemos, por fim, ficar adequadamente informados acerca do seu conteúdo:

[...] em esta Cidade estão dous muy nobres Ospitales .ss. hum de molheres e outro de homens, e as molheres que jazem em elle som doentes, e moças orfaãs, ally lhe dão totalas cousas que ham mester a custa da Cidade, e maes dous Fisicos, e dous sollirgiaens, que nom fazem em todolos dias do mundo senam pensar delas [...]

Conclusão:

A capacidade de ler e interpretar um documento ou um livro anterior ao século XIX implica conhecimentos de Paleografia. O médico que investiga História da Medicina não é habitualmente, com honrosas excepções, incluído em grupos multidisciplinares sobre o tema; não possui, na sua formação de origem, conhecimentos de Paleografia e nem sempre tem ao seu dispor pessoas que os tenham; o historiador interpreta os textos de modo impreciso ou, sendo mais honesto, nem tenta interpretá-los; também este último, apenas ocasionalmente possui um médico que o ajude.

A leitura e interpretação de textos antigos é útil na evicção ou repetição de erros; cabe ao investigador em História da Medicina tentar obter ambas as ferramentas de trabalho.

Assim sendo, regressamos à pergunta inicial deste texto: será a Paleografia uma ferramenta útil no estudo da História da Medicina?

A resposta, pelos exemplos apresentados, será evidente: SIM!

Bibliografia:

1. Fontes manuscritas:

- ANTT, Chancelaria de D. Afonso V, liv. 13, fl. 70v
- ANTT, Chancelaria de D. João II, liv. 14, fl. 6

2. Fontes impressas:

- PRIETO, Ana Belén Sánchez. *Aportación de la Paleografía y la Diplomática a las Ciencias de la Documentación, la Filología y la*

Archivística. Primer Congreso Universitario de Ciencias de la Documentación, p. 710. Disponível na WWW: <https://webs.ucm.es/info/multidoc/multidoc/revista/num10/paginas/pdfs/absanchez.pdf>

- SCARLATTI, Lita. *Os Homens de Alfarrobeira*. Lisboa: Academia de Ciências de Lisboa – Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1980, p. 317

- SOUSA, António Caetano de Sousa. *Provas da Historia genealogica da casa real portugueza: tirados dos instrumentos dos archivos da Torre do Tombo, da serenissima casa de Bragança, de diversas cathedraes, mosteiros, e outros particulares deste reyno*. Tomo V, 1746, p. 591

3. Sítios electrónicos:

- <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=3813585>
- <http://www.medievalists.net/2010/10/meeting-reinvented-our-understanding-of-medical-manuscripts-in-the-high-middle-ages/>
- [https://www.ueline.uevora.pt/agenda/\(item\)/27260](https://www.ueline.uevora.pt/agenda/(item)/27260)

*Médica, especialista em Cirurgia Geral
Mestre em História Medieval / FCSH da UNL
cristina@gmail.com



O HOMEM DE VIDRO, OS GÉNIOS DE TLÖN E A DISTORÇÃO DA EXPERIÊNCIA*

*Manuel Silvério Marques***
*Maria de Jesus Cabral****

"De pele alheia, grande correia"
(rifão português)

Bordeu - "(...) Chaque molécule sensible avait son moi (...); mais comment l'a-t-elle perdu, et comment de toutes ces pertes en est-il résulté la conscience d'un tout ? Melle De L'Espinasse - Il me semble que le contact seul suffit. (...).
Diderot, *Le Rêve d'Alembert*, 1769/1830-1

"O escuro: Às escuras, o homem pega na vocação que tem para repetidamente não perceber as coisas para assim ficar, sem ansiedade: estúpido e só, como alguém que acreditasse em muitas coisas, mas nenhuma delas tocável
Gonçalo M. Tavares. *Enciclopédia 1-2-3*, 2012 Medo: p.146



Abertura

Em silêncio, de olhos fechados, indisposto e impaciente no seu leito, o doente grave, o bebé insone, o idoso insofrido irão perder "(...) os contornos que o estruturam, o sentido quinestésico, vasocompressor, assim como a percepção real

da gravidade". Neles, a aplicação eficaz da massagem tem três efeitos extraordinários quase automáticos: a instauração "da tomada do corpo pela mão" (it. nosso); a fusão em um único tecido "da carne do paciente e das mãos do massagista"; uma silenciosa "apofania terapêutica". Resultam do "diálogo" háptico tocante/tocado e dos códigos próprios "(...) feito de percepções, de tensões, de inibições, de resistências, de queixas".¹ Auscultando este corpo que se é, propomo-nos estudar

aspectos do corpo que se tem. O corpo-touchant, intocável, invisível, espontâneo, pré-consciente, cerebeloso, instrumental, o corpo do tónus, do reflexo, da allure do cavaleiro, do gesto elegante e perfeito do artista, do acto hábil e preciso do artifice. O corpo "místico" dos "sabores do mundo" do "bárbaro" imerso ainda na oralidade tribal. Um corpo proscrito, contrário do corpus literário, inscrito, prescrito, disciplinado e ginasticado do hoplita. Anorgânico, pré-orgânico mas não inorgânico e não imaterial, como o organismo fantasmático das experiências de fora do corpo (ilusões do duplo, heautoscopia, Doppelganger, companion) e das síndromes de apotemnofilia e de Cotard (o paciente crê que parte ou todo o corpo não lhe pertence, daí o desejo de se livrar das partes "estranhas" ou do corpo tido por alheio). Daremos por adquirida a dualidade da carne (chair) – o efeito da tocar com a mão na própria perna por Melle de l'Espinasse -, a experiência touchant-touché que tentaremos integrar em histórias do imaginário, da imagem do corpo e do vivido segundo Merleau-Ponty: a sensação é da ordem do sensível e do senciante. O tocar, o tangente, entre um noli me tangere e uma secreta natureza das coisas, mais do que sugere, maneja, indica, "significa as propriedades que entram na sua determinação".² E, se não nos detemos aqui no contágio, lembramos o contacto – a falta dele, um dos sintomas primários capitais do grupo da esquizofrenia - nas descrições clássicas, ou seja, a intersubjectividade rompida por um panus de vidro ("pane of glass"³), a incapacidade do observador sentir e estabelecer "ligação", empatizar com o estado mental do paciente, a ausência de "rapport" interpessoal.⁴

2 Michel Malherbe, *Trois Essais sur le Sensible*. Paris, Vrin, 1991, p. 81.

3 Mayer-Gross, Slate, Roth, *Clinical Psychiatry*, London, Baillière, 1969, pp. 270, 314.

4 A necessidade de tacto ou senso clínico (segundo a lição de Karl Jaspers, *General Psychopathology*, Manchester, Manchester University press, 1972, 11923, trads. J. Hoenig, Marian Hamilton) continua a ser plenamente actual: "The verbal contents in chronic psychosis often mislead one into thinking that a great deal of insight is present (...)" (p. 421); "(...) in psychosis, there is no lasting or complete insight. Where insight persists, we do not speak of psychosis but personality disorder (psychopathology)." (p. 423). Jaspers dá-nos ainda um exemplo de hu-

1 Boris J. Dolto, *O corpo sob a acção das mãos*, Lisboa CLB (trad. Madalena Pimentel), 1978, 11977, pp. 36, 77f.

Repartidos por tríplice horizonte – clínico, literário e filosófico, iremos colocar, qual peça de teatro Kabuki, em pano de fundo o *toucher* delicado e dedicado de Derrida ao corpus de Jean-Luc Nancy, trazemos para a boca da cena os génios borgianos de Tlön, as fecundas narrativas da estátua de Condillac e o paradoxo do comediante na sombria e assombrada “pneumática” de Ryle.⁵

1. Fragilitas.

“Yes, doctors touch patients and do rather extraordinary physical things to them, but the textuality and not the physicality defines the relation (...)”.

Esta asserção radical de Rita Charon, em *Narrative Medicine*,⁶ parece estender, retroactivamente, à clínica hodierna da doença e da dor do *corps ecotèchnique* o modelo clássico de *corpus juri*,⁷ a combinar com a fisiologia psicomotora e “neurosecretória” dos modernos. Numa primeira leitura, as iatrofilosofias de Derrida e Nancy recorrem a categorias neometodistas⁸ francamente datadas (nomeadamente os incrementa e excrementa “hipocrático-galénicos”, a *vis insita* de Glisson e Biran, a fibra motora de Baglivi⁹ e as fibrilas de Haller, as telas, celas e departamentos de Bordeu), adoptando um epistema dual e uma ideologia pneumogástrica, entérica, esfinteriana, assente nos pares *strictus/laxus* e *spasme/distension*.¹⁰ Entram em contradição com a mais morfológica e hiper-reactiva das especialidades clínicas, a Dermatologia: como

mildade e parcimónia: “As scientists we should guard against basing our average calculation on all patients as a whole. (...) Existence itself provides the limits for human knowledge and from it arises the element in the individual which confronts each illness as something other than itself (...)” (p. 416). Para uma discussão actual, de intenção filosófica, informada e profunda das controvérsias em torno da natureza do “espectro da esquizofrenia” vd. Kenneth F. Schaffner, *Behaving. What’s genetic, what’s not and why should we care?* Oxford, Oxford University Press, 2016.

5 Gilbert Ryle, *O Conceito de Espírito* (Lisboa, Moraes, 1970, 11949, trad. Maria Luísa Nunes): o filósofo britânico, de implacável lógica, elimina o “fantasma da máquina”, postula o “sistemático carácter ilusório do eu” (p. 194) que é como uma sombra (p. 198), cujo originário e comum estatuto é o de um zombi portador de sensações nem verídicas nem falsas (p. 237).

6 Rita Charon, *Narrative Medicine: Honoring the Stories of Illness*. Oxford Univ. Press, 2006, p. 53.

7 Jean-Luc Nancy, *Corpus*, Paris, Métailié, 2000, p. 48

8 Acerca desta doutrina médica e sucedâneas vd M.S. Marques, “Um vaso de Ambrósia”, in José Pinto de Azeredo, *Isagoge Patológica do Corpo Humano* (Eds.) A. Braz de Oliveira, M. Silvério Marques, Lisboa, Colibri, 2014 (1c.1802), pp. 375-411, p. 388s; p. 396 (sobre as funções dos espíritos animais - irritação, sensação, volição e associação) e p. 397s (sobre “associações delirantes a” e loucura).

9 *A irritatio* dos sólidos, das mínimas máquinas vivas, as fibrilas e fibras, causa *crispatura*, o mecanismo comum das patologias (Giorgio Baglivi, em *De fibra Motrici et Morbosa*, 1703).

10 Nancy, *cit.*, cap. L’immondice, p. goff; Derrida, *Le toucher*. Jean-Luc Nancy, Paris, Galilée, 2000, parte 1, cap. 3; p. 70n passim; acerca do vitalismo da substância excremental segundo Bachelard, vd Marques, 2014, p. 406.

ensinava o grande professor Juvenal Esteves, “(...) antes de abordar a análise dos acidentes patológicos, convém estabelecer, a noção de como é a pele no seu todo, dentro da personalidade do indivíduo, e ainda o estado global no momento da consulta.”; o global (e, eventualmente, o sistémico) antes do local, assim como a inspecção antes do toque e da palpação! Os clínicos – se não vergados a instituições privadas ou públicas de vezo mercantilista - vêm todos os dias quanto urge poder voltar a dar o tempo ao doente - a primazia à palavra, à genuína comunicação, à prevalência do sentir, à expressão do corpo/carne - para bem interpretar o vivido, a dor, a afecção.

É costume pensar a Medicina (individual e social) como *logos* da saúde e do bem-estar, reconhecendo cada indivíduo humano a fragilidade da sua condição e a sua incidência na harmonia psicossomática e sócio-familiar (fraquezas naturais, fracassos da vida, férreas necessidades e lábeis contingências, desvarios da mente e insânias morais... até às disfunções, descompensações e falências de órgãos e sistemas orgânicos). Uma das manifestações interessantes, varrida (?) pela história, é o delírio do homem de vidro que deixou marcas em Descartes (que o menciona). Na época do tarantismo e dos convulsionistas, comuns na Itália e na Europa Central, autores como Cervantes (em *O licenciado de vidro*¹¹), Burton (*The Anatomy of Melancholy*), Le Camus (*Médecine de l’Esprit*¹²), elaboraram sobre esse quadro alucinatório. Ainda no século passado, Paul Valéry, na longa e críptica (in)confidência que é *Monsieur Teste* (1895/1960)¹³ mostra-se possuído pela metáfora: “(...) je me pénètre; (...) et de l’informe chose qu’on désire s’élevant (...) le long des fibres connues et de centres ordonnés, je me suis (...) je frémis à l’infini des miroirs – je suis de verre.” (p. 44). E em *Extraits du logbook*: “(...) De sentir que l’on s’en va, toutes choses encore tangibles en perdent aussitôt leur existence prochaine” (p. 47); “Nous ne sommes prêts à répondre qu’à ce qui est probablement voisin.” (p. 48) (*Lettre à un ami, ib*). E, em *L’idée fixe* (p. 215), enuncia a *première vérité* da estátua de mármore condillaciana, de pele desnuda e provida das sensações locais olfactivas e gustativas: “Ce qui a de plus profond en l’homme c’est la peau”.¹⁴

11 Fico obrigado ao meu amigo Dr. José Morgado Pereira (médico psiquiatra), que estudou e me falou deste curioso quadro delirante e das obras literárias nele inspiradas.

12 Antoine Le Camus (1722--1772), um iatromecanicista atento ao papel central da fermentação, baseia a unidade psicossomática nos micro-autómatos fibrilares dotados de *força, acção e sentimento*.

13 Valéry, *Oeuvres*, 1960, Pleiade, vol. 2, pp. 9-71.

14 Jean Starobinsky, “The Natural and Literary History of Bodily Sensation” seguido de “Monsieur Teste Confronting Pain”, com Apêndice de P. Valéry, “Some simple reflexions on the body” in M. Feher et alii., *Fragments of a History of the Human Body*, 1989, vol. II, pp. 351-405

Poderíamos conjecturar que na origem do delírio está uma perturbação de algum envelope psíquico, segundo a teoria do *moi-peau*¹⁵ (formulada por Didier Anzieu e cols.).

Segundo Aristóteles o tacto é a única sensação vital e o “sentido do alimento”.¹⁶ A pele, o maior órgão do corpo humano, é a sede principal do tacto, o “educador dos outros sentidos”, sugere Condillac. James Gibson no seu famoso *The Senses considered as Perceptual Systems* (1966), considera a percepção háptica um modo de sensibilidade *polimodal* do indivíduo, disposta para o mundo adjacente ao corpo, inserida no sentido somestésico que inclui o tacto propriamente dito, a percepção háptica, a propriocepção, a interocepção (a antiga *cenestesia*¹⁷). A percepção háptica proximal proporciona informação sobretudo de objectos e superfícies em contacto com o sujeito, enquanto que o calor e a vibração podem ser obtidos a curta distância (outras sensações específicas são a pressão, vibração, a formicação, prurido, cinestesia ou quinesia). A exploração táctil e livre dos objectos supõe processos de computação *bottom-up* e *top-down*, combináveis em múltiplos *programas* e actos complexos, mormente de manipulação. Outra modalidade estésica ligada ao tacto é, evidentemente, a sensibilidade algica, respectivos reflexos nociceptivos e (a)percepção da dor (a valorizar como actividade essencialmente efectora, i.é, motriz, emocionalmente investida em prol da sobrevivência animal e da homeostase de tecidos lacerados). Estas micro e macro-percepções são servidas por receptores especiais e transmitidas, processadas, codificadas e mapeadas por sistemas neuronais especializados e (em geral) somatotópicos (os famosos *homúnculos* cerebrais da somestesia).

O corpo, o organismo, a doença e até, infelizmente, o doente em momentos ou em circunstâncias várias e bem conhecidas (coisificação, catástrofe, mercadorização, alexitimia, etc.), são considerados anónimos. A

15 O “sentido do alimento” é primeiramente o olfacto e/ou o paladar, e não devemos desprezar a visão.... Definição de *moi-peau*: “la première différenciation du moi au sein de l'appareil psychique s'étaye sur les sensations de la peau et consiste en une figuration symbolique de celle-ci”.

16 Como sublinha Derrida, *cit.*, p. 304n2.

17 Temática decisiva na constituição da representação contemporânea do corpo. Uma breve nota acerca das teorias da cenestesia no século XVIII e das cenestopatias encontra-se em Marques e Morgado, “A propósito da naturalização da dor na obra de Filipe Montalto”, *Philosophica*, 2018, 52, pp. 43-57 (p. 51); em meados do século passado considerava-se o narcisismo um *vidéo* (*véçu*) “como cenestesia elacional particular” (in B. Grunenber, *Le narcissisme. Essais de Psychanalyse*, Paris, Payot, 1975, p. 289). Eis alguns outros quadros de *folies du toucher*: haptofobias; síndrome de Cotard e apotemnófilias (já referidos); recentemente descrito, o *deficit integracional* em crianças hipo ou hipertónicas com dificuldade em suportar estímulos exteriores (crianças que tapam os ouvidos, aborrecem o contacto da roupa no corpo, coçam-se e podem apresentar alguma descoordenação motora e até indícios de autismo – como causa sugerem-se dificuldades no processamento ou da modulação da informação sensorial, problemas motores de origem sensorial ou de discriminação).

posse de mecanismos emocionais, de dispositivos de auto-referenciação (auto-consciência, auto-imagem, autoafecção), de antecipação e de projecção (alguns, significativamente, por-defeito) conspira contra a divisão e separação corpo/alma. Desde a obra hipocrática *Da Doença Sagrada*, a união é um “dogma” da medicina que ainda faz frente à corrente neocartesiana que informa alguma neurociência e alguma ciência cognitiva. Não faltam, por outro lado, propostas filosóficas robustas de operadores da “unidade” e de teorias da mente e da consciência. Por exemplo, C.B. Martin,¹⁸ elege os mecanismos oriundos da percepção “háptico-motor-cinestésica”, escorando-se no realismo do *modelo neuronal* ou *imagem interna* (no caso, a governação hipotalâmica dos processos metabólicos, cardiovasculares, respiratórios, etc., de *termo-regulação*, uma muito especial e complexa “imagem” do corpo) e no *feeling back*, a repassio da medicina escolástica ou endo- e exo-sintonização¹⁹. Este é, conjecturamos, um processo circular equivalente ao do “ciclo da acção” de Jakob von Uexküll. Tais argumentos reforçam-se com as concepções actuais do sistema nervoso simpático e parassimpático (ou vagal) como processos ortogonais, pendulares, duais (e não como polaridades antagónicas), o simpático representando a activação (*arousal*) e o vago a secreção/excreção, de valência potencial positiva ou negativa.²⁰

Num dos passos centrais do seu impressionante trabalho em torno da vontade, Brian O'Shaughnessy põe uma interrogação elemental: qual é o objecto imediato da vontade? Não se trata, responde, de “(...) uma imagem do corpo, seja concebida erradamente nos termos do fenómeno sensual (qual “fotografia sensorial”), seja entendida correctamente como o eu (i) ou Eu (I²¹). O objecto imediato da vontade é o objecto material no qual o fenómeno conativo (*willed*) ocorre. Mais, é um objecto material que é *mapeado na imagem do corpo de curto termo e na imagem do corpo do longo termo; e de modo verídico em cada*

18 C. B. Martin, *The Mind in Nature*, Oxford, Oxford University Press, 2008.

19 Ou “co(e)moção” ou *affect attunement*, tematizadas e investigadas original e compreensivamente por Daniel N. Stern (*The Present Moment in Psychotherapy and Everyday Life*, New York, Norton, 2004). Entre nós a problemática empírica e teórica da *sintonização regressiva* – em contracorrente! – foi descrita nos anos 40 do século passado (nos pacientes leucotomizados) por Barahona Fernandes (vd *Antropociências da Psiquiatria e da saúde Mental*, I, O Homem Perturbado, FCG, 1998, pp. 78-110).

20 Supomos que este modelo se ajusta bem ao “cubo das emoções” de Lövhheim: activação, strictus, Sístole, Noradrenalina/ “depressão”, laxis, Diástole, Serotonina. Para a história moderna das “leis da economia dos órgãos” e da pendulação compensadora e reguladora vd Marques, 2014, pp. 384, 387.

21 Eu (I) e eu (i), Si e si, *Ego* e *ego*, referem-se, cremos, ao carácter distribuído, acentrado, múltiplo, instável, “minúsculo” do eu diminutivo e o inverso do Eu maiúsculo, estruturalmente estável, robusto (compreender-se-á que a lição do contacto, do *holding*, da massagem, da terapia corporal e relacional em geral, passe pelo “manejo” e reforço dos “eu” – ou “si” – parciais sensório-motores, simbólicos, imaginários, operacionais, filiais, sociais...).

caso.”²² Sem abordar aqui a *vexata questio* da (auto-) consciência, conjecturamos que tal imagem pura da pré-acção – estado (mental) que dela devém, plano, coisa programada, instrução - potencia o ‘eu’ seminal em ‘Eu Posso’, capturando um instrumento ou um objecto predicativo ‘x É’, dotada de qualidade(s) que projecta mas não representa. (É um saber-como – que irá computar, referir, indicar e, no caso humano, nomear e inserir numa matriz proposicional). Querirá isto dizer que a imagem do corpo (a curto ou a longo termo) a que se reporta O’Shaughnessy é nua, não-conceptual, não-proposicional, tal como a dor nua é puro e simples reflexo nociceptivo? Que tipo de estado mental é esse? – Reflexo cerebral (à maneira de Sechenov), estrutura monádica, acto fantasmático..., modal, amodal, plurimodal? Esquematismo kantiano? Mapa cognitivo altamente complexo (e parcialmente inato, como o da orientação e navegação dos vertebrados decifrado por John O’Keefe ou o de reconhecimento da face dos primatas²³)? É, certamente, um processo de acting-out ou acting-in, i.é, acto básico *sui et veri*, subrotina, enredo déictico e verídico.²⁴ Daqui que o “dueto” *touchant-touché* seja intrinsecamente activo, práxico, orquestral, a três tempos - *expectatus, attentus, obtentus* -, implicando-se nas características do uso e do tónus da representação e da imagem.²⁵

2. Os génios de Tlön

Shigehusa Kuriyama,²⁶ Elisabeth Hsu e outros têm chamado a atenção para a pregnância do tacto na medicina chinesa clássica, traduzida entre outras manifestações, pelas designações vocabulares da dor e pela subtil intenção *ecocêntrica*, figurativa e cromática das subtis e riquíssimas descrições do pulso pelos médicos do Oriente. No Ocidente o saber médico

22 Brian O’Shaughnessy, *The Will, A Dual Aspect Theory*. Cambridge, Cambridge University Press, 1980, p. 249.

23 Estudos anteriores de Tranel e Damásio em casos de prosopagnosia (que demonstram que o reconhecimento automático do rosto precede o conhecimento), a identificação por Quiroga de detectores altamente diferenciados (a “*grandmother cell*” no lobo temporal) ou casos do perturbante síndrome de Capgras (*sentir* e “ler” o rosto do cônjuge actualmente presente, como se de um sócia ou imitador se tratasse) descritos por Ramachandran, podem talvez ser explicados a partir dos códigos neurais descobertos pelas investigações de Doris Y. Tsao e outros: “Face Values”, *Sci. Amer.*, 320, 2 (Feb.): 19-25, 2019

24 Um importante reparo de Daniel N. Stern tem relevância para lá da psicoterapia: a interpretação da passagem ao acto como tal, escamoteia o seu absoluto valor *káirico*, causa ocasional de mudança na relação (intersubjectiva, clínica, etc.) e a *presente* actual retro-jecção do *après-coup* (cit., pp. 141, 167).

25 Referimo-mos à teoria e inspirada técnica de Frans Veldman revista em *Haptonomie, Amour et Raison*. Paris, PUF, 2003. Damos por adquirida a lição de Jerry Fodor acerca da modularidade, encapsulamento e codificação das (sub)modalidades e multimodalidades sensoriais, em contraste com os processos superiores de cognição, pensamento e crença que são não-modulares e isotrópicos, o que não exclui, notar-se-á, a sua composicionalidade.

26 Shigehisa Kuriyama, *The Expressiveness of the Body and the Divergence of Greek and Chinese Medicine*. N. York, Zone books, 1999.

erudito – foi olho clínico e (é?) essencialmente óculo-centrado, se bem que mais anatómico, botânico e *menos* manual. A cirurgia era prática “oficinal” de barbeiros, sangradores e outros e raros físicos, como Rodrigo de Castro no seu *Medicus Politicus* (1614),²⁷ tarde insistiram que deveria ser parte e faculdade da Medicina (só volvido cerca de um século o seu ensino foi integrado na Universidade). Em ambas, medicina chinesa e hipocrática, os descritores originários das dores, sobretudo das dores agudas, são formados por adjectivos acoplados a marcas topográficas do corpo humano. Interessa-nos averiguar, genericamente, como se ascende do caleidoscópico tangível (lembramos crianças, invisuais, quiropráticos, médicos antigos) ao conhecimento háptico e multisensorial do mundo – seus processos, objectos, variações, cenas, paisagens -, a um *status* de cognição discursiva, abstracta e comunitária, a uma vontade de saber e de curar ou, no plano individual, a uma personalidade perfeita como a de Helen Keller,²⁸ de um Amato Lusitano.

Erwin Strauss, o autor celebrado de *Du Sens des sens* (*Do sentido dos sentidos*), alvitando uma solução começaria por lembrar, talvez, que “(...) l’expérience corporellement sensorielle est le continu d’où procède toute expérience vécue et vers laquelle retourne. Dans cette mesure le sensualisme a raison”.²⁹ E acentuaria a alteridade radical do Eu (e a exterioridade exógena da subjectividade?): não nos movemos voluntariamente senão em relação a provações-outras que nos vêm dos sentidos, “(...) dans le réseau d’altérité, me confrontant avec elle, je m’éprouve moi-même et ce qui est mien, mon corps.”³⁰ Jorge Luís Borges iria inquirir, porventura, com a sua portentosa alegoria : em Tlön, não existem objectos nem substantivos, apenas actos nus, soltos, não encadeados, nem integrados, nem gestos, nem frases, nem “inteligência” operacional ou instrumental, nem programas hierárquicos de acção, etc.; insubstante tal mundo, agramatical, contém porventura germes de sistemas de adjectivos (estátua tangente a Norte) e de conjugação de verbos (absurdo dramático a Sul). Iremos especular, magnificando o estatuto ontológico dos seus entes para o das “alminhas” de um qualquer purgatório dantesco dotadas de atitudes pré-posicionais, predicativas – eventualmente proposicionais.³¹

27 Rodrigo de Castro. *O Médico Político. Ou Tratado sobre os deveres médico-políticos* (trad. Domindos Lucas Dias, rev. Adelino Cardoso, pref. Diego Gracia), Lisboa Colibri, 2011 (1614).

28 *The Story of my Life*, USA, Bantam Books, 1990, p. 56.

29 E. Strauss, *Du sens des sens*. Grenoble, Millon, 1989/1935, p. 449.

30 Ide, *ib.*, p. 448.

31 O “mundo (...) é uma série heterogénea de actos independentes. É sucessivo e temporal, não espacial. Não há substantivos [nem objectos] na conjectural Tlön (...) há verbos impessoais [...isto...] no hemisfério austral (...)] Nos [idiomas] do hemisfério boreal [...] a célula primor-

Dissemos que em ambas as tradições médicas, chinesa e helénica, a palpação do corpo foi importante e gerou conceitos afins como tónus, resistência, defesa e dor reflexa. Mas estes constituem, por excelência, o mundo ao sul, dos gestos reflexos, aos gritos, com *Apps* (aplicações fragmentárias) e qualidades nucleares do “segundo sistema de sinais”. Perspicaz académico, Kuriyama mostrou que, na medicina ocidental, a muscularidade e a musculatura, traídos pela inusitada frequência do termo *myes* (no corpus galénico, em oposição a *sarx*), revelam as competências articuladas, agónicas, viris, voluntárias do corpo e da conduta, na competitiva civilização grega.³²

Reconhecemos, que, neste contexto, o imaginário leibniziano se faz convidado em Tlön, num espaço de ontologias *descomprometidas* quanto ao preformismo, ao paralelismo matéria-espírito, à harmonia pré-estabelecida, à entre-expressão, à gramática das micropercepções:³³

Especulações sobre os Mundos de Tlön		
	Norte	Sul
Atos predicativos	Adjectivação monossilábica	Verbalização (predicação verbal)
Conteúdos	Ideias, idealidades Semiologia: grau zero	Impressão (abstractas?) Dramática do absurdo
Modelos hipotéticos	(Condillac) vibratos emocionais tangíveis	(Ryle) atomismo “lógico” + operações modulares
Estados mentais	Apenas independentes. Insubstante: ausência de objectos e substantivos	
“Hominização”	H. Patiens	H. Faciens

Para defender as especulações do quadro anterior partiremos de duas máximas. Uma de Strauss: “*Le sentir est au connaître ce que le cri est au mot*”.³⁴ Outra de Karl Abraham: a ansiedade e a depressão estão relacionadas entre si como o medo e o pesar.³⁵ Conjecturemos que no hemisfério norte existe um pluriverso composto principalmente pelos (órgãos dos) sentidos e sensações em geral e, produtor, em especial, de conhecimentos hápticos e álgicos (vibratos emocionais da estátua de

dial não é o verbo, mas o adjectivo monossilábico. Não se diz lua: diz-se aéreo-claro sobre escuro-redondo ou celeste alaranjado-ténue ou qualquer outra combinação (...), Borges, “Tlön, Uqbar, Orbis Tertius”, in *Ficções*, Lisboa, Livros do Brasil, 1969, pp. 11-33 e *Obras*, vol. 1, *Ficções, Jardim dos Caminhos que se bifurcam*, “Tlön, Uqbar, Orbis Tertius”, 1989/1998, pp. 447-459 (pp. 451s).

32 Kuriyama, cit., p. 129s; Cp. Derrida, cit., p. 69.

33 Leibniz, recorde-se inventou e/ou determinou os conceitos modernos de autómato, infinitesimal, cálculo binário, computação, inconsciente, organismo, mundo possível, etc.

34 Erwin Strauss, cit., p. 503.

35 Karl Abraham, “Nota sobre a investigação e o tratamento psicanalíticos da psicose maniaco-depressiva e estados afins (1911)” in *Teoria Psicanalítica da Libido*, Rio de Janeiro., Imago, 1970 (dir. trad. Jayme Salomão), pp. 32-50 (p. 354).

Condillac em estágio pré-reflexivo *touchant-touché*); os seres palpáveis aderem imediatamente à pele, são sentires e sentimentos (affectos, imagos, introjectos) dificilmente objectivos e independentes do organismo que deles se “alimenta” sensitivamente e/ou que deles se serve como instrumentos, extensões e *projecções* do corpo. Pela inversão metonímica, se a língua não o pensa (negativa da feliz figura de Fernando Gil), o espírito, não dispondo de verbos, não é posto a agir e a fazer, está predisposto. A natureza criadora será separada, oposta: a norte anabólica, a sul catabólica. E, por cruzamentos e hibridações, nas margens equatoriais, será diabólica, entre o génio maligno de Descartes e o demónio de Maxwell, loto e *croupier*. Assim a Norte, ouvem-se e sobrepõem-se “gritos” atómicos “Ahas” e “Ais” e suas variações, a Sul expressões elementares, atómicas, de “Se”, alguém (ou “homem”, no português do *Leal Conselheiro*; Fr.: *On*, Ger.: *Man*), de *Aqui*, de *Ali*, de si, de eu (*i* de O’Shaughnessy), protistas, absurdos, sem nexos nem significação.

Chegamos às fronteiras equatoriais de Tlön. Convencionemos, em sintonia, que, a aleatoriedade híbrida e “evolutiva” permitiu/forçou a combinatória, a implicação do infinito no finito, novos mundos, designadamente, um mundo da *irritatio*, *spissatio* e *elongatio* universais, genesíacas, epigenéticas, simbólicas... com a irredução do (logicamente) superior ao inferior. No setentrião os *qualia*, os fluxos de qualidades a flutuar vertiginosamente, analógicas, nos limbos da identidade. Virão depois protófitos e protozoários activos, verdadeiras alucinações, ligações, emoções, simultaneidades, memórias, profecias? Há sonhos danças, festas num reino da alteridade numérica clonal infungível, com identidade e vibrações diferenciadas...? No meridiano, clones discretos de actantes “autistas”, ataráxicos, apáticos, melancólicos, são movidos e movem-se sem direcção, sem memória, sem esperança, exauridos em contingência. Todos girando num eterno *game of life* (Conway) de presas e predadores? Se é verdade que o nome recebe, não dá, vem, todavia, às coisas com e por o verbo, portanto, com e pela matéria, a “carne”, fixador deíctico almejando, ansiando, por uma qualquer forma de intersubjectividade.

Como é sabido, Husserl advertiu para a importância, na constituição da corporeidade, da Ipseidade (*Si*) e das sensibilidades cinestésica e somestésica, e descreveu o papel fenoménico do *Se*, investigando os círculos virtuosos do *Eu* posso.³⁶ Um seu discípulo, Erwin Strauss (1935), poseu lado, criticou o *organicismo* puro em nome

36 In Merleau-Ponty, “O filósofo e a sua sombra”, in *Sinais*, Lisboa, Minotauro, 1962 (trad. F. Gil); também em Derrida, cit.

do *Umwelt*, da homeostasia social e da significação,³⁷ sublinhando a singular propensão para o movimento *espontâneo* de todas as formas de vida animal: o (se) sentir (*épreuve, feeling, Empfinden*)³⁸ está intimamente associado aos motivos de aproximação-evitamento e orientado para a entre-expressão e a empatia.³⁹

Qual, então, o lugar, a ontologia, o regime cognitivo adequado do sensível? – Mediação do Quê? (*What?*) noemático – o noema Terra, paisagem, território, casa, corpo - e as suas qualidades subjectivas sensíveis (verdadeiras, das coisas mesmas)? – Ou mediação do Que (*That*), noético e das emoções epistémicas, dos verbos e das enunciados psicológicos, reportados de modo enigmático ao *em-si* por mecanismos ou dispositivos (computacionais?) pré-objectais de preenchimento e pré-adaptação?⁴⁰ O tacto íntimo (*inner touch*)⁴¹, o Se, o Si, o sentimento de si, simétrico do sentimento de existência? Mas este não é in-sensível, in-tangível? Teremos, seremos, corpos em estado de nojo (de si), de luto por si, palpitando e palpando às cegas, surdos, mudos, sonhando entre "(...) l'intangible et l'intouchable, la *différance* du tact. On peut aussi l'appeler pudeur".⁴² Não se trata aqui do sentimento fantástico, alucinado, do homem de vidro. No limite é o muito real, maligno e odioso (Se) sentir e devir ao mesmo tempo não-pessoa, apátrida, escravo, pária⁴³ (ou seja inimigo, excluído, refugiado, velho, judeu, árabe... vítima expiatória, uma espécie do *homo sacer* que G.Agamben retirou do esquecimento). No outro extremo, é a mão livre e aberta que se deseja, se busca, se estende, se toca, acolhe, cuida. A mão desarmada que reciprocamente se dá e aperta a cada acto heróico de salvação, a cada gesto de fraterna saudação.

3. À mon seul désir

As funções e efeitos do maior órgão do corpo, a pele, para além da sensibilidade e das experiências álgicas, incluem o conhecimento táctil das coisas, a

37 Erwin Strauss, *cit.*, p. 327.

38 *ib.*, p. 43, 337 (para as definições dos termos);

39 *ib.*, p. 329.

40 Malherbe, *cit.*, pp. 114, 130.

41 Daniel Heller-Rosen, *The Inner Touch. Archaeology of a Sensation*. N. York, Zone Books, 2009.

42 Derrida, *cit.*, p. 334

43 Paria, de *parai*, tambour – de la clochette dont la non-personne de la caste inférieur de l'Inde se signalait "pour que leur ombre ne cause pas de la souillure sur les bramanes". Jean-Luc Nancy "Regarder, ne pas toucher", *Tumultes* 2/2003 (n° 21-22), p. 265-273: "Paria" désigne d'abord, pour nous Occidentaux, la caste désignée en Inde comme celle des Intouchables (...) Les Intouchables sont la caste la plus basse, ou plus exactement ils forment une catégorie à l'écart des quatre castes proprement dites. Le paria n'est pas seulement au bas d'une échelle sociale: il est dans un écart avec la structure sociale, il occupe une marge, presque un dehors, une zone de non-droit. (...) Le paria n'est pas seulement l'exclu qui subit la logique d'un système, il est le rejeté d'un ordre qui par son rejet se confirme et se consolide (...) (p. 265).

expressividade emocional, a individuação, a identidade. Numa perspectiva prática aludimos a ideias mestras em Medicina clínica e na Dermatologia enquanto inteligibilidade morfológica. A seguir, inspirados na fábula de Borges, concluímos mencionando a dualidade ou complementaridade entre mundos da sensibilidade e da racionalidade.

Afirmar que a alma é um nome para (a) experiência o corpo⁴⁴ é dizer muito e dizer pouco. Muito, pois contorna elegantemente o dualismo corpo-mente; pouco, pois, como Brian O'Shaughnessy demonstrou a motilidade animal exige instâncias apriorísticas, a saber, a imagem (global e local) do corpo (para lá dos actos reflexos, todo o movimento é total como Strauss, Goldstein, José Gil e outros insistiram) que viabilize e mobilize emoções,⁴⁵ e-moções, co-moções, programas de acção (que, activando e inibindo, orquestram infinitas melodias motoras em paralelo e a jusante), gestos e praxias, sob a (virtual) regência do Eu. Exibe o freudiano *Unheimlich* (da dismetria, da interferência, da impotência, da hamartia, do erro, do acto falhado, da hesitação, do *sentiment d'incomplétude*...) do iniciante ou do doente, a estranheza familiar do meu corpo/alma perturbado em o *imediato*, o aqui e o agora, em pessoa. Sugere a estranha reciprocidade entre expressão e automatismo – verificada na dor, no sonho, na esquizofrenia, na dança, no ilusionismo, etc. -, e, conseqüentemente, a

44 Nancy, *cit.*, p. 127: "Le corps est l'expérience de toucher indéfiniment à l'intouchable, mais au sens ou l'intouchable, n'est rien qui soit derrière, ni un intérieur ou un dedans, ni une masse, ni un Dieu. L'intouchable c'est ce que ça touche. (...Ce...) que touche, ce par quoi on est touché, c'est de l'ordre de l'émotion."; e na p. 126: "Un corps c'est donc une tension. Et l'origine grec du mot etc 'tonus', le ton. Un corps est un ton." - não estamos muito longe dos iatromecanistas. A pobreza deliberada do conceito de corpo de muitos filósofos que perturbará o médico ou biólogo (nele), certamente não decorre de desatenção ao sofrimento, à dor, ao stress e/ou ao trauma. Sabemos que ninguém mais do que o filósofo reflecte sobre a vida e a dor. Cabe, todavia, uma breve nota sobre a importância e composição do sistema polivagal, no cerne de muitas "reações" psicossomáticas: "First: the ventral vagal system: most recent system is related to the mammalian system - i.e., this system only exists in mammals and becomes more elaborated, more refined in higher mammals and primates. It is called the social engagement system. It's a system that is 100 – 160 million years old. Second: the sympathetic/adrenal system. that that goes back to reptilian period, and actually even to fish. From the reptilian period forward there is the sympathetic adrenal system. This has evolved over a period of about 300 million years, perhaps a bit more. This system has to do with mobilizing fight and flight responses but also has to do with bracing, holding, protecting and flexing. Third: the dorsal vagal or the myelinated vagal nerve (Stephen Porges). This is the nerve that goes from the back of the brain stem, down into the body and viscera: "energy conservation withdrawal."; "Pendulation - This is probably one of the most basic concepts of Somatic Experience."; "Perhaps it's also a quality of many, many indigenous and other healing systems ... But the idea is when a person has chronic pain, he/she obviously doesn't want to feel that (...). Often what happens is their nervous system then goes into the dorsal vagal system, where massive shutdown occurs (...)." (Levine, Porges, Phillips, 2015 <http://maggiephillipsphd.com>).

45 A partição e classificação, o estatuto neurológico, cognitivo e epistémico das emoções não é ainda consensual (trabalhos de António Damásio e Jaak Panksepp, entre outros, parecem fixar as emoções básicas, as "máquinas" pulsionais ou instintos, como géneros naturais subcognitivos ou protocognitivos).

centralidade da comoção ou emoção (segundo Nancy), a passibilidade originária e auto-afecção (segundo Michel Henry), o *feeling back*, a *passio reciprocata*, elevados a *fora* intersubjectivos da teoria da mente e da *mentalização* (proporcionando ocasiões e modos do adoecer psicossomático e do desvario mental).

Michel Serres, em *Les Cinq Sens. Philosophie des corps mêlés* (1985), comenta a famosa tapeçaria *La Dame à Licorne*. Em uma mui feliz interpretação, posto o desejo (operador de infinitude) e dada a intersubjectividade, quebra o código das configurações e ornamentações com uma chave semiológica proporcionada pela dama “do unicórnio”, a saber, o *subtexto* (grafado singelamente *À mon seul désir*) “enquanto pele que reveste os desejos”.⁴⁶ Passemos agora, da oralidade à escrita, da inscrição no corpo ao discurso epistémico. Se (voltando a *Tlön, Uqbar, Orbis Tertius*) em bóreas podemos ter um *continuum* que chega ao fusional, instantes de pseudo-alucinação privada e pseudo-alucinação pública gerando seres adjectivos que se transformam e “subtilizam” vertiginosamente, que seres, que epistemas e epistemologias sulistas, putativamente incomensuráveis com as nortistas, são imagináveis e permissíveis? É realista, é curial, postular modos de pensar e estar específicos austrais, como tal intraduzíveis na linguagem do norte, invisíveis pelos entes nortistas? Este tipo de discriminação à priori não lembra, imediatamente, os preconceitos etnocêntricos que atribui à corrupção a inegável decadência dos povos mediterrânicos e à preguiça o triste “estado” dos tropicais?⁴⁷ Teorias globais como as humoralista, o mecanicismo e o vitalismo, as nosologias médicas dos modernos (ou da época clássica, na terminologia de Foucault), as figurações e metamorfoses do corpo, tipificam um *Tlön* adjectivo, sensorio-dependente, em paradoxal estado de necessidade e de relativismo

46 Serres, cit., p. 65. Vd sobre esta obra Per Aage Brandt, “Esthétique et Sémiotique: le Beau”, *Cruzeiro Semiótico*, 1998, 9, pp. 17-28; vd diversa leitura da tapeçaria de Maria Teresa Horta, *A dama e o unicórnio*. Alfragide, Dom Quixote, 2013.

47 Compare: Boaventura de Sousa Santos, *Epistemologies of the South. Justice against Epistemocide*, London Routledge, 2014 (p. viii). Contra o que designa epistemocídio, o A. procura generosamente salvar a experiência dos povos do “Sul” e diagnostica a injustiça cognitiva (sic) e epistémica: “This book shows why cognitive injustice underlies all other dimensions; global social justice is not possible without global cognitive justice”. E conclui: “the emancipation transformations in the world may follow grammars and scripts other than those developed by Western-minded critical theory”. BSS esquece “epistemocídios”, imperialismos e genocídios a Sul e a Leste (os Bantos sobre os Koysan no passado, Otomanos sobre Curdos e Arménios, os soviéticos sobre os tártaros, os kmers vermelhos sobre milhões de camponeses, etc.) e, sobretudo, minimiza as provas neurobiológicas e linguísticas dos universais e da gramática universal (a regra COMPÔR, específica da espécie humana, por exemplo, deduzida por Chomsky e Berwick, cujo suporte genético parece determinado), e abstrai das atitudes ontológicas naturais. BSS incorre em *etnocentrismo-contra*, cremos, não problematiza, não demanda o contraditório e omite ou subverte a imensa investigação empírica, historiográfica e comparatista disponível (por exemplo, de um G. Lloyd, de Sivin e de Kuryama, inspiradas em Needham).

ontológico, à mercê dos progressos da tecnociência. Estaremos epistemicamente sempre condenados a tomar a nuvem por Juno, às inversões metonímicas ou hiponímicas, afinal os mestres operadores do imaginário?

Falta uma palavra sobre a representação (nomeadamente a estrutura, tónus e uso), o anonimato do organismo e do corpo e os problemas do se sentir, do *souci de soi*, do acesso ao sentimento de si, frutos e esteios da possibilidade do contacto com outrem. As achegas empíricas e experimentais da dor suportam a interessante tese leibniziana de que a percepção é modo participante e subordinado da expressão. A experiência da dor é, a vários títulos, modelo da psicopatologia da expressão (à maneira de E. Minkowski) e do “holismo” da percepção, do sentido. Estas instâncias são atratores notemo-lo, e deveriam impedir a propensão à metonímia e à reificação em Medicina e Psiquiatria e aconselham a partição tri-axial primária das patologias médicas: patologias da expressão (“psi”), da integração (imune, endócrina) e da regulação (cardiovascular, etc.). Revalorizando assim a atitude clínica dita psicossomática.

4. Conclusão: relação



“Pele, Tacto, Contacto...”

“Num universo monádico (diz o filósofo Carlos H. do Carmo Silva), como também em séries lineares sem bidimensionalidade, não há ‘espaço’ para o imaginário”.⁴⁸ Justamente, a pele, o eu-pele – o Eu-pessoa -, imagina, inventa, constrói, a requerida multi-dimensionalidade, nomeadamente a pluralidade das heteronomias das poéticas do abismo e das metafísicas do absurdo.⁴⁹ Incorre, assim, no perigo de formas falhadas de presença humana, do sentimento do oco impenetrável e da distorção esquizóide do pensamento.⁵⁰ Para lá da fisicalidade, cor-

48 Carlos H. do C. Silva, “O Imaginário da Filosofia. Da imagem intermédia ao imaginário especulativo – ou do pensar por interposta ‘pessoa’”, in A. Filipe Araújo, F. Paulo Baptista, “Variações sobre o Imaginário. Domínios. Teorizações. Práticas Hermenêuticas. Lisboa, Piaget, 2003, pp. 287-336 (p. 316).

49 Para além das obras notáveis de veia pessoana e deleuziana de José Gil ver: D. Michael Levin, *The Listening Self. Personal growth, social change and the closure of metaphysics*. London, Routledge, 1989 (pp. 157, 198s - o autor sublinha o narcisismo epistémico da modernidade e da evidência cartesianas e antecipa o futuro “epistemocídio” de modos de ser e regimes de prova outros).

50 Ludwig Biswanger, *Trois forms manquées de la Présence Humaine. La Présomption, la distorsion, le maniérisme*. France, Le Cercle Hermenêutique, 2002, 1956 (trad. J.-M. Froissard; Préface d’Alain Donnars), p. 114. Sa-

poreidade, ipseidade e identidade jubilantes, sobejam interrogações, ignorância e dúvidas:

"(...) *Nous demandons s'il y a une pure auto-affection du touchant ou du touché, donc une pure expérience immédiate du corps purement propre, du corps propre vivant, purement vivant. Ou si au contraire cette expérience n'est pas déjà hantée (...) par quelque hétéro-affection liée à espacement, puis à la spatialité visible: par ou, l'intrus, l'hôte, un hôte désiré ou désirable, un autre de secours ou un parasite à rejeter, un pharmakon qui, disposant déjà de son logement dans sa place, habite en revenant tout for intérieur.*"⁵¹

Como assimilar ou prevenir ou corrigir as formas falsas da presença, como sublimar a presunção e a distorção e, no caso dos poderes estabelecidos, incluindo académicos ⁵² – que os manejam e administram em doses maciças -, como resistir aos seus rituais e aos maneirismos que os sustentam? Sim, é preciso zelar pela alteridade do outro – o que não nos engana, o que não nos oprime, o que não nos explora - mas como? Quem sabe, quem pode, quem deve?⁵³

O clínico (o confidente que sabe dos corpos e das vidas das pessoas e por eles se "bate" e responsabiliza) no seu campo limitado, sem ser nem se considerar o dono de pergunta bem fundada, e ainda menos da boa resposta, confronta-se com os mistérios, as agruras e as queixas de um corpo ferido, parético ou mutilado, de um corpo doente, decadente ou moribundo. O paciente (porque vivo) é também, essencialmente, corpo de desejo e de Eros. Sentirá, por períodos, que o corpo que (se) é diminui, discorda, se afasta, que o corpo que (se) tem aumenta, acorda, se aproxima. Possuído pelo medo, insegurança, desespero e/ou depressão, fica mais frágil e mais transparente, qual corpo de vidro de entranhas doridas, sangrantes, expostas. Mas há que fazer face, ajudar, tratar – no respeito pleno da vontade e da verdade do doente, o outro, absolutamente singular. Assegurada profissionalmente a autenticidade e competência e conquistada a confiança, o *kairós* na navegação do momento presente "*as a world in a grain of sand*",⁵⁴ o corpo-a-corpo da relação terapêutica, exige clima (setting) adequado, distância íntima,

bemos que o trabalho empírico e hermenêutico de Ian Hacking, *Rewriting the Soul. Multiple personality and The Sciences of Memory* (1995) dissolveu (resolveu?) muita teoria psicopatológica romântica e gótica dos Dr. Hyde e Mr. Jeckyll, como reais novelas de ficção (inclusive científica, filha da ligação entre problema da identidade e ciência oitocentista da memória).

51 Derrida, *cit.*, p. 205.

52 Para além do nepotismo e familismo, temos assistido em Portugal a práticas censórias de Directores de faculdade e conselhos científicos que não interiorizaram ainda a liberdade de pensamento e de expressão!

53 Derrida, *cit.*, p. 218.

54 Stern, *cit.*, p. 240.

insight, empatia, contacto e diálogo, palavra amiga, confronto da finitude: segredos da intersubjectividade – justificando a psicopatologia enquanto mal de expressão (Eugene Minkowski)? Psicopatologia – anunciada quer nas festividades dionisíacas de Saturno, quer nos apolíneos esfacelos de Marsyas - que se reproduz nos maneirismos e estereótipos *prime time* daqueles tiranos misóginos sem-lei, daqueles "grandes" cleptocratas deste mundo, daqueles laconios para quem os fins sempre justificam os meios, obedientes a Vexa, alheios às notícias quotidianas da humanidade ferida. Ferida que atinge o médico *qua* cidadão e político - que não pode ser servo, nem servil, nem algoz -, que percebeu que a saúde e ciência exigem liberdade individual e responsabilidade social, equidade, hospitalidade, prevenção e educação em comunidade, escrutínio público bem avisado, crítica dos pares.

*Este trabalho foi publicado em *Philosophica*, 53, 2019 e foi elaborado sobre a comunicação de Manuel Silvério Marques "Pele, Tacto, Contacto – extremas de uma ontologia histórica"; os autores agradecem à direcção dos *Cadernos de Cultura* a sua publicação.

** Médico Aposentado. Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa | m.marques46@gmail.com

*** Investigadora e Professora Auxiliar convidada da FLUL. ULICES - Universidade de Lisboa | mariajesu@gmail.com | Este artigo teve origem na reunião *Le Toucher; Prospections Médicales, Littéraires et Artistiques*, FLUP, 8-9 Out 2018 (co-organizada por MJC) e numa comunicação de MSM às XXX Jornadas de Medicina da Beira Interior, 10 Nov.

CRISTÓBAL PÉREZ DE HERRERA (1556-1618?) (1558?-1620) - MÉDICO ESCOLAR DE SALAMANCA

*Maria José Leal**



Fig. 1 - Cristóbal Pérez de Herrera

Os biógrafos de Cristóbal Pérez de Herrera não são consensuais quanto às datas do seu nascimento e morte, os dados oscilam respetivamente entre 1556-1558 e 1618-1620. Michel Cavillac, Professor emérito da Université Michel Montaigne-Bordeaux 3, autor de numerosos trabalhos sobre “picarismo” e a sua transposição literária na Espanha do século XVI, situa-o muito objetivamente nascido em Salamanca em 1556 e falecido em Madrid a 9 de Junho de 1620, dando-nos uma completa bibliografia das obras de Herrera assim como do que sobre ele se tem escrito^{1 2 3}

Francesc Bujosa i Homar, catedrático da História da Ciência, da Universidade de Saragoça, e das Ilhas Baleares, diz-nos sobre Herrera:

Escritor español, nacido en Salamanca en 1556 ó 1558 y muerto alrededor de 1618 en Salamanca.

A pesar de que la fecha de nacimiento, 1558, esté documentada en un Memorial que el propio Pérez de Herrera escribió para presentar a Felipe II y Felipe

III, algunos retratos publicados en sus obras, en los que se menciona la edad del autor, permiten sospechar que en realidad nació en 1556. Existen igualmente ciertas contradicciones acerca del lugar donde Herrera realizó sus estudios. Aunque él se dice discípulo de Francisco Valles, lo cual ha hecho afirmar a muchos autores que estudió en Alcalá, de hecho, su nombre no figura en la documentación de dicha Universidad. Estos y otros muchos detalles voluntariamente oscuros de su biografía hacen pensar en un posible origen judío de este autor.

Tras doctorarse en Salamanca marchó a Madrid, donde ocupó la plaza de examinador del Protomedicato entre 1577 y 1580. Entre 1580 y 1592 fue médico de galeras, puesto desde donde se distinguió en diversos episodios bélicos por su valor y astucia. Regresó a Madrid en 1592, ciudad en la que fue nombrado médico de cámara de Felipe II. Las últimas noticias que se tienen de él son de 1618, cuando escribió su segundo Memorial al rey.^{4 5 6}

1 <http://dbe.rah.es/biografias/5418/cristobal-perez-de-herrera>

2 Michel Cavillac: El Madrid “utópico” (1597-1600) de Cristóbal Pérez de Herrera [article] Bulletin hispanique Année 2002 104-2 pp. 627-644

3 Philippe Rabaté: Michel Cavillac, « Atalayisme » et picaresque Mélanges de la Casa de Velázquez, 39-1 | 2009, 255-257.

4 <http://www.mcnbiografias.com/app-bio/do/show?key=perez-de-herrera-cristobal>

5 Garcia del Real, Eduardo: Cristóbal Pérez de Herrera, Medicamenta, 4 (1945), 177-183.

6 Granjel, Luis S.: Vida y obra del Doctor Cristóbal Pérez de Herrera. Salamanca: Seminario de Historia de la Medicina Española, 1959.

Da vida atribulada de Herrera, relembra-se os prováveis 460 anos do seu nascimento, o IV centenário da morte do escolar de Salamanca, aonde indubitavelmente se doutorou em Medicina, e também os VIII séculos da fundação da prestigiada Universidade, celebração a que muito a propósito se associam as XXX Jornadas de estudo MEDICINA NA BEIRA INTERIOR – DA PRÉ-HISTÓRIA AO SÉCULO XXI – CASTELO BRANCO 8-10 NOVEMBRO 2018.



Fig. 2 - "Discursos del Amparo de los legítimos pobres" de Cristóbal Perez de Herrera

Sem referir a multiplicidade de centros de cultura de âmbito *universitas*, e o inestimável valor para o aprofundamento e divulgação do conhecimento, desde uma longínqua Antiguidade ocidental e oriental, a primeira Universidade, nos termos modernos definida pela UNESCO, é a Universidade al Quaraouiyyine, em Fez, fundada em 859 por uma mulher Fátima al-Fihri (El-Fihriya) الفهرية فاطمة, nascida em 800 em Kairouan, atual Tunísia, sob o califado Abássida e falecida em 880 em Fez. Fátima fora herdeira de avultada fortuna, era financeiramente autónoma, com a família deslocou-se para o território do Califado Idríssida, dinastia árabe xiita (788-974) que ocupou o território magrebino do atual Marrocos, com um governo aberto a diversas culturas e portanto propício ao peculiar percurso de vida e às iniciativas culturais que Fátima alcançou realizar.^{7 8 9 10}

7 http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-68852014000200016

8 Abu-Lughod, Lila (2001). Orientalism and Middle East Feminist Studies. *Feminist Studies*, vol 27, n. 1, 101-113

9 H. Abdul Rashid. Fatima al-Fihri – Founder of the Oldest University in the World. *The Urban Muslim Woman*. Junho 20 2014.

10 <http://theurbanmuslimwomen.wordpress.com/2008/08/04/fatima->

Al Quaraouiyyine conta entre os seus escolares medievais mais distinguidos o geógrafo, cartógrafo e egiptologista Muhammad al-Idrisi (1099 – 1165); o médico, filósofo, teólogo, astrónomo, físico, linguista Averroes (1126 - 1198); o médico, filósofo, historiador, astrónomo Maimonides (1135 – 1204)

Na Península Ibérica em 859, no Reino das Astúrias a norte reinava Ordonho I (850-866), Maomé I era o Senhor do Emirato de Córdova (852-886), Salamanca e Coimbra faziam parte do seu território.

A al Quaraouiyyine seguiram-se outras Universidades, al-Azhar no Cairo Egito em 988, Bolonha em 1088 (Itália só foi país em 1868), Oxford na Inglaterra Normanda cerca de 1096, Paris em França em 1170, **Salamanca em 1218** fundada por Afonso IX rei da Galiza e Leão (unificação de Castela e Leão em 1230, unificação de Castela e Aragão em 1492, país Espanha), Montpellier em França 1220, Pádua em 1222 (Itália id.), Nápoles 1224 (Itália id.), Toulouse em França 1229, Siena em 1240 (Itália id.), Valladolid ...Palência em Castela e Leão em 1241, Múrcia em Castela e Leão em 1272, **Coimbra em Portugal em 1290**, (Estudo Geral de Lisboa Portugal 1288/1290 fundado por D. Dinis: *carta Scientiae thesaurus mirabili*)



Fig. 3 - Estudo Geral

*Excluindo-se a efémera Universidade de Palência nos anos de 1175 a 1180 (que nunca foi reconhecida efetivamente com o título de universidade), a Universidade de **Salamanca** é a mais antiga da Península Ibérica.*

Como conjunto de escolas catedrais, foi criada em 1134 por el-rei Afonso VII. A fundação da Universidade, como tal, data do ano 1218 por el-rei Afonso IX, com a categoria de Estudo Geral do seu reino. O título de Estudo Geral indicava

[-al-fihri-founder-of-the-oldest-university-in-the-world/](http://al-fihri-founder-of-the-oldest-university-in-the-world/)

a diversidade das disciplinas ensinadas, a sua condição de estabelecimento público, isto é, sem o carácter privado de colégios anteriores, sendo uma instituição aberta a todos que para ela tivessem merecimento (no conceito da época). A condição de Estudo Geral garantia também o reconhecimento real dos títulos que fossem concedidos. Em 1255, recebeu o título de universidade pelo Papa Alexandre IV.¹¹



Fig. 4 - 800 anos da Universidade de Salamanca

Muitos portugueses do século XVI, mais ou menos ilustres, foram escolares de Salamanca, Pedro Nunes (1502-1578) matemático, Gaspar Frutuoso (1522-1591) historiador Açoriano, Amato Lusitano (1511-1568) patrono maior dos temas destas Jornadas, são gabarito para uma das mais antigas Universidades europeias e a mais antiga da Península Ibérica.

Em 1574 Herrera é Bacharel em Artes e em 1577 Bacharel em Medicina com o grau de Licenciado? Doutor?

De imediato, em 1577 é nomeado Protomédico em Madrid: um dos três examinadores para habilitar os concorrentes licenciados ao exercício da medicina, o exame do Protomedicato, terá sido instituído por Francisco Vallés (1524-1592) *el mayor exponente español de la medicina renacentista*, professor em Alcalá de Henares, eminente anatomista, médico pessoal de Felipe II. Apesar de Herrera nunca ter frequentado Alcalá de Henares, refere-se a Vallés como *primer magister meus et vere mecenas*. Este relacionamento não de todo evidente é motivo para a controvérsia levantada pelos seus biógrafos quanto ao obscurantismo das suas origens⁽⁴⁾⁽⁵⁾⁽⁶⁾

Não foi apenas em Salamanca que Herrera terá convivido com condiscípulos portugueses, as condições políticas eram propícias, Felipe II (1527 – 1598) era Rei de Espanha desde 1556 e Rei de Portugal e Algarves como Filipe I a partir de 1581, depois da crise sucessória da coroa portuguesa, o aforismo que lhe é atribuído *En mi imperio nunca*

se pone el sol, atesta a dimensão territorial do somatório de dois impérios.

Filipe I foi reconhecido como rei de Portugal nas Cortes de Tomar de 1581, no entanto, o neto ilegítimo de D. Manuel I, pretendente ao trono, António Prior do Crato, tinha sido aclamado rei de Portugal pelo povo no castelo de Santarém em 24 de Julho de 1580, com apoio popular crescente em vários concelhos, mas a 25 de Agosto, as suas forças são derrotadas na batalha de Alcântara pelas do duque de Alba.

Depois de deambulações pela Europa à procura de apoios, em 1582 António Prior do Crato está na ilha Terceira nos Açores, este território havia tomado o seu partido e foi aí que continuou a governar. As forças espanholas acometeram várias incursões nas ilhas sem grande sucesso, foram derrotados em 1581 na Batalha de Salga, em 1582 Herrera parte para Lisboa, chamado a participar na Expedição aos Açores.

A Armada espanhola desembarca na Ilha Terceira em 26 Julho 1583, Herrera, organiza um hospital de campanha para tratamento dos feridos, o que lhe valeu o seguinte louvor: *En las dos jornadas de las Azores demostró, como en ocasiones anteriores, su valor a toda prueba; improvisó un hospital en la isla de San Miguel*. Em Agosto foi ferido *por arcabuz na jornada del Fayal*.

As forças espanholas muito superiores, sob o comando de D. Álvaro de Bazán, dominam a ilha após violentos combates.

Herrera regressa a Espanha e de 1583 a 1592 desempenha as funções de Protomédico das galeras nos portos andaluzes e em campanhas militares no Mediterrâneo, é provavelmente neste período que contacta de muito perto com o infortúnio e a realidade social dos mais desvalidos e marginalizados remadores das galeras, condenados justa ou injustamente a uma existência degradante. Aí também vivencia a trama de artimanhas e embustes que na própria desgraça os seres humanos infligem uns aos outros.

Decerto não lhe é estranha a obra publicada em 1554 em Burgos e Medina del Campo de autor anónimo, *La vida de Lázaro de Tormes y de sus fortunas y adversidades*, que relata de forma epistolar as agruras da vida do narrador, uma epopeia da fome em contradição com as tradicionais gestas guerreiras e os livros de pastores e cortesãos enamorados. Uma mudança de atitude perante os desafortunados está-se

¹¹ https://pt.wikipedia.org/wiki/Universidade_de_Salamanca

a operar na sociedade espanhola, eles também podem ser protagonistas.

Em 1592, vive em Madrid com esposa e dois filhos, é médico da Casa Real, o seu protetor Francisco Vallés falecido nesse ano fora desde 1572 *Médico de Cámara y Protomédico General de los Reinos y Señoríos de Castilla*.

Até 1598 desenvolve intensa militância na paróquia de San Martín em favor do amparo de *los legítimos pobres, y reducción de los fingidos*, com os companheiros Mateo Alemán (futuro autor de *Guzmán de Alfarache*), o Prior Francisco Vallés (filho do mestre de Alcalá) e Alonso de Barros (poeta e aposentador real); os quatro estão unidos por idênticas preocupações sociais.

Guzmán de Alfarache a novela picaresca escrita por Mateo Alemán foi publicada em duas partes: a primeira em Madrid em 1599, com o título *Primera parte de Guzmán de Alfarache* e a segunda em Lisboa em 1604, com o título *Segunda parte de la vida de Guzmán de Alfarache, atalaya de la vida humana*. O protagonista é de novo um marginalizado, condenado às galeras que conta as suas aventuras e malfazeres, uma espécie de confissão em que apesar de toda a maldade cometida o arrependimento é sempre possível.

Não será difícil perceber a participação de Herrera na construção desta obra, ele conheceu de perto os relatos de vida dos condenados às galeras.

Em Espanha é criada uma rede de albergues para *los pobres verdadeiros*, em 1596, Herrera e seus companheiros, procedem à *Fundación del Albergue de Madrid Hospitium Pauperum*, entidade que funcionou como *Hospital General y de la Pasión* durante os séculos XVII e XVIII; como Hospital Provincial de Madrid nos séculos XIX e XX, em 1965 foi reabilitado para instalar o Museu Nacional Reina Sofía e Conservatório.

Herrera muito provavelmente um hipercinético, nutria uma quase obsessão relativamente aos ociosos *El ocio es la madre de todos los vicios!*

Se durante o ócio podem surgir grandes ideias ou geniais criações, pelo contrário, o ócio mal gerido pode levar até aos comportamentos mais degradantes. Herrera julga necessário que a sociedade desempenhe um papel de atalaia para estas situações (3) implementando a *Reformación de los ociosos. Para los impostores — la inmensa mayoría — deberiam ocupar-se en oficios mecánicos [...] de manera que estos reinos*

abunden de las mercaderías que se traen de fuera dellos.

Esta ambiciosa verdadeira razão de Estado, foi expressa no seu primeiro Discurso editado em 1595: *A la Católica y Real Majestad del Rey...* aprovado pelas Cortes de Castilla

Em 1598 publica a sua obra *Discursos del amparo de los legítimos pobres y reducción de los fingidos, y de la fundación y principio de los albergues destes reinos, y amparo de la Milicia dellos.*

Felipe II morre em 1598 e coincidente ou não com a falta de proteção régia... falha a promulgação da *Ley de Pobres*, já em preparação, que não mais mereceu a atenção dos governantes. Francisco Vallés tinha falecido 1592, não mais o apoio do seu *primer magister meus et vere mecenas*.

Herrera edita compulsivamente são sucessivas e crescentes as dívidas aos editores, com processos judiciais que não decorrem a seu favor.

São-lhe sempre negadas as petições para a ocupação de lugares a vagar e para remunerações por antigos serviços prestados, parece que uma nuvem negra lhe tolda os intentos. Em oposição à sua política de eliminação da pobreza, persiste o conceito que a pobreza é um mal necessário, motivo para o bem-fazer dos privilegiados da sorte.

Morreu na pobreza em Madrid

Diz Michel Cavillac: *Según su deseo, fue enterrado en el (hoy desaparecido) Convento de la Merced, convertido más tarde en Plaza del Progreso*: todo un símbolo para quien dedicara su existencia —hartas veces en vano— a intentar modernizar la rancia mentalidad señorial de la España de su tiempo.*

Mas algo persistiu na Espanha, Bartolomé Esteban Perez Murillo, o célebre pintor sevillano (1617-1682) a par da iconografia religiosa que o tornou famoso, não é insensível ao quotidiano miserável do seu tempo, em muitas das suas telas os protagonistas são crianças andrajosas magistralmente retratadas, uma inovação que abalou os paradigmas artísticos do agradável e do belo.

*Plaza de Tirso de Molina em Madrid

Obras de Cristóbal Pérez de Herrera:

- A la Católica y Real Majestad del Rey Don Felipe S. N., suplicándole se sirva de que los pobres de Dios mendigantes verdaderos destes

sus reinos, se amparen y socorran, y los fingidos se reduzgan y reformen, Madrid 1595

- Discurso en que se suplica a la Majestad del Rey D. Felipe N. S. se sirva mandar ver si convendrá dar de nuevo orden en el correr de toros para evitar los muchos peligros y daños que se ven con el que hoy se usa en estos reinos, Madrid, 1597

- Discurso al Rey Felipe N. S., en que se le suplica que, considerando las muchas calidades y grandezas de la villa de Madrid, se sirva de ver si convendría honrarla y adornarla de muralla, y otras cosas que se proponen, con que mereciese ser Corte perpetua y asistencia de su gran monarquía, Madrid, 1597

- Discursos del amparo de los legítimos pobres y reducción de los fingidos, y de la fundación y principio de los albergues destos reinos, y amparo de la Milicia dellos, Madrid, 1598

- Dubitationes ad maligni popularisque morbi qui nunc in tota fere Hispania grassatur, exactam medellam, Madrid, 1599

- A la C. R. M. del Rey D. Felipe III N. S., cerca de la forma y traza como parece podrían remediarse algunos pecados, excesos y desórdenes en los tratos, bastimentos y otras cosas de que esta villa de Madrid al presente tiene falta; y de qué suerte se podrían restaurar y reparar las necesidades de Castilla la Vieja, en caso de que Su Majestad fuese servido de no hacer mudanza con su Corte a la ciudad de Valladolid, Madrid, 1600

- Elogio a las esclarecidas virtudes de la C. R. M. del Rey N. S. Don Felipe II que está en el cielo, y de su ejemplar y cristianísima muerte, Valladolid, 1604

- Clypeus puerorum, Valladolid, 1604

- Defensa de las criaturas de tierna edad, y algunas advertencias cerca de la curación y conservación de su salud, Valladolid, 1604

- Epílogo y Suma de los discursos que escribió del amparo y reducción de los pobres mendigantes y los demás destos reinos, y de la fundación de los albergues y casas de reclusión y galera para las mujeres vagabundas, Madrid, 1608

- Curación del cuerpo de la República, Madrid, 1610 - Carta apologética al doctor Luis de Valle, Médico de Cámara del Rey N. S., en respuesta a una carta suya, de unas objeciones opuestas por ciertas personas a un discurso que escribió [...] de la Curación del cuerpo de la República, 1610 (ed. en CODOIN, Madrid, 1851, t. XVIII, págs. 564-574)

- Compendium totius Medicinae ad tyrones, Madrid, 1614

- Brevis et compendiosus tractatus de essentia, causis, notis, praesagio, curatione et praecautione faucium et gutturis anginosorum ulcerum morbi suffocantis, 'Garrotillo' Hispane appellati, Madrid, 1615;

- A los Caballeros Procuradores de Cortes del Reino que por mandado del Rey N. S. se juntaron en 9 de febrero deste año de 1617 en esta villa de Madrid, en razón de muchas cosas tocantes al buen gobierno, estado, riqueza y descanso destos reinos, Madrid, 1617;

- Relación de los muchos y particulares servicios que por espacio de 41 años el Doctor [...] ha hecho a la Majestad del Rey Don Felipe II que está en el cielo, y a la de D. Felipe III N. S. que Dios nos guarde muchos y felicísimos años, Madrid, 1618;

- Proverbios morales y Consejos cristianos muy provechosos para concierto y espejo de la vida, adornados de lugares y textos de las divinas y humanas letras; y Enigmas filosóficas, naturales y morales, con sus comentarios, Madrid, 1618.



*Bartolomé Esteban Pérez Murillo
Sevilha 1617- Sevilha 1682*

*Médica. Investigadora

////////////////////////////////////
**PADRÕES E DETERMINANTES DA MORTALIDADE NA
COMARCA DO ABADENGO DURANTE A CONSTRUÇÃO
DO CAMINHO-DE-FERRO DO DOURO (1883-1887).
ALGUNAS NOTAS EPIDEMIOLÓGICAS
E GLOBAIS PARA REFLEXÃO**

*Román Hernández Rodríguez**

*Carlos d'Abreu***

*Emilio Rivas Calvo****

Resumo

Entre 1883-1887, a comarca raiana salmantina do Abadengo recebia um aluvião migratório, também português, perante a procura de mão-de-obra para a construção da via-férrea do Douro (La Fuente de San Esteban / Barca d'Alva). Abrindo-se assim novas expectativas para todos e incorporando-se este território aos primeiros vagões do progresso ibérico.

O desafio na organização e adequação ambiental que as novas necessidades de saúde colocaram às povoações mais directamente envolvidas, como La Fregeneda e Hinojosa de Duero, foi muito importante.

Migração, saúde e ambiente permissivo, elementos de uma equação demográfica saldada pelo impacto que o grande aumento da mortalidade supôs como factor principal, de uma ciência médica marcada ainda pela *praxis* do "miasma" higienista e às portas de uma concepção etio-patogénica, que seria decisiva nos anos vindouros.

Assim, maioritariamente as crianças e trabalhadores, como grupos de risco, e as causas infecciosas e aquelas ligadas à actividade laboral e aos comportamentos, determinantes em saúde, constituíram-se como padrões da mortalidade mais característicos.

Era o início da Modernidade, o trânsito do modelo de desenvolvimento de uma sociedade agrícola a outra industrial, que a ninguém deixou indemne. O paradigma de uma nova forma de entender o mundo e de o organizar, em suma, o positivismo.

Resumen

Entre 1883-1887, la comarca rayana salmantina del Abadengo recibía un aluvión migratorio, también portugués, ante la demanda de mano de obra para la construcción de la vía-férrea del Douro (La Fuente de San Esteban / Barca de Alva). Se abrían así nuevas expectativas para todos y este territorio se incorporaba a los primeros vagones del progreso ibérico.

El desafío en la organización y adecuación ambiental que las nuevas necesidades de salud colocaron en las poblaciones más directamente implicadas, como La Fregeneda e Hinojosa de Duero, fue muy importante.

Migración, salud y ambiente permisivo, elementos de una ecuación demográfica saldada por el impacto que el gran aumento de la mortalidad supuso como factor principal, de una ciencia médica marcada aún por la *praxis* del "miasma" higienista y a las puertas de una concepción etio-patogénica, que sería decisiva en los años venideros.

Así, mayoritariamente los niños y trabajadores, como grupos de riesgo, y las causas infecciosas y aquellas ligadas a la actividad laboral y a los comportamientos, determinantes en salud, se constituyeron como patrones de la mortalidad más característicos.

Era el inicio de la Modernidad, el tránsito del modelo de desarrollo de una sociedad agrícola a otro industrial, que a nadie dejó indemne. El paradigma de una nueva forma de entender el mundo y de organizarlo, el positivismo.

Introdução

Contexto histórico da época: determinantes ambientais sócio-económicos

Relativamente a outros países mais desenvolvidos, como a Suécia, Inglaterra ou França, Espanha tinha uma esperança de vida similar à que estes possuíam em meados do século XIX. Os 50 anos de esperança de vida ao nascer, nas mulheres, não se superaram em Espanha praticamente até meados do século XX, enquanto que este valor havia sido alcançado pela Noruega em 1861, França e Inglaterra duas décadas depois e Alemanha a inícios do século XX.

Durante o curto período compreendido entre 1883 e 1887, a comarca rural do Abadengo, no SW salmantino, em plena raia luso-espanhola duriense, sofria uma transformação radical nos seus padrões demográficos e de mortalidade. Algumas das suas localidades mais afectadas, como La Fregeneda e Hinojosa de Duero, multiplicaram a sua população perante a emigração gerada pela necessidade de mão de obra para a construção da via-férrea do Duero, que uniria o Porto a Salamanca, experimentando paralelamente a mortalidade também um espectacular aumento.

Os padrões de mortalidade no Abadengo durante este período de cinco anos (1883 -1887), tanto a geral como a específica por idade e sexo e até a proporcional por causa, são sobreponíveis aos de qualquer grande cidade de finais do século XIX submergidas em plena voragem industrial, salvando o tamanho populacional, como é óbvio.

Aquelas que experimentaram os maiores índices de desenvolvimento e progresso na época (Londres, Paris, Munique, Haia, Madrid, Barcelona, Lisboa, Porto, etc.), as mesmas cujas dinâmicas sócio-ambientais, biografias individuais e colectivas e intra-histórias, foram ficticiamente recriadas no mundo literário por autores como Dickens, Zola, Ibsen, Dostoiévski, Galdós e outros, e também no Abadengo, recentemente, por Luciano Egido na sua novela "Los túneles del Paraíso"¹.

Traduz simbolicamente essa fase histórica de transição ocidental de uma sociedade "agrícola" a outra "industrial", onde a roda, o arado, a família patriarcal e a actividade produtiva exercida na oficina do artesão, deram lugar à máquina a vapor, aos primórdios da indústria química, à família nuclear e à manufacturação massiva de mercadorias realizada nesses novos "templos produtivos", que

se chamaram fábricas, de importância capital desde então, também na organização social através da sindicalização dos trabalhadores.

Tudo é novo... e todos são "ismos" nos espectaculares triunfos alcançados pelas novas ciências com a assumpção do positivismo empírico, paradigma destes tempos como forma de compreender o mundo e operacionalizá-lo aparentemente mais além da divindade, e que pouco a pouco vai impregnando todas as formas e esferas da actividade humana.

Os meios de produção passam do mundo rural às cidades e, com eles, emigram também as pessoas procurando novas oportunidades, o que gera um crescimento exponencial na produção de matérias com a consequente expansão dos mercados – favorecida também esta pela melhoria no rendimento dos transportes a vapor e das vias de comunicação – e o incentivo ao consumo.

Aquelas transações comerciais de "andar por casa" com frequentes trocas directas de mercadorias baseadas na confiança mútua das aldeias, são substituídas por outras mais sofisticadas nas quais tudo tem um valor monetário flutuante no tempo, pela lei da oferta e da procura.

Pela inércia desta dinâmica e apesar da sua grande conflituosidade inerente, começam a estabelecer-se e a estruturar-se novas formas de relações sócio-económicas, contratuais e políticas, que não deixaram indomne a nenhum indivíduo ou colectivo na sua adaptação aos novos "papéis e *status*" sociais a jogar e alcançar, incluindo o da mulher na sua entrada no mercado laboral.

E fazem-no, com maior ou menor êxito (menor no caso espanhol segundo Ortega y Gasset na sua "La España invertida") sob a protecção de um ordenamento jurídico-administrativo e institucional de fundo – o da constituição das democracias liberais montesquianas –, que servirá de base para uma nova estrutura e organização social piramidal, já sedimentada na mentalidade de quase todos, relativamente a princípios e valores mais dignificantes, quase cem anos depois da revolução francesa.

Uma pirâmide estratificada, com um vértice legitimado por um estado-nação, como ideal mitificado de "mãe-pátria protectora" assim como pelo desenvolvimento dos seus três poderes que parecem englobar tudo; um segundo escalão constituído por todo o tipo de ordenamentos territoriais suportados na prática pelos novos e vastos campos operacionais que os municípios

¹ EGIDO, Luciano G., *Los túneles del paraíso*, Barcelona, Tusquets Editores, 1.ª ed., col. Andanzas, 2009.

têm que assumir como procuras generalizadas; um terceiro ocupado por uma nova configuração das fábricas-empresas que vai tomando forma, a diferentes tempos, à medida que se vai resolvendo o conflito entre as exigências do mercado e as dos seus próprios trabalhadores; e uma quarta composta pela generalização do novo modelo familiar nuclear integrado já só por pais, filhos e avós no máximo, como melhor forma de defesa e adaptação emocional, económica e psico-social, perante os incontáveis vai-vens imprevistos desse grande dragão, tanto ou mais caprichoso que os deuses, chamado mercado.

Sim..., um “mercado assim concebido, como fantasma onnipresente, com as suas leis”, organizado em torno de duas forças ou polos opostos, os produtores, representados pelos capitalistas e os consumidores, pelas organizações sindicais, capazes de criar uma diferença de potencial – conflituosidade de interesses – que proporcionará a energia necessária a todo o sistema. Toda uma recreação da nova ciência experimental ao serviço da nova causa, “a do mundo como representação da vontade”, parafraseando o título de Schopenhauer.

Efectivamente, o mercado já por finais do século XIX se constitui como a placa tectónica que suporta e vitaliza com o seu dinamismo contínuo a estratificação da pirâmide referida, como se de outra máquina a vapor mais se tratasse, apesar das dramáticas consequências ocasionais do seu devaneio sísmico, danos e sofrimentos colaterais, mas sempre menores, na busca de maiores graus de liberdade e felicidade para o ser humano.

No Abadengo entre 1883 e 1887, como em todos os polos de industrialização dessa época, ainda que passageiros, a pobreza, a fome, os desenraizamentos e faltas de apoio típicos da emigração, a falta ou inadequação das condições ambientais e laborais, a falta de higiene e a indigência, os riscos e sequelas laborais, as doenças e as mortes..., enfim, tudo teve que subtrair-se num primeiro momento às leis ou condições que impunha o mercado, que nessa época, dominado pelo polo capitalista, era o aumento da produção a qualquer preço.

Eram as formas desse tempo de compreender o mundo e de o organizar através do positivismo científico e dos cânones sócio-económicos que chamamos Modernidade, ainda que remissas em algumas esferas.

Salário, preço, lucros, oferta, procura, organização das forças de trabalho e balanço, foram os novos conceitos incorporados mais utilizados

nas justificações científicas usadas, como também o foi, de forma instintiva e solapada na época, essa “mão negra” de A. Smith, constituída pelo interesse e o egoísmo do género humano como motor invisível da economia, embora K. Marx incorporasse e desenvolvesse sob o prisma duma dialéctica histórica materialista, a ideia da luta de classes como modo de alcançar a justiça social igualitária.

Mas paradoxos da História, as forças do “capital versus trabalho”, “A. Shmith versus K. Marx”, como motores de um progresso e de um desenvolvimento humano, onde o próprio homem, alienado (K. Marx), não constituía mais que outra matéria.

Este é o cenário global onde operam os determinantes e condicionantes ambientais da mortalidade, de carácter económico, social, laboral e comportamental.

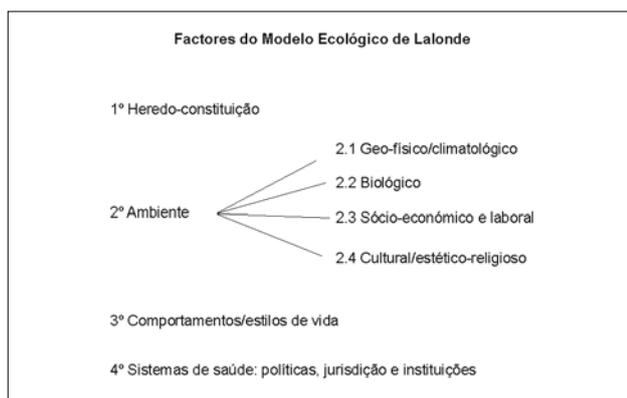
Determinantes e condicionantes biológicos da mortalidade no Abadengo (1883-1887): grupos de risco

O modelo da mortalidade no Abadengo, nesta época, segue a pauta da denominada primeira transição epidemiológica, onde as doenças infecto-contagiosas maioritariamente, mas também os acidentes laborais, e as patologias carenciais nutritivas (anemias, cretinismo, raquitismo, etc., algumas com conotações congénitas) e de desgaste orgânico (bronquites crónicas ou enfisemas pulmonares, insuficiências cardíacas, sequelas pós-infecciosas e da actividade laboral, etc.), ocupam as primeiras posições por causa de óbito.

Este padrão de mortalidade característico distingue três grupos populacionais de risco especial, um neo-natal e infantil maioritário (geralmente associado a doenças transmissíveis), outro de homens adultos activos (pelas mesmas causas mais as somadas à sua actividade laboral) e um terceiro de mulheres em etapa fértil e em relação com a sua gestação, com as infecções como jogador de fundo causal, como nos anteriores.

Dos quatro factores que o “Modelo Ecológico de Lalonde” (Quadro 1) contempla como causantes e/ou condicionantes da mortalidade (heredo-constitucional², ambiental, estilos de vida e organização dos sistemas de saúde), é o ambiental, de longe, o que maior peso específico tem como responsável da mortalidade nesta comarca e nessa época.

² a) Genótipo (padrão genético herdado dos progenitores) e Fenótipo (padrão genético herdado mas modificado pelo impacto ambiental).



Quadro 1: Factores de Modelo Ecológico de Lalonde

E é-o, através de importantíssimas carencias ou inadequações:

- a) no saneamento básico – inexistência de separação de águas para o consumo humano das residuais, quando não partilhadas com os animais; acumulação de lixos nas ruas por falta de serviço de limpeza urbana; inadequação dos cemitérios; manutenção de charcos de água como focos vectoriais de insectos (focos de paludismo); etc.;
- b) na dotação habitacional – espaços mínimos, climaticamente mal acondicionados, com ares poluídos nos invernos pelos sistemas de aquecimento; má conservação de alimentos nos estios; abrigo de todo tipo de parasitas, roedores e insectos; autênticos tugúrios, quando não compartindo o espaço directamente com os animais nos estábulos; etc.;
- c) nas condições sócio-económicas – pobreza; fome; falta de higiene pessoal; condições laborais esgotadoras, perigosas e de muitas horas com poucos períodos de descanso e sem gestão de riscos; desenraizamento familiar pela emigração; falta de protecção e de cobertura social; analfabetismo e falta de formação; etc.;
- d) dois surtos de cólera com o estabelecimento de um cordão sanitário por parte de Portugal.

Muitas destas análises são já corroboradas com exemplos concretos pelo trabalho anteriormente publicado³.

Numa época em que se desconheciam a maioria das causas das doenças, sendo tudo atribuídas a diferentes “miasmas” (maus cheiros, maus ares, maus ventos, más águas, alimentos putrefactos, etc.), estas eram as acepções apontadas nos

³ RIVAS CALVO, Emilio & ABREU, Carlos d', "Mortalidad (inusitada) en la comarca del Abadengo durante la construcción de la vía-férrea del Duero (1883-1887)", in *Côavisaõ economia, ciência e cultura*, ano XVII, n.º 16, Vila Nova de Foz Côa, Câmara Municipal, 2014, pp. 149-162.

certificados de óbito como causa de morte (Quadro 2): gastroenterites; colites; enterites; desintérias; diarreias; tífis; paludismo; todo tipo de febres (gástrica, puerperal, perniciosa, larvada, etc.), tisis e tuberculose pulmonar; catarros; bronquites; pneumonias; sarampo; varíola; tabes; febre puerperal; e outras).

CAUSAS DE MORTALIDADE (1883-1887)				
Doença	La Fregeneda	Hinojosa	Bogajo	Olmedo
Apoplexia	6	2	0	0
Bronquite	19	19	0	0
Catarros	17	0	6	7
Colites	3	0	0	0
Diarreias	0	0	0	3
Disenterias	18	3	2	2
Enfisema pulmonar	0	6	0	0
Enterite	32	34	6	0
Enterocolite	74	0	9	0
Gástrica	11	3	6	0
Gastroenterite	24	89	12	20
Hidropesia	12	8	1	0
Meningite	7	1	0	0
Pneumonia	3	20	2	4
Paludismo	115	11	0	0
Pleuropneumonia	8	0	0	0
Pulmonia	7	16	0	0
Sarampo	18	12	1	6
Tifóides	16	2	0	15
Tisi pulmonar	0	4	0	0
Tuberculose	6	12	0	2
Varíola	13	0	0	0
Total parcial	409	242	45	59
TOTAL	755			

Quadro 2: Causas de Mortalidade (1883-1887)

À luz da ciência actual, estas acepções correspondem a processos produzidos por diferentes bactérias, vírus e protozoos de etiopatogenias hoje muito bem conhecidas, tais como: salmonelose; febres tifóides; síghele; cólera; outras gastroenterites por diferentes enterobactérias; tosse ferina; difteria; gripe; sarampo; varíola e outras viroses respiratorias; pneumonias pneumocócicas e produzidas por outros gérmes; paludismo; sífilis; diferentes gangrenas por anaeróbios; etc.

Longe dessa segunda transição epidemiológica na que actualmente a comarca se encontra e em cujas primeiras posições por causa de óbito se situam

as que em determinado momento se denominaram “doenças da civilização”, com o cancro e as doenças cardio-vasculares (como o enfarte de miocárdio e os acidentes cerebro-vasculares à frente) representando quase 75% das mesmas, seguidos pelas endócrino-metabólicas (diabetes *mellitus*, hipercolesterolemias, obesidade, gota, etc.) e os processos degenerativos ligados ao envelhecimento (doença de Alzheimer, outras demências senis, insuficiência cardíaca, insuficiência renal, doença de Parkinson, degenerações osteo-articulares; e outras) e onde as doenças infecciosas (representadas fundamentalmente pelas pneumonias e as infecções renais, com ou sem septicemia generalizada, hoje autêntico açoite hospitalar) ocupam o 5º ou 6º lugar.

Agora, com saldos fisiológicos populacionais de crescimento negativo, esperanças de vida na ordem dos 74-77 anos e índices de envelhecimento próximos a 20% na zona, só existe um grupo etário de risco maioritário onde a mortalidade bate, o da população com idades superiores aos sessenta e cinco anos.

São os estilos de vida ligados ao sedentarismo, à sobrealimentação e aos hábitos tóxicos (tabaco, álcool, drogas, delinquência, promiscuidade sexual e prostituição, etc.), juntamente com os associados à contaminação química ambiental e do processamento alimentar, os maiores responsáveis da maior parte dos óbitos nas sociedades ocidentais, e também no Abadengo actual.

Resultados
Padrões da Mortalidade

O número de habitantes de três das vilas da comarca do Abadengo mais directamente implicadas na construção do caminho-de-ferro e relativamente aos censos populacionais de 1877 e 1887 (Quadro 3), sofre um crescimento de 9,75%, sendo que o número total para o final desta década foi de 6.704 de habitantes, enquanto se verificaram um total de 1.334 óbitos, apenas entre 1883-1887 (Quadro 4).

POPULAÇÃO	1877		HAB.	1887		HAB.
	Homens	Mulheres		Homens	Mulheres	
La Fregeneda	666	716	1.382	784	812	1.596
Hinojosa	908	923	1.831	963	1.051	2.014
Lumbrales	1.399	1.496	2.895	1.469	1.625	3.094

Quadro 3: População de La Fregeneda, Hinojosa de Duero e Lumbrales (1877-1887)

ÓBITOS POR LOCALIDADE (1883-1887)			
La Fregeneda	681	Bogajo	96
Hinojosa	409	Olmedo	107
Lumbrales	26	Villavieja	15
Total	1.334		

Quadro 4: Óbitos por localidades (1883-1887)

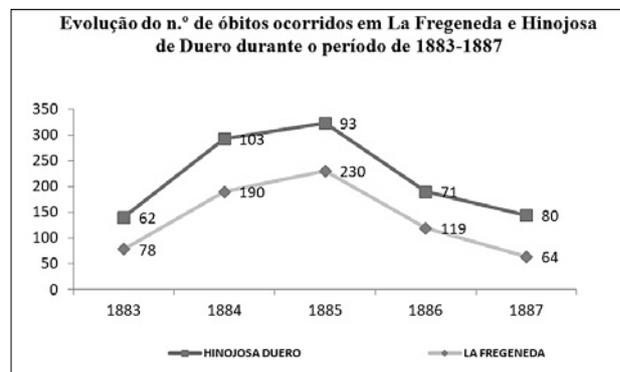


Gráfico 1: Evolução do n.º de óbitos ocorridos em La Fregeneda e Hinojosa de Duero (1883-1887)

Como se observa no Gráfico 1, a evolução da mortalidade nestes cinco anos (La Fregeneda e Hinojosa) segue uma acentuada linha ascendente durante os três primeiros anos referidos (tendencialmente menos acentuada entre 1884 e 1885), começando a descender acentuadamente a partir de 1885 e até ao final do período, se bem que de forma mais suave nos dois últimos anos.

O que se explica pelo início das obras e o correspondente impacto demográfico imediato que elas implicaram, sem as necessárias medidas higiénico-sanitárias e o reto dos novos problemas de saúde com que a comarca passou a debater-se, medidas que foram melhorando em eficácia o que se reflectiu no decréscimo da mortalidade.

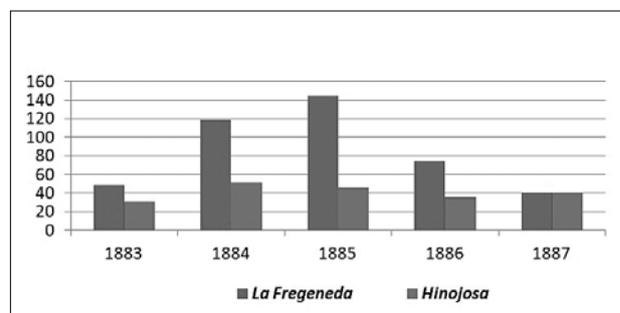


Gráfico 2: Taxas brutas de mortalidade em La Fregeneda e Hinojosa no período de 1883-1887 (por 1.000 hab)

Relativamente às taxas brutas da mortalidade, foram muito superiores para La Fregeneda, que passaram de 50% em 1883 para 140% em 1885,

normalizando-se em 1887. Ao mesmo tempo Hinojosa passava de 30% em 1883 a 53% em 1885, normalizando-se, como na vila anterior, em 1887 (Gráfico 2).

No que respeita aos grupos de risco, foram as crianças e os adultos trabalhadores activos os que maior impacto tiveram na mortalidade.

A mortalidade específica do grupo de crianças (6-7 anos) registada no conjunto destes dois municípios, foi de 541 óbitos (Quadro 5), o que corresponde a 49,1% da sua mortalidade geral (1.090 óbitos).

A taxa de mortalidade infantil no conjunto de La Fregeneda e Hinojosa de Duero, passou de 12,8% em 1883 a 29,6% em 1885, normalizando-se em 1887 (Quadro 6).

CRIANÇAS FALECIDAS (1883-1887)	
La Fregeneda	294
Hinojosa de Duero	247
TOTAL	541

Quadro 5: Crianças falecidas em La Fregeneda e Hinojosa (1883-1887)

TAXA DE MORTALIDADE INFANTIL EN LA FREGENEDA Y HINOJOSA (%)				
1883	1884	1885	1886	1887
12,8	26,9	29,6	17,4	13,2

Quadro 6: Taxa de mortalidade infantil em La Fregeneda e Hinojosa (%)

No que à mortalidade laboral registada no conjunto das seis localidades do Quadro 4 diz respeito, verificaram-se 297 óbitos totais, o que representa 22,26% da mortalidade geral, sendo 5,32% por acidentes de trabalho e os restantes 16,94% por doenças profissionais (Quadro 7).

ÓBITOS POR CAUSA E A SUA RELAÇÃO COM A CONSTRUÇÃO DO CAMINHO-DE-FERRO NO CONJUNTO DAS 6 LOCALIDADES (QUADRO 4)	
Fallecidos por accidente (trabajadores del ferrocarril)	71
Fallecidos por acto delictivo (trabajadores del ferrocarril)	10
Fallecimientos incidentales	15
Trabajadores del ferrocarril fallecidos por enfermedad	226
Familiares de trabajadores del ferrocarril fallecidos por enfermedad	23
Resto de fallecidos por enfermedad	989
TOTAL	1.334

Quadro 7: Óbitos por causa e a sua relação com a construção do caminho-de-ferro no conjunto das 6 localidades incluídas no Quadro 4 (1883-1887)

Conclusões

1 - Típico da primeira transição epidemiológica (doenças transmissíveis, carenciais, laborais e comportamentais).

2 - Taxas de mortalidade bruta inusitadas, multiplicadas por dois ou por três.

3 - Mortalidade proporcional por doenças infecciosas como primeira causa de morte e com certa distribuição sazonal, com preponderância para aquelas de mecanismo de transmissão hídrico.

4 - Dois grupos populacionais de risco atingidos: crianças e adultos trabalhadores activos.

5 - Mortalidade infantil muito alta, sobretudo por doenças infecto-contagiosas e mais frequentes nos meses estivais.

6 - Mortalidade proporcional por causa laboral muito significativa devido ao aumento da sinistralidade.

7 - Aumento significativo da mortalidade incidental por crimes, num contexto de desarraigo social.

8 - Mortalidade proporcional muito elevada, ligada ao paludismo endémico e surto de cólera.

A modo de reflexão final

Cento e vinte e cinco anos depois de se ter produzido a "aventura" da construção do Camino-de-Ferro do Douro, dificilmente podemos imaginar como o Abadengo, tendo sido uma das primeiras comarcas ibéricas a participar nas vantagens e inconvenientes das primeiras etapas do desenvolvimento industrial, se encontre actualmente numa posição sócio-económica, demográfica, laboral e cultural tão desfavorecida.

Quiçá a necessidade de realizar uma nova revisão histórica com a abertura de novas perspectivas de análise no contexto de outra teoria do desenvolvimento diferente (a do capital social?), possam dar-nos melhores respostas às perguntas que todos nos fazemos, sobre os "quando?", "como?", "onde?", "porquê?" e "para quê?" esta comarca perdeu "o comboio que lhe dava a vida", quem sabe muito antes do encerramento oficial da sua via-férrea a 1 de Janeiro de 1985⁴.

*Médico
**Geógrafo
***Ferroviário

4 Sobre as questões ferroviárias ibéricas têm ABREU & RIVAS varios trabalhos publicados sobre a Linha do Douro, como por exemplo nas revistas *Côavisão Economia, Ciência e Cultura*, n.os 15 e 17, *Douro – Vinho, História & Património*, n.º 3 e Salamanca, *Revista de Estudios*, n.º 60.

HALOTERAPIA E BREVE HISTÓRIA DO SAL/SAÚDE

*Maria de Lurdes Cardoso**

O sal pode ser usado para curar certas doenças. Com efeito, a palavra *salus* (saúde) vem de sal e a saudação *salut* significa *à sua saúde*.

Haloterapia (*Hal*, a palavra grega para sal), ou ação benéfica do sal, é conhecida desde os romanos, mas a sua utilização moderna foi descoberta pelo médico polaco Peliks Boczkowski, em 1843, quando verificou o efeito terapêutico do ambiente das minas de sal de Wieliczka (perto de Cracóvia), já que os mineiros não sofriam dos problemas respiratórios comuns à restante população da zona. No século XIX, esta mina de sal, onde as condições de trabalho eram desfavoráveis e com muitas perdas de vida, tornou-se uma atração turística com uma sala de baile e uma capela.

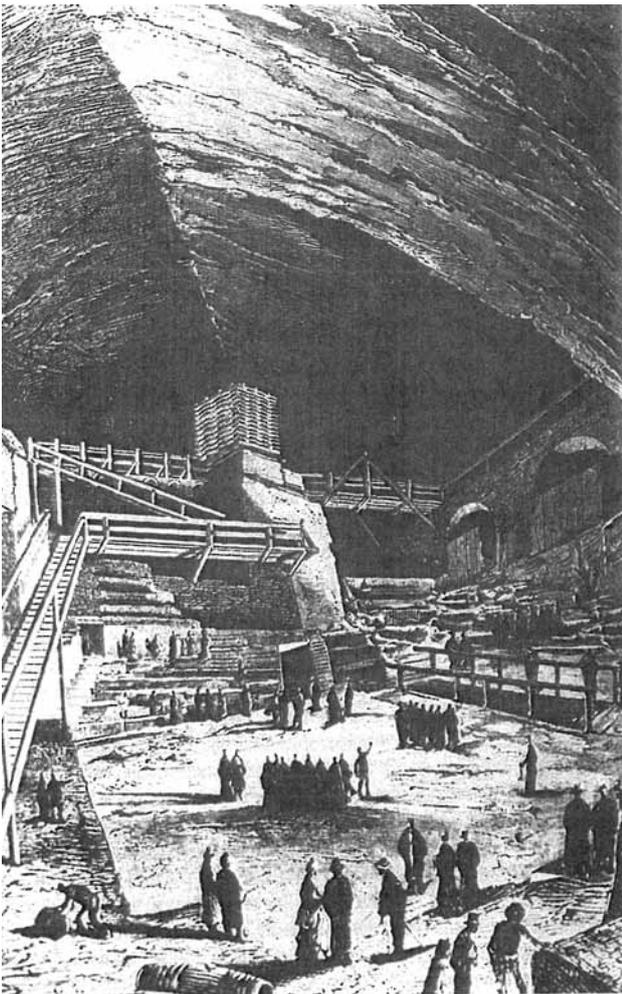


Fig. 1 - Átrio principal das minas de sal de Wieliczka na Polónia. (De *a Nature*, vol. 6, 1878). In MacGregor e Wardener, 2001.

Na atualidade, a Haloterapia é reconhecida como tratamento médico nas doenças respiratórias, dermatológicas e de saúde mental, tendo sido certificada pela União Europeia e usada na prática médica de qualquer país da Comunidade Europeia. Em Portugal, existem várias clínicas de Haloterapia, nomeadamente em Castelo Branco, a clínica MEDISALIS (www.medisalis.com).

O sal, nome comum do cloreto de sódio, é constituído por 40% de sódio e 60% de cloro, está na base de diversos processos vitais, designadamente no transporte do oxigénio e no funcionamento do sistema nervoso. Ao contrário da ingestão de potássio que baixa a pressão sanguínea, verifica-se que, em vez de ingerirmos um a dois gramas de sal por dia (a OMS recomenda 5g, no máximo), consumimos 10,7 g (de acordo com o censo de 2011), com consequências para a hipertensão arterial e os problemas com ela relacionados, como as doenças cérebro-cardiovasculares – uma das principais causas de morte no país.

Os resultados de um estudo recente, coordenado por Patrícia Coelho, da Escola Superior Dr Lopes Dias, do Instituto Politécnico de Castelo Branco, mostram que os concelhos de Castelo Branco, Fundão e Proença-a-Nova têm índices de hipertensão arterial elevados, entre 43 e 60%.

Apesar de ao longo da evolução, a espécie humana ter uma dieta pobre em sal, com o início da agricultura há apenas 10 000 anos, começou-se a juntar sal à comida devido à necessidade de conservar os alimentos em salmoura e, presentemente, somos dependentes do sal e consumidores de alimentos processados industrialmente ricos em sal, com consequências negativas para a saúde.

O sal tornou-se um precioso objeto de troca, surgindo na antiga Roma o termo *salário*, verificando-se o seu monopólio em alguns estados. Por exemplo, já em 2 000 a.C., o governo chinês usava o imposto sobre o sal para aumentar a receita pública, que foi mantido durante 4 000 anos, apesar de os confucionistas defenderem que o filho dos céus não discute posse ou não-posse, um senhor não discute quantidades. A venda de sal pelo Estado implica

competir com os seus súbditos no lucro. Estas não são medidas dignas de governantes sábios.

Por seu turno, o principal objetivo da administração de sal pelos chineses não era apenas fiscal mas também social, acreditando que uma insuficiência de sal causava banditismo, isto é, com uma dieta insípida os habitantes ficariam mais difíceis de controlar, por exemplo.

Ao longo da história, o sal foi considerado um símbolo de amizade e de hospitalidade, assim como de sexualidade e de procriação. Também muitas religiões estão relacionadas com o sal, como no Antigo Egito, na Grécia, em Roma, no Judaísmo e no Cristianismo.

No Antigo Testamento, as cidades de Sodoma e de Gomorra, junto ao Mar Morto, foram destruídas porque as suas práticas sexuais não eram aprovadas no Paraíso e a desobediência da mulher de Lot, que olhou para trás durante a fuga, transformou-a numa estátua de sal. Outro exemplo do sal como essência - Cristo diz aos seus discípulos: "Vós sois o sal da Terra".

No século XX, na história da Índia, a Marcha do Sal (1930), um protesto não violento contra o poder britânico encabeçado por Gandhi, que considerava injusto o imposto sobre o sal, levou a que a lei fosse revogada, bem como a outras reformas políticas que culminaram, em 1947, na divisão e na independência.



Fig. 2 - Reconstrução artística do Rev. Stephen Hale a medir a tensão arterial de um cavalo. Para tornar a composição mais elegante o artista desenhou a cânula a sair do pescoço e não da virilha. (Desenho de Cuzzo, 1944. Reimpresso com autorização da Wellcome Institute Library, em Londres). In MacGregor e Wardener, 2001.

No que respeita à relação entre o sal e a hipertensão, os chineses foram os primeiros a descobrir que, quando se tomam grandes quantidades de sal, o pulso do doente fica mais rígido ou mais duro, isto é, num *pulso duro* é difícil obliterar as pulsações por compressão (HuangTi Nei Ching Su Wein, cerca de 1700 aC, segundo MacGregor e Wardener, 2001). No entanto, este fenómeno só viria a ser compreendido após a descrição da circulação do sangue por William Harvey, no século XVII, ao demonstrar que o sangue está sob pressão nas artérias, e somente na década de 1730 o biólogo inglês Rev. Stephen Hales conseguiria medir a tensão arterial do sangue nas artérias de diversos animais (Fig. 2).

Na segunda metade do século XIX, Frederick Mahomed, do Guy's Hospital de Londres, conseguiu medir a tensão arterial de alguns indivíduos com uma certa precisão e fez uma descrição clínica de hipertensão arterial ainda válida hoje em dia:

...à medida que a idade avança o inimigo ganha força... os seus pulmões começam a degenerar, ele tem tosse no Inverno, mas pelo pulso reconhece-lo-eis... de vez em quando tem dores de cabeça, vertigens, epistaxe, uma paralisia passageira, um ataque apopléctico (acidente vascular cerebral) mais grave e por fim o desastre final.

No início do século XX (1904), os trabalhos de Ambard e Beaujard investigaram o efeito do sal ingerido pela dieta alimentar na hipertensão. Contudo, na época, o ponto de vista geralmente aceite era de que a hipertensão se devia a uma *intoxicação* por proteínas. Foi necessário esperar que, em 1948, Kempner demonstrasse que conseguia diminuir uma tensão arterial elevada com uma dieta pobre em sal.

No entanto, apesar do conhecimento que o sal faz aumentar a tensão arterial, o organismo humano tornou-se dependente do sal, e com o desenvolvimento dos diuréticos orais, em meados dos anos 50, adotou-se a alternativa do tratamento com diuréticos. Porém, dado os seus efeitos secundários, devia antes reduzir-se a ingestão de sal na dieta e introduzir-se especiarias e ervas aromáticas. Por exemplo, a salicórnia, planta que cresce em ambiente marinho, é a base do Projeto Salys, de dois estudantes da universidade da Beira Interior, sendo utilizada como um aditivo culinário e uma alternativa saudável ao consumo de sal (Jornal do Fundão, 27/9/2018).

A figura 3 mostra que quando abusamos do sal, o corpo irá expulsá-lo na urina, ao mesmo tempo que também se desfaz do cálcio armazenado nos ossos,

o que a longo prazo irá enfraquecer o esqueleto e aumentar o risco de sofrer de osteoporose.

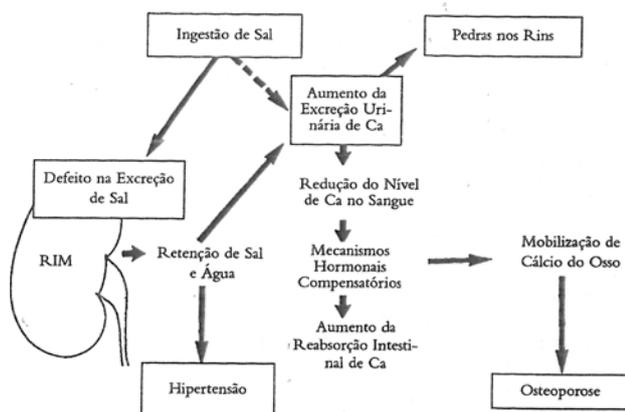


Fig. 3 - Esquema que ilustra como é que uma elevada ingestão de sal, combinada com uma menor capacidade dos rins de excretar sal podem juntar-se para aumentar a excreção de cálcio e mobilizar o cálcio dos ossos, levando a pedras nos rins e osteoporose. In: MacGregor e Wardener, 2001.

Conhecem-se algumas populações que consomem menos de 3g de sal por dia e não desenvolvem hipertensão arterial. Vivem nas zonas tropicais de África, na América do Sul e no Pacífico. De facto, os índios Yanomamo, agricultores seminómadas que vivem ao longo da fronteira entre a Venezuela e o Brasil, consomem pouco sal e têm uma dieta de culturas produzidas localmente, de caça, de frutos silvestres e de insectos.

Reconhecer a necessidade de reduzir o sal na dieta para baixar a hipertensão terá que ser aceite quer individual quer socialmente. Recomenda-se a leitura de Sal, *Dieta e Saúde. O cálice envenenado de Neptuno: as origens da hipertensão arterial*, dos professores de medicina MacGregor e Wardener (2001), que relatam o uso e o abuso do sal ao longo da história do Homem, e de onde retirámos também as figuras aqui apresentadas.

DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

Leia-se o excerto de Marcel Proust, *A la recherche du temps perdu*, 1913 (MacGregor e Wardener, 2001):

A fim de acalmar a agitação do seu paciente, Cottard tentou a dieta do leite. No entanto, as intermináveis sopas de leite não resultavam porque a minha avó juntava-lhes uma grande quantidade de sal e nessa altura ninguém conhecia as desvantagens de o fazer...

Sendo a medicina um compêndio de erros sucessivos e contraditórios feitos pelos médicos, quando se compendiam os melhores deles, existem muitas probabilidades de que a verdade seriamente

procurada seja considerada falsa passados alguns anos, por isso acreditar na medicina seria uma tolice completa, mas não acreditar nela seria uma tolice ainda maior visto que, no fim desta quantidade de erros, têm surgido algumas verdades.

De facto, acreditar na medicina seria uma tolice completa mas não acreditar nela seria uma tolice ainda maior. A prática médica depende do paradigma seguido - Medicina narrativa ou Medicina Baseada na Evidência.

Para o médico Manuel Pinto Coelho, autor de *Chegar Novo a Velho* (2015), a toma de água do mar diluída (cinco partes de água mineral por duas partes de água do mar) é adotada já que a água do mar tem 118 minerais e oligoelementos que modificam o potencial da voltagem da membrana das células, fazendo com que eliminem, desintoxiquem melhor e se hidratem melhor (Revista E, 13/5/2017), acrescentando que o prémio Nobel da Medicina de 1931, Otto Warburg, defende que não há nenhuma doença que sobreviva em ambiente alcalino, por isso devemos manter os 70% de água que somos o mais alcalinos possível, tendo a água do mar 8,4 de pH. E refere ainda o livro de René Quinton (1904), *L'Eau, Milieu Organique*, que Gabriel García Márquez conhecia quando escreveu *Relato de um naufrago*, revelando que as células sanguíneas eram compatíveis com a água do mar.

Por sua vez, em resposta à entrevista de Manuel Pinto Coelho, que também defende uma dieta paleolítica, a exposição ao sol e afirma que não é o colesterol que provoca a doença coronária, mas sim a inflamação pelo açúcar, o médico António Vaz Carneiro, do Centro de Estudos de Medicina Baseada na Evidência, critica-o e defende que o movimento técnico-científico que preconiza são as provas científicas de qualidade que devem servir de base à decisão clínica e não a tradição, a cultura local ou as crenças. Ou seja, a convicção que um médico possa ter, por exemplo sobre a eficácia de um tratamento, deverá ser baseada na melhor evidência disponível (Revista E, 20/5/2017).

Contudo, o neurocirurgião João Lobo Antunes (1944-2016), apologista da Medicina Narrativa, em *Ouvir com Outros Olhos*, 2015, refere a necessidade de um contrapeso ao reducionismo da técnica, da superespecialização, da submissão a novas materialidades e a novos poderes, escrevendo:

Na especialidade que pratico, que posso chamar de positivista, não sei o que nos espera, mas sei o que me preocupa: é que a medicina, empolgada pela ciência, seduzida pela tecnologia e atordoada pela burocracia,

*apague a sua face humana e ignore a individualidade
única de cada pessoa que sofre, pois embora se
inventem cada vez mais modos de tratar, não se
descobriu ainda a forma de aliviar o sofrimento sem
empatia ou compaixão.*

Poderá concluir-se que o progresso da técnica
e da ciência médica deverá ser acompanhado de
cuidados de saúde centrados nas pessoas.

A terminar, apresenta-se o poema Salut, do
professor José Manuel Batista, também escritor
premiado em concursos literários do Sindicato de
Professores da Região Centro (2010 e 2012) e autor
de O Elogio dos Últimos (2016).

*Professora jubilada do IPCB
Investigadora em temas de saúde social

O Sal na poesia

Salut

Venho do ventre do mar
Nas águas que se evaporam e me abandonam
À sorte, precipitado.
Só o sol aquece ainda a pele rugosa
Dos meus lençóis de cristal.
Sou o sal comum, doce amargor, perfídia
A neve branca que conserva os alimentos.
Condimento a vida
Tempero cruel o prazer.

Em faustos repastos ou na mesa pobre
Entre crenças e culturas
Me consomem.
Sou rocha sedimentar
Onda que entra pela boca e inunda
As artérias e as veias em líquidas labaredas.
Na ponta dos dedos me derramam
Em cálice envenenado
E me deglutem,
Nafragado.

José Manuel Batista

AMADO AMATO - ANTOLOGIA DE POESIA

Maria Antonieta Garcia*



*Antologia de poemas dedicados a Amato
Lusitano no V Centenário do seu nascimento*

Há muitas maneiras de elaborar uma Antologia. Neste caso, o critério estético prevaleceu. De resto, não terá sido ocasional a opção dos coordenadores, quando decidiram colocar os autores por ordem alfabética. Poemas de excelência não autorizavam uma graduação. Acresce que os temas se enovelam, sendo redutor, muitas vezes, etiquetar sem mais. Evitando melindres e injustiças, porque cada leitor é um leitor, e a melhor antologia é aquela que ele organiza ao eger os textos preferidos, entende-se a solução. O leitor, como eu, entra na Antologia, fruindo, o poder da palavra como diz Jacinto do Prado Coelho: (o poder da palavra) *depende de mim (...). Afeiçoo-a, devoro-a, digiro-a (...). O meu eu de leitor some-se no mar imenso dos "possessos" ou "recriadores" de literatura, esta já não é o reino do indivíduo, mas o reino do coletivo, do universal, duma "eternidade" em que o sonho humano se projeta e, de certo modo se realiza.*¹

Gostei de muitos textos. Cada um merecia uma análise aprofundada. Mas são oitenta poetas! Era necessário, pois, ter em conta o tempo, o espaço e «o bom senso».

Assim, nesta abordagem, cumpre-me esclarecer que nem sempre as citações correspondem a uma primazia do poema. Pequenos versos recolhidos num ou noutro são os distinguidos por melhor caracterizarem as grandes linhas temáticas, a forma que privilegiámos na apresentação dos textos.

Começamos pela capa, um lugar que atrai e desafia. A sequenciação da imagem, os dois A's, com três corações numa relação positivo/negativo, propõem uma leitura que se quer visual, concentram a atenção, compõem um poema figurado, um *caligrama*, esse jogo decorrente da estreita dependência entre o nível linguístico e a solução formal adotada. O autor dá a ler e dá a ver, esclarecendo questões de redundância e de autonomia na relação texto/imagem explicitando o caráter matricial do texto, trabalhando as zonas de coincidência entre espaços contínuos: o afeto por Amato, o afeto que praticou e buscou.

O título escolhido - *Amado Amato* - é um marcador, um reconstrutor do texto. Confere e pede sentido. A alteração de um só fonema - *d* e *t* - anuncia o ângulo de visão de uma vida e uma interpretação: sempre amado.

¹ Jacinto do Prado Coelho, *A letra e o leitor*, Lisboa, Moraes, 1977, pp 7, 8.

Poemas

Esta Antologia demanda o retrato do Homem completo, plural, em palavras de homenagem que descubrem um capital simbólico que o médico judeu merece a quem lhe conhece a vida e obra.

A referencialidade de Amato não teve efeito de clausura, não impediu a criação de textos inovadores, antes se abriu em labirinto de percursos. Tão desentendido no seu tempo, vários poetas trouxeram Amato de volta. Nesta (a)ventura literária revive o médico renascentista, e decifrar a luminosidade dos poemas em diálogo com a literatura de outros, abre a caixa negra em que o protagonista da obra e os que sobre ele escrevem se entretecem.

Admiradores e amigos de Amato que ele nem concebeu tributam-lhe, finalmente, um livro de desassossego. Foi longo, injusto e incómodo o silêncio em torno de Amato... Referia-se, quando não era possível ignorar. Felizmente, são alguns os que se interessam, pelo saber, pela investigação, pelo humanista, pela viagem, pelas suas estórias.

Não se compadecem com uma leitura apressada, os poemas que figuram na Antologia. No caleidoscópio dos olhares há várias portas de entrada, estão cerzidas mil linhas de pensamento... Procurámos, por isso, o fio de Ariadne que facilitasse o desembaraçar de caminhos, porque aqui a arte da memória soa no teatro de alma - o único que não admite exílios.

Poemas sobre Amato, dedicados a Amato, outros em que o médico judeu se torna sujeito lírico e se expressa na primeira pessoa, aliam-se a uns tantos temas contextualizados tempos e conceitos. Palco de várias vozes é, pois, esta obra, este livro.

Porque, como problematiza Manuel António Pina: *É isto um livro, / esta espécie de coração (o nosso coração) / dizendo "eu" entre nós e nós?*²

É! Esta Antologia molda esse conhecimento de Amato.

Na verdade, poetas, aedos, vates veem para além do muro da linguagem. Dotados de sensibilidade especial para as palavras, para a sua história, convertem-nas, reinventam-nas... em textos onde o sonho humano se projeta. Se todas falam, percebe-se que a eleição de uma ou de outra acontece, porque o poeta, vidente da palavra, se entrega voluptuosa e magicamente aos sons, enleia o emocional e o racional, o visto e o ouvido, os

fragmentos de todos os instantes... O poeta frui o Verbo.

O conjunto heterogêneo dos poemas reunidos nesta obra tem em comum Amato e o conceito do Outro.

Como era Amato? Álvaro Diz imagina-o: *Uma figura masculina envolta em capote beirão, / de cabeça coberta com chapéu de abas largas, / Vagueia por Salamanca, depois da formação médica, na Universidade. Interroga-se: Regressa à cuna albicastrense, ou para o Norte, buscando mais saber?*³

A arte da memória, velho saber esquecido, ou em desuso, busca imagens, nomes, lugares. O poeta tece e destece, cifra e decifra o devir do médico e coroa Amato. Lembra a despedida da *ranita de la suerte*⁴. Com Amato a lenda cumprira-se.

A Inquisição

Foi a Inquisição que o fez *judeu errante expatriado*. E bastavam as Centúrias, escritas em latim, pelo *Nobre filho do velho Portugal*, como quer António Ribeiro⁵, para ser amado como Amato Lusitano ou João Rodrigues de Castelo Branco, pelo prestígio, pela honra.

Em *Juramento de Amberes*⁶, o sujeito lírico afiança que nada o deterá quando a perseguição ao povo judeu se anunciar, e mudará de nome, *até ser aliado do Deus protetor / da minha estirpe, já desterrada pelo Egipto / ou na velha Europa da Inquisição*.

José Emílio Nelson sabe o **tempo de um Reino Cadaveroso**, com uma Inquisição poderosa e temível; sabe a resistência do povo judaico, ao longo de séculos, a perseguições, à extinção. Simbolicamente invoca o candelabro emblema de Israel, que *Permanece até fecharmos os olhos, / Deslumbrado pela cor do céu / Repetidamente azul / Com a tocha da alegria e a / Maldição. / (Que ampulheta abre o mais fino sopro / Ao Tempo em que se extingue ornamental?)*⁷

Pedro Outono lastima que Amato tenha sofrido por ser inteligente num lugar obscuro, como Portugal, onde santos ofícios perseguiam, afinal *Um homem requisitado por duques, reis, sultões, e / papas (...)*⁸.

O médico viveu num período em que a intolerância reinou. Destruidora, vencedora,

³ Álvaro Diz, op.cit., p. 21

⁴ Idem.

⁵ António Ribeiro, "Amato Lusitano", p. 29.

⁶ Hendrik Van Noort, "Juramento de Amberes", p. 48

⁷ José Emílio Nelson, "Poema Profético", p. 67.

⁸ Pedro Outono, "Poema Profético", p. 67.

² Manuel António Pina, "Os Livros", in *Amado Amato*, Castelo Branco, Câmara Municipal de Castelo Branco, MMXII, p. 75.

confronta-se com a tolerância, insuficiente, porque sem voz, porque sentimento passivo: *La tolerancia en el amor me nombra / el mundo una vez más y sólo escucho / el silencio en la voz de los que callan*.⁹

É o silêncio, a indiferença cúmplice que se amalgamam na re-criação do inferno dantesco.

Maria Toscano¹⁰ fala dos textos e contextos depositários de valor narrativo, em que Amato viveu resistindo à persistente boçalidade.

O elogio de Amato

A estada em Salamanca e o curso de Medicina tornaram-no um Luchador empedernido contra *el mal, / Docto investigador genial / del Alma e del Cuerpo enfermos / sabio, filósofo Magister / escritor, Poeta humano / Honor y Gloria Mundial de Iberia...* Santolaya Silva glorifica, assim, o *Peregrino Albicastrense / de la verde e blanca Estrella*¹¹.

Maria de Lurdes Barata¹² realça o *Cidadão do Mundo*, célebre pelo saber, pela ciência, pela fama...

Pelas palavras de Maria do Sameiro Barroso, Amato identifica-se: *Sou Johanes Roderico, albicastrense, Amatus Lusitanus / é o nome que escrevo, entre as chamas em fúria / e os novos lugares que a razão silencia, a tolerância / preserva e a humanidade se salva*.¹³ Uma leitura de tolerância, enquanto salvaguarda da dimensão humana, que contrasta com a visão de passividade/cumplicidade que a atitude tolerante, por vezes, demonstra, como exprimiu José Maria Muñoz.

Ao estudo em Salamanca, *já tocada pela aragem humanista*, segue-se a partida para Antuérpia onde outros portugueses deixavam de ser portugueses, lugares onde outros reconheceram a sua ciência e a aproveitaram. Homem a *quem quiseram amputar a portugalidade*¹⁴, mas não esqueceu a origem que perpetuou no nome. Traço judeu? Traço português?

Amato que acumulou identidades, sabia já, à maneira de Pessoa, que: *todos os que fomos / Sobrevivem em nós / ostentando perdas e ganhos*¹⁵.

Falaria ladino o médico humanista? Presumivelmente sim e Margalit Matitiah¹⁶, escritora israelita, usa o ladino, a língua franca dos judeus ibéri-

cos, no poema que dedica a Amato. Essa mescla de espanhol e português, medievais, com o hebraico, acompanhou os sefarditas na Diáspora. Mantem-se ainda como língua viva entre comunidades judaicas; cerca de 160 mil pessoas ainda falam ladino. Margalit Matitiah foca no seu ladino, a multiplicidade de lugares por onde se disseminaram judeus sefarditas e os nomes. Pertencente a uma *hairisis*, origem grega da palavra seita, enquanto escolha, preferência, Amato integrou um grupo socio-religioso que criara e seguia um corpus doutrinário que se desviava de qualquer corpus doutrinário institucional. Eram judeus para os cristãos e católicos para os judeus.

Como vemos, concertam-se na Antologia uma miríade de temáticas...

Destaca-se, porém, o estigma da errância. Ronda por estas páginas a lenda de *Ahasverus*, (Cartáfilo, segundo o livro *Flores Historiarum* de 1237) o judeu errante, essa figura imaginária de um sapateiro de Jerusalém que insultara Jesus, no momento da Paixão, e recebera a maldição de que andaria perpetuamente como errante sobre a Terra, até ao retorno de Cristo. Lembramos, porém, que a errância judaica antecede a Via-sacra e que não há nenhuma referência ao judeu errante nos Evangelhos, ainda que textos neotestamentários¹⁷ tenham sido usados como fonte para a construção desta lenda.

Ahasverus é, sem dúvida, uma metáfora da dispersão da origem da identidade do povo judeu, que aparece na Europa cristã, transmitida através da literatura, divulgada de geração em geração, mantendo-se atualizada por testemunhos históricos.

O judeu errante torna-se, afinal, o arquétipo do humano deslocado e transeunte, de múltiplas identidades.

Neste *tópico*, Diogo Pires¹⁸ dedica e protagoniza com Amato o drama do exílio, o desejo de *rever os lugares pátrios... (...) vivendo onde me é doce viver, e ao extinguir-me, doce morrer!*

Interroga: *Acaso um céu cruel guardará meus ossos em sepulcro estrangeiro? Longe dos antigos lares? Longe da face dos meus? Que culpa minha mereceu impiedade tamanha?*¹⁹

9 José María Muñoz, "La tolerancia es un jazmín desnudo", p. 68.

10 Maria Toscano, "Ultimis morbis ultima diligentia", p. 85.

11 José Manuel Santolaya Silva, "A João Rodrigues: Amato Lusitano em su 500 aniversario", p. 69.

12 Maria de Lurdes Barata, "Amato Lusitano", p. 69.

13 Maria do Sameiro Barroso, "As Mãos, a morte e o tempo", p. 84.

14 Pedro Outono, "Recusar o convite", p. 94.

15 António Miranda, "Debaixo da pele", p. 27.

16 Margalit Matitiah, "Saloniqui", p. 78.

17 Mateus 16:28; João 18:20-22 e 21:20.

18 "De Diogo Pires para Amato", p. 13. Os destinos de Amato e Diogo Pires cruzam-se. Parentes frequentam juntos a Universidade de Salamanca. Também judeu exilado estava em Tessalónica, quando Amato faleceu, em 1568. Explica: Neste reinado – D. João III – *a mando de meu pai, adolescente apenas de 18 anos eu parti: facto que não é sem lágrimas que escrevo; e os confins e os doces campos da pátria deixei, no ano de 1535*. Escreve sobre a História de Portugal, segue o lema da aurea mediocritas, lendo-se na obra a depressão do desterro.

19 Idem.

O desterro convertido em experiência-dor, de fratura entre o ser e o lugar, entre um eu e uma mátria involuntariamente abandonada.

António Salvado, em *Ode a Diogo Pires*, invoca o silêncio de Deus perante a errância, perante o exílio: *Porém era cruel o mal de exílio / e a esperança num regresso coisa morta. (...) Quantas vezes morrer foi teu desejo / quando a saudade as lágrimas cruéis / de teus olhos mostrava, e o desespero / dentro de ti mais firme renascia. / Em vão clamavas ao teu Deus, curvando / à divina vontade a tua vida / de eterno peregrino e no teu pranto / retiniam – féis – os sacros ritos / dos teus antepassados: e a razão / desse comum e sofredor exílio*²⁰.

O Deus da história remetera-se a um silêncio total, ou assim parecia. Não ouviu as queixas dos presos, interpelações jóbicas a pedir sentido para as perseguições, para as fogueiras inquisitoriais. Mas perpetuavam a fé porque havia mártires imolados porque esquecer a lei de Moisés significaria a vitória da Inquisição. Sobrava-lhes a errância.

A errância cruel, como castigo? Como profecia? A criação de uma pátria espiritual que transportavam no coração e “na sola dos sapatos”, impediu o seu desaparecimento/ assimilação, nas inúmeras diásporas. Aliavam-lhe outro pilar identitário: “*Para o ano que vem em Jerusalém...*” desejo / apelo que era promessa de redenção renovada anualmente.

O desdobramento interior em que o sujeito poético se pensa, pensando em Amato, perpassa em vários poemas. Deambulemos com poetas pela rua da aventura interior do médico.

A memória que, ao longo dos tempos, se construiu através do que escreveu, do que pensou e sobre si pensaram e especularam, inclui a reflexão incontornável sobre o exílio. Escreve Gisela Ramos Rosa: *quando o caminho é um rebento que agita e leva / a raiz para um lugar sem fronteiras enunciadas // o Ser é já a Casa que flutua / na passagem da Alma por onde as pedras / se elevam como escada para a lembrança / das árvores que queremos abraçar*.²¹

Afinal *Um exílio que começa no ferrete dos lábios (...)* A boca, com sílabas de som tenso, inventa os murmúrios colados ao archote / das preces que *esconjuram a morte*.²²

Graça Pires explica o horror do desterro: *É invisível, como o uivo dos lobos em noites imensas, / a tormenta nos intimida / quando, sobre o chão, nenhuma luz cicatriza / a exatidão do tempo e, como*

20 António Salvado, “Ode a Diogo Pires”, p. 30.

21 Gisela Ramos Rosa, p. 46.

22 Graça Pires, p. 47.

*náufragos, / nos deslumbramos com a proximidade do abismo*²³.

Maria de Lourdes Hortas conjectura Amato no momento de partir de Castelo Branco, para o exílio. Amato leva o corpo, a alma, as palavras, a vida que viveu. *Vai devagar, sozinho, ao leme da tua nave, // De ti eu me despeço: / para este átrio onde nove luas passam silenciosamente / não há caminho de regresso*²⁴.

E de país em país, agasalhará, porém, *no coração o mapa português / que levo guardado desde Castelo Branco*²⁵. – Hendrick Van Noort.

O mesmo sentimento do exílio, a experiência do médico são temas que lemos em Daniel Abrunheiro²⁶.

João Maria Nabais²⁷ resgata outrossim o tópico da errância, do isolamento. Exílio, viagem, saudade estão na *Oração e Juramento de Amato Lusitano*, de Pompeu Miguel Martins²⁸.

A Errância redentora traço identificador do povo judaico é também invocada por Isabel Leonor Forte Salvado. A crença em que *os deuses devem escutar / este aludir a novos rumos. As vozes feridas. / As esperanças abreviadas pela mágoa. / Quero acreditar, Tem que ser assim*²⁹.

Uma esperança que Eddy Chambino³⁰ anuncia mesmo nas maiores dores.

Tema privilegiado, a errância e o desconcerto do mundo dialogam com a literatura de coevos e vindouros. Errantes porquê? De que culpa se penitenciavam? De que são tecidas as culpas?

António José da Silva, o Judeu, autor do teatro de bonifrates, questionará pela voz de Saramago, personagem de *Anfitrião: Mas se acaso, tirana estrela impia, / É culpa o não ter culpa, eu culpa tenho*.³¹

Expiando uma culpa que não descortinavam, faltava ao homem perseguido *descobrir / o mecanismo da alma / Ao homem fugido / falta-lhe descobrir / o micróbio que devora deus / por dentro*.³²

Conclui Américo Rodrigues: *Ao homem que conhece os outros / não lhe falta descobrir / o coração da barbárie*.³³

23 Idem.

24 Maria de Lourdes Horta, “Poema de despedida ao que parte para o mundo”, p. 82.

25 Hendrik Van Noort, “Juramento de Amberes”, p. 48.

26 Daniel Abrunheiro, “Duas distrações pensativas de Amato Lusitano tomando o chá frio”, p. 38.

27 João Maria Nabais, “Momentos de silêncio de um judeu errante”, p. 54.

28 Pompeu Miguel Martins, “Oração e Juramento de Amato”, p. 95.

29 Isabel Leonor Forte Salvado, “.nunca a creditei...”, p. 49.

30 Eddy Chambino, p. 39.

31 António José da Silva, *Anfitrião*, Lisboa, Editorial Inquérito, 2000, p. 136.

32 Américo Rodrigues, p. 22.

33 Idem.

Mas Amato, eco de uma antiquíssima sabedoria, demandava: *Voy buscando una paz y uno Amor que no se ausente.*

Viveu em terras permitidas, vivenciou uma espécie de loucura rigorosa, procurando a Praça Maior de liberdade e de fraternidade.

Tinha decidido: *No me quemarán en sus hogueras (...) Tiren sus máscaras señores / Mi linaje sigue la Palabra que / previene contra persecuciones / (...) Me voy con mis dos mundos, atravesando países, / plazas de la ceguera, pueblos lúcidamente violentos.*^{34/}

Como judeu, Amato seguia a Palavra do Pai que o acompanhava nos países onde permaneceu, atenuando deste modo a *dor sofrida com o intolerável abandono de afetos.*

Obrigados ao dualismo, à duplicidade, católicos disseram-nos judeus, marranos. Mereceram também a desconfiança a irmãos de fé. Isolados do mundo judaico, com carta de alforria clerical, adequavam a praxis religiosa aos tempos, aos contextos da Diáspora, aos acontecimentos...

A *liberdade* de pensamento é outro pilar da Antologia. Norteia a vida de Amato. Impossível de algarer era a única consentida aos judeus em terras de alvoroço fundamentalista. Em formato de prece, Miguel Torga reza: *Liberdade que estais em mim / Santificado seja o vosso nome*^{35/}

Melo e Castro³⁶ partindo da materialidade vocal, melódica, das palavras busca novas cartografias para dizer a liberdade e este relacionamento estético-perceptivo-fruitivo permite ao leitor... um deleite pautado por alforrias várias: *a liberdade vive, livre. (...) a vida-livre vive.* A negrito, o lema do humanista: *vive livre.*

Amato escolhera, como quer António José Queirós: *Entre ser livre ou ser feliz, escolhi/a liberdade de construir outro destino. (...)*^{37/}

Jorge Velhote, outra voz do clínico renascentista, desenha-o como colecionador de absurdos da vida, em busca de sabedoria *assim de terra em terra / buscando algum sossego ou perdição / . Feliz em alguns lugares, quem como eu deseja a luz / a morte é ainda uma prisão / ou o corpo exposto da nudez/ Mas quem salvarei para disso dizer, ó deus santíssimo?*^{38/}

Na verdade, há quem não se conforme com a mudez da história, e abraça o imperativo ético de dizer o indizível.

34 Alfredo Pérez Alencart, "Lejos de la Hoguera", p. 20.

35 Miguel Torga, "Liberdade", p. 15.

36 E. Melo e Castro, "Da Liberdade", p. 41.

37 António José Queirós, "A divina imperfeição", p. 26

38 Jorge Velhote, "Coda de João Rodrigues de Castelo Branco, ditto de Amato Lusitano", p. 63.

Manter ocultas as histórias de vida das gentes que a Inquisição perseguiu, torturou, prendeu, ou obrigou ao exílio, é perpetuar a agonia. Uma das inscrições encontradas num campo de concentração lastimava: Estive aqui e ninguém contará a minha história. São vidas duplamente perdidas.

Elogio do médico

José do Carmo Francisco³⁹, em *Balada para Amato*, enaltece o investigador, a atividade de Amato enquanto Professor e autor das Centúrias.

Amato foi médico de embaixadores, de cardeais, do Papa Júlio III. As sete Centúrias traduzidas em diferentes línguas, analisando cada uma, cem casos clínicos, constituem um importante legado científico. A descrição da doença, do doente, a terapêutica utilizada, os comentários, permitem observar o mundo e o avanço de Amato, no âmbito da Medicina, no seu tempo.

Ainda assim, ou por isso, a partir de finais do século XVI, figura como autor proibido nos Índices de 1581, 1612, 1632, 1640 e 1707. O Índice divulgado em Lisboa, em 1624 – *Index auctorum damnatae memoriae* – inclui as Centúrias. No *Catálogo dos livros que se proibem nestes reinos e Senhorios de Portugal*, de 1581, a obra de Amato é censurada, mas circula, como sói acontecer. A censura age sobretudo em curas relativas ao foro da ginecologia, da reprodução, da sexualidade

Neste contexto, Luís Frayle Delgado relaciona Amato e Prometeu. Foi a insatisfação humana, o desejo de saber que poderes humanos e divinos castigam: *Que el hombre no se atreva a rebelarse, / Someta su palabra y pensamiento.*^{40/}

João Rasteiro cria um espaço de metamorfose ou de transfiguração. Em *Elogio do Queixume* o sujeito lírico divide o poema em cinco partes e declara: *abraçarei de igual modo mulher ou ave / em sua anáfora de queixume / e não deixarei os jardins refulgir / em seus inquisitoriados olhos./ (...) é preciso morrer-se / para temer o angular sustento do coração.*

Um gemido que os justos entendem e ouvem na: *poesia ondulando transversalmente / a uma nebulosa de sangue e mel, / exposta sempre à ímpar utopia do mundo.*⁴¹

Temas recorrentes, a viagem, o exílio, a errância... é traço cultural judaico e português. Sabia-o António Vieira. O *Imperador da língua portuguesa*

39 José do Carmo Francisco, "Balada para Amato", p. 65.

40 Luís Frayle Delgado, "Volveremos a encadenar a Prometeo?". P. 73.

41 João Rasteiro, "Elegia do Queixume", pp. 57 a 59.

quando fala de “*um defeito ou esterilidade natural da terra*” que obriga a “*transplantar*”, a “*desterrar as melhores estirpes*”; acrescenta que para que “*as obras resplandeçam, é necessário que saiam, e se apartem da terra das sombras, onde elas as podem eclipsar, e escurecer*”.

Este sentimento dito por autores como Camões, Garrett, Jorge de Sena..., merece ainda a António Vieira a reflexão: “*Oh Pátria tão naturalmente amada, como naturalmente incrédula! Que filhos tão grandes, e tão ilustres terias, se assim como nascem de ti, não nasceram juntamente de ti, e com eles a inveja, que os afoga no mesmo nascimento, e os não os deixa luzir, nem crescer!*”.⁴²

Também as palavras de Vieira, em 1669, no *Sermão de Santo António*, pregado em Roma, lembram o facto de o santo ter saído da Pátria, sendo português, como o orador, e comenta: “*Sem sair ninguém pode ser grande; ou Saiu para ser grande; e porque era grande, saiu*”; acrescenta: “*nascer português era obrigação de morrer peregrino*”; conclui: “*Nascer pequeno, e morrer grande, é chegar a ser homem. Por isso nos deu Deus tão pouca terra para o nascimento, e tantas terras para a sepultura. Para nascer, pouca terra: para morrer, toda a terra: para nascer, Portugal: para morrer, o mundo.*”⁴³.

Palavras que ressoam na vida de Amato pela voz de João de Sousa Teixeira: *Haverias de sair para ser gente, gesta / imaculada deste povo crespo e arredio, / que de seu só sabe o quanto presta / se de si mesmo ouvir de outros elogio.*⁴⁴

Albano Martins evoca também a similitude dos fados português e dos judeus: *De comércio sabemos. / Com âncoras e astro / lábios medimos / nossa rota inscrita / na retina. Exaustos, / entre aquáticas / florestas, perseguimos / os veados do sol / e da vertigem. Por / obscuras silícias / e cretas navegamos.*⁴⁵

Eduardo Aroso, dirigindo-se a Amato, fala do *gene das Sete Partidas*, da diáspora feita de *Sonho que só longe foi cumprido*. De Portugal saiu Amato *Para seres universal e lusitano; / Justo só depois o cinzel do tempo.*⁴⁶

A problemática do universalismo da mensagem do Deus único vs exclusivismo da mensagem dirigida tão só ao povo eleito sobrevoa no poema de Jesus Losada: Todos iguais, Amato e outros

homens buscaram a luz *que es la única y la misma / se esconde la plegaria / del infinito tesoro del silencio / al que juntos adoramos todos, con distinto rostro / y un mismo corazón.*⁴⁷

Na via-sacra de João Rodrigues, *crucificado*, Jesus Fonseca Escartín, lê-se a questão de Deus, porque *Sin Dios todo es noche. E Si, pensar en Dios es la única razón / del hombre y el único socorro, también, / para soportar tanta devastación / y transformarla en don.*⁴⁸

A morte

Manuel A. Domingos concebe as palavras que o médico teria dirigido a Deus no ano do falecimento. A incompreensão face à atitude do Pai que envia para a morte o filho, a não aceitação do Messias, são questões de todos os tempos perante a criação do mal, da Morte, o castigo da errância, o destino: *Viajei / por cidades, países; / perseguido em quase / todos por respeitar a tua lei e vontade*⁴⁹. A difícil relação com Deus e a dúvida emergem perante o silêncio divino face à barbárie.

Maria José Leal lembra os 500 anos do nascimento de Amato, e a sepultura longe do solo pátrio. Porque Amato é judeu, aconselha a salvaguarda da memória à maneira judaica: *Aqui em Castra Leuca, não colham flores / cada um escolha uma pedra oblonga, rolada / E deixe-a, igual a tantas outras, anónima / com a memória das vossas vibrações / Uma pedra do coração junto do seu cenotáfio.*⁵⁰

Na *Oração de Diogo Pires*, Joaquim Simões exalta a Sabedoria por Amor, a busca de luz, lemas de Amato. E porque morreu de peste que contraiu junto daqueles que curara, *renda-se o nosso destino. / Ser homem é ser menino / que cresce até p'lo morrer*⁵¹.

Raul Vacas cria um poema de esperança na ocupação futura, do mundo pelo afeto, porque mesmo *em la mejilla de la calaveira, donde el amor no termina, / hay una lágrima.*⁵²

A uma ilha de purificação, encantada, onde *lançaremos âncora (...). Seremos imortais, divinos*⁵³. aspira João Camilo.

Em cantar de Amigo, Ana Luísa Amaral, do outro lado do espelho, converte-se na amada saudosa

47 Jesus Losada, “A las afueras del amor”, p. 52.

48 Jesus Fonseca Escartín, “João Rodrigues crucificado”, p. 51.

49 Manuel A. Domingos, “Amato Lusitano dirige-se a Deus antes de morrer de peste no ano de 1568”, p. 74.

50 Maria José Leal, “No cenotáfio de Amato”, pp. 80, 81.

51 Joaquim Simões, “Oração de Diogo Pires”, p. 61.

52 Raul Vacas, “Cicatriz”, p. 97.

53 João Camilo, “Noites Tépidas”, p. 53.

42 António Vieira, *Obras completas*, Lisboa, Sá da Costa, Vol. II, op. cit., p. 99.

43 Idem, p. 69.

44 João de Sousa Teixeira, “Amato Lusitano”, p. 60.

45 Albano Martins, “Ofício e morada”, p. 17.

46 Eduardo Aroso, “Amato Lusitano”, p. 40.

que espera o amigo que partiu: *Bastava, em vez do canto, / o meu amigo, ele: / gentil e imperfeito*.⁵⁴

E a sua pele.

São poemas que celebram e glorificam Amato. Hoje, nome de escola em Castelo Branco, com estátua no centro da cidade, são ainda muitos os que desconhecem a dimensão da sabedoria do médico judeu. Afinal: *foi-se a vida de saberes e de degredo / e agora, quieto, que apontas para a lua, / há quem insista e te olhe para o dedo*.⁵⁵

Por ser quem era e para ser quem era possuía: *dilecta paciência de médico e pesquisador / nobre, bondoso querido e incansável / (...) o elege: Amato, Angelicus, português lusitano / senhor do mundo buscador de entendimento*.⁵⁶

Paulo Jorge Brito Abreu enaltece também Amato que qualifica de *Paracelso Português*.⁵⁷

Sobre o investigador, escrevem muitos outros. Leiam, Miguel de Carvalho, Nicolau Saião. Ruy Ventura, Sandra Guerreiro, Sara Canelhas.

O fundamentalismo religioso impõe uma anorexia mental, uma só verdade. Rui Almeida analisa a condição do ser humano, sabendo que não há trepanações *que extraiam / A arrogância de pensar que o mundo / Cabe nas letras de um decreto*.⁵⁸

A questão ética do Outro reconhece-se, nas constelações de uma idealização, condição do mito e do sonho que envolve os poemas. E ninguém se apercebera da Partida, a vida continuara como dantes. Avisaram-no, porém, *que a procura da poesia nunca salvara ninguém, que a procura das raízes era coisa ridícula e obsoleta*.⁵⁹

Afinal, urgia repensar a humanidade – Porfírio Al Brandão⁶⁰. Desbravar caminhos novos e múltiplos, descobrir dinâmicas ocultas e inéditas dentro da linguagem, procurar o segredo da palavra, para falar de Fraternidade/irmandade, como exorta Stefania di Leo⁶¹.

Na verdade, nos quinhentos anos das comemorações do nascimento de Amato Lusitano, fazem sentido as palavras de G. Steiner: *A frequência amorfa da nossa habituação ao horror é uma derrota radical da Humanidade*.⁶² O Santo Ofício gerou

infernos e preconceitos que lhe sobreviveram. Cinco séculos depois ainda há processo que ninguém leu, ninguém estudou. O lançamento desta Antologia dedicada a Amato pode confirmar que a poesia é indispensável... O Poeta é, por certo, um vidente da palavra. Como um deus que num *incipit .dissesse/* fizesse a palavra límpida, depurada, desnuda, incómoda... Que fique claro: aqui não cabem os poetontos, nem poetolos que os há para todos os gostos e dispostos a qualquer serviço. É de poesia, da palavra em liberdade, indisciplinada, em que se acordam sentidos e realizam utopias que falamos.

É assim o texto poético: as palavras a surpreenderem-nos com outra vida, com uma voz subterrânea, *é essa a magia, guardada em 22 letras, e seus traços de união*.⁶³ Como recusar a (a)ventura?

Dizia Jean Cocteau: *A poesia é indispensável. Se eu ao menos soubesse para quê...* Afirmação paradoxal a apontar para a necessidade da arte – a poesia é indispensável - independentemente da utilidade imediata que possa reconhecer-se-lhe. Alberto Pimenta di-la a magia que tira os pecados do mundo.

A poesia é indispensável aqui, para lembrar um médico, investigador, professor... beirão ilustre, que um Portugal ensandecido excluiu, rejeitou, mas que sempre quis ser albicastrense e português.

(São de leitura obrigatória o Prólogo de Maria de Lurdes Gouveia Barata e o texto final de Pedro Salvado, duas relevantes interpretações/leituras da obra.)



Antologia Amado Amato, prêmio Joaquim de Montezuma de Carvalho, atribuído pela União Brasileira de Escritores.

54 Ana Luisa Amaral, "Pequeno canto do Amigo", p. 23.

55 João de Sousa Teixeira, "Amato Lusitano", p. 60.

56 Maria toscano, "Ultimis orbis, ultima diligentia", pp.86, 87.

57 Paulo Jorge Brito Abreu, "Amado Amato Lusitano", p. 92.

58 Rui Almeida, "Homenagem a Amato", pp. 98, 99.

59 Victor Oliveira Mateus, "Partida", p. 110.

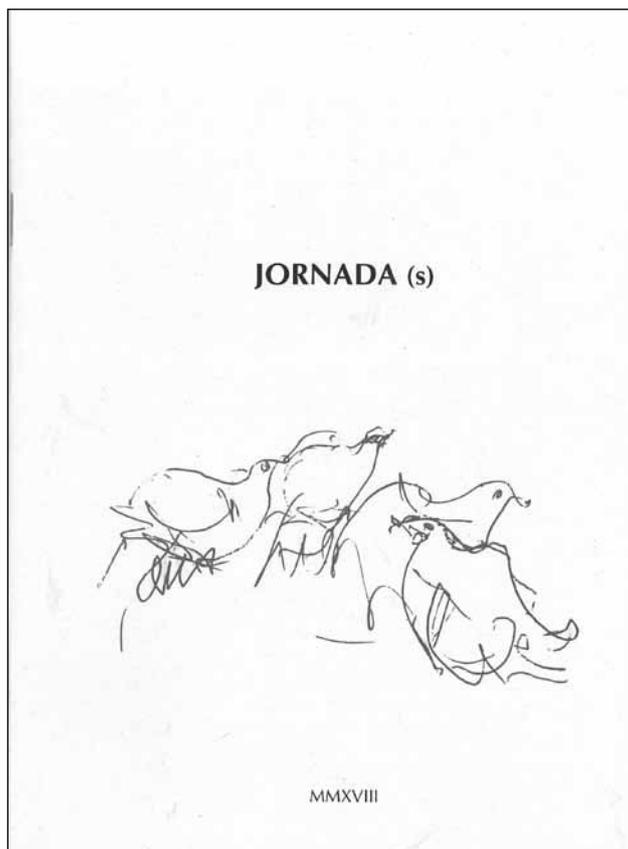
60 Porfírio Al Brandão, p. 96.

61 Stefania di Leo, p. 103.

62 Idem.

* Universidade da Beira Interior

63 Alberto Pimenta, *A magia que tira os pecados do mundo*, Lisboa, Edições Cotovia, 1995.



JORNADA(s), caderno de poesia, com ilustrações de Ribeiro Farinha, organizado por Pedro Miguel Salvado, onde se incluem poemas de 19 autores/jornadeiros: António Salvado, Alfredo Pérez Alencart, Armando Moreno, José Costa Alves, João Maria Nabais, Maria de Lurdes Gouveia, Maria do Sameiro Barroso, Maria José Leal, António Lourenço Marques, José Santolaya, Aires Diniz, Candeias da Silva, Alfredo Rasteiro, Carlos d'Abreu, Antonieta Garcia, Emilio Rivas Calvo, Júlio Vaz de Carvalho e Luís Lourenço.

Apresentação

As “Jornadas de História da Medicina na Beira Interior” finalizam sempre com um pequeno recital de poesias, declamadas e escolhidas pela sensibilidade, conhecimento e exigência da professora Maria de Lurdes Gouveia Barata, carinhosamente conhecida por Milola.

O recital constitui, sem dúvida, um término pleno de significados pois o timbre e a força da sua voz reforçam os sentidos do momento e das palavras vencendo o sadio cansaço das ininterruptamente longas, mas tão reconfortantes, Jornadas. Contudo a declamação celebra, afinal e também, uma das originalidades desta grande cartografia de saberes e de cumplicidades: o facto de ter nascido do cruzamento das luminosas vontades de um médico e de um poeta.

Sem qualquer intuito antológico, este despretenso caderno reúne composições de origem muito diversa e assume-se como um simples registo, um marcador das complementaridades dos domínios criativos de cada um dos autores incluídos. O investigador também é, às vezes, poeta, unindo-se àqueles que consideram que a pesquisa é uma delicada forma de aproximação à poesia.

Percorrem estas linhas visões íntimas, celebrações repentinas de momentos “de Amato”, solidões reveladas, circunstâncias e ironias, envolvências do entramado vital. São poemas que afloraram em sintonia com actos pessoais, alguns topografaram os domínios individuais, outros embrenharam-se em universos e metáforas mais plurais. Jornada dizem os dicionários, é um trajeto que se percorre num dia, uma caminhada andada e vencida. Muitos dias e noites se realizaram e se cumprirão no futuro gravando os caminhos de um infindo planisfério dos jornadeares amatianos sob o brilho das estrelas e do sol com poesia, sempre.

P. M. S.

UM ROSTO PARA AMATO - OBRA DO PINTOR
MIGUEL ELIAS



MIGUEL ELIAS



MIGUEL ELÍAS (ALICANTE, ESPAÑA, 1963)

Director del Máster de Lenguajes de Expresión Artística y Creación Contemporánea . USAL

Departamento de Didáctica de la Expresión Musical, Plástica y Corporal.

Profesor Contratado Doctor Permanente Universidad de Salamanca

E-Mail: miguelelias@usal.es

Pintor, grabador y profesor de la Universidad de Salamanca, donde se licenció y doctoró. Perteneció al Grupo de Investigación GIR, del Instituto de Investigación en Arte y Tecnologías de la Investigación (ATA). Ha sido profesor de Artes Plásticas y Visuales y profesor de la Escuela Superior de Arte. Actualmente prepara un Manual de Botánica para Artistas y Estudiantes de Bellas Artes. Su obra ha sido reconocida en el Certamen Internacional de Grabado del Museo de Arte Moderno de Tokio, Premio de Pintura Ciudad de Burgos, Premio Fray Luis de León, Premio Arte Joven Diputación de Granada...

Más de 100 exposiciones colectivas y 25 Individuales. Su obra se ha visto en París, Tokio, Nueva York, Italia, Venezuela, Brasil, Alemania, Portugal, Italia, Croacia... Gran parte de sus trabajos se conservan en la Sala Goya de la Biblioteca Nacional lector compulsivo, ha llenado de su obra poemarios de José Hierro, J. H. Tundidor; F. Brines; V. Cremer; A. P. Alencart; Antonio. Salvado; Albano Martins; J. Fonseca o R. Palomares, entre otros

EXPOSICIÓN CASTELO BRANCO PORTUGAL

"EL ÚNICO JARDIN" de la *Botánica de Johann Hieronymus Kniphof al Jardín de D. João de Mendonça 8 de Octubre inauguración Museo Fancisco Tavares Proença y Jardim do Paço Episcopal (un precioso Jardín del S.XVIII) en CASTELO BRANCO (Portugal).*

Con esta muestra se intentó poner en valor la imagen botánica como método de conocimiento científico y sentir poético.

Hoy más que nunca no es posible desvincular el conocimiento científico, de las imágenes con las que se nos da a conocer. De ahí la reivindicación y la puesta en valor del dibujo científico de carácter Botánico como conocimiento científico en sí.

Nadie puede dudar que este, junto con la palabra poética, es el medio más efectivo para la divulgación, plasmación y fijación de nuevas vías del saber científico.



En esta muestra dividida en cuatro partes bien definidas, se evidencia esto, de una manera asequible para todos los públicos, acercando al visitante y animándole a la comprensión del hecho científico/poético no como mero sujeto paciente, sino como sujeto activo capaz de hacer y comprender el hecho científico a través de la imagen del dibujo.



Instalación de la espiral de Johann Hieronymus, 15 metros de pintura japonesa Sumi-e / Suiboku suspendido en el aire 18 rollos de pinturas japonesas de 70 cm de ancho X 340 de largo, con poema esgrafiado en el suelo del poeta Alfredo P. Alencart, poema "Madre Selva".

Instalación del Jardín de D. João de Mendonça. Dos rollos de papel de fibra de bambú de 90 cm de ancho por 12 metros de largo, deslizados del techo al suelo ocupando estratégicamente la sala, con pinturas

Intalación de 4.50 metros por 15 metros de largo sobre " LOS EXODOS LOS EXILIOS". Poemas y pinturas Sumi-e entorno a las emigraciones y los Exilios con Poemas de Alfredo Perez Alencart y Antonio Salvado.



Dos rollos de 90 de ancho x 450 cm de largo versan sobre el Exilio/La emigración Portuguesa.

Dibujos, 40 Cuadernos de Campo y Pinturas utilizados en el trabajo del profesor Miguel Elías en su elaboración del "Manual de Botánica para Artistas y Estudiantes de Bellas Artes".¹² Lacas Chinas .

20 Libros dedicados por el Poeta Antonio Salvado, Alfredo P. Alencart,... al pintor Miguel Elías y pinturas botánicas sobre ellos.

Dos videos instalaciones.

Colaboran con Video Amador Martin y 2 Diseños de Moda de fely Campo.

En esta muestra se reúnen Imágenes, ilustraciones, dibujos , grabados y poemas que han sido artificialmente creadas con unas determinadas pautas y códigos y que son portadoras de información científica. Donde la vista, el sentimiento poético y el pensamiento científico se aúnan para hacer y animar a hacer ciencia y arte.

ACTIVIDADES PAREJAS A LA EXPOSICIÓN:

Del Lunes 10 al Viernes 14 de 10:00 – 14:00h Visita y talleres con Comunidad escolar de Castelo Branco y Profesorado.

Del 16 al 18 Encuentro y Cursos de Pintura Japonesa y Pintura Botánica y Dibujo Científico con profesionales del Arte de la Escuela de Arte y la Escuela Politécnica.



MIGUEL ELIAS, A SURPRESA DA ORIGINALIDADE

Lírico artista por excelência, Miguel Elias agrega em si os essenciais e primordiais segmentos (as atmosferas da realidade visível, da plástica, dos pensamentos e dos sentimentos) que determinam ser arte uma determinada obra.

E considerando esta dimensão enunciada, avancemos dizendo que a sua obra (na diversidade do seu conjunto – a pintura, o retrato, a mera ilustração sempre sugestiva) perfila-se, em evidente originalidade formal e em intrínseca mensagem, como força aglutinadora de modulações temáticas marcadas, também, pela polissemia dos materiais utilizados, no suporte enfim, do que foi concepção e sentimento.

Concluindo, então, legítimo será valorizarmos a indiscutível e relevante qualidade deste artista, qualidade, bem real na sua evidência, trespassada por um lirismo sempre surpreendente que, sendo-o, se aproxima, por vezes e também, de horizontes de colorido dramáticos e até trágicos.

Miguel Elias, no seu comportamento artístico (que o mesmo é asserir: na sua obra) consubstancia valores humanistas que se verificavam mediante longínquas raízes que, nascidas no que chamamos de renascimento, continuam rompendo, dando origem a caules de segurança artística, a flores de sentida e experimentada fragrância enfatizada de musical harmonia, a frutos de execuções estéticas verdadeiramente aliciantes.

António Salvado



O poeta Alfredo Pérez Alencart, António Salvado e o pintor Miguel Elias na igreja matriz da Partida, lugar do concelho de Castelo Branco.

COM QUADRO DE MIGUEL ELÍAS E DESAFIO DE PEDRO SALVADO

Manuel Costa Alves

Fazer um poema sobre Amato?
Aceito? Não aceito? É quase um duelo.
Tento-me. Tento. Espero luz.
A folha não ilumina; nem atrai o que ilumina.
O retrato de Miguel Elías dá-lhe rosto
um rosto da luminescência clínica dos séculos.
As Sete Centúrias (ainda) fervilham.

Confesso que precisava desta iluminura.
A arte deste retrato transporta o que falta em palavras.
O rosto não é de Amato; trabalha para lhe chegar.
E a poesia também quer subir à sua alma.

Divago e aviso-me:
Não conseguirás subir as escadas do poema.
Não chegarás à encosta vaporosa onde João Rodrigues
de Castelo Branco nasceu.
O poema quer invadir o que não vê, mas tem pouco céu.
Não espreita às janelas do mundo
- passeia nos claustros de um mundo cansado.
Não folheia o Index de Dioscórides em Antuérpia,
não regista as curas desejadas em Ferrara
e, com brandas terapêuticas vegetais,
não condena nem absolve Papas.
A poesia visita Dubrovnik e não descobre a Ragusa de Amato
cristalizada nas nervuras do tempo.
Muito menos descobre em Salamanca a árvore
dos saberes que a peste virá interromper.
Se viaja pela Salónica de hoje
não entende a injustiça de se ter finado curando.

O poema não sabe de anatomias que se desvendam
nem de cirurgias que abram pães para mais vida.
Entra na circulação sanguínea e não entende as suas equações.
Deixa a ignorância em suspenso e pergunta
pelas válvulas venosas que Amato esclareceu.
Enfim, a poesia faz o que pode.
Se o pouco deste poema avançou um palmo de chão,
deve-o às tintas que Miguel Elías plantou.

Nunca sei (n)o que o poema vai dar.
Se encontra fundações,
se cairá logo do rés-do-chão,



ou se irá um pouco mais alto.
Mas sei que João Rodrigues Amato Lusitano de Castelo Branco
caiu em Tessalónica do alto da sua construção
do alto profundo e vasto dos andaimes da sua errância
pelos venenos pestíferos que o traíram.

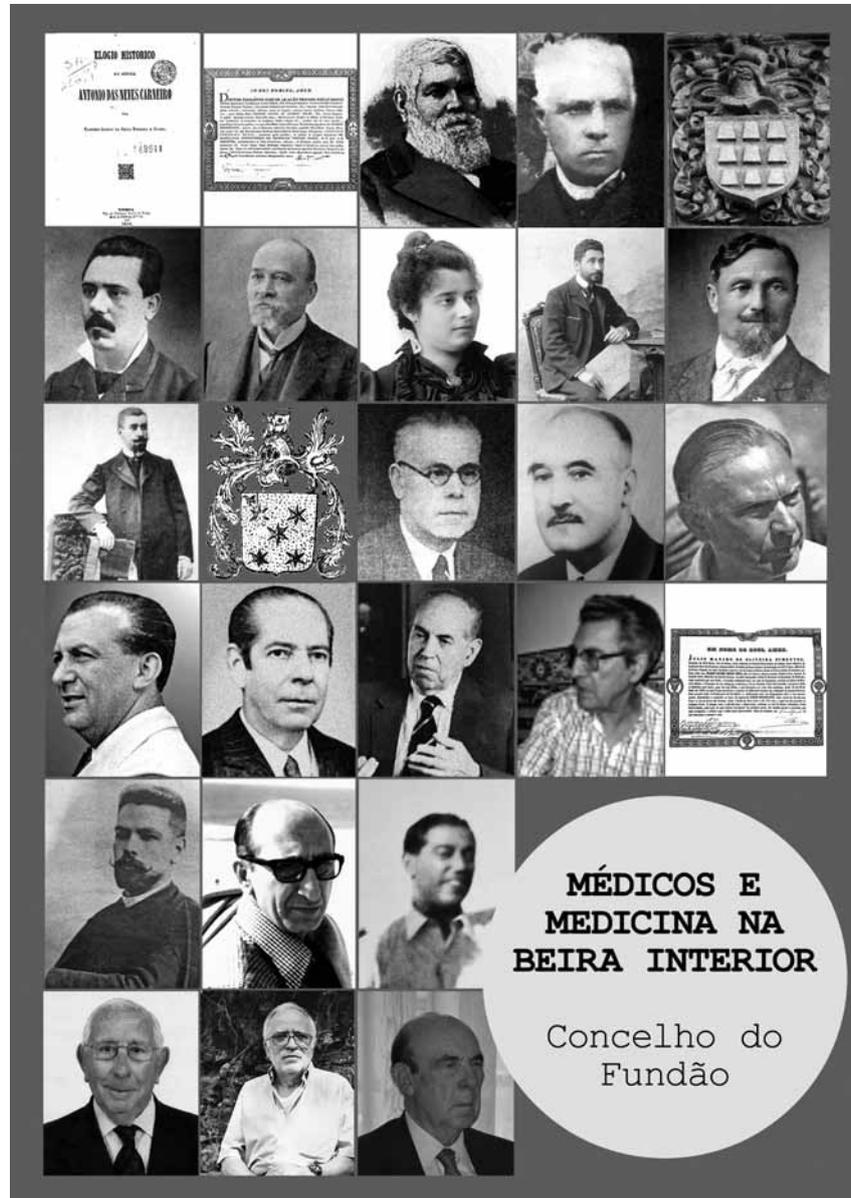
Sei que a ciência tem substâncias para a poesia.
Tudo da vida as tem; mesmo para a biografia mais errática.
Amato laborou com válvulas venosas, incertezas, perseguições,
verdades documentadas, farmacopeias, cólicas, botânicas,
narrações eruditíssimas, estenoses uretrais, peste
e até bisturiou a transsexualidade

Aos olhos da poesia
todas as certezas e incertezas são matérias arteriais de vida;
do binómio de Newton a Guernica,
das Meninas de Velazquez a Chernobil.
Do movimento circulatório ao sísmico,
há sempre enigma e descoberta
e anatomias mais fundas por conhecer.
O bisturi de Amato está na seiva destes caminhos.

Miguel Elías substituiu o negro fundo quinhentista
por uma paleta de luzes soalheiras
que atravessaram o futuro para se fixarem
num rosto ao nosso lado.

////////////////////////////////////
**A PROPÓSITO DA MOSTRA
“MÉDICOS DO CONCELHO DO FUNDÃO:
UM PATRIMÓNIO DA MEMÓRIA”. NOTA DE
APRESENTAÇÃO**

*Pedro Miguel Salvado**



Como complemento ao lançamento da prestimosa obra do Prof. Doutor Joaquim Candeias da Silva *Médicos e Medicina na Beira Interior - Concelho do Fundão* apresentou-se um conjunto de imagens que pretendeu evocar um grupo de cidadãos fundanenses que, em dois séculos concederam mais equilíbrio e mais vida à comunidade. Curaram, e tantas vezes, afirmaram os ansiados caminhos e certezas da Esperança.

O registo não se tratou de uma exposição mas sim de uma simples reunião de fontes que se assumiu como um desafio de trabalho futuro: a necessidade da junção de elementos que possibilitem o desenvolvimento de biografias de cidadãos que se destacaram pela sua excecionalidade profissional e exemplaridade cívica. E houve tantos e tantas, transversais a todas as classes, âmbitos sócio-económicos e credos. A fundanidade, enquanto raiz da identidade, é sempre uma construção de ligação e de junção das seivas das diferenças.

Apresentam-se os retratos deste conjunto de médicos ou os frontispícios de alguns dos títulos dos seus textos científicos mais conhecidos com o objetivo de despertar a lembrança e a recordação.

Dois itinerários biográficos foram destacados: o do Dr. Eduardo Figueira e do Dr. Nabinho do Amaral pela dimensão de menomónica que hoje envolve e complementa a sua presença da recordação dos seus percursos vitais no coletivo. O primeiro foi um exímio colecionador de objectos do passado antigo e um exigente bibliófilo. O segundo, entre outras qualidades sociais, foi um talentoso cultor da fotografia, autor de um dos registo imagético mais notável que conseguiu captar as condições de vida e os contrastes paisagísticos do território fundanense na primeira metade do século XX. Constitui obra a merecer reedição futura pelo seu grande valor estético, pela densidade das suas representações visuais e pela qualidade de todos os discursos que apresenta: os visíveis e os invisíveis.

Todas as personalidades presentes contribuíram para a emergência dos vínculos entre a história, a identidade e a memória. Memória onde nasce sempre e se alimenta a História procurando, para parafrasearmos Jaques le Golf «salvar o passado para servir o presente e o futuro», acrescentando que «Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens».

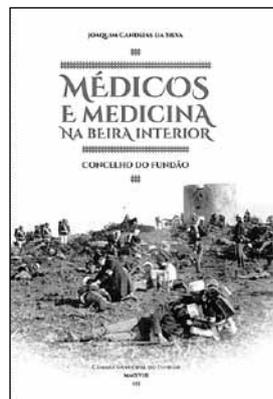
E, em muitas ocasiões da vida de cada um, os Médicos libertaram.



Memórias do Dr. Eduardo Figueira

Ficha Técnica da mostra MÉDICOS E MEDICINA NA BEIRA INTERIOR – CONCELHO DO FUNDÃO

CONCEPÇÃO E ORGANIZAÇÃO
 Pedro Miguel Salvado | António Lourenço Marques
 PESQUISA
 Joaquim Candeias da Silva
 ORGANIZAÇÃO E SELEÇÃO
 André Mota Veiga e Teresa Domingues
 PLANEAMENTO | PRODUÇÃO E MONTAGEM
 Teresa Domingues
 CEDÊNCIA DE FONTES
 Maria Emília Maia Figueira Costa
 APOIO
 Biblioteca Municipal Eugénio de Andrade. Dina Matos





Eduardo
d'Almeida
Esteves Figueira
1872 - 1939



João da Fonseca
Nabinho Amaral
1897 - 1973

